Jhon Jairo Velásquez, o Popeye

Um dos maiores assassinos da história e braço direito de Escobar

São Paulo
2017

UNIVERSO DOS LIVROS

Copyright © Jhon Jairo Velásquez Vásquez

Copyright © 2017 by Universo dos Livros
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: **Luis Matos**

Editora-chefe: **Marcia Batista**

Assistentes editoriais: **Aline Graça e Letícia Nakamura**

Tradução: **Saulo Alencastre**

Preparação: **Sandra Scapin**

Revisão: **Nina Freitas e Geisa Oliveira**

Arte: **Francine C. Silva, Valdinei Gomes e Cristiano Martins**

Capa: **Marcos Mazzei**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

V539m

Velásquez Vásquez, Jhon Jairo, 1962- Minha vida com Pablo Escobar /Jhon Jairo Velásquez e Maritza Neila Wills Fontecha ; tradução de Saulo Alencastre. – São Paulo: Universo dos Livros, 2017.
352 p.

ISBN: 978-85-503-0136-5
Título original: Jhon Jairo Velásquez : Mi vida como sicario de Pablo Escobar

1. Velásquez Vásquez, Jhon Jairo, 1962- Biografia 2. Escobar, Pablo, 1949-1993 – Amigos 3. Narcotraficantes - Colômbia - Biografia 4. Tráfico de drogas – Colômbia I. Título II. Fontecha, Maritza Neila Wills II. Alencastre, Saulo

15-0367 CDD 920.9364177

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

Nada te perturbe;
nada te espante;
tudo passa;
Deus não muda,
a paciência
tudo alcança.
A quem tem Deus,
nada falta.
Só Deus basta.

— Santa Teresa D'Ávila

Sumário

Agradecimentos 7
Introdução 9

I. O início 13
II. Minhas "aventuras" 21
III. Popeye está aqui! 71
IV. O começo do fim 125
V. A morte de Pablo Escobar 161
VI. Guerra na prisão 183
VII. Os corruptos se cuidam entre si**.** Condecoram-se. São felizes 199
VIII. Colômbia: paramilitares contra guerrilha 217
IX. A tirania paramilitar na prisão Modelo 227
X. Bem-vindos ao inferno 237
XI. O grande julgamento contra Popeye 257
XII. O declive 269
XIII. O fim dos irmãos Rodríguez Orejuela 283
XIV. O paramilitarismo, dono e senhor da pátria 293
XV. O desarme paramilitar 301
XVI. Meus primeiros passos para a liberdade 309
XVII. A liberdade 315
XVIII. De volta a minhas montanhas 331

Minha redenção 347

Agradecimentos

Quero começar agradecendo ao bom Deus, que preservou a minha vida em meio a tanta dor causada pelas minhas más ações.

A todas e a cada uma das pessoas que, no caminho da minha vida, me acompanharam para me dar o seu apoio dentro e fora do presídio; a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, acreditaram e acreditam em mim; aos meus companheiros de prisão, porque sem eles eu não teria conseguido sobreviver. Obrigado.

Não me esqueço das minhas psicólogas e professoras, que com sua paciência, dedicação e esmero me ensinaram a forjar uma nova personalidade.

Quero expressar meu agradecimento aos meus amigos, que, mesmo a distância, nunca se esqueceram de mim.

Devo enfatizar minha mais profunda gratidão ao meu *diretor* Kenny Labossiere, cujo esforço diário conseguiu fazer que meus sonhos se tornassem realidade; à minha editora, cuja fé cristã me deu a oportunidade de iniciar uma nova vida no caminho do bem; aos meus agentes, que, com determinação e dedicação, lutam todos os

dias para se manterem como grandes guerreiros, abrindo oportunidades para o meu novo caminhar.

E, do fundo do meu coração, quero expressar o meu mais profundo sentimento de gratidão a todas aquelas pessoas que me deram o seu perdão sincero e de coração, já que só assim poderemos iniciar a trajetória da paz e da reconciliação.

Introdução

Sempre ouvi dizer que todo mundo pode se enganar, que errar é humano e que, por mais que nos esforcemos, sempre estaremos expostos a erros, como os que ficaram registrados em minha memória como uma marca indelével.

Um dos elementos mais dissonantes da minha vida sempre esteve ali, como uma constante que não quer desaparecer: a guerra para a qual não fui convidado a ser um soldado, um guerreiro ou um assassino a mais. Desde a minha primeira infância já contaminada, sempre ouvi na escola uma história incompleta das guerras impiedosas da Colômbia e de seus políticos liberais e conservadores com ânsia de poder; também ouvi sobre os grandes heróis da nossa pátria, que lutavam sem cessar por uma mal chamada liberdade. Jamais imaginei que teria de viver a luta em minha própria pele ao longo de diferentes etapas da minha vida.

Em um dia esplendoroso de clima tropical, cheguei ao quartel de Pablo Escobar Gaviria para viver o que, acreditava, iria ser a aventura mais excitante de toda a minha vida, aquela com a qual

eu tinha sonhado desde os meus parcos 17 anos. Tinha então um coração louco, jovem e pronto para desafios, disposto a viver intensamente, quando participei da Marinha colombiana e da Polícia Nacional. Lá só tive frustrações, porque as armas nunca soaram, e fui apenas aquele aprendiz que se submeteu ao regime e à disciplina demagógica, que acabaram apagando os meus sonhos de guerreiro e afogando aquela voz dentro de mim que só pedia liberdade.

Minha decisão estava tomada, e cheguei ao encontro com o meu destino tão pontualmente quanto o amanhecer. Assim como um grande catedrático não chega à cúpula só com o aval do conhecimento, mas tem de entregar sua vida inteira aos seus objetivos, eu ia com a coragem e a disposição para morrer, sob o comando do meu líder Pablo Escobar Gaviria, por uma causa: a não extradição de colombianos aos Estados Unidos da América. Meu líder foi aquele homem que, com desmedido poder e violência sem limites, sacudiu uma província chamada Medellín para transformá-la em um lugar semelhante a Palermo, com sua máfia siciliana. Aquele chefão mafioso surgiu das colinas a nordeste de Medellín, principalmente de bairros como Manrique e Aranjuez, onde viviam apenas operários de uma grande fábrica ou alguns funcionários públicos. Onde as crianças na pré-adolescência que a muito duras penas sonhavam com uma bicicleta, de repente começaram a ostentar grandes carros, joias e roupas de marca (de maneira ordinária e pouco elegante, mas chamativa o bastante para se fazer notar entre a multidão).

Nas distintas e belas montanhas da Antioquia, onde só se enfrentava violência com violência, percorri terrenos inimagináveis fugindo do inimigo. Lá, o fenômeno econômico e social do narcotráfico alcançou os funcionários do Estado, que se fundiram com a criminalidade para produzir uma macrocriminalidade,

tornando-se a maior arma que fere uma população civil que cai mais e mais na miséria, que faz correr rios de sangue sem a esperança de um futuro melhor para as próximas gerações.

Eu fui parte daquele sanguinário e criminoso cartel de Medellín, de incorreto proceder, de métodos repugnantes e de motivações mesquinhas para chegar à riqueza. Nele, aprendi a arte da guerra, deixando mortos, feridos e milhares de vítimas. Mas a primeira vítima desse cartel fui eu, porque, como colombiano, também faço parte de uma injustiça social que vem desde o século XIX, que nos arrastou a nove guerras civis e provocou a criação de guerrilhas marxistas, milícias camponesas, autodefesas e até cartéis de droga. Lamentavelmente, foram essas organizações que acabaram assumindo as responsabilidades sociais abandonadas pelo Estado.

A cada minuto do meu longo cárcere de 23 anos e 3 meses, vivi a crueldade da reclusão e da tortura, mais duas guerras dentro das prisões. Dentro daquelas celas e calabouços, onde pouco a pouco aprendi a arte do silêncio, nunca deixei de ouvir nem de ver como filas e montes de cadáveres colombianos marcharam em direção aos cemitérios por causa do conflito em meu país.

Dizer que se termina com a guerra simplesmente reduzindo-se o tráfico de drogas é um simplismo exagerado, porque estaríamos agindo contra quem trafica e quem consome, mas não contra os mafiosos corporativos, que, tal como as máfias políticas, manejam tudo de acordo com a sua conveniência.

Essa detestável forma de agir só terá fim no dia em que humanizarmos os combatentes perante o olhar da população civil, e quando as elites e seus seguidores concordarem em limpar a podridão lamacenta que banha nossos órgãos públicos, de modo que as gerações vindouras tenham água limpa para beber.

I

O início

OS REIS DA DROGA

Meu nome é Jhon Jairo Velásquez Vásquez, vulgo Popeye. Aqui estou. Este sou eu. Um homem de 52 anos de idade, com 23 anos de cárcere nas costas. Filho de Aura Ofelia Vásquez de Velásquez e Serveleon Velásquez. O quarto de cinco filhos.

Desde muito pequeno senti que eu era diferente dos meus irmãos. Da minha infância, lembro-me de como gostava quando meu pai me premiava com sorvetes. Lembro-me também de uma vez em que brincando de esconde-esconde com meus irmãos, eu os trapaceei: abrindo os dedos que tapavam meus olhos e vendo onde se escondiam. Eles ficaram com tanta raiva que me amarraram a uma árvore e atearam fogo em mim. Minha mãe, ao se dar conta do acontecido, envolveu-me em um cobertor para me proteger.

Daquela brincadeira, restaram minhas duas primeiras cicatrizes: no ombro direito e na cabeça. Anos mais tarde, meu entendimento, minha vontade e minhas emoções viscerais deixaram marcas não só em meu corpo, produzidas por impactos de bala, mas também cicatrizes indeléveis em minha alma, que só foram aliviadas com

o passar dos anos de encarceramento pelo carinho e pelo cuidado que, dia a dia, Deus me mostrava.

Como estudante, fui regular, mas sempre serei lembrado por meus companheiros de estudo como um jovem bem-humorado. Pertenci à Polícia Nacional, à Escola de Grumetes da Marinha, e fui agente de trânsito. Fracassei em minha busca pelo caminho do bem, já que dentro de mim havia um sentimento que me chamava para a aventura e o perigo. Durante doze anos da minha vida fui lugar-tenente de Pablo Escobar Gaviria, sendo um de seus homens de confiança no submundo do crime. Com minhas mãos, assassinei mais de 250 pessoas e fui cúmplice de muitos dos atos criminosos que deixaram mais de 3 mil vítimas nas guerras que fiz em nome do meu *Patrón*. Matei, sequestrei, roubei e trafiquei drogas. Exerci o terrorismo para aquele que é considerado por muitos o maior e mais cruel assassino do século XX.

Aqui estou. Este sou eu: Jhon Jairo Velásquez Vásquez, vulgo Popeye.

Pablo Escobar, a quem chamávamos de *Patrón*, foi nosso grande líder. Ele era o meu chefe. Um homem frio, que não conhecia o medo, com uma personalidade única. Nunca chegava à euforia por um grande triunfo nem se entristecia demais por uma derrota. Os assassinatos de Pablo Escobar, cometidos por nós, seus lugares-tenentes, foram, sobretudo, consequência das guerras conduzidas sob a bandeira da não extradição de colombianos para os Estados Unidos. Nosso quartel-general foi a cidade de Medellín, capital do Departamento de Antioquia,[1] uma bela cidade com clima primaveril e centenas de bandidos nos subúrbios. Eles nos acompanharam nas guerras que travamos contra o Estado colombiano e contra outros grupos de narcotraficantes, como o cartel de Cali.

1 A Colômbia divide-se em 32 departamentos, que são como os estados do Brasil. (N. T.)

Na época em que trabalhei para o meu *Patrón*, o negócio da droga na Colômbia era conduzido por dois grupos mafiosos: o cartel de Cali e o cartel de Medellín. O primeiro era composto por quatro grandes chefões da droga: Gilberto Rodríguez Orejuela; seu irmão, Miguel Rodríguez Orejuela; José Santacruz Londoño e Francisco Hélmer Herrera Buitrago. A cúpula do cartel de Cali era nosso concorrente, nosso inimigo principal. O cartel de Medellín, por sua vez, era composta por Pablo Emilio Escobar Gaviria, o grande chefe; seu amigo e mentor Jorge Luis Ochoa Vásquez; e José Gonzalo Rodríguez Gacha, vulgo Mexicano. Seus lugares-tenentes eram Alberto Castaño Molina, vulgo Chopo; Otoniel González Gallego, vulgo Mugre; Jhon Jairo Arias Tascón, vulgo Pinina; Carlos Mario Alzate Urquijo, vulgo Arete; Dandenys Muñoz Mosquera, vulgo La Quica; Giovanni Lopera Zabala, vulgo La Modelo; Ricardo Prisco Lopera, vulgo Richard; Guillermo Zuluaga, vulgo Cuchilla; e eu, Jhon Jairo Velásquez Vásquez, vulgo Popeye. Do *Patrón* e de nós dependiam quase 2 mil assassinos de aluguel dos bairros pobres de Medellín e de outros lugares não tão oprimidos, como Itagüí, Envigado e La Estrella. Éramos um exército de ovelhas dirigidas por um leão.

O CLÃ OCHOA E AS ORIGENS DE PABLO ESCOBAR

Don Jorge Ochoa sempre foi um homem de respeito, bondoso, com uma personalidade única. Sagaz, para dirigir os demais e ficar sempre limpo, e inteligente, para jogar a pedra e esconder a mão. À primeira vista, nunca mostrava o que realmente era. Risonho, dado a comer bem e obeso. Um narcotraficante mascarado. Não se supunha que fosse violento; era muito mais chegado ao diálogo e à diplomacia. Sua barriga proeminente lhe dava uma aparência de bonachão capaz de confundir qualquer inimigo, como uma espécie

de Papai Noel da máfia. Astuto como ninguém, inclusive mais que o próprio Pablo Escobar, sempre foi muito mais admirado que meu *Patrón*. *Don* Jorge Ochoa foi quem envolveu Pablo Escobar e seu primo Gustavo de Jesús Gaviria Riveros no narcotráfico. Tirou-os de pequenas entregas e transformou-os em grandes traficantes. Ele já era um traficante de peso antes de Pablo e seu primo, e o que fez com Pablo foi para manter-se à sombra de um bandido que não temia violência nem sangue.

Enquanto o clã Ochoa, composto por Jorge Ochoa, Fabio Ochoa, Juan David Ochoa e José Orejas, crescia na cidade como o maior grupo de traficantes de droga, Pablo Escobar ganhava fama de matador de aluguel e sequestrador nas ruas de Medellín.

Escobar e Gustavo Gaviria, juntamente com o Negro Pabón e Mario Henao, tinham sequestrado o maior industrial da época na Colômbia, *don* Diego Echavarría.

De um lado, havia os Ochoa, com muito dinheiro e, de outro, havia Pablo Escobar convocando e aglutinando grupos de bandidos, gerando um perigo iminente para a organização rival. A qualquer momento podia acontecer a colisão de trens. O melhor, o mais estratégico, era fazer uma aliança com ele e transformá-lo em homem milionário, e essa foi realmente uma jogada de mestre, própria da máfia do clã Ochoa. A partir de então, o clã Ochoa, liderado por Jorge Luis Ochoa Vásquez, e Pablo Escobar passaram a agir como sócios em muitos acontecimentos danosos para a história do país: sócios no narcotráfico desde os anos 1970; sócios na fundação do MAS;[2] sócios no assassinato do ministro da Justiça Rodrigo Lara Bonilla, em 1984; sócios no tráfico de drogas pelas rotas do Panamá e da Nicarágua; sócios na morte do piloto norte-americano Barry Seal, assassinado em solo norte-americano, mais exatamente em

2 *Muerte a Secuestradores*, em tradução livre: morte a sequestradores. (N. T.)

Baton Rouge, Louisiana, em 19 de fevereiro do ano 1986. E a lista continuava.

O assassinato de Barry Seal foi ordenado por *don* Jorge Ochoa a seus capangas antes de viajar para a Espanha, onde foi detido em 1984. Seal tinha sido surpreendido e capturado nos Estados Unidos com um carregamento de drogas dos Ochoa e de Pablo Escobar; ele foi, de longe, o piloto que mais enriqueceu o clã. *Don* Jorge dizia que estava "cansado de ganhar dinheiro com ele". Após sua prisão, saindo de uma pista na Nicarágua, Seal decidiu tornar-se agente duplo, razão pela qual continuou voando até os Ochoa, mas sob a vigilância da DEA[3] e da CIA,[4] tornando-se a principal testemunha contra o cartel de Medellín. O maior perigo na época era realmente para Jorge Ochoa, que se encontrava detido na Espanha e com pedido de extradição pelos Estados Unidos.

Sem outra solução à vista, Fabio Ochoa Vásquez planejou a morte de Barry Seal.

Pablo Escobar, por meio de um de seus melhores assassinos, Guillermo Zuluaga, o Cuchilla, executou-o nos Estados Unidos. Barry Seal foi assassinado em fevereiro de 1986 e Jorge Ochoa foi deportado para a Colômbia em julho, poucos meses depois do ocorrido. Já na Colômbia, graças ao poder econômico do clã Ochoa, *don* Jorge saiu livre em meados de setembro do mesmo ano, fruto da aliança já existente entre grandes políticos e mafiosos.

Meu *Patrón* e *don* Jorge Luis Ochoa também foram sócios no assassinato do coronel da Polícia Jaime Ramírez Gómez. Esse alto oficial e herói da pátria foi assassinado por ordem de Jorge Ochoa e

3 *Drug Enforcement Administration* é um órgão da Polícia Federal do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, encarregado de repressão e controle de narcóticos. (N. T.)

4 *Central Intelligence Agency* é a agência de inteligência civil do governo dos Estados Unidos, responsável por investigar e fornecer informações de segurança nacional aos senadores, e também atuante em atividades secretas, a pedido do presidente. (N. T.)

Pablo Escobar, em 17 de novembro de 1986, por ter ocupado e destruído o maior laboratório de cocaína no mundo, conhecido como "Tranquilandia", ou "Villa Coca", propriedade do clã Ochoa, de Pablo Escobar e de Gonzalo Rodríguez Gacha. Tratava-se de um laboratório imenso, que funcionava nas selvas colombianas, com pista de pouso e decolagem e grande infraestrutura para hospedar os pilotos do narcotráfico e o pessoal empregado nas tarefas do laboratório, dado que toda operação ali era aérea. Eles também foram sócios no assassinato de *don* Guillermo Cano, dono e diretor do jornal *El Espectador*, e do atentado a dinamite em suas instalações.

Em fevereiro de 1987, Jorge Ochoa deu um grande presente a Pablo Escobar: trouxe da Espanha o Miguelito, um especialista em explosivos da ETA.[5] Esse personagem esteve preso com o doutor Ochoa e na ocasião estabeleceram uma grande amizade. O chefe do clã Ochoa era, então, o grande pai do terrorismo na Colômbia. Graças à chegada de Miguelito ao país, a guerra que meu *Patrón* travava contra o Estado passou a ser realizada por controle remoto, por meio de maletas-bomba carregadas com a arma mais poderosa de Pablo Escobar: a dinamite e sua incompassiva mentalidade. Miguelito treinou José Zabala, conhecido como Cuco, um engenheiro eletrônico da Universidade de Antioquia e primo de Giovanni Lopera Zabala, o La Modelo, outro dos lugares-tenentes de Pablo Escobar. Cuco logo ensinou aos militantes do cartel de Medellín as técnicas aprendidas sobre fabricação e detonação de bombas, dando origem a um comando de terroristas e agrupando alguns assassinos dissidentes da guerra.

Don Jorge Luis Ochoa e Pablo Escobar também foram sócios no sequestro do aspirante a prefeito de Bogotá e depois presidente da Colômbia, doutor Andrés Pastrana Arango; no sequestro e

5 *Euskadi Ta Askatasuna* (Pátria Basca e Liberdade) é a principal organização armada do Movimento de Libertação Nacional Basco. (N. T.)

assassinato do procurador da República da Colômbia, doutor Carlos Mauro Hoyos; no atentado com dinamite contra as instalações do noticiário *Mundo Visión*, propriedade do jornalista Jorge Enrique Pulido, a quem, mais tarde, eles assassinaram; no atentado com carro-bomba contra o general da Polícia Miguel Alfredo Maza Márquez, nas instalações do DAS,[6] uma ação brutal que marcou toda uma geração da população bogotana; no assassinato do candidato à presidência da Colômbia, doutor Luis Carlos Galán Sarmiento, em 18 de agosto de 1989, data em que também foi assassinado o valente e honorável coronel da Polícia Nacional Valdemar Franklin Quintero; e na ativação de uma maleta-bomba em uma aeronave da Avianca em pleno voo.

Os dois chefões atuaram juntos em muitos sequestros: de Francisco Santos Calderón, jornalista de *El Tiempo*, que foi liberado por ordem de *don* Jorge Ochoa e Pablo Escobar antes da votação para a constituinte de 1991 pela não extradição de colombianos aos Estados Unidos; da jornalista Diana Turbay, filha do ex-presidente da Colômbia, doutor Julio César Ayala, a qual morreu em uma tentativa de resgate fracassada por conta da Polícia Nacional; de Beatriz Villamizar e de Maruja Pachón de Villamizar, irmã de Gloria Pachón, esposa do doutor Luis Carlos Galán, que também foram libertadas antes da votação da constituinte de 1991.

Don Jorge Ochoa e Pablo Escobar foram, ainda, sócios na morte de 540 policiais e nos ferimentos causados a mais de 8 mil pessoas em sua guerra contra o Estado. Sob suas ordens, explodiram mais de 250 bombas em todo o país.

6 Departamento Administrativo de Segurança. (N. T.)

II

Minhas “aventuras”

OH, BEBÊ A BORDO!

A ordem estava dada. Pablo Escobar decidiu que a vida do procurador Carlos Mauro Hoyos devia chegar ao fim e que nós, seus matadores, iríamos executá-lo. Recebi um *beep* de Pinina, que me chamou a um lugar de El Poblado, onde teríamos de roubar uma caminhonete de quatro portas em perfeitas condições e sem nenhuma marca que facilitasse seu reconhecimento pelas autoridades. Além disso, para o momento do atentado, o veículo devia estar apto a dar um golpe forte, seco e contundente, de modo que o esplêndido Mercedes-Benz em que era transportado o procurador não tivesse chance de reagir.

Pinina e eu nos revezamos durante três horas na vigilância da avenida, quando, de repente, vimos aproximar-se, dirigida por uma senhora, a caminhonete ideal para o nosso objetivo. Ela estava sozinha, com os vidros baixados, e a uma velocidade perfeita para o nosso ataque. Iniciamos a perseguição; assim, quando o semáforo estava vermelho e ela teve de parar, eu desci do automóvel, apontei a arma para ela e tirei-a do veículo agarrando seu cabelo. A

mulher, totalmente chocada, não conseguiu dar um grito sequer. Tudo perfeito!

Eu assumi o controle do carro e dirigi-me a um de nossos esconderijos, seguido por Pinina, que cuidava para que ninguém nos seguisse, sempre pronto para reagir. Uma vez lá, e já com o objetivo em nossas mãos, estávamos preparados para dar o relatório positivo ao *Patrón*. Verificamos a parte exterior do veículo e tudo estava impecável; só precisávamos trocar as placas.

Pinina abriu a porta de trás e… Surpresa!!! Um lindo bebê de sete meses, que, em poucos minutos, deixou de ser o bebê mimado da mamãe e passou a ser mais um sequestrado pelo cartel de Medellín. O menino, com sua infinita inocência, sorriu para nós e balbuciou alguma coisa, sem saber que, bem à sua frente, havia dois demônios com ânsia de cumprir seu objetivo: assassinar o procurador-geral da nação.

Carreguei o bebê em meus braços e levei-o rapidamente a uma casa, onde o deixei. Ele, ao sentir-se só, desatou a chorar, e tive de voltar para acalmá-lo, enquanto Pinina procurava ruidosamente os documentos do veículo dentro da bolsa da senhora. Quando finalmente os encontrou, encaramos a necessidade de uma decisão. Olhamos fixamente um para o outro e compreendemos que estávamos em uma situação limite. Pinina mandou-me ir comprar uma soda com um canudinho. Assumi o risco e saí do lugar onde nos escondíamos, que na Colômbia chamamos de *caleta*, voltando em poucos minutos; mas quando Pinina viu que a bebida tinha gás, disse que eu devia voltar e comprar outra, já que a criança poderia morrer se a bebesse. Novamente, tive de me arriscar e sair do esconderijo para voltar com suco de laranja, que o bebê tomou lentamente. Ali estava eu, Popeye, alimentando um bebê pela primeira vez. Parece mentira, mas, em meio a tamanha confusão, eu sentia ternura.

Uma vez acalmado o bebê, Pinina olhou para mim e disse: “Vamos devolver o bebê!”. Já naquela época Pinina era pai e amava seus filhos. Então, decidimos que ligaríamos de um telefone público para o telefone registrado nos documentos. Dispusemo-nos a sair, depois de deixar o bebê descansando em uma cama, quando ele desatou a chorar outra vez. Quando retornamos, Pinina decidiu embalá-lo em seus braços, o que o acalmou quase imediatamente. Era claro: o bebê gostava da máfia!

Chorão começava seu primeiro passeio com a máfia pelas ruas de Poblado. Enquanto Pinina dirigia, eu carregava o bebê. Paramos depois de vinte minutos para eu fazer a ligação. Quando fui sair do carro, Pinina pegou Chorão em seus braços, e ele começou a chorar outra vez, como se percebesse que Pinina não gostava de carregar bebês. Incrivelmente, Chorão gostava do meu colo, de modo que o peguei outra vez, saí do carro e fiz a ligação de liberação.

A senhora atendeu. Insistiu que pagaria o valor que fosse pelo resgate, e eu insisti que não me interessava o bebê, e sim seu carro. Eu disse que ela devia voltar ao lugar onde fora abordada e ali receberia seu filho, mas a mulher, persistentemente, dizia que eu devia levá-lo à sua casa. A mensagem era clara: a Polícia já estava sabendo; seríamos pegos e a nossa missão seria seriamente afetada. Com intenção de pressioná-la um pouco, pus o fone no ouvido de Chorão e ele, como se entendesse que devia cooperar, desatou a chorar. A mãe, desesperada, repetia coisas que evidenciavam a presença da Polícia. Ainda assim, insisti que só o devolveria no lugar indicado, que esperaria pacientemente e que ligaria para ela a cada dez minutos para lhe dar indicações precisas.

Voltei ao carro, e Pinina tinha mudado de estratégia. Agora a mãe já sabia que seu bebê estava bem e que seria devolvido. Nós também sabíamos que a Polícia já estava ciente, enquanto o *Patrón*

esperava resposta nossa. Estávamos diante de uma encruzilhada: uma decisão equivocada nos levaria para trás das grades ou para o cemitério, porque não havia dúvida de que o *Patrón* executaria o procurador com ou sem a nossa ajuda.

O bebê chorão continuava a passear com a máfia. Uma vez no esconderijo, decidimos que devolveríamos não só o bebê, mas também a inútil e luxuosa caminhonete, pois supúnhamos que já a estivessem procurando. Assim, concordamos em ir ao centro comercial de Oviedo. O lugar, obviamente, estaria cheio de visitantes, o que dificultaria qualquer intervenção da Polícia caso fôssemos surpreendidos. Uma vez ali, estacionamos a esplêndida caminhonete. Pinina saiu e ligou para a mãe, para indicar-lhe o lugar preciso. Ele voltou, e eu me despedi de Chorão, que, com um grande sorriso, me disse adeus, como se entendesse que sua aventura com a máfia tinha terminado bem.

ROUBO A HELICÓPTERO

Era presidente da República o doutor Virgilio Barco Vargas, com o firme apoio do doutor Alfonso López Michelsen. Doutor Barco foi determinante na preparação da constituinte de 1991. Por meio de uma consulta popular, ele propôs a abolição do artigo 13 do plebiscito de 1957, que impedia a aplicação de métodos extraordinários conforme essa lei. Contava com o firme apoio do doutor Luis Carlos Galán Sarmiento, enquanto o doutor Alfonso López Michelsen, apesar de ser do mesmo partido liberal e ter apoiado a presidência de Barco, apontou com força sua inconveniência. Entre idas e vindas dos grandes eruditos políticos de cada partido – tanto liberais como conservadores – em 1988, Barco e Misael Pastrana finalmente firmaram um acordo político de referendo na Casa de Nariño,[7]

7 A Casa de Nariño está localizada em Bogotá, a capital da Colômbia, e é a sede do governo do país, bem como a moradia oficial do presidente. (N. E.)

no qual se estabelecia um estado social de direito. Em tudo isso, a opinião pública, liderada pelo jornal *El Espectador*, teve um lugar importantíssimo. Não obstante, aqueles grandes ilustres da política esqueceram-se de que existia o poder judicial, que seria uma verdadeira pedra no sapato. Mesmo assim, e apesar de tanta luta que vislumbrava um projeto vitorioso, o governo teve de ceder e retirar definitivamente seu apoio, já que a pequena peça da extradição se fez presente.

Enquanto isso, lá por 1988, os grandes intelectuais da política trabalhavam arduamente, e o cartel de Medellín também o fazia, com toda sua força e criatividade para a maldade. Foi-me designada a missão de roubar um helicóptero Bell 206, que a Polícia Nacional costumava usar, por ser leve e rápido com suas duas hélices, o que fazia dele o helicóptero perfeito para trabalhos de avaliação, transporte ligeiro e versatilidade na hora de aterrissar.

Em Medellín, no aeroporto Olaya Herrera, havia um serviço de táxi aéreo para o aeroporto José María Córdoba, na parte oriental da Antioquia. Com ele, esse deslocamento, que por terra demorava uma hora, reduzia-se a meros dez minutos de voo. O Cartel precisava de um desses helicópteros para algumas de suas operações. Eu já havia usado esse serviço em várias oportunidades, registrando-me com o nome de Alexander Álvarez Molina, e, graças à cirurgia a que me submeti em Miami, à mudança na cor do meu cabelo e aos óculos de grau, não havia perigo de me reconhecerem.

Comecei o trabalho de inteligência e notei que não havia muito rigor na abordagem às mulheres: apenas revistavam a bolsa, e não havia detectores de metal nem verificação do nome do passageiro no documento em mãos.

Iniciei a minha primeira viagem de exploração e detectei que, no voo, só iam o piloto e o copiloto, acompanhados de quatro passa-

geiros. Então, percebi que era mais fácil roubar um helicóptero em pleno voo que um carro nas ruas, dado o estado de vulnerabilidade de seus ocupantes. Dez minutos depois, estava eu regressando a Medellín por via terrestre.

O plano já tomava forma. Dirigi-me aos hangares de Medellín e procurei um grande piloto de guerra para esse serviço, apelidado de El Magnífico, o qual aceitou sem questionar. Só me faltava uma boa companhia feminina que distraísse a Polícia com seus encantos; para isso, entrei em contato com a Negra Vilma, que também era membro do cartel de Medellín. Aquela mulher de seios fartos, firmes e naturais, rebolava seus amplos quadris ao caminhar, chamando a atenção de qualquer homem sedento de prazer. Ela, a Negra Vilma, era a personagem ideal para a minha missão.

Antes do roubo, fiz outra viagem de exploração, mas dessa vez com o objetivo de analisar o ponto onde aterrissaria o helicóptero. Detectei que havia um lugar completamente coberto de árvores, de onde eu poderia chegar à região do Magdalena antioqueno, para onde levaria a aeronave depois do roubo. Também tive de aprender o básico do vocabulário aeronáutico, a fim de que, no momento do ataque final, a tripulação não me enganasse. Já provido da linguagem apropriada para o meu assalto, só me faltava localizar exatamente o lugar a que levaria a aeronave, onde ela ficaria coberta com pano e folhagens em abundância para simular um belo bosque. Uma vez terminado o trabalho de logística, compreendi que, se roubar o helicóptero era muito fácil, escondê-lo era uma façanha de titãs, sobretudo considerando que a busca por ele seria frenética.

Estava tudo pronto e de acordo com a ordem do dia. Pinina levou El Magnífico ao aeroporto e confirmou que tudo estava em ordem. A Negra Vilma, que era uma pistoleira tarimbada, levava na cintura uma Walter 7.65 e uma PPK 7.65 milímetros, e

carregava uma maleta com roupas, especialmente peças íntimas muito sugestivas para distrair os policiais. Pinina, assim como eu, portava uma maleta executiva. Sabíamos que o voo devia ser rasante, para evitar que a torre de controle nos detectasse. Tudo indicava que a operação seria um sucesso, já que não havia precedentes de um assalto como esse e, portanto, ninguém saberia como reagir.

Chegou a hora zero, e nossa operação teve início. A Negra Vilma passou pela inspeção sem nenhum inconveniente – as armas já estavam seguras dentro da aeronave –, e logo eu passei. Na plataforma havia mais helicópteros, dado que havia um intervalo de dez minutos entre cada voo. Negra Vilma sentou-se ao lado da janela, e eu ao lado dela. Perto de nós iam outros dois passageiros. Cinco minutos depois, de acordo com os meus cálculos, era o momento de entrar em ação. Ela me passou uma pistola e, imediatamente, levantei-me da poltrona, apontei para o piloto, exigindo que fizesse silêncio, e retirei-lhe a insígnia, enquanto Vilma controlava tanto os passageiros como o copiloto. O helicóptero chegou a desestabilizar, mas recuperou-se em fração de segundos, já que minhas ordens eram claras, técnicas e precisas. Em seguida, indiquei-lhe o lugar e as coordenadas exatas do ponto da aterrissagem, onde El Magnífico devia estar nos esperando para tomar o controle e levar o helicóptero a um local a trinta minutos de voo, onde alguns funcionários o cobririam.

A aterrissagem foi extremamente arriscada pelas condições do terreno de mata e porque o rotor de cauda, com um mínimo atrito, poderia perder o impulso e desviar o centro de gravidade, tornando-se incontrolável para o piloto. Ainda assim, El Magnífico iniciou a segunda fase. Deixamos os passageiros e a tripulação atados às árvores e empreendemos o novo voo. Uma vez

lá, e com uma aterrissagem ainda mais difícil, a missão estava cumprida. Os funcionários cobriram o helicóptero com a folhagem e deixamos os equipamentos de GPS desconectados.

Saímos da selva para a fazenda Nápoles, em uma caminhada de duas horas, e o helicóptero ficou completamente isolado em plena selva, à espera da reação do governo. Agora a história se repetia, mas em cenário diferente. Como esperado, a briga foi gigantesca, já que o Estado sabia que tal helicóptero iria ser utilizado para atacar a presidência, como anunciaram os meios de comunicação. Alguns dias depois, foi necessário voltar ao local para a manutenção, dado que uma nave assim se deteriora rapidamente em condições de selva. El Magnífico realizou o voo e levou-o à fazenda.

Uma vez ali, revisamos as condições técnicas do helicóptero e o pintamos exatamente como os da Polícia. Agora, brilhava intimidante. Ia servir para invasões falsas e sobrevoos contra os inimigos. Empregaríamos a mesma estratégia de quando roubávamos caminhões e os deixávamos com a mesma aparência que os do Estado, para logo, em nome da Polícia, cometer ataques contra ela mesma e contra os nossos inimigos. Só nos faltava a oportunidade perfeita para usá-lo.

Recebi uma ligação de um dos elos da segurança. Disseram-me que havia seis policiais do posto de Cocorná ao lado do helicóptero, que tinha sido descoberto. Então, pedi ao homem que me ligara que entregasse o rádio ao cabo encarregado da operação, e acabei negociando o silêncio dele pela soma de 30 mil dólares, que lhe seriam entregues no posto, no dia seguinte. O cabo aceitou. Vinte e quatro horas depois, apresentei-me à delegacia de Polícia com meus homens, para fazer a entrega do dinheiro e exigir daquele uniformizado que me dissesse quem nos dela-

tara. Respondeu-me que um camponês, ao calor de umas boas cervejas, começou a contar que tinha visto o helicóptero que a Polícia estava procurando. Pediram-lhe que mostrasse o lugar, e o camponês apontou, do alto de uma montanha. Em seguida, dirigi-me ao lugar indicado pela Polícia e interroguei o camponês; ele admitiu a delação e eu disparei dois tiros na sua cabeça. Logo voltei a Nápoles, e mandei El Magnífico levar o helicóptero para as selvas do Chocó, ainda sem ter cumprido seu objetivo. No entanto, depois o usamos para o transporte de cocaína e armas durante o mandato do ilustre e quase esquecido presidente Virgilio Barco Vargas.

FETICHE DE CALCINHAS

Descobriu-se que havia um traidor no cartel de Medellín. Não se sabia ainda quem era, mas sabia-se que a acusação recaía sobre o chefe maior do cartel, de modo que ele “devia morrer”. Pablo disse que devíamos nos refugiar em um apartamento muito seguro enquanto toda aquela situação se esclarecia; ele entrou em contato pessoalmente com uma senhora de sua extrema confiança, que era proprietária de um apartamento no centro de Medellín. Agora, devíamos planejar como entrar, já que aquele apartamento, nosso futuro esconderijo, não tinha estacionamento, obrigando-nos a passar pela porta principal, onde seríamos recebidos por um porteiro, que não podia, em hipótese alguma, ter conhecimento da nossa estada ali. A estratégia de entrada devia ser perfeita, ou seríamos capturados. Então, a proprietária foi a um grande supermercado, fez uma compra enorme e pediu ajuda ao porteiro e ao taxista para carregá-la. Assim, ela ficou cuidando dos pacotes, enquanto nós, já disfarçados com cabelos longos e óculos e a uma prudente distância,

esperávamos pelo sinal de entrada, que chegou em poucos minutos. Mas devíamos superar os primeiros pavimentos subindo a pé, pois o edifício só contava com o serviço de elevador a partir do terceiro andar. Uma vez ali, tomamos o elevador até o décimo quinto andar, que seria o nosso destino temporário. A entrada foi perfeita, garantindo-nos seis meses de tranquilidade. A senhora pegava a correspondência e a entregava de forma segura. No dia seguinte, Pablo pediu-lhe que permitisse a entrada de uma linda adolescente, que vinha lhe fazer companhia. A menina era realmente linda. Uma princesa!

Nessa época de tanta violência, eu já estava havia mais de um ano sem nenhum tipo de companhia feminina, porque o enfrentamento de Pablo com o Estado não me permitia um só minuto de sossego. Uma vez instalados, fiquei com o quarto junto à lavanderia, enquanto Pablo ocupou o principal. Nele, meu *Patrón* tinha seus encontros sexuais quase diários e escrevia cartas para continuar movimentando o cartel.

Aquela linda criatura de cabelo comprido até a cintura, pele morena e corpo de princesa também flertava comigo, de uma maneira encantadora e silenciosa. Todos os dias, pela manhã, ela levava a roupa que tinha usado no dia anterior e a deixava na lavanderia, deixando sua roupa íntima por cima, como se fosse um convite ao prazer, algo a que eu não podia resistir.

Um belo dia, peguei suas peças íntimas de fina seda branca e as cheirei repetidamente, chegando a tal ponto de excitação que tive de ir para o quarto para, sozinho, terminar meu excitamento lascivo. A partir daquele dia, eu esperava ansioso pelo momento em que ela vinha deixar sua roupa, a fim de repetir minha mecânica de autossatisfação, e assim o fiz durante três meses. Aquelas calcinhas brancas, depois de lavadas pela senhora e penduradas no varal, ficavam mais lindas a cada dia.

A menina passeava pelo apartamento e, quando me via, caminhava sugestivamente, como se me convidasse a pecar. Meu *Patrón* se dava conta do que estava acontecendo, mas, seguro de sua posição e poder, apenas sorria, sem dar importância ao fato. De minha parte, eu me fazia de tonto.

Três meses depois, Pablo conseguiu esclarecer a situação. Então, decidiu que precisávamos abandonar aquele esconderijo e encarregou-me de pagar o dinheiro devido à senhora, pela estada, e à jovenzinha, por seus serviços. Naquele momento, quase tive um infarto de emoção. Sabia que agora poderia ter uma oportunidade com aquela morena dos meus sonhos. Pablo saiu pela porta principal, sem se importar com a presença do porteiro, pois sabia que não voltaria mais àquele lugar e que todo esconderijo tinha seu tempo útil. O pagamento era de cem mil dólares à senhora e de duzentos mil à princesa.

Quando Pablo saiu, ofereci umas cervejas àquela mulher dos meus sonhos. Durante a conversa, ela me perguntou quando eu iria lhe pagar. Respondi que tinha de esperar o correio me trazer o dinheiro e que, possivelmente, demoraria mais dois dias. Também perguntou-me se algum dia ela voltaria a ver Pablo, e respondi-lhe imediatamente que não. Eu sabia que meu *Patrón* nunca repetia uma relação desse tipo. Logo chegou a pergunta do milhão: “Por que você pega a minha roupa íntima quando eu a deixo na lavanderia?”. E eu respondi simplesmente: “Para me masturbar”.

A conversa foi se tornando excitante, e então ela desfilou para mim, bem em frente à lavanderia onde ela, com seu sutil e perigoso charme, estivera despertando meus instintos carnais ao longo de três meses. Passados três dias de gozo e prazer, e de desfrute daquelas calcinhas brancas de seda, decidi que era hora de voltar, porque o risco era demasiado alto se o *Patrón* chegasse a saber. Então,

entreguei-lhe a soma ordenada e mais vinte mil dólares de minha conta, como gesto de gratidão. Ela aproximou-se e me deu um beijo intenso, ao que correspondi. Como presente, entregou-me umas das belas calcinhas, com as quais voltei ao meu quarto para tornar a dar satisfação à minha luxúria.

Guardei aquelas calcinhas até o dia em que me entreguei à prisão La Catedral, onde, em uma das inspeções, algum policial, aparentemente com o mesmo fetiche, as roubou. Dela, só soube que se chamava Verónica. Jamais voltei a vê-la.

MORTE DE ESPERANZA HAS

Por volta de 1987, Pablo Escobar Gaviria mantinha enfrentamentos tanto com o Estado como com narcotraficantes, industriais e qualquer um que não apoiasse sua guerra e seus desejos de poder. Era como o rei que subjuga e submete a plebe, criando uma situação em que todo aquele que se opõe tem três opções: associar-se, esconder-se ou morrer. A História nos ensina que isso não é nada novo: os ingleses atacavam os espanhóis, roubando-lhes suas fortunas para, em seguida, dividi-las com a rainha Isabel. O desejo de poder sempre foi e sempre será compartilhado com todos os seus atores: o político, o representante da justiça, o clérigo e, é claro, o bandido mafioso, que acaba por ser o protagonista; todos são do mesmo bando e todos têm os mesmos interesses econômicos.

Um desses tantos foi Felipe Has, grande chefão da cidade de Cartagena, a quem Pablo mandou chamar por meio de um amigo mútuo. Esse homem não se incomodou em assistir ao encontro mafioso que se deu em El Muro, o escritório da parte alta de El Poblado.

Durante a reunião, Pablo exigiu de Felipe o pagamento de uma cota mensal relativa a cada carregamento de cocaína que ele en-

viasse, como contribuição ou imposto de guerra. Felipe negou-se, e, com atitude desafiadora, bateu na mesa e respondeu com ameaças similares às de seu matador, garantindo-lhe que ele e seus amigos lhe fariam frente. Em seguida, retirou-se do escritório.

Diante de tal provocação, Pablo encolerizou-se, chamou Pinina, e este, por sua vez, chamou a mim. Disse-me: "Pablo deu a ordem de assassinar seu provocador". Naquela época, sempre havia armamento disponível em nossos carros, o que facilitava ainda mais o cumprimento da ordem imediata. Pinina começou a perseguição a uma distância prudente, enquanto eu sacava duas pistolas nove milímetros do esconderijo do carro. Felipe ia no outro carro, acompanhado pelo amigo que o trouxera, e, justamente quando o chefão alcançou o *round point*, onde é a fábrica da Coca-Cola, eu desci e dei-lhe dois tiros na cabeça, enquanto, em fração de segundos, Pinina colocava-se a poucos centímetros para tirar-me da situação. Voltamos de imediato ao escritório, para falar com Pablo, e relatamos nossa missão cumprida.

Como era de se esperar, o cartel da costa reagiu. Inicialmente, acusou o cartel de Medellín da morte de Felipe Has, mas Pablo negou tudo e continuou indo ao escritório normalmente. Vinte dias depois, eu saía do escritório quando, bem em frente, vi três carros cheios de homens, o que me levou a pensar que eram autoridades. Então voltei ao escritório, entrando por uma parte que não era visível, e relatei o fato a Pablo. Ele deslocou-se de imediato para a propriedade El Bizcocho, a fim de manter-se a salvo, enquanto, em poucos minutos, Pinina e eu reunimos quarenta homens para abordar os ocupantes do carro-espião. Eles tinham armas de longo alcance, o que nos fez deduzir que eram inexperientes, já que elas são muito difíceis de manipular dentro de um carro.

Uma vez rendidos aqueles doze homens, nós os levamos com os olhos vendados à propriedade El Bizcocho, onde Pablo Escobar Ga-

viria os interrogaria. Pablo, Pinina e eu os pressionávamos a falar, avisando-lhes que, se dissessem toda a verdade, sua vida seria respeitada.

Pergunta número um:

– Vocês são autoridades?

– Não – responderam todos em uníssono.

Pergunta seguinte:

– O que estão fazendo aqui? O que fazem em Medellín?

– Fomos enviados para matar um senhor chamado Pablo Escobar, que tem um escritório chamado El Muro, localizado bem no lugar onde nos pegaram.

Próxima pergunta:

– Vocês conhecem Pablo?

– Não! – foi sua sonora resposta. – Só sabemos que sai por volta das duas da tarde, escoltado por cinco caminhonetes Toyota, e que sempre vai na primeira.

Nesse momento, Pablo tirou o capuz, identificou-se e perguntou:

– Quem os enviou?

– Foi a senhora Esperanza Has – respondeu um deles, apesar do pânico e do seu estado totalmente indefeso –, a esposa de Felipe Has, para assassinar você, em retaliação pelo assassinato de seu esposo.

Pablo deu uma volta, olhou-me fixamente e perguntou-me:

– Pope, como você trouxe estes homens: com ou sem venda?

Eu me surpreendi, mas respondi de imediato em tom seco.

– *Patrón*, você sabe que eu sei trabalhar. Trouxe-os vendados.

Dando continuidade aos já costumeiros interrogatórios, Pablo decidiu fazer um acordo com eles.

– Rapazes, em primeiro lugar, vou lhes poupar a vida; em segundo, vou dar dois milhões de pesos a cada um, mas, em troca, vocês deverão matar Esperanza Has.

– Sim, senhor – responderam de imediato.

Em seguida, Pablo dirigiu-se novamente a mim e disse que eu estava encarregado de acompanhar a missão designada àqueles homens. Entreguei-lhes o dinheiro combinado, voltei a vendá-los e levei-os a El Poblado, onde lhes devolvi seu armamento e os enviei de volta à sua cidade.

Passados três dias, como, apesar de minhas constantes ligações ao chefe do grupo, ainda não houvesse resultados, decidi falar claramente por telefone e exigir que cumprisse o trato. Ele só dizia que as coisas estavam muito difíceis, porque a senhora não tinha saído nem um minuto do hotel Continental, nem mesmo para a sua casa ou a sua propriedade. Relatei o ocorrido a Pablo, e ele determinou que Pinina, a Negra Vilma, Chopo e eu fôssemos executá-la.

Começou a missão. Enviamos as armas na frente, em um carro, assim nós iríamos aparentemente desarmados, evitando ser detidos na estrada por algum comando policial. Uma vez em Cartagena, entrei em contato com o praieiro e pedi-lhe que me mostrasse a senhora Has. Combinamos que eu a conheceria no cassino que ela frequentava dentro do hotel. Enquanto isso, Pinina, a Negra Vilma e Chopo se hospedaram em hotéis diferentes.

Cheguei às dez da noite, como tínhamos combinado com o delator, e bem ali, sentada na mesa de *blackjack*, estava a senhora Has, vestida com uma blusa branca de fina confecção estampada com enormes padrões de uma girafa e o pescoço adornado com luxuosas joias, que a faziam brilhar como… uma mafiosa! A mulher era bela, mas tinha pouco estilo. Naquele momento, dei um dinheiro extra ao praieiro, para que ficasse quieto e não dissesse nada a seus companheiros. Logo, reuni-me com Pinina, Chopo e a Negra Vilma, informei-lhes o que acontecera e decidimos que era hora de agir.

Chegamos ao lugar e notamos que era muito concorrido, com

vigilância tanto particular como pública, de modo que a saída seria bastante difícil. Na entrada havia apenas um policial, mas na rua havia um grupo de elite de captura, o que pressagiava briga certa. Ainda assim, a decisão estava tomada. Esperanza Has devia morrer naquela noite, e no ato. A Negra Vilma, Pinina e eu entramos no cassino. Ficamos à espera de que Esperanza se movesse para algum lado e nos desse a oportunidade de agir rapidamente e com segurança. Por fim, às duas da manhã, ela levantou-se da mesa e dirigiu-se para as escadas. Eu alertei Pinina e a Negra Vilma, que, no mesmo instante, nos entregou as pistolas nove milímetros. Eu corri, pistola na mão, dirigi-me a Esperanza e disparei. Ela começou a rolar escada abaixo. Enquanto isso, Pinina apontava para o policial e Chopo situava-se bem em frente, com o carro pronto para nos tirar do conflito e empreender a fuga.

Uma vez longe, Chopo pegou a estrada para Boca Grande. Um Porsche vermelho que se deu conta do acontecido começou a nos seguir para pegar o número da placa de nosso Renault 18 2.0. Pinina e eu baixamos o vidro e começamos a disparar naquele belo carro, que, em segundos, perdeu sua beleza, perfurado pelas balas. Como não conseguíamos nos distanciar dele, decidimos que sairíamos da estrada, deixaríamos o carro e emprenderíamos a fuga cada um por sua conta. Chopo camuflou-se rapidamente entre a multidão, Pinina saiu caminhando lentamente por um lado da praia, e a Negra Vilma, pelo outro. Eu tomei um táxi duas quadras adiante.

Aparentemente, até aquele momento, tudo estava dentro da normalidade, mas o taxista se deu conta de que eu era um dos envolvidos na contenda. Percebi que ele tinha me reconhecido. Então, apontei para ele e mandei não parar no bloqueio nem fazer nenhum movimento suspeito que levasse a Polícia a nos deter, porque, caso contrário, eu o mataria no ato. Faltando cinquenta metros para

chegar ao comando, agachei-me e o taxista cruzou o bloqueio lentamente, para não chamar a atenção. Uma vez superado esse obstáculo, ele disse para eu me levantar, que já era seguro. Cinco quilômetros depois, pedi para parar. Eu sabia que devia matá-lo para não correr risco, mas o taxista suplicou por sua vida, mostrou-me a foto de seus filhos menores e prometeu não me delatar. Em um gesto de gratidão, dei-lhe quinhentos mil pesos.

Segui a pé pela zona rural, mas era um lugar que eu não conhecia, então decidi voltar para a beira da estrada e procurar transporte público. Por volta das três da manhã, repentinamente e sem saber como nem de onde, ouvi vozes de policiais gritando para que eu parasse e levantasse as mãos. Respondi à bala e os enfrentei. Logo senti um calafrio na mão e soube que estava ferido. Pulei um alambrado e fui até as montanhas. A hemorragia não parava, e desmaiei, caindo sobre o meu braço ferido; porém, incrivelmente, a pressão contra a grama fez uma espécie de torniquete natural, e a hemorragia cessou. Minha sorte estava lançada! O tiro tinha entrado pelo meu braço direito. Quando despertei, estava deitado no pasto e os raios de sol já batiam no meu rosto. Ao me levantar, o sangue começou a brotar novamente. Pressionei meu bíceps com a mão esquerda e pensei que, nesse momento, só tinha duas opções: ou me deixava morrer sangrando ou me entregava às autoridades para salvar a minha vida.

Comecei a descer, mas já estava cercado por um grupo de policiais, que me arrastaram e me deram água. Surpreendentemente, o primeiro que vi no bando foi o taxista a quem poupei a vida e dei a não desprezível soma de quinhentos mil pesos por seu silêncio. Uma vez preso, o taxista aproximou-se de mim, deu-me dois tapas na cara e depois me chutou, vociferando que eu o havia sequestrado e que queria matá-lo. Eu estava totalmente indefeso! A Polícia re-

tirou-o e o controlou. Eu neguei tudo e argumentei que tinha sido atacado. O oficial encarregado separou-me do taxista, levou-me a uma pequena tenda e ofereceu-me uma soda gelada. Eu, obviamente, aceitei, e imediatamente comecei a estabelecer um acordo.

– Veja, oficial, eu sou Popeye, membro do cartel de Medellín, e vim matar Esperanza Has. Quanto quer por seu silêncio? E quanto para me levar a um hospital?

– Mas você não estava só – disse-me o oficial, que já sabia quem eu era. – Onde estão os outros?

Assim, soube que Pinina, Chopo e a Negra Vilma estavam a salvo, e isso me permitia uma melhor negociação. Ofereci-lhe cem mil dólares e ele pediu duzentos mil. Naquela época, essa cifra era uma fortuna. Por fim, concordamos cem mil em espécie e minha entrada em uma clínica. O acordo estava feito. Dei-lhe um número de telefone do cartel, e Pablo autorizou imediatamente o pagamento.

Fui levado à clínica e entrei na emergência. Pegaram uma veia da perna direita para colocar no braço e servir de artéria. Também recebi transfusão de sangue tipo O positivo. Meu estado era crítico. No dia seguinte, Pablo enviou um avião com o dinheiro e para esperar por mim. O oficial redigiu seu relatório muito adequadamente. O juiz veio, interrogou-me, e eu manifestei que tinha sido atacado. Ao ver que não havia nenhum indício para me acusar, sua senhoria deixou-me em liberdade. Horas mais tarde, uns caras do cartel me recolheram em uma ambulância para me levar logo ao aeroporto. Já voltava para minha amada Medellín.

Minha mãe vivia no bairro Calasanz, na parte nordeste da cidade, uma área que, em 1987, não era tão estendida como hoje. Instalei-me em sua casa e fiquei ali por um bom período, dado que a reconstrução dos nervos é lenta e requer bastante repouso, reabilitação e medicamentos que me imobilizavam até o pescoço.

Estava em recuperação, quando, um belo dia, minha mãe corre ao meu quarto e diz: "Filho, tem muita gente em volta da casa, e parecem suspeitos". Levantei-me e imediatamente peguei meu revólver com a mão esquerda, tirei a trava e me aprontei para disparar. A campainha soou e eu indiquei que a minha mãe abrisse, enquanto eu estava pronto, em posição de ataque. Ela, timidamente, o fez e – oh, surpresa! – lá estava Pablo Escobar Gaviria diante da porta da minha casa, disposto a me visitar em meu leito de enfermo. Nesse dia compreendi que eu não tinha um *Patrón*, mas sim um amigo cordial e sincero, que estava disposto a honrar a solidariedade.

OS BRINQUEDOS DO CARTEL

Um dos maiores sonhos do cartel de Medellín, liderado por Pablo Escobar Gaviria, foi o de obter alguns mísseis terra-ar Stinger, que se destacam por poderem ser levados no ombro e pela capacidade de atacar aeronaves só com o uso de seu infravermelho. Para o enfrentamento com o Estado, essa arma era vital, porque, com ela, poderíamos nos defender dos ataques aéreos, que era uma de nossas fragilidades de guerra. Para consegui-los, teríamos de entrar em contato com os grandes comerciantes do mercado negro de armamentos ou com algum militar norte-americano que os tivesse roubado para logo vendê-los aos grandes mercadores, que os levariam de volta aos Estados Unidos depois de intervir em algum país.

Alguns dos inimigos de Pablo Escobar já não se deslocavam por terra por puro medo de serem assassinados ou sequestrados por nós, seus matadores, de modo que o *Patrón* precisava dos Stingers. Sabendo que Miami era o centro mundial dos traficantes de armas negras, o *Patrón* me mandou ir lá para conseguir o que pudesse. Eu

devia entrar em contato com um homem de origem cubana que era seu fornecedor de fuzis Auge 5.56, pistolas Prieto Beretta, metralhadoras mini USI, etc. Ele enviava as armas à Colômbia dentro de geladeiras, máquinas de lavar e todo tipo de eletrodomésticos de grande porte, que logo eram legalizados na alfândega. Em outras ocasiões, tanto o armamento como a munição chegavam nos aviões cocaleiros vindos do México.

Tudo estava logisticamente organizado para a minha abordagem a partir do aeroporto de Medellín, que, em 1988, estava sob nosso controle. Peguei meu passaporte falso, com a identidade de Alexander Álvarez Molina, e parti rumo ao México, onde fui recebido por um dos homens de Amado Carrillo, também conhecido como *Señor de los Cielos*, ou *El Rey del Oro Blanco* – ele era membro do cartel de Juárez e grande amigo e sócio do *Patrón*. Fui levado a um hotel para esperar alguns documentos e poder cruzar a fronteira com o território norte-americano, mas, antes, precisei ficar uns dias em Tijuana, na casa de um amigo da máfia. Nessa época, a fronteira era separada por uma simples rede, que os membros da máfia tinham sob monitoramento constante. Quando a ronda de vigilância passou, fui acompanhado pelos rapazes; um deles levantou a rede e, nesse momento, eu já estava pisando em solo norte-americano, especificamente em San Diego, Califórnia, depois de ter cruzado uma boa parte de moto e outra parte da estrada de carro.

Uma vez em San Diego, saí às compras, já que não era normal que eu viajasse sem bagagem. Peguei um voo de San Diego até Miami, onde aterrissei com sucesso e fui recebido por Tavo e por um agente do cartel de Medellín em uma casa em Kendall, na Flórida, que era um centro de armazenamento de droga. Eu já tinha estado naquele mesmo lugar fazendo buracos para poder esconder a cocaína. Lembro-me de que, naquela oportunidade,

as coisas se complicaram, porque o terreno era muito duro, como coral fossilizado. Tivemos de comprar martelos pneumáticos para abrir os buracos, onde metíamos a droga, previamente empacotada em tubos de PVC de trinta centímetros de diâmetro por dois metros de profundidade, de modo que não se pudesse perceber o cheiro. Depois, jogávamos terra em cima, colocávamos vasos com belas plantas, e o pátio parecia normal.

Chegou a hora do meu encontro com Ramón, nosso contato de armamentos. Cheguei a tempo e contei-lhe a intenção do *Patrón*. Ele marcou de nos vermos no dia seguinte, porque seu sócio era quem tinha o que meu *Patrón* queria. Quando nos encontramos de novo, ele me disse:

– Sua carga pode ser conseguida em El Salvador, na Nicarágua ou até mesmo em Miami.

– Leve-me para ver o que tem em Miami – respondi.

– Primeiro, preciso entrar em contato com meu sócio – disse-me.

Eu sabia que era uma fraude assim que me disseram que tinham vários, pois os Stingers são de uso exclusivo do Exército. Eu já tinha lido em uma revista e até sabia o preço: trezentos mil dólares. Uma fortuna!

Apesar de já ter certa confiança em Ramón, em razão de negócios anteriores, eu sempre soube que, na máfia, a traição está presente o tempo todo, e por isso devia estar alerta. Para minha surpresa, nessa oportunidade ele me pediu quinhentos mil dólares adiantados. A desconfiança começou a crescer, porque, quando lhe pedi cinquenta silenciadores, aquele homem se assustou. Tranquilizei-o, dizendo que o assunto dos silenciadores era brincadeira. Uma vez acalmado o homem, voltamos ao tema dos Stingers. Pediu-me dez dias, enquanto entrava em contato com alguém em El Salvador. Respondi-lhe que eu iria aonde fosse necessário para vê-los.

Dez dias passaram, e o homem não chegava com notícia nem

boa nem má. Minha desconfiança ia aumentando. Decidi encontrá-lo em outro lugar, e nessa oportunidade já não fui só. Levei comigo alguns dos rapazes do Cartel. Então, disse-lhe que não haveria adiantamento e que não estava disposto a esperar os dois meses que ele havia me pedido. Comuniquei-me com o *Patrón*, que me mandou regressar. Novamente, o sonho de Pablo tinha sido frustrado, mas nem por isso ele se deteria para atingir seu objetivo: os candidatos à presidência! Ou até o próprio presidente da República, se quisesse, ou todo aquele que apoiasse a extradição de colombianos aos Estados Unidos da América.

Pablo, em sua infinita criatividade para a maldade, optou pelos chamados "carros-bomba". Com o assassinato de Luis Carlos Galán e com César Gaviria levantando suas bandeiras e vendo-se como ganhador certo, a extradição seria um fato. Gaviria atacava cada dia com mais força o cartel de Medellín. Retaliar esses políticos por terra era muito difícil, mas não impossível para Pablo Escobar e seu exército de pistoleiros. Então, ocorreu a Pablo que, diante da ausência dos Stinger terra-ar, uma bomba em um avião seria a alternativa ideal. Justamente então, o cartel foi informado, com dez dias de antecedência, de que César Gaviria viajaria para Cali em 27 de novembro de 1989. A oportunidade estava dada. Pablo mandou armar uma bomba com quinhentos gramas de dinamite, para metê-la em uma maleta e, em tempo recorde, levá-la a Bogotá.

Enquanto isso, Carlos Castaño Gil já acertara com seus amigos do DAS uma forma de violar os sistemas de segurança do aeroporto para introduzir a maleta-bomba. Os relatórios de inteligência diziam que o passageiro portador da maleta deveria sentar-se entre as asas do avião para causar uma explosão em cadeia com o combustível, já que ali se encontravam os tanques de gasolina. Se não fosse assim e só explodisse a bomba, havia a possibilidade de que, ainda que

com a aeronave danificada, o piloto pudesse retornar o avião à pista. Além disso, Carlos Castaño já tinha enganado um incauto que queria ganhar um dinheiro para sair da pobreza: dissera-lhe que ele teria apenas de levar uma maleta com um gravador, para que se pudesse escutar a conversa dos norte-americanos; que bastava abrir a maleta e o gravador se ativaria. Para ganhar a sua confiança, levaram Julio Mario, o jovem incauto, a Montecasino, a casa dos Castaño, para ver a maleta, com a grande diferença de que a que lhe mostraram não continha dinamite.

A logística estava pronta! Dinamite em Bogotá, sistemas de segurança sob controle, passageiro pronto, com passagem de acordo com as especificações, lista de passageiros e, o mais importante: César Gaviria confirmado para o voo com seus dez capangas. Este seria um grande golpe para a mafiosa oligarquia colombiana. Julio Mario chegou no horário e sentou-se em seu assento; logo, um agente do DAS entregou a maleta ao rapaz. Só faltava o passageiro mais importante: César Gaviria, candidato presidencial a favor da extradição. Enquanto isso, Carlos Castaño colocou-se na sala de espera, como se aproveitasse o que estava para acontecer. De última hora o pré-candidato não se apresentou, mas o avião 727-21, matrícula HK 1803, da Avianca decolou e, bem na saída de Bogotá, explodiu em pleno voo, deixando 110 mortos, inclusive aquele novo-rico, que não chegou a desfrutar da sua fortuna.

Dois anos depois, quando eu já estava em La Catedral, o coronel aposentado chamado Homero dirigiu-se a mim:

– Eu prejudiquei o cartel de Medellín em uma operação muito importante para vocês.

– Qual? – perguntei, com curiosidade.

– O atentado contra o doutor Gaviria – respondeu.

– Como assim?

– Faltando dois quilômetros para chegar ao aeroporto – ele respondeu –, tive uma intuição de que algo ruim ia acontecer; pedi ao candidato que não viajasse e, depois de uma discussão, ele concordou comigo.

Fui ao quarto de Pablo e contei-lhe a informação obtida por acaso. Ele começou a rir e disse: "Que banalidade, Pope! Você sabe que por essa bobagem já matamos quatro pessoas que pensávamos que tivessem tomado conhecimento da informação?".

A QUEDA DO REI!

Carlos Ledher Rivas, sócio e amigo de Pablo Escobar, era um bom amigo de Rollo e meu. Rollo, como carinhosamente o chamávamos, era um grande matador visceral, bravo e sem medo. Devido às confusões do cartel, a comunicação com Carlos era um pouco distante, afetando a confiança e o respeito que sempre nos aproximou. Um dia, por um acaso da vida, voltamos a nos reunir na fazenda Nápoles, em uma festa oferecida por Pablo.

Carlos Ledher vinha da selva, onde tinha sido encurralado pelas autoridades colombianas. Havia chegado ao Magdalena Medio,[8] onde retomou suas andanças conosco, carregando, como sempre, um revólver Magnum na cintura e um fuzil 7.62 na mão. Na época, a selva já tinha apresentado a conta ao poderoso chefão, e seu vício em maconha e cocaína era cada vez maior. Como se fosse pouco, tinha malária cerebral, mas não se tratava. Em seus melhores anos, Ledher andava vistoso por onde fosse, mas agora o cabelo comprido e a barba descuidada davam-lhe um aspecto totalmente arruinado. Já não era o poderoso dono daquela ilha nas Bahamas, com pista

8 Extenso vale andino na parte central da Colômbia, formado pelo rio Magdalena, entre a cidade tolimense de Honda e a entrada do rio para as planícies costeiras do mar do Caribe. (N. T.)

própria, na qual aterrissava todo avião do narcotráfico colombiano. Falava inglês, alemão e espanhol com perfeição. Era um homem de negócios! Em sua época, conseguiu juntar uma grande fortuna. Era fã dos Beatles e um agitador político contra a extradição. Sua área de influência era a Armênia. Criou um movimento político chamado Movimiento Latino, que contava com alguns poucos discursos políticos em praça pública. A DEA já o havia banido das Bahamas, e sua grande fortaleza havia caído em declínio, tanto que se tornou administrador de Pablo e, na ocasião, controlava apenas alguns de seus matadores.

Pablo pediu a Pasquín que organizasse uma grande festa, aproveitando que a guerra estava relativamente acalmada. Na lista dos convidados, estava Carlos Ledher Rivas. Bebida, comida, música e, é claro, prostitutas, para adornar ainda mais a festa. A logística de segurança ali dentro e nos arredores prometia um grande momento de lazer, já que, desde aquela época, a aliança entre o cartel de Medellín e a Polícia Nacional da Colômbia era total.

Chegou a data, e com ela os convidados de honra. Jorge Luis Ochoa e senhora, Carlos Ledher Rivas e outros tantos da alta hierarquia mafiosa. Às dez da manhã, as prostitutas começaram a descer do avião particular de Pablo. Definitivamente, aquele seria um dia como tantos na máfia: orgia e comilança. Helicópteros, armas, rádios, duzentos seguranças e convidados de honra faziam que Nápoles fosse um paraíso dos "reis da máfia". Clima ardente que convidava a beber, quartos de hóspedes com os melhores mobiliários, próprios de um monarca. Um deles era ocupado por um dos convidados de honra, Carlos Ledher Rivas, para quem, quando ele saísse de seus aposentos, eu teria pronta uma das mais belas e exóticas mulheres, disposta a satisfazer os desejos do grande rei. Ao vê-la, Carlos imediatamente apaixonou-se, como na fábula da bela Cinderela e

sua noite de magia. A música começou e Carlos e sua nova princesa foram dançar no grande salão.

Tudo era festa e alegria. Abraços fraternos de saudações e tapinhas nas costas quando algum dos reis contava seus feitos de monarca. Contudo, a rainha desse evento não era a mulher mais bela, e sim uma das substâncias mais viciantes e destruidoras da humanidade: a cocaína.

E, como sempre, a moeda tem dois lados: de um lado, estava o chefão e do outro, o assassino, como a fusão perfeita. Rollo, que em 1987 tinha apenas 22 anos, era de estrutura musculosa. Com seu um metro e setenta e seis de altura e seu olhar vivaz, estava cheio de crenças místicas depositadas em um escapulário cruzado entre o ombro e a axila e outro no tornozelo esquerdo, para dar-lhe proteção. Aquele jovem era originário de Itagüí; foi meu amigo e meu cúmplice em muitos assassinatos, próprios de nossa "profissão". Unia-nos não apenas nossa grande amizade e carinho, mas também a confiança de saber que um não trairia o outro, algo que não é normal dentro da máfia, sempre permeada de traições e falsidades. E como o conto devia continuar, Rollo também queria participar daquele banquete; então pediu-me que lhe permitisse tomar umas bebidas. Dei-lhe sinal verde, mas com a condição de que me entregasse o fuzil e o rádio, já que eu era o encarregado de toda a logística de segurança dos chefões.

Chegada a noite, e com ela a eficácia da bebida para lançar por terra o *glamour* e os bons modos, fazia-se quase imperativo o acompanhamento de uma boa aspirada de cocaína. O problema era que Pablo tinha proibido completamente seus matadores de usá-la em sua presença. Mas como rei é rei, esteja onde estiver, Carlos Ledher tirou seu pacote do precioso pó e começou a cheirar. Ao vê-lo, Rollo, que também era viciado, sentiu-se tentado e começou a paquerar

o provocativo pacote. Carlos, sempre paranoico, aproximou-se de mim para expressar sua inquietude, porque Rollo estava olhando demasiadamente para a sua princesa. Respondi-lhe que cuidaria imediatamente dele, mas, na realidade, fiz vista grossa, pois sabia que Rollo só queria uma carreira do valioso pozinho.

Rollo tinha travado conversa com a prostituta para conseguir seu objetivo. Ela correspondia com simpatia e, entre sorrisos, dava-lhe sua boa dose. Por volta das três da manhã, Carlos pegou sua jovenzinha dando a Rollo uma porção do precioso ouro branco. Ao ver que eu não havia atendido ao seu pedido, Carlos decidiu tomar a sua nova conquista pela mão e levá-la a sua suíte, fazendo alarde de seu aparente poder e beleza, que já tinha ficado enterrada nas selvas colombianas. Lá pelas quatro da manhã, Rollo pediu para Orejitas bater à porta de Carlos e pedir-lhe um pouco de coca. Ele o fez. A prostituta abriu a porta seminua, e Carlos, com sua paranoia, saltou como uma mola da cama. Com a arma na mão, chegou à porta feito um ciclone. Viu Orejitas, escutou-o, atirou-lhe o pacote de cocaína na cara e fechou a porta violentamente.

Às sete da manhã, a festa chegava ao fim. Pedi a Rollo que fosse ao seu quarto e se organizasse rapidamente. Ao mesmo tempo, Carlos, que já tinha se levantado e se adornado com sua habitual pistola na cintura e fuzil na mão, saiu em um dos corredores, onde as mulheres encarregadas da limpeza já cumpriam seu dever. Carlos dirigiu-se a uma delas, perguntou onde era o quarto de Rollo, e ela, inocentemente, indicou o lugar. Carlos dirigiu-se para lá. Ao abrir a porta, encontrou Rollo seminu, saindo do banho, e atirou direto na cabeça dele. O som do disparo fez tanto eco que soou como se fosse um canhão.

Todos corremos ao lugar, dispostos a responder, pensando que era um atentado contra o *Patrón*, mas quando vi Carlos com seu fuzil diante de Rollo, que jazia deitado no chão, perguntei:

– Carlos, o que aconteceu?

– Diga ao general que tive de matar um de seus soldados porque me faltou com o respeito – ele me respondeu.

Retirei-me do quarto e fui correndo à suíte do *Patrón*, mas ele já vinha com a camisa na mão, perguntando o que tinha acontecido. Contei-lhe e pedi instruções.

– Matamos Carlos?

– Não – respondeu Pablo serenamente. – Levante Rollo, leve-o à propriedade da California,[9] para que nossos amigos policiais façam o levantamento lá, e encarregue-se você, pessoalmente, de que lhe deem uma sepultura cristã.

Sentia-me confuso e decepcionado. Por um lado, acabava de perder um de meus melhores amigos e cúmplices e, por outro, o *Patrón* nos abandonava à nossa sorte. Mas eu estava vivo e não tinha escolha. Juntamente com alguns companheiros, entre eles Orejitas, levantamos Rollo. Sua cara estava completamente destroçada pelo impacto do fuzil. Nós o levamos ao lugar indicado e iniciamos o processo, e a Polícia fez o "seu trabalho", depois de ter recebido uma boa soma de dinheiro. O corpo de Rollo foi levado ao necrotério de Puerto Boyacá.

– Pope, mataram Rollo porque ele estava sem proteção. Viu o ombro dele? – comentou Orejitas, que tinha algo de místico.

– Sim – respondi –, ele estava sem o escapulário do peito, mas tinha o do tornozelo.

– Isso não é proteção suficiente – sentenciou Orejitas.

Só me faltava fazer os arranjos com a funerária, e como naquela época era costume velar o defunto na sala da casa, dei o endereço dele ao carro fúnebre. Quando chegamos, bati à porta, e atendeu-

9 Cidade no departamento de Santander. (N. T.)

-me a mãe do meu amigo. Ao ver o cenário, ela compreendeu o que tinha acontecido e desatou a chorar e a gritar.

– Pope, diga-me que não é o Rollo.

Eu assenti com a cabeça e a abracei. Saíram as irmãs e amigos e vizinhos, todos consternados, e rodearam a família para expressar solidariedade.

– Quem o matou? – perguntou sua mãe.

– Carlos Ledher Rivas – respondi com tom seco e aéreo. – Mas fique tranquila, pois ele também morre hoje.

No fundo do meu coração, eu esperava que meu *Patrón* assim decidisse.

– Mas como, se ele é sócio de Pablo? – replicou a mulher.

Eu não respondi mais nada. Entreguei-lhe um dinheiro, que inicialmente ela e as irmãs de Rollo rejeitaram, e fui embora.

Antes de sair para cumprir minha missão, encontrei-me com Carlos, que me pediu um quadrimotor, porque desejava dar um passeio pela fazenda.

– Que disse meu general? – ele me perguntou.

– Não se preocupe – respondi –, o general está de acordo com a morte, porque o rapaz já tinha se tornado um problema com seu vício e indisciplina.

Minha dissimulação funcionou e Carlos foi aproveitar seu passeio, mas sem soltar o fuzil. Mais tarde, pediu ao *Patrón* uma propriedade emprestada, onde foi se refugiar com alguns de seus homens, temendo alguma represália de nossa parte.

Enquanto isso, Pablo mandou tirar todas as prostitutas da fazenda e dar a elas um pagamento generoso. Pasquín teve de dar a sua parte à princesa descoroada, já que seu rei não teve a gentileza de fazê-lo.

Simultaneamente, o *Patrón* mandou Pinina entrar em contato com seus aliados: a Polícia Nacional. E mais: mandou Pinina dizer

ao Vermelho, como chamávamos o coronel, que deviam se reunir imediatamente. Na reunião, o coronel disse que algo teria de ser feito, porque, até então, ele não tinha realizado nenhum feito positivo e que, possivelmente, ia ser transferido (ignorava que Pablo, em sua infinita projeção de maldade, já tinha pronta a melhor de suas honras para ele). Então organizou-se a operação, e como se aquele banquete de esbanjamento, poder e luxúria tivesse sido um presságio de despedida, Pablo Escobar entregou Carlos Ledher Rivas à Polícia Nacional da Colômbia, para sua imediata e temida extradição. A mensagem era clara e definitiva: nem chefões nem reis, nem políticos nem policiais podiam tocar nos matadores de Pablo Escobar Gaviria. Então compreendi que, definitivamente, quando minha mente dava os primeiros passos em um pensamento, Pablo já tinha pensado em tudo. Naquela época, senti-me imensamente orgulhoso de meu *Patrón*.

Os contos nem sempre têm finais felizes: no momento da busca e apreensão e posterior prisão, Carlos, acompanhado de alguns da sua escolta, saiu com as mãos ao alto, sem camisa e descalço, levando nas mãos o passaporte que o fazia portador de cidadania alemã, o que não lhe serviu para nada. O presidente da República da Colômbia, Virgilio Barco Vargas, assinou em poucas horas a extradição do primeiro rei mafioso colombiano em declínio: Carlos Ledher Rivas, que, hoje, depois de uma grande condenação, superior à minha, e com uma velhice que já reclama um túmulo, suplica por seu regresso à real e verdadeira terra que o pariu – a Colômbia.

UMA DE TANTAS...

Sangue correndo pelas ruas. Homens, mulheres, meninos e meninas mortos e feridos. Todos inocentes e vítimas de uma guerra que Pablo Escobar desencadeou contra o Estado. Como se fosse

uma pequena réplica daqueles infelizes 6 e 9 de agosto de 1945, quando sobre Hiroshima e Nagasaki caiu o primeiro ataque nuclear. Colômbia e seu cartel de Medellín não seriam exceção nos registros mais macabros da História. Naquele 12 de maio de 1990, às quatro e quinze da tarde, teve início na Colômbia um ataque com carros-bomba que começou em um corredor comercial do bairro Quirigua, na cidade de Bogotá, para continuar em Cali e Medellín. Havia sido declarada guerra ao Estado. O não à extradição era o objetivo do cartel de Medellín, que a cada dia atacava com mais força e menos compaixão.

Cartagena também não foi exceção. Pablo decidiu que aquela bela cidade murada, repleta de turistas que desembarcavam semanalmente de cruzeiros, seria seu objetivo. O escândalo teria alcance global, e assim nossa guerra chegaria a ser conhecida em todo o mundo, o que serviria como pressão para que o Estado firmasse um tratado de não extradição. O problema era entrar com a dinamite na cidade. Um casal não originário de Antioquia seria o protagonista, e a mim, Popeye, caberia a responsabilidade de empacotar a dinamite amoniacal[10] nas maletas de fundo falso. Aquele casal simularia estar em lua de mel e se hospedaria no hotel onde depositaria a dinamite. La Mona e Jorgito, membros do cartel de Medellín e residentes em Bogotá, foram os falsos noivos. Estavam vestidos com roupa apropriada, e levavam maletas e acessórios combinando com um esplêndido Mercedes-Benz com placas de Bogotá que eu consegui para o cartel. Suas carteiras de identidade, obviamente, seriam falsas, já que não poderia haver rastro que os associasse à explosão.

Aquele novo casal, de aparente condição social elevada e com dinheiro suficiente em espécie, iniciou sua missão partindo de Me-

10 Dinamite especial, em que parte da nitroglicerina é substituída por nitrato de amônio. (N. T.)

dellín. Esse trajeto levava de doze a treze horas e era preciso dirigir devagar, em razão da carga de dinamite que transportavam. Antes de entrar na cidade murada, o casal parou em uma pousada, e eu confirmei que tudo estava em ordem. O empacotamento da maleta devia ser muito profissional, não podíamos correr nenhum risco. Dez quilos de dinamite por maleta, perfeitamente camuflados para iludir a inspeção de rotina da Polícia.

Atrás do carro do casal, íamos Pinina, Cuco – o especialista em explosivos do cartel –, a Negra Vilma e eu. Nessa época, as autoridades colombianas já me procuravam, o que me obrigava a ser muito prudente.

Era noite, e aquela cidade com seus encantos convidava a esbanjar. Jorge e La Mona se hospedaram no hotel Hilton. Eles foram treinados em fabricação de bomba. Não podia ser armada em panelas de pressão nem em latas de leite, como já se tinha feito anteriormente, de maneira mais sofisticada. Tinha de ser o oposto: precisava-se armá-la de maneira muito rudimentar, em sacos plásticos de mão e sem estilhaços, para evitar o volume. Enquanto isso, nós já estávamos alojados em um apartamento de descanso do cartel, do qual monitorávamos e apoiávamos toda a operação. Comunicávamo-nos apenas por *beeper*, que era o sistema mais seguro na época, e este tinha sido codificado em números para evitar ser rastreado. Nesse momento, "a cidade de Cartagena encontrava-se sob operação dos extraditáveis".

Mulheres belas caminhavam pelas ruas, praias lotadas, e os desprevenidos norte-americanos recém-chegados não temiam nenhum ataque e estavam dispostos a dar rédea solta à diversão. Os cassinos faziam o de sempre, as ondas do mar estouravam com força e o vento refrescava o corpo dos turistas. Um paraíso! Tanto os promotores do turismo como a imprensa afirmavam que Cartagena jamais seria alcançada pelo terrorismo mafioso.

Enquanto isso, Jorgito e La Mona iam às compras e entravam no hotel com grandes sacolas, para que, desse modo, os funcionários se acostumassem a ver tanto o casal como as sacolas. Eles também tinham a missão de explorar cada canto do hotel para localizar o ponto perfeito para a explosão. Como a bomba não ia ser dirigida, era necessário mais dinamite, a fim de que a destruição fosse maior no momento de acioná-la; além disso, a saída dos integrantes do cartel devia ser muito bem sincronizada, para que conseguissem escapar com vida.

Esse processo nos tomou cinco dias, tempo em que o casal conseguiu localizar um banheiro para que fizéssemos explodir a bomba. A carga já tinha sido distribuída em porções de cinco quilos. Como parte da minha estratégia, eu sabia que devíamos sair do apartamento e da cidade antes de dar a ordem de ativação. Os *beepers* iam e vinham. A hora escolhida foi a do almoço, quando o restaurante estaria lotado. La Mona desceu os pacotes com a dinamite bem compactada. Seria ativada com estopim ou mecha lenta, no dobro da quantidade, por recomendação do especialista, para o caso de alguma mecha se interromper. A agente esquivou-se das câmeras de segurança, mantendo-se atenta à minha ordem. Todos sabíamos que a carga não derrubaria o hotel, mas que a destruição, tanto material como humana, seria grande. Chegou o *beeper* de La Mona. Tudo estava pronto. Dei a ordem de um lugar para o qual havíamos nos deslocado quatro horas antes. La Mona acendeu a mecha, consciente de que só tinha dois minutos para voltar ao quarto.

Fumaça, fogo, mortos e feridos engrossavam a lista de inocentes. A cidade em choque. La Mona… a salvo. Bem no momento da explosão, chamei a Polícia para lhes dizer que havia outra bomba em um quarto. Então eles começaram a evacuar os hóspedes, e entre eles saíram La Mona e Jorgito, sãos, salvos, sem nenhum equipamento,

mas com a missão cumprida, entraram sem problemas no carro rumo a Medellín. Imprensa, rádio, cruzeiros fechados e todo um caos internacional se derivou. O escândalo que os meios produziram foi maior que a verdadeira explosão.

GRANDE CAÇADA!

Nova ordem de Pablo Escobar: sequestro.

Assassino encarregado: Jhon Jairo Velásquez Vásquez, vulgo Popeye.

Vítimas: Andrés Pastrana Arango, Carlos Mauro Hoyos.

Pablo Escobar Gaviria mandou-me sequestrar o filho do ex-presidente da República, Misael Pastrana Borrero, pertencente ao partido conservador e grande opositor do governo da época. Chamava-se Andrés Pastrana Arango e era aspirante à prefeitura de Bogotá. O objetivo era sequestrá-lo, a fim de que seu pai, desesperado por efetuar o resgate do seu filhinho, utilizasse seu poder político para pressionar o presidente Virgilio Barco Vargas, do partido liberal, a abrir a constituinte e, com ela, a não extradição.

Assumi o comando da operação e iniciei meu trabalho de inteligência na cidade de Bogotá. Mandei fazer alguns sobrevoos em um dos helicópteros do cartel, partindo de Medellín, na parte da tarde, para voar sobre Bogotá e regressar novamente aos meus aposentos pela manhã, e, desse modo, começar a socializar o helicóptero para as torres de controle. Os trabalhos iniciais de inteligência fracassaram, já que meu homem, depois de uns dias de estudo do terreno e do personagem, voltou a Medellín para relatar-me que tal sequestro era impossível, dado que o objetivo estava constantemente cercado por um corpo de segurança de cinquenta

homens fortemente armados. Também me disse que seria impossível assassiná-lo, o que me levou a me encarregar pessoalmente da situação. Fui de carro até Bogotá, e, em seguida, ao centro comercial Unicentro, onde comprei roupas típicas de figuras importantes, sem esquecer que terno e gravata deviam ser acompanhados de uma fina fragrância. Deixei para trás meus jeans, camisetas e tênis, vestuário típico do assassino, e no mancebo do hotel deixei também meu boné. Depois, dirigi-me ao lugar onde se encontrava o escritório da minha vítima, muito perto da câmara de Bogotá. Então, surpresa! Meu objetivo contava com apenas sete guarda-costas; os guardas de segurança deixavam as armas largadas nas cadeiras da entrada, enquanto outros dormiam placidamente nos carros encarregados da vigilância e do cuidado da personalidade. Não havia controles de entrada em nenhuma parte, já que, pelo espaço de quatro horas, eu entrei e saí sem nenhum tipo de requisição, registro ou restrição. Então compreendi que aquele assassino de segunda não apenas tinha mentido para mim, mas também que Andrés Pastrana Arango ia ser sequestrado.

Voltei a Medellín por via aérea, relatei ao meu *Patrón* que o personagem era vulnerável, e Pablo disse: "Sequestre-o!". Em seguida, enviei três carros com as armas escondidas para Bogotá. Tanto meus homens como as armas ficariam alojados em umas residências da capital. Eu viajei com oito de meus homens e alojei-me na casa de minha avó materna, onde abafei o caso: disse-lhe que tinha vindo à selva de concreto para tentar uma vaga na universidade. Ela, em sua infinita inocência, alegrou-se por minha decisão e companhia, oferecendo-me seu apoio e carinho.

Os trabalhos de inteligência tiveram início. Devíamos "socializar" um Renault 12, na cor café, atrás do escritório do candidato: tinha de cumprir um horário de rotina, estacionando uns tantos minutos antes

das oito da manhã, para depois sair às seis da tarde, rumo a uma propriedade alugada em Sopó, um município próximo a Bogotá. Desse modo, o carro ficaria muito familiar em ambas as áreas no dia da execução do sequestro. Em nossa rota, o carro devia passar por Hato Grande, a casa dos presidentes, e em algumas ocasiões também devia estudar as rotas alternativas, caso alguma via estivesse fechada para reparos ou devido a um acidente, ou pelos costumeiros engarrafamentos próprios de uma metrópole. O carro já tinha ficado conhecido. Enquanto isso, o helicóptero também cumpria sua rotina, partindo do aeroporto El Dorado e sobrevoando Sopó, em Cundinamarca, de modo que, no dia do ataque, os personagens, já rotineiros nas áreas terrestres e aéreas, não levantassem suspeita e tivessem várias vias de escape. Tudo estava pronto de maneira impecável!

Toyota, Mazda 626 com propaganda alusiva ao candidato, homens elegantemente vestidos e dispostos a ganhar ou morrer, helicóptero, esconderijos prontos para receber o novo hóspede: a hora zero havia chegado. Meu motorista e eu chegamos quase simultaneamente com o Toyota, que já vinha com meu grupo de apoio. Na entrada do escritório havia um policial. Meu motorista parou bem em frente à entrada, abriu a porta para mim e eu saí, como um executivo pronto para sua reunião de alto escalão. Entrei. "Bom dia", disse cordialmente, e o policial correspondeu com tom amável à minha saudação. Não disse mais nada, pois temia que meu sotaque paisa[11] alertasse a segurança. Anunciei-me na recepção e fui enviado ao segundo andar onde fui recebido pela secretária do candidato. Enquanto isso, observei que, assim como em minhas visitas de averiguação, as armas estavam descuidadas e fora do alcance dos escoltas do candidato. Apresentei-me, e a senhorita respondeu-me que eu teria de esperar dez minutos, já que

11 Um dos vários sotaques da Colômbia, particular a quem reside em Antioquia e Medellín, por exemplo. (N. T.)

o candidato estava em uma reunião. Finalmente, minha espera terminou. Foi-me permitido entrar, e expus ao candidato, que me recebeu gentilmente, que eu possuía quase três mil empresas paisas dispostas a apoiar a sua candidatura, mas que ele devia ajudar a comunidade com uma sede antioquiana na capital, e que os aportes para a sua construção deviam ser equitativos, quer dizer, 50/50. O candidato, com ânsia de poder, respondeu que sim, mas que eu devia lhe mostrar meus documentos, nos quais constavam claramente as empresas anunciadas. Combinamos selar o pacto no dia seguinte e marcamos de nos encontrar às cinco da tarde. A sorte estava lançada! Despedimo-nos com um cumprimento de mão, e eu, como um grande executivo, retirei-me, ostentando meu motorista e o grupo de guarda-costas.

Retornei à propriedade e convoquei todo o meu grupo de trabalho para acertar os detalhes finais. O piloto devia me buscar na propriedade no dia seguinte ao sequestro, para logo sermos levados, por via aérea, a Medellín. Estabelecemos a senha. Em uma área específica da propriedade devia haver uma boa quantidade de lenha e gasolina; Icopor ficou encarregado disso. A fumaça indicaria ao piloto sua descida ou regresso, como se fosse a fumaça do Vaticano: *Habemus Papam*. Também mandei que tirassem as armas do esconderijo que tínhamos em uma casa de Bogotá. Chegado o dia 18 de janeiro de 1988, a cidade era cenário da operação dos extraditáveis, comandados por mim, Jhon Jairo Velásquez Vásquez, vulgo Popeye.

Chegou a manhã, e com ela um novo e trágico amanhecer para a política colombiana. A rotina começou a ser cumprida. Helicóptero sobrevoando; Renault 21 e distração posicionados na área já costumeira; armas, homens e carros prontos para agir; víveres, móveis, roupas confortáveis e todos os detalhes próprios de um sequestro de curta ou longa duração. Fui acompanhado de Jorgito, meu motorista, pela rota alternativa número um, para confirmar se estava

em boas condições de tráfego. Parei nas residências da rua 61, onde Pitufo, Cejitas, Palomo, o Negro Pabón e Lenguas estavam alojados; já elegantemente vestidos e armados com metralhadoras mini USI 9 mm, receberam minha ordem de início da operação. Chegamos às quatro e meia da tarde à sede do candidato e, cumprindo minhas ordens, eles sabiam que só poderiam agir quando eu saísse do escritório para pegar os documentos imaginários. Então, apontariam para o policial e o colocariam no escritório, enquanto o restante dos meus homens se encarregaria de imobilizar os guarda-costas para evitar qualquer contra-ataque e, o mais importante, tirar a vítima sã e salva.

Entrei na sede já portando minha pistola Prieto Beretta 9 mm, anunciei-me novamente como o doutor Alexander Álvarez Molina e entreguei minha cédula de identidade, que era plenamente confirmável e constava no Registro Nacional da República. A inocente secretária, muito gentilmente, disse que eu devia esperar, já que a agenda do candidato estava atrasada. Minha respiração estava tranquila e em ritmo normal, e meus pensamentos, absortos em meu objetivo. Eram 17h45. A secretária, com um sorriso nos lábios, informou-me que o candidato me receberia em alguns minutos. Levantei-me da cadeira e disse a ela: "Senhorita, permita-me uns minutos, por favor; vou buscar os documentos para o candidato e volto imediatamente". Ela respondeu: "Com certeza, doutor". Cheguei ao automóvel Mazda, onde esperavam meus homens, e dei a ordem. Voltei ao escritório e, quando comecei a subir a escada que me levava direto ao escritório, meus homens já tinham dominado o pessoal. A algazarra era total.

Tirei minha arma do cinto, apontei para a secretária e observei que o candidato estava falando ao telefone. Imediatamente, pedi-lhe que desligasse o telefone, identifiquei-me como um comandante do

M-19[12] e disse-lhe para ficar tranquilo, que só queríamos enviar uma mensagem para o governo por meio dele, que o comandante Carlos Pizarro León Gómez o receberia nos arredores de Bogotá e que sua integridade não seria afetada. Ainda assim, o candidato, apesar de sua nova condição, na qual já não tinha mando nem poder, tentou argumentar comigo, mas eu tinha claro meu objetivo. Retirei a trava de segurança da pistola, prendi as mãos dele com algemas, coloquei a arma na sua cabeça e aproximei a minha cabeça da dele, até que se tocaram, advertindo-o de que um só movimento errado e morreria no ato. Então, empreendi a saída. Detive-me bem onde desembocava a escada e dirigi-me aos guarda-costas. Dei-lhes o mesmo argumento que ao candidato, e assegurei-lhes que seu chefe voltaria ao fim de duas horas com a mensagem. Também os adverti de que, se tentassem uma resposta bélica, o senhor Andrés Pastrana Arango seria executado no ato. Nesse momento, minha operação contava já com 21 reféns.

Em meio a todo aquele caos, de repente saiu do escritório um homem gritando que estava disposto a fazer uma troca, e que ele poderia trazer a anunciada mensagem. Aquele ousado personagem era Jaime Garzón, famoso humorista colombiano. Obviamente, recusei sua oferta. Saí do escritório com o candidato já rendido e entramos no Mazda 626, que nos levou ao Renault 21, meu carro-espião que já passava despercebido na área. Adverti os reféns para não abrirem a porta, porque tínhamos colocado uma granada na entrada e esta explodiria a qualquer movimento – esse blefe nos permitiria ganhar um pouco de tempo para a fuga. O Toyota e meus homens se dirigiram ao centro da cidade, cumprindo seu trabalho de distração, para logo deixarem-no em algum lugar em que pudes-

12 O Movimento 19 de abril foi uma organização de guerrilha urbana, surgida nos anos 1970, formada por jovens de classe média que se desiludiram com a esquerda tradicional. (N. T.)

sem passar despercebidos entre a população. Logo tinham de iniciar sua caminhada noturna, seguindo a minha ordem de que ninguém voltasse aos lugares que tivessem frequentado. Deviam amanhecer caminhando pelas ruas para logo misturar-se em algum lugar lotado, como um cassino ou um bordel, mas sempre cada um por si e por seus próprios meios.

Com o objetivo já assegurado, dirigi-me àquela área relativamente solitária, onde me esperava meu carro-espião. Jorgito abriu o porta-malas do carro, e lá escondi a minha vítima. Entrei no automóvel e liguei o rádio. As notícias anunciavam o sequestro do candidato à prefeitura de Bogotá Andrés Pastrana Arango. Diziam também que tanto Sijin[13] como Dijin[14], órgãos policiais colombianos daquela época, iam registrar todos os veículos nas ruas. Procuravam um Mazda 626. Eu já circulava pelas rotas alternativas. Soltei a trava de segurança do assento traseiro para me comunicar com meu sequestrado e dizer-lhe que tudo estava perfeito e que nada ia lhe acontecer. Ele tranquilizou-se um pouco mais. Acho que pensar que o M-19 o estava levando lhe dava a força suficiente para saber que, com certeza, não ia ser assassinado. Muito diferente seria se tivesse sabido que os extraditáveis o estavam sequestrando, porque, então, acreditaria que o matariam no ato. Políticos, padres, juízes, policiais, jornalistas e absolutamente toda a população sentiam o pânico e o terror que o cartel de Medellín despertou.

Rodávamos pelas ruas de Bogotá entre sirenes, policiais patrulhando ao nosso lado, notícias no rádio e televisão e a cidade em choque. Da minha parte, já me aproximava do primeiro e único desafio

13 Seccional de Investigación Criminal (Seccional de Investigação Criminal), uma das divisões da Polícia da Colômbia. (N. T.)

14 Dirección de Investigación Criminal (Direção de Investigação Criminal), também uma divisão da Polícia da Colômbia. (N. T.)

previsto: o pedágio para Sopó. Novamente, apontei minha arma na cabeça da minha vítima para dizer-lhe que íamos passar por um pedágio e que ele devia permanecer em silêncio; do contrário, seria muito fácil assassiná-lo no mesmo instante. Ele só perguntava pelo comandante Pizarro. Sem saber, minha vítima passou na prova, já que permaneceu em silêncio. Isso me indicava que passaríamos sem nenhum problema. O bloqueio do Exército, que já cumpria seu trabalho de reconhecimento em mais ou menos dez carros em fila, nos fez sinal para continuar. Avançamos um quilômetro e meio ao longo de uma estrada que havíamos medido previamente, e tomamos nossa estrada particular, que levava à propriedade já preparada para receber nossa personalidade. Uma vez mais, o cartel de Medellín realizava com sucesso um grande sequestro.

Uma vez garantida a área, paramos direto no estacionamento e saímos. Já em calma absoluta, abri o porta-malas, ajudei a minha vítima a sair do bagageiro e conduzi-o a um quarto já arrumado para ele. Retirei-lhe as algemas das mãos, dei-lhe água e disse-lhe para não se preocupar, que o comandante estava a caminho e que a área estava completamente cercada para proporcionar a segurança que ele requeria. Novamente, minha informação falsa surtia efeito. O candidato sentou-se na cama e guardou silêncio, como se disposto a receber seu captor. Pediu-me um rádio de pilhas, e eu o forneci. A imprensa, que sempre tinha sido nossa principal informante, mandava mensagens de ânimo e força ao candidato. Ele, então, desatou a chorar.

A prudente distância do quarto, pedi a Jorgito que retirasse o Renault e o colocasse o mais longe que conseguisse. Também pedi que fizesse uma ligação para a Polícia Nacional, para exigir que retirassem seus reforços imediatamente; caso contrário, o doutor Pastrana Arango seria assassinado. A cidade de Bogotá já estava sob o meu

controle. Minha informação falsa nessa oportunidade também não falhou. A Polícia uniformizada retirou-se das ruas, pensando que o carro ainda estava rodando por elas com um político sequestrado a bordo. Os jornalistas repetiam a notícia várias vezes. A população estava recolhida em suas casas e eu me encontrava só, cara a cara, com o doutor Andrés Pastrana Arango.

Já caída a noite, ofereci um café ao doutor Pastrana e cometi o erro garrafal de falar de política a um político de berço, profissional, culto e analítico. O assunto: guerrilha. Sem saber, tornei evidente minha pouca afeição por esses grupos. Ele compreendeu que eu mentira e perdeu o controle. Voltei a apontar para ele e a tratá-lo com dureza. Disse-lhe que, se não se comportasse de acordo com a situação, voltaria a algemá-lo. Retirei-me do quarto e travei um falso diálogo, para que o personagem compreendesse que eu não estava só, ao mesmo tempo que fazia barulho com a louça. Logo, tomei um comprimido que me manteria alerta e sem sono. Graças a Deus, sempre, sob qualquer circunstância, consegui dormir placidamente. Em meu posto de vigilância, empunhando a minha arma, eu escutava minha vítima soluçando sem parar.

Noite gelada e sem dormir para ambos, captor e capturado. Chegou a madrugada, e o frio característico da região não cessava. Às seis e meia da manhã, entrei no quarto e observei que, apesar da hora, o doutor Pastrana ainda não tinha apagado a luz. Iniciamos um pequeno diálogo enquanto a fogueira, acendida antes, tomava força e lançava o sinal. Poucos minutos mais tarde, ouvimos o helicóptero, e fui pegar meu sequestrado. A prudente distância, pedi-lhe para sentar-se e me mostrasse as mãos, para que eu as algemasse. O doutor me perguntava com insistência quem eu era. O som do helicóptero em voo aproximava-se, anunciando sua aterrissagem. Então, compreendeu que seria transportado em um helicóptero e

gritou: "Exijo que me diga quem é você". Diante de tal persistência, para não dar mais rédea ao assunto, olhei fixamente nos olhos dele e respondi: "Doutor Andrés Pastrana, eu sou Jhon Jairo Velásquez Vásquez, vulgo Popeye, membro do cartel de Medellín. Comunico-lhe que você foi sequestrado por um comando dos Extraditáveis e vai para a cidade de Medellín". Nesse mesmo instante, o doutor Pastrana empalideceu; sentou-se na cama e baixou a cabeça em completo estado de desconsolo.

Aterrissagem de sucesso na propriedade de Sopó. Vendei os olhos do candidato para que não pudesse ver a matrícula do helicóptero.

– Popeye – me disse –, caso a Polícia nos intercepte, por favor, deixe-me falar com eles para que não lhe aconteça nada.

Eu sabia que o astuto doutor tentaria negociar comigo.

– Obrigado, doutor – respondi –, mas o chefe da operação sou eu, e você está sob o meu comando. – Em silêncio, fomos de helicóptero até onde nos esperavam Pablo Escobar e Pinina. Continuamos o voo até o aeroporto José María Córdoba. Rapidamente, por via terrestre, o capturado foi levado a uma propriedade em Rionegro, na Antioquia, onde passou a noite, ainda sem ter visto o *Patrón*, já que tanto a viagem quanto a chegada foram feitas às cegas.

Pablo Escobar e Mario Henao, seu cunhado, ambos encapuzados, iniciaram conversas com o doutor Andrés Pastrana Arango no calabouço, que contava com banheiro particular, televisão, rádio e jornais (eu assisti ao diálogo sem capuz, já que a minha vítima tinha visto o meu rosto). Eles se apresentaram como membros dos Extraditáveis e exigiram que lhes fossem abertas as portas da constituinte, a fim de evitar a extradição de colombianos para os Estados Unidos; em contrapartida, poupariam a vida do doutor Pastrana. Este argumentou que se encontrava em plena campanha política para obter a prefeitura de Bogotá, que estava próxima a se realizar, e

Pablo respondeu-lhe que isso não o interessava, porque quem o faria era seu pai, o doutor Misael Pastrana Borrero, e que se isso acontecesse, ele recuperaria sua liberdade. Durante essa conversa, Mario falou com Pablo e chamou-o de "*Patrón*"; então Pablo riu, tirou o capuz e disse a ele: "Você é bem otário, não? Já me delatou...". Nesse momento, os olhos de Andrés quase saíram das órbitas; ele sentou-se na cama e, quase sem poder falar, deu o telefone de seu pai e de seus familiares, mas não sem antes advertir que o presidente da época, o doutor Barco, era do partido liberal. Pablo comoveu-se; fez abrir a grade e consolou-o. Três horas mais tarde, Pablo e Mario se retiraram.

O governo pronunciou-se e expressou seu repúdio total diante de tal sequestro. O doutor Misael Pastrana Borrero alegava que seu filho tinha sido sequestrado pelo M-19, que quase de imediato negou a ação. Enquanto isso, Pablo Escobar aproveitou esse momento de fragilidade e confusão para, em não mais que três dias, mandar Pinina e o Negro Pabón sequestrarem, juntamente comigo, o procurador da nação, o senhor Carlos Mauro Hoyos.

Pinina e eu começamos nossos trabalhos de inteligência. Recebi a informação de que o doutor Hoyos viajaria para Medellín, com retorno a Bogotá previsto para o dia seguinte, no voo das seis e meia da manhã. Tudo impecável!

A informação foi certeira. No dia 25 de janeiro de 1988, o procurador chegou à cidade de Medellín acompanhado de seu motorista e dois guarda-costas em um belo Mercedes-Benz. Pinina e eu fizemos os trabalhos de seguimento apropriados para o personagem. Quando ele parou no bairro Buenos Aires, eu desci do carro e, enquanto os guarda-costas tomavam um refrigerante, bati dissimuladamente no vidro, para confirmar que não era blindado, o que determinaria o armamento a usar e o *modus operandi*. Com esse personagem em

nossa cidade, tudo seria muito mais fácil. A operação devia ser organizada com bastante cuidado. Sabíamos que só há três rotas para se chegar ao aeroporto José María Córdoba: uma pela avenida de Las Palmas, outra pela rodovia Medellín-Bogotá, e a última por Santa Helena, um pequeno distrito.

Pusemos vigilância em todas as saídas. Chopo, Pinina, Pitufo, o Negro Pabón e eu nos mantivemos em alerta e à espera do procurador. Tínhamos a vantagem de que, qualquer que fosse a via que ele tomasse, todas convergiam para uma rotatória pouco antes do aeroporto. A espera terminou apenas às cinco e meia da manhã, quando um dos vigias de estrada anunciou ter visto nosso objetivo pela estrada para Santa Helena. Saímos de uma propriedade muito próxima ao local, pegamos nossos rifles R15 e 556 e iniciamos a marcha. Nosso Toyota quatro portas tinha potência suficiente para golpear fortemente o Mercedes-Benz e jogá-lo em uma vala, ainda que fosse imprescindível tirar o político do veículo com vida. Também previamos um enfrentamento, caso os escoltas cometessem o erro de responder com fogo, como efetivamente aconteceu. Por isso, quarenta minutos antes tínhamos deixado a caminhonete na direção contrária à do Mercedes.

Chopo, que era o motorista, atirou-se com força contra o carro do procurador e lançou-o na vala, em um movimento perfeito e preciso. Imediatamente, Pitufo e os guarda-costas saíram de seus carros e começou o tiroteio. Um projétil de metralhadora MP5 atingiu Pitufo no peito, matando-o no ato. Nesse momento, nossa resposta foi mais forte, e acabamos matando o motorista e seus dois guarda-costas. Eu corri rapidamente para o Mercedes. O procurador Carlos Mauro Hoyos estava de bruços no chão; agarrei-o pelos ombros, com força. Pitufo sangrava feito um rio bravio. Meus companheiros o colocaram na caminhonete, mas ele já estava morto. Isso me encheu de raiva. Eu disse que ia acabar com aquele velho

miserável, que parecia morto, mas então ele respondeu: "Por favor, estou vivo, não me mate". Eu o observei, e ele só tinha uma ferida pequena no pé direito. Nós o tiramos de sua esplêndida Mercedes para colocá-lo na caminhonete e fugir rápido para um esconderijo na avenida de Las Palmas. Ali o deixamos. Depois, fui procurar um médico da máfia para atendê-lo e poder iniciar um julgamento por traição.

"Colômbia em caos." "Procurador da República sequestrado." "Candidato à prefeitura sequestrado." Os noticiários não paravam de repetir a notícia. O povo colombiano estava em pânico total. Os políticos, pela primeira vez, em absoluto silêncio. O governo tratando de reagir. O Estado tinha claro que se tratava de um ataque da máfia antioquena.

Durante meu deslocamento para a cidade de Medellín, lá pelas dez e meia da manhã, eu ia escutando as notícias, quando, de repente, uma chamada extraordinária: "O doutor Andrés Pastrana Arango acaba de ser libertado. Foi encontrado em uma propriedade em El Retiro, Antioquia". Aviões, carros da Polícia por todas as vias, e o povo colombiano abrigando a esperança de que o Estado conseguira nos vencer. Ao ouvir essa notícia, dirigi-me para onde Pablo estava e contei-lhe a situação. Ele respondeu: "Isso é grave, Pope! Se em um mesmo dia nos tirarem das mãos dois sequestrados tão importantes, estaremos perdidos".

Estradas fechadas. Agora, Exército e Polícia por todos os lados tentando encontrar o procurador. Era claro que estavam em operação pente-fino, quer dizer, olhando um a um, fazenda por fazenda, casa por casa. Medellín estava imersa em caos total. Pablo, que não ignorava a situação, disse-me: "A operação não cairá. Pope, vá ao esconderijo e mate o procurador". Saí imediatamente para cumprir a ordem que me foi dada. Chamei um amigo médico e pedi-lhe que

me desse o nome de algum remédio para o coração; então, fui rapidamente a uma drogaria e o comprei. Segui dirigindo pela avenida de Las Palmas em meu próprio carro; estava desarmado. Dirigia tranquilamente, posto que, naquele momento, minha identidade ainda estava oculta e as autoridades não me procuravam. Quando alcancei o Alto de Las Palmas, o Exército sinalizou com a mão para que eu parasse, e assim o fiz. Comecei a chorar e suplicar que me deixassem passar, que minha mãe estava tendo um ataque do coração, que podiam confirmar com o remédio que eu levava para ela com urgência. Diante das minhas súplicas, o capitão autorizou seus soldados a me deixarem seguir. Minha identidade falsa com o nome de Alexander Álvarez Molina tinha voltado a funcionar.

Três quilômetros adiante ficava a fazenda esconderijo, onde, ao chegar, encontrei o vigilante em pânico pelo acontecido, com o ouvido colado em seu rádio de pilhas. Observei que, a não mais de quinhentos metros, o Exército se aproximava da fazenda. Então, peguei o procurador pelos ombros, tapei-lhe a boca, pedi ao vigilante que me entregasse seu revólver 38 e dirigi-me a um barranco próximo. Uma vez ali, pedi ao procurador que ficasse de joelhos.

– Doutor Carlos Mauro Hoyos – disse –, eu, Jhon Jairo Velásquez Vásquez, vulgo Popeye, o executo em nome dos Extraditáveis pelo crime de traição à pátria.

Em seguida, apontei para ele.

– Quem, diabos, eu traí? – respondeu o procurador como um recurso.

– Todos os nossos concidadãos colombianos que você mandou e quer mandar para os Estados Unidos – contestei e, sem mais palavras, disparei na cabeça dele.

Observei por entre as folhagens que o Exército se aproximava; então, disparei novamente, por garantia; entreguei o revólver a um

camponês que estava na área e pedi-lhe que jogasse aquela arma fora, enquanto eu ia embora montanha acima. Quando já estava quase saindo da fazenda, me dei conta de que minhas calças e a minha camisa estavam manchadas de sangue. Tive de voltar à fazenda, buscar rapidamente uma roupa do caseiro e me trocar. Em seguida, subi na minha Suzuki e empreendi a fuga. Peguei novamente a avenida de Las Palmas e, já voltando, o mesmo capitão do Exército que tinha me visto antes, incrivelmente, não me disse nada. Quando me reuni com Pablo, relatei o assassinato.

– Vá, Pope – ele me disse –, faça uma chamada para a *Caracol*. Diga que é porta-voz dos Extraditáveis e que o procurador da República foi assassinado. Diga também o lugar exato onde está esse velho, assim roubamos o êxito da Polícia pelo resgate de Andrés.

Assim o fiz. A notícia explodiu como uma bomba, e o povo colombiano caiu novamente em desânimo.

Andrés Pastrana Arango voltou ao seio de seu lar são e salvo. Aproveitando a grande popularidade adquirida com o sequestro, o candidato ganhou as eleições. Durante as investigações do sequestro descobriram que Ronco, chefe de um grupo que cuidava de sequestrados, havia tirado o Suzuki, que já passava despercebido na área, praticamente sem vizinhos, e introduzido uma Toyota, com a qual iriam comprar alimentos. Mas antes de ir para a fazenda, Ronco bebeu demais em companhia de policiais, visitou bordéis e fez alarde de seu dinheiro, o que levou a Polícia a pensar que ele era um novo narcotraficante, então o perseguiram. Inspecionaram sua casa e tiveram a tremenda surpresa de encontrar nela não uma cozinha para o processamento de coca, mas sim o candidato à prefeitura de Bogotá, sequestrado por um comando do grupo dos Extraditáveis, ou seja, por mim: Popeye.

Quando a Polícia estava se aproximando para a operação de

busca e apreensão, os rapazes conseguiram fugir, ficando apenas o vulgo, Carro Batido, que pegou o sequestrado como refém. Porém, a Polícia conseguiu convencê-lo a trocar tal refém por um agente. Então, uma vez resgatado o futuro prefeito, Carro Batido empreendeu a fuga. Ao ficar sabendo, Pablo não fez esperar por sua decisão: mandou matar Ronco e seu grupo. Mais tarde o candidato apareceu na televisão e, como era de se esperar, colocou-me em evidência. Esses acontecimentos me deram mais relevância ainda, e comecei a aparecer nos cartazes de “Procurado”. Pablo enviou-me para a Venezuela, onde fiquei refugiado por um tempo, até que a situação esfriasse para o meu lado.

III

Popeye está aqui!

MINHAS BOAS-VINDAS AO CÁRCERE

A primeira vez que cheguei na prisão foi em 1988, por defender meu *Patrón* de uma operação realizada pelo Exército da Colômbia. Fui levado prisioneiro para a prisão de Bellavista, em Medellín; era um presídio sujo, fedorento, onde se impunha a lei do mais forte. Cheguei ali ferido na perna direita por um tiro de fuzil. Fui levado ao pátio 2. Minhas boas-vindas foram cheias de olhares frios, sangrentos e desconfiados, que não desgrudavam dos meus finos tênis de marca, tanto que os roubaram de mim, deixando em meus bolsos o pouco dinheiro que me acompanhava. Essa prisão era um terreno hostil, abarrotado de bandidos brutos, que caminhavam monotonamente, indo e vindo, em um espaço tão reduzido que não mais de cinquenta passos eram suficientes para dar a volta. A única coisa que se ouvia ali era um murmúrio constante de vozes, acompanhadas de um velho e desafinado gravador de fita que permitia ouvir um melancólico tango ao longe.

No interior da prisão não se viam armas de fogo, apenas armas brancas. O pouco dinheiro que levava comigo bastaria para, com

sorte, comprar um bom punhal. Tentava mancar menos, para não mostrar alguma fraqueza. Com as mãos nos bolsos, apertei o dinheiro que me acompanhava: minha única salvação naquele momento. A certa distância, dois presos falavam em voz baixa, um deles se preparando para me atacar. Eu permanecia tranquilo, mas caminhava rápido, olhando para trás e empurrando outros presos. A abordagem era iminente. Tentei escapar deles e entrar no emaranhado de desconhecidos de todas as procedências e classes sociais que davam voltas no pátio. Procurava insistentemente um rosto amigo, mas se não encontrasse, estava disposto a brigar pela minha vida e pelos meus poucos pertences. De repente, uma voz grossa me deteve. "Popeye", me chamaram de longe.

Apertei ainda mais os punhos nos bolsos e me virei para olhar: um homem corpulento, de um metro e oitenta de altura, braços de lenhador, moreno sem chegar a ser negro, pescoço grosso e voz forte me chamava. Era Tyson, "o cacique do pátio", acompanhado de seis de seus guarda-costas.

– O que aconteceu com você? – me perguntou.

– Quem é você? – respondi, um tanto na defensiva.

– Sou seu amigo – disse, dando-me um abraço. – Pope, estávamos procurando você agora mesmo; recebemos uma ordem da rua para protegê-lo e ajudá-lo.

Já não via mais meus perseguidores em nenhum lado. Os demais presos já não me olhavam com curiosidade e, sim, com respeito. A notícia se espalhou como pólvora: "Popeye está aqui!".

Naquela época eu já tinha um nome, uma reputação nas ruas como assassino e homem de confiança de Pablo Escobar. Isso também era sabido na prisão. Mas uma coisa é matar a tiros e outra muito diferente é matar usando uma faca: para brigar com faca é necessário ter experiência e, digamos, uma habilidade natural.

Tyson levou-me a sua cela, onde me deu de comer e beber. Conseguiu um moletom para mim, e, por fim, pude deixar para trás meus jeans furados e ensanguentados. A ferida na perna era dolorosa, mas me permitia caminhar. Um enfermeiro dos presos me fez uns curativos e caí exausto na cama de Tyson. Acho que dormi das seis da tarde daquele dia até às seis ou sete da manhã do dia seguinte. Quando me levantei, os homens de confiança de Tyson estavam cuidando de mim. Pedi-lhes que fizessem o favor de chamar seu líder. Quando perguntei a Tyson quem era o meu benfeitor, ele respondeu que era Pinina. A partir daquele dia, fizemos uma grande amizade.

Comecei a explorar o pátio, sempre acompanhado de Tyson ou de seu pessoal. Os demais presos me saudavam, abrindo-me passagem. O segundo pátio era um lugar com mais de quinhentos homens, parecido com um mercado persa, com uma música diferente em cada canto. O burburinho dos presos era alto. Uns jogavam futebol, outros fumavam maconha. Cada um em seu canto, mas separados em grupos diferentes. Eu estava bem, porque Tyson controlava todo o pátio, juntamente com dois de seus irmãos e Chepa, um bandido duro e sanguinário como poucos naquele lugar.

De repente, um belo dia, alguém gritou a plenos pulmões: "Popeye! Estão procurando você". Calmamente, fui ao encontro de quem gritava por mim, e ele me apontou Pinina. Dei um *ticket* ao porta-voz e corri para abraçar meu grande amigo. Atrás dele vinha Tyson. Pinina agradeceu a Tyson e deu-lhe um dinheiro que Pablo Escobar tinha enviado. Tyson o pegou e o passou entre o seu pessoal.

– Em três dias você está livre – me disse Pinina. – O *Patrón* já acertou tudo e está esperando você.

Logo nos despedimos. Pinina, muito contente, disse a Tyson em tom de promessa:

– Vou tirar você daqui, e assim que estiver fora, te levo para trabalhar para Pablo Escobar.

Os olhos de Tyson saltaram de alegria e ele me abraçou efusivamente, sob o olhar malicioso dos outros presos.

Minha figura, para ser sincero, nunca despertou maior temor. Ali, sem Tyson, fiquei perdido, mesmo sendo Popeye. De todo modo, naquela época eu já era um dos homens importantes de Pablo Escobar. Com certeza, todos se lembravam do sequestro do doutor Andrés Pastrana Arango ou do assassinato do procurador da República, o doutor Carlos Mauro Hoyos Escobar.

As palavras de Pinina se tornaram realidade: em três dias já estava chegando meu documento de liberdade. Despedi-me de Tyson e de seu pessoal, com a promessa de voltar para vê-los. Esvaziei meus bolsos e saí sem olhar para trás. Então, experimentei pela primeira vez o que era a felicidade verdadeira: a liberdade é realmente algo apoteótico. Pinina foi me buscar com seus homens e levou-me ao *Patrón*. Contei-lhe minha odisseia e lhe agradeci pelo apoio; também falei de Tyson e de seu pessoal, e o próprio *Patrón* mandou que lhes arranjasse a fuga o mais rápido possível. Com Pinina e um contato de Giovanni Lopera Zabala, vulgo Pasarela, fomos ao presídio de Bellavista e, em pouco tempo, Tyson e seu pessoal já estavam nas ruas trabalhando para Pablo Escobar. Tyson, com o passar dos dias, acabou se tornando um dos melhores assassinos do *Patrón*, junto com seu irmão, conhecido como La Quica.

A segunda vez que estive na prisão foi no final de 1989. Dessa vez, fui capturado na fronteira entre Tijuana e San Diego, nos Estados Unidos, em uma operação de rotina da Polícia de imigração daquele país. O avião com destino a Miami entrou na pista, mas, de repente, parou e começou a voltar para o aeroporto. A comissária de bordo abriu a porta e imediatamente entraram numero-

sos agentes de imigração, solicitando passaportes e vistos. "Ai, estão atrás de mim!", disse para mim mesmo. Tirei meu passaporte com a identidade falsa de Alexander Álvarez Molina, com a qual eu trabalhava por aqueles dias. Quando os oficiais o solicitaram, fui o único algemado no ato, o que me alarmou muito mais. Os outros ilegais desceram livremente do avião; eram quase cem. Uma vez algemado, vi com certo alívio que, fora do avião, os demais imigrantes também estavam algemados.

Chineses, equatorianos, mexicanos, brasileiros, colombianos, africanos – todos se defendiam em seu idioma e com os argumentos que conseguiam. Eu apenas permanecia em silêncio e olhava ao redor. Eles nos levaram para a prisão de imigração de San Diego. Nesses momentos e nesses lugares, não apenas a realidade e o tempo param, mas também se sente um pânico e uma inquietação incomparáveis. Meu principal medo era que descobrissem que eu era o Popeye, pois os homens de Pablo Escobar estavam entre os mais procurados do mundo. A prisão para a qual nos conduziram não era nada do outro mundo, mais parecia um colégio. Zero pressões, zero perigos. Os guardas me chamavam por meu nome falso. Passei pelos controles da Interpol, levaram-me até a mesa de um tipo sério, com cara de poucos amigos, que nem sequer teve a delicadeza de me olhar no rosto. Só pegou as minhas digitais e me mandou sair dali. Se aquele ingênuo tivesse prestado atenção, teria se dado conta de que eu era procurado em meu país e em todo o mundo com circular vermelha da Interpol.

Atrás da sua mesa, colado na parede de seu escritório, estavam a minha foto, a de Pablo Escobar e a de muitos outros bandidos que eram procurados no céu e na terra naquele momento. No entanto, como a foto era muito velha e, além disso, eu estava com outra cor de cabelo e sem bigode, era difícil me reconhecer. O *Patrón* tinha

me ensinado que não se deve nunca olhar um policial nos olhos: "São como cachorros bravos", dizia; "se os olha fixamente, cedo ou tarde, eles acabam indo pra cima". Já os mexicanos que me haviam passado pela fronteira estavam me esperando; eram uns amigos do meu *Patrón* que se dedicavam a esse tipo de arranjo. Pagamos cinco mil dólares de fiança e eu já estava do lado de fora. Outra liberdade, outra felicidade apoteótica! Parti para Miami com seis meses de licença e a ordem de me apresentar a um juiz nessa cidade. Meu objetivo era comprar para Pablo Escobar uns mísseis Stinger terra-ar que ele precisava, mas a verdade é que nem me apresentei ao juiz nem pude encontrar os famosos Stinger. Segui meu caminho e voltei à Colômbia sem maiores contratempos.

A terceira vez que entrei na prisão foi em julho de 1991. Dessa vez, a história foi completamente diferente. Era nada menos que La Catedral, uma prisão construída por meu *Patrón* ao seu gosto e capricho.

ESCOBAR: O HOMEM QUE DECLAROU GUERRA AO ESTADO

Nada é de graça na vida, e La Catedral não foi exceção à regra. Custou ao Estado colombiano uma guerra brutal com quinhentos e quarenta policiais assassinados nas ruas de Medellín e mais de oitocentos feridos. Todos inocentes! A morte do ministro da Justiça, doutor Rodrigo Lara Bonilla, em 30 de abril de 1984; o atentado ao também ministro da Justiça, doutor Enrique Parejo González, em 13 de janeiro de 1987, em Budapeste, do qual ele saiu com um tiro na mandíbula e conseguiu sobreviver milagrosamente; a morte do candidato à presidência da República da Colômbia, doutor Luis Carlos Galán Sarmiento, em 18 de agosto de 1989; o assassinato do comandante da

Polícia de Medellín, coronel Valdemar Franklin Quintero, no mesmo 18 de agosto de 1989. Tudo isso acompanhado de duzentas e cinquenta bombas detonadas em todo o país, incluindo uma no avião comercial Boeing 727-21, da Avianca, em pleno voo, com cento e sete passageiros a bordo, em 27 de novembro de 1987. Todo esse rio de sangue justificou La Catedral de Envigado, um presídio supostamente de alta segurança que foi entregue a Pablo Escobar em troca de sua submissão à justiça, juntamente com seus lugares-tenentes: nós.

Naquela guerra sem quartel contra as forças do Estado, nós também perdemos muitos homens e mulheres, amigos, familiares e membros importantes da organização, como meu grande amigo Pinina. Sem dúvida, ele era o mais inteligente de todos nós. Media um metro e sessenta e oito de altura e sempre andava muito bem arrumado. Com sua tez branca, seu olhar desconfiado e seu característico sorriso de filhinho de papai, era uma pessoa especial. Nós o chamávamos de Pinina porque, desde criança, seu cabelo comprido e sua voz estridente o faziam parecer-se com Andrea del Boca, uma atriz argentina que interpretava uma menina chamada Pinina. Esse homem era um bom assassino, hábil para dirigir e recrutar rapazes das comunas e dos bairros pobres para o crime. Pinina passou do magnicídio ao carro-bomba ao crime coletivo. Um líder nato e nocivo para a sociedade, não tinha qualquer espécie de vício; apenas tomava um pouco de conhaque que trazia sempre consigo em um cantil de bolso. Excelente motorista para os trabalhos da máfia. O *Patrón* o apreciava e confiava muito nele, e eu ganhei o carinho e a confiança de Pinina obviamente antes da graça do próprio Pablo Escobar.

Pinina sempre atirava na cabeça, sem desviar o olhar; era um homem valente, decidido e leal. Tinha surgido da miséria do bairro Lovaina, em Medellín, um lugar em que as mulheres camponesas

que para lá migraram ofereciam-se aos moradores da cidade por alguns trocados. De família pobre, filho da violência e da ira, Pinina foi um homem forjado a sangue e fogo. Chegou por méritos próprios às hostes de Pablo Emilio Escobar Gaviria e acabou seus dias morto pelas mãos da Polícia, em um apartamento do bairro El Poblado, em Medellín, quando tinha apenas 29 anos. Foi delatado por sua empregada doméstica, que o fez para receber a recompensa de cem milhões de pesos que eram oferecidos por sua vida. A empregada não sofreu nosso castigo, já que o *Patrón* atribuiu a delação a *don* Germán e a seu filho, empregados de confiança de Pinina, os quais foram assassinados com requintes de crueldade poucos dias depois do ocorrido. Lamentavelmente, aqueles dois homens eram inocentes.

Só dezessete anos depois, já na prisão, eu fiquei sabendo a verdade sobre aquela história, pela boca do próprio Miguel Rodríguez Orejuela. Ele contou-me que, às nove da manhã do dia 14 de junho de 1990, a Polícia chegou ao apartamento, no terceiro andar de um edifício, onde Pinina vivia com sua mulher e sua filha de seis meses. Pegaram-no de surpresa e chegaram a feri-lo dentro de sua residência. Ferido, ele atirou-se daquela altura ao estacionamento do prédio, onde foi arrematado a tiros. Esse foi um duro golpe para nós; ocorreu poucos meses depois de eu ter entrado no presídio de La Catedral. Certamente, por não ter saído nos cartazes de "Procurado" que foram publicados em todos os lugares naqueles dias, Pinina baixou a guarda, sentindo-se confiante. Foi uma dura notícia, dada pelo general Gómez Padilla: "Foi dada baixa em Jhon Jairo Arias Tascón, vulgo Pinina". Em resposta, um carro-bomba com oitenta quilos de dinamite explodiu no bairro El Poblado, deixando quatro mortos, noventa feridos e perdas materiais calculadas em mais de um bilhão de pesos. Assim era aquela guerra: olho por olho, dente por dente.

Também foi executado Gustavo Gaviria Riveros, sócio e primo-irmão do *Patrón*. Ele foi morto pela Polícia Nacional em 12 de agosto de 1990. Esse golpe, como muitos sabem e contam, também foi duro para o *Patrón*; contudo, ele sempre se mantinha muito forte. Já, antes, havíamos sofrido outro golpe brutal: a morte de Gonzalo Rodríguez Gacha, vulgo Mexicano. Essas baixas foram debilitando paulatinamente o cartel de Medellín e empoderando os inimigos de Pablo e de *don* Jorge Ochoa. Os mafiosos calenhos celebravam cada golpe que recebíamos. O cartel de Cali tinha convencido Jorge Velásquez, vulgo Navegante, a entregar Mexicano em troca de dinheiro. Sua morte devolveu a esperança a um país que estava praticamente tomado pela máfia. Em 19 de dezembro de 1989, na fazenda El Tesoro, localizada entre Coveñas e Tolú, caíram Gonzalo Rodríguez Gacha e seu filho Freddy Gonzalo, depois de uma perseguição com helicópteros coordenada pelas diversas forças armadas da nação.

INIMIGOS POR UMA CONFUSÃO DE MULHERES

Naqueles dias, outro grande amigo e sócio de Pablo foi executado pelos calenhos, em um hotel no Panamá. Tratava-se de Jorge Elí, o Negro Pabón, outro assassino de aluguel. Pabón começou com o *Patrón* desde que eram muito jovens; foi outro grande amigo que tive na organização, na época do começo da guerra entre o cartel de Cali e o de Medellín. O *Patrón* apreciava o Negro Pabón, sabia que era um bandido bruto como ele, um homem frio diante do perigo, mas também muito rápido na ação. Negro era um personagem profundo, também saído da pobreza do bairro Aranjuez, de Medellín. Não conhecia o medo; seu caráter fora forjado na prisão e nas ruas mais violentas. Viajou para os Estados Unidos e lá foi detido por

carregamento de cocaína; uma vez na prisão norte-americana, tornou-se amigo de Alejo Piña, outro bandido e traficante de drogas da cidade de Cali, com quem compartilhou parte de sua sentença.

O Negro Pabón defendia seu amigo de outros prisioneiros de qualquer forma: com tiros, punhal ou até mesmo de mãos limpas. Com um metro e setenta e seis de altura e corpo musculoso e ágil, ele era capaz de mover-se em qualquer terreno. Depois de cumprir oito anos de prisão nos Estados Unidos, Alejo Piña foi libertado. Ao se despedir do amigo, Alejo colocou-se à disposição para qualquer coisa que ele precisasse, e Negro, seguro da amizade que tinham construído durante os longos anos de presídio, pediu-lhe que fosse a Medellín para ver se estava tudo bem com a sua mulher. Alejo despediu-se de seu grande amigo e protetor e saiu da prisão para desfrutar de sua liberdade, e Negro não soube mais nada sobre ele. No ano seguinte, quando saiu da prisão, Negro dirigiu-se a Medellín, em busca de sua mulher e de seu grande amigo de juventude e benfeitor, *don* Pablo Escobar, que o ajudou com algum dinheiro, para que ele pudesse aproveitar a recuperada liberdade em sua amada cidade montanhesa.

Em um domingo qualquer, o Negro Pabón foi ao estádio de futebol para ver uma partida entre seu time do coração, o Deportivo Independiente Medellín, e seu eterno rival, o Atlético Nacional. Não levava escoltas; estava apenas se acomodando à sua nova vida ao ar livre. Ao sair do estádio, entrou em seu Mercedes-Benz esportivo e dirigiu rumo a El Poblado. Na estrada, foi interceptado por dois homens em uma moto, um dos quais atirou nele. O Negro manobrou espetacularmente e saiu da briga, fugindo com quatro balas no corpo. Como não levava pistola, não pôde contra-atacar. Por sorte, nenhum tiro foi mortal; só um lhe havia afetado um braço, enquanto os outros disparos tinham entrado e saído de seu corpo sem maiores consequências. Negro não foi ao hospital, mas buscou refúgio em

um esconderijo de Pablo. Depois, um médico particular foi até lá e constatou que a ferida do braço não era grande coisa, assim como as outras três. No dia seguinte, o Negro apresentou-se onde o *Patrón* se encontrava, em El Bizcocho, um esconderijo na parte alta de El Poblado, para contar-lhe o acontecido.

Naquela época, a perseguição ainda não era tão forte. Escobar movia-se de forma semiclandestina, pagando modestas somas de dinheiro às autoridades locais. *Patrón*, ao se inteirar dos graves acontecimentos do dia anterior, mandou procurar os assassinos que tinham ousado atentar contra seu amigo de juventude. A notícia correu pelos bairros, e todos fomos em busca dos pistoleiros. Uma coisa era clara: aqui se estava atacando frontalmente o próprio Pablo Escobar e toda sua estrutura. Se atiravam no amigo dele, podiam atirar em qualquer um de nós, incluindo o próprio chefão. Esse era um assunto que não se podia ignorar.

Depois de dez dias capturamos um dos pistoleiros no bairro Castilla, de Medellín. O próprio Pablo e o Negro Pabón o interrogaram cara a cara e nem sequer tiveram de torturá-lo. Ao ver o *Patrón*, o homem contou tudo.

– Senhor, um amigo do bairro Aranjuez nos contratou – foram suas primeiras palavras.

Seguiu a pergunta obrigatória:

– E como se chama esse seu amigo?

Fabio (era esse o nome daquele pistoleiro) respondeu com o nome de quem lhe deu a ordem, dando-nos sua localização exata. Às doze horas, aquele que contratou os pistoleiros para o atentado contra Pabón estava de pés e mãos atados diante de Pablo e de Negro. Era um homenzinho assustado e temeroso que negava tudo, de modo que sua tortura foi brutal. Cansado da dor, o homem capturado soltou essa pérola:

– Quem me contratou foi Alejo Piña! Eu não sei mais nada além disso.

Com um olho arrebentado, a cabeça fortemente golpeada e um braço quebrado em várias partes, recebeu um tiro certeiro que trouxe alívio à sua desesperada situação.

Mas por que Alejo Piña? – Essa era a nova pergunta de um milhão.

O Negro deslocou-se para Cali para falar com seu amigo Pacho Herrera, o patrão direto de Piña e quarto no comando no cartel de Cali. Enquanto isso, o outro pistoleiro que faltava encontrar foi localizado pela gente do Negro Pabón e sofreu a mesma sorte de seu companheiro: foi executado a tiros. Esses três pobres diabos, no fim das contas, importavam nada. O importante era ir a fundo no assunto e descobrir quem estava por trás do atentado. Em cinco dias, Negro voltou de Cali, trazendo uma resposta que mudaria para sempre o rumo das coisas. Acontece que Alejo Piña, quando saiu da prisão, foi visitar a mulher do Negro, já que este lhe pedira que o fizesse. No entanto, este homem, sem pensar duas vezes, decidiu viver com ela e se tornaram amantes. Quando Negro saiu da prisão, Alejo distanciou-se de Flaca, como a chamavam, e planejou friamente o assassinato de Pabón, para tirá-lo do caminho. Parecia estar tudo muito claro, mas as coisas se complicavam ainda mais.

O Negro Pabón visitou sua mulher, para dar-lhe uma surra pelo que aconteceu. Gritou tudo na cara dela e advertiu-a de que poderia matá-los, ela e Alejo Piña, por aquela traição. La Flaca avisou seu amante, que fugiu para Nova York, apavorado, tentando se salvar das garras do Negro Pabón. Aparentemente, a história não passava de uma simples confusão por um rabo de saia, mas para Pablo Escobar algo não se encaixava naquilo tudo. Ele não estava convencido de que *don* Pacho Herrera, o patrão de Alejo Piña, não soubesse que seu homem planejava atentar contra o Negro Pabón. Era um

assunto muito sério, muito delicado, coisas demais estavam em jogo.

Hélmer Herrera Buitrago, vulgo Pacho Herrera, não era um homem qualquer; era um narcotraficante de grandes ligas, que enviava dúzias de toneladas de cocaína todo ano para os Estados Unidos. Homem perigoso, estabelecido em Cali, sócio dos outros três pesos-pesados do cartel dessa cidade: os irmãos Gilberto e Miguel Rodríguez Orejuela, e José Santacruz Londoño, chamado *don* Chepe. As coisas começaram a ficar tensas. O Negro Pabón separou-se de La Flaca e a deixou seguir sua vida, sem causar-lhe nenhum mal, e Alejo Piña também se afastou da mulher pela qual tinham brigado e passou a dedicar-se a fazer dinheiro no exílio, preparando-se para sua guerra contra o Negro Pabón. Mas então aconteceu outra coisa que veio a complicar ainda mais as coisas entre os cartéis.

Fazia seis meses que havíamos sequestrado e matado Hugo Valencia, um perigoso narcotraficante de Cali. Fora um favor realizado por solicitação direta dos irmãos Rodríguez Orejuela. Hugo Valencia, em guerra com Miguel Rodríguez, foi refugiar-se em Medellín em uma de suas saídas de Cali. Bastou uma ligação para que Pablo concordasse em tirar do caminho o perigoso inimigo dos irmãos Orejuela. Nós o localizamos prontamente, o sequestramos, tiramos dele quatro milhões de dólares e logo o assassinamos, com Pinina e o pessoal do Chopo. Até aí, tudo bem: Hugo Hernán Valencia estava morto. Mas o destino parecia estar confabulando para consolidar uma guerra mortal entre os bandos mais notórios da máfia colombiana.

Nos anos 1985 e 1986, os cartéis de Cali e de Medellín uniram-se para buscar a liberdade de alguns de seus mais importantes membros presos fora do país: *don* Gilberto Rodríguez Orejuela, pelo de Cali e *don* Jorge Luis Ochoa Vásquez, pelo de Medellín. Ambos haviam sido detidos na Espanha, quando viviam refugiados naquele

país, levando uma vida de esplendor e luxo. Aquela história começou no fim de 1984. Fugindo da perseguição que o governo desatara contra a máfia pelo assassinato do doutor Rodrigo Lara Bonilla, ministro da Justiça, *don* Gilberto Rodríguez Orejuela e *don* Jorge Luis Ochoa Vásquez foram encarcerados em presídios de alta segurança na Espanha, como o Carabanchel.

Estando lá reclusos, os Estados Unidos solicitaram sua extradição. A máfia colombiana utilizou todo o seu poder monetário e começou uma forte tentativa de trazer os dois chefões para a Colômbia. Os norte-americanos, por sua vez, também tentaram inclinar a balança a seu favor, sobretudo em relação a Jorge Ochoa. Em julho de 1986, ambos os chefões receberam a grande notícia de que seriam deportados para a Colômbia e decidiram fazer um pacto. Como o empenho entre os governos tinha sido brutal e houve muita publicidade, os norte-americanos estavam feridos em seu orgulho: sua extradição ia ser na Colômbia. Tudo isso foi conseguido graças ao governo espanhol, especificamente alguns funcionários da Justiça, que ficaram com trinta milhões de dólares da máfia colombiana. Nada é grátis neste mundo.

O pacto era sagrado e consistia no seguinte: um não sairia da prisão antes do outro. Na Colômbia, os dois sairiam no mesmo dia. Isso foi planejado de forma a evitar que, com o escândalo, se um dos dois saísse livre, o outro acabasse sendo extraditado por via administrativa em questão de horas. Os norte-americanos e o governo nacional mantinham os dois chefões nas prisões colombianas, com processos de pouca importância, e, enquanto isso, tentavam por todos os meios obter sua extradição. *Don* Jorge Ochoa descumpriu o pacto: subornou um juiz colombiano e conseguiu sua liberdade em primeira instância. *Don* Gilberto soube que tinha sido traído e, por pouco, não foi extraditado. Mesmo assim, em poucos dias também saiu da prisão.

Em novembro de 1987, *don* Jorge Ochoa viajou para Cali, para fazer as pazes com seu amigo, e este o recebeu no hotel Intercontinental. Ali celebraram a liberdade e, supostamente, se reconciliaram. *Don* Jorge Ochoa saiu rumo a Medellín e, em Palmira, Valle, foi detido por um oficial da Polícia Nacional, amigo de Gilberto Rodríguez Orejuela. Seu passeio em um belo Porsche 911 branco ia lhe custar caro. De novo, Jorge Luis Ochoa encontrava-se às portas de uma extradição. Do Valle del Cauca, foi transferido para Bogotá – sua viagem para os Estados Unidos parecia iminente.

A embaixada norte-americana reunia todas as suas armas.

O cartel de Medellín também.

Nesse ínterim, aconteceu algo que, definitivamente, deflagrou a brutal guerra entre os cartéis de Cali e de Medellín. Pablo Escobar chamou seu amigo Miguel Rodríguez Orejuela para pedir-lhe que devolvesse o favor da morte de Hugo Hernán Valencia. Meu *Patrón* pediu-lhe que ajudasse a localizar Pacho Herrera, em Cali, e que recebesse um pessoal nessa cidade para assassinar esse poderoso chefão – isso Pablo Escobar fez pelas costas do Negro Pabón, já que o Negro se recusava a acreditar que Pacho Herrera tivesse algo a ver com o seu atentado, pois sempre haviam mantido uma grande amizade. O *Patrón* tinha claro que, para poder chegar a Alejo Piña, primeiro devia tirar o apoio financeiro e militar que ele recebia de seu grande chefe. Os irmãos Rodríguez Orejuela reuniram-se e foram a Pacho Herrera contar-lhe as intenções de Pablo Escobar. Aquele foi seu grande erro: os Rodríguez esqueceram-se do apoio de Pablo Escobar e da família Ochoa quando sua situação era complexa na Espanha; esqueceram-se também da ajuda no caso de Hugo Hernán Valencia. Estavam rompendo seus pactos.

Pacho Herrera era sócio nos carregamentos de drogas dos dois irmãos. *Don* Jorge Luis Ochoa teve sorte e, em troca de uma grande soma de dinheiro, saiu da prisão em 31 de dezembro de 1987, em meio a uma tempestade de críticas da imprensa nacional e da embaixada norte-americana. *Don* Jorge escondeu-se na infraestrutura de Pablo Escobar e confirmou ao *Patrón* o que já se suspeitava: quem o traíra fora Gilberto Rodríguez Orejuela, esse era o homem que tinha concordado com sua captura pela Polícia Nacional. Os fatores para começar a guerra foram dados, as cartas estavam postas sobre a mesa. Em Cali, uniram-se Gilberto e Miguel Rodríguez Orejuela, Hélmer Herrera, o Pacho Herrera, e José Santacruz Londoño, vulgo *don* Chepe. Em Medellín, uniram-se o clã Ochoa, composto por Jorge Luis Ochoa, Fabio Ochoa, Juan David Ochoa, Jhon Frei Dell e José Orejas, e outros pesos-pesados, como Mexicano, Gonzalo Rodríguez Gacha, Pablo Escobar Gaviria e os clãs Galeano Berrio e Moncada, que também fizeram coalizão com eles. Dessa forma, em janeiro de 1988, teve início uma guerra mortal entre os dois grupos poderosos – uma das mais sangrentas guerras entre a máfia de toda a história da Colômbia.

LA CATEDRAL: UMA IMITAÇÃO DE PRISÃO

La Catedral era o nosso maior prêmio. A essa altura, tínhamos perdido assassinos como Pitufo e uns duzentos anônimos que também matavam para a nossa organização. Finalmente encontraríamos um lugar de descanso. Este era o local adequado para recobrarmos as forças e nos financiarmos de novo. A sensação de chegar a La Catedral em nada se parecia com a que tive quando entrei na prisão de Bellavista. Lá eu estava ferido, sem saber o que ia encontrar. Quando alguém chega a uma prisão tão complexa como essa,

mil coisas lhe passam pela cabeça; no mundo do crime fazemos inimigos muito poderosos, e na prisão nos encontramos com eles frente a frente, e o risco é sempre daquele que está chegando. O que já está lá tem armas, gente e poder, ou seja, tem um conhecimento prévio. É uma briga de burro amarrado com tigre solto, como dizem por aí. Os bandidos mais experientes da prisão costumam levar um punhal no ânus, protegido por um pequeno tubo para burlar as inspeções dos guardas penitenciários. Esse punhal pode ser a diferença entre a vida e a morte para qualquer prisioneiro.

Todas as prisões têm uma porta grande que recebe os réus; é a entrada para o grande monstro. A revista da guarda inicial é pesada, com nudez completa, em busca de punhais e droga. Depois vem a designação de pátio, de acordo com o delito pelo qual o detento chegou e com o grupo delitivo a que pertença. A entrada ao pátio é traumática, mas não se pode demonstrar medo. Uma das coisas básicas que se aprende nesses lugares é que o maior opressor do preso é o próprio preso. Cada prisão tem um cheiro característico, mas as celas sempre são nauseabundas. É como se a pestilência da morte e do crime rondasse pelo ar e viesse de seu próprio espírito.

A prisão de Bellavista era velha, cheia de histórias e mortos. Lá adquiri uma boa experiência graças ao apoio de Tyson, do *Patrón* e de meu amigo Pinina. A prisão transmitia uma energia muito ruim; só de entrar e pisar no pátio já se estava cansado. Havia casos muito complexos: condenados de 40, e até de 60 anos de idade, reclusos com condenações que somavam até cem anos – são criminosos que cometeram assassinatos dentro do presídio e já não podem acumular mais sentenças; bandidos puros, que passam a vida pensando o tempo todo no mal. No ar, respira-se o ódio, a dupla moralidade, o engano, a mentira e a traição. Vive-se a cada momento o risco de uma punhalada, assim como o alerta máximo de possíveis refeições

envenenadas. Tudo isso cria um ambiente péssimo e difícil de suportar. Também rondam os arruaceiros, caçando briga o tempo todo, e, claro, também há a luta pelo controle do pátio e a briga constante com os guardas por qualquer coisa.

La Catedral foi, portanto, um paraíso para nós: lá dentro éramos todos amigos. Suas instalações proporcionavam tudo de que necessitávamos para uma vida de luxo e conforto.

A poucas horas da entrega de Pablo Escobar para ser "encarcerado" em La Catedral, a Assembleia Nacional Constituinte proibiu a extradição. Encontrávamo-nos protegidos por nossos próprios homens e também pelo Exército; dificilmente poderíamos estar melhor. A maior exigência de Pablo Escobar para submeter-se à justiça não foi La Catedral em si; ele exigiu que, na convocação da Assembleia Nacional Constituinte, a Constituição Nacional fosse alterada e se proibisse de maneira definitiva a extradição de colombianos para os Estados Unidos.

O clã Ochoa submeteu-se à Justiça antes de nós. *Don* Jorge o fez em janeiro de 1991, depois se entregaram seus irmãos. A garantia deles era Pablo Escobar Gaviria e nós, seus lugares-tenentes. O governo do doutor César Gaviria expediu uns decretos para facilitar a submissão à Justiça do cartel de Medellín, mas a extradição continuava vigente. O clã Ochoa foi levado à prisão de Itagüí; não tinham as nossas comodidades, mas havia um pavilhão exclusivo para eles, onde gozavam de visita diária, boa comida, camas decentes e televisor na cela, assim como de comunicação telefônica vinte e quatro horas por dia. Só havia um problema: a guerra com o cartel de Cali. Pabón, o homem que deflagrou a guerra, saiu do país para uma viagem pela Europa que começaria no Panamá. Lá, fez uma ligação para um amigo, e este o entregou a Alejo Piña. O Negro Pabón foi assassinado por um pistoleiro calenho no *lobby* de

um luxuoso hotel panamenho. A morte do amigo não afetou muito o *Patrón*, mas eu a lamentei bastante. A guerra tinha começado!

Os norte-americanos e a imprensa, tanto nacional como do mundo inteiro, tinham o foco sobre a La Catedral.

Patrón recompôs a organização com o apoio de seu aparato militar nas ruas da cidade. Estavam à frente Mario Molina Castaño, vulgo Chopo; Brances Muñoz Mosquera, vulgo Tyson; Giovanni Lopera Zabala, vulgo La Modelo, ou Pasarela; Carlos Mario Alzate Urquijo, vulgo Arete; e Dairo Cardozo Metaute, vulgo Comanche. O cartel era financiado por traficantes como Alberto Areiza, vulgo Campeón; Gerardo Moncada Cuartas, vulgo Kiko Moncada; Fernando Galeano Berrio, vulgo Negro Galeano e o clã Ochoa. Pablo Escobar enviava constantemente assassinos a Cali. A guerra era mais que um fato. Muitas coisas eram necessárias para gerenciar toda essa organização, incluindo uma comunicação confiável com seus vários membros. Pablo usou o que sempre funcionou para ele: algo simples e prático, como o interfone de La Catedral e o correio humano com cartas cifradas.

Por aqueles dias, *Patrón* também sofreu a baixa de um de seus grandes bandidos: Ricardo Prisco Lopera, conhecido como Richard ou Prisco, este também um filho legítimo da violência, líder incrível de mais de trezentos assassinos do bairro Aranjuez, de Medellín. Ricardo possuía uma mente ágil, ainda que sem ter recebido educação respirava frieza e ferocidade, e estava sempre pronto para a guerra. Leal à causa, de estatura média, branco, um pouco obeso, levava sempre uma pistola à mão e tinha muita lábia. Prisco foi executado pela Polícia Nacional cinco meses antes de nos entregarmos à Justiça, entregue, como em muitos outros casos, por um de seus homens de confiança em troca de uma recompensa milionária. Este novo golpe *Patrón* recebeu em

pé, com firmeza. Era a dinâmica da guerra na qual tínhamos entrado.

La Catedral, rapidamente, tornou-se um mito. Seu terreno escarpado, cravado na montanha, se cobria de neblina das onze da noite às oito da manhã. Desse lugar se controlava a cidade inteira. Lá estava o gênio do mal conosco, seus sequazes. A guerra contra o cartel de Cali não parava; sempre havia um novo desafio a ser superado na guerra contra os nossos inimigos. Todo dia se ordenavam assassinatos e sequestros como parte de nossa estratégia de terror.

Um dos apoios importantes para Pablo e para nós, naqueles dias, era Guillermo Zuluaga, conhecido como Cuchilla; um bandido diferente, elegante, bem-educado e de boa reputação, um homem para trabalhos seletos, que estava envolvido no mundo do futebol e sempre pronto para a ação. Sua especialidade e domínio do inglês o levaram a ser chefe de assassinos nos Estados Unidos da América.

Também perdemos outro membro significativo de nossas forças: La Quica. O irmão de Tyson foi capturado nos Estados Unidos, acusado de terrorismo. La Quica era um bandido sem educação, vindo do bairro Castilla, em Medellín, filho de um ex-policial muito violento. Depois de Tyson, era o mais forte dos três irmãos Muñoz Mosquera. Formavam uma grande equipe de bandidos com Los Chepas. Dandenys Muñoz Mosquera foi acusado de ser responsável pela bomba na aeronave da Avianca, e acusaram-no também de querer atentar dentro dos Estados Unidos contra personalidades importantes daquele país. Foi condenado a passar o resto da sua vida na prisão. La Quica estava fugindo da perseguição em sua terra, tinha escapado pela segunda vez de uma prisão na Colômbia. Do grupo de Tyson, só nos restavam Brances, La Chepa e Tilton.

A guerra estava dura e nos custando nossos melhores homens.

Tilton era um bandido medianamente educado, não tão moreno quanto seus irmãos, com um metro e oitenta de altura, muito forte e corpulento. Mais refinado que o restante do grupo do Tyson, formou-se assaltante de bancos juntamente com seus irmãos. O bairro Castilla é um lugar oprimido de Medellín, de classes baixa e muito baixa. De lá saíram muitos bandidos liderados por Tyson, que lutaram ao lado de Pablo Escobar nas guerras promovidas pelo cartel de Medellín. Tilton tornou-se famoso depois de um assalto a um banco do centro da cidade, quando ficou sem munição diante de um policial que atirou nele; mas ele, com dois tiros certeiros, tirou a arma do policial, assassinou-o e fugiu com o butim e o revólver do agente como prêmio. Esse homem era um verdadeiro bandido. Os três irmãos trabalhavam juntos, acompanhados por La Chepa, e apoiavam-se uns aos outros. Sua mãe, seguidora fiel da religião cristã, levava com frequência a Palavra de Deus à prisão de Bellavista. Era conhecida por ter um grande mausoléu no cemitério de San Pablo, que estava preparado para enterrar todos os seus filhos. Tratava-se de um mausoléu muito peculiar, com música vinte e quatro horas por dia, já que ali já estavam enterrados dois membros da família.

Em La Catedral, a barba proeminente dava a *Patrón* um ar de filósofo, que se acentuava quando a neblina invadia o presídio. Coberto por um poncho, via-se sua figura enigmática andando pelos corredores do lugar como uma alma penada. Silencioso, meditativo, passava as horas da noite dessa forma. Ele sabia que ainda não havíamos triunfado totalmente. Além de nossos outros inimigos, faltava acabar também com um grupo de paramilitares liderado por nosso antigo aliado Henry Pérez. Contudo, em La Catedral, sentia-se um halo de poder e segurança, e a figura de

Pablo Escobar dava sustentação a todos nós. *Patrón*, como sempre, agia de noite e dormia pela manhã. Dia após dia, o lugar pedia mais vida; recebíamos de uma a quinze visitas cotidianamente, todas de bandidos e narcotraficantes. As visitas familiares vinham aos domingos; durante a semana, fazíamos negócios. Pablo Escobar aproveitava seu tempo na prisão recompondo o cartel de Medellín. Inclusive, quando algum bandido do *Patrón* estava em problemas com a Polícia, ia dormir em La Catedral. Chopo o fazia com frequência.

Patrón vivia com toda intensidade, era uma máquina do mal, sendo, ao mesmo tempo, um bom amigo e um bom inimigo. Não descuidava nunca de sua guerra mortal contra o cartel de Cali, e assim a foi perdendo. A aliança de seus inimigos de Cali com os paramilitares, a Polícia e os órgãos de segurança do Estado colocara em apuros o poderoso Pablo e nós, seus lugares-tenentes. O maior apoio tínhamos em homens como Chopo, um bandido mal-educado, bom assassino, acelerado como nenhum outro, um homem que abusava do álcool e da maconha, mas era leal e valente. De cabelo escasso, um pouco obeso, com uma inteligência única, sagaz, branco e medindo um metro e setenta de altura, Chopo era um mulherengo de primeira e não confiava em ninguém. Por qualquer coisa saía atirando para matar. Mantinha sua pistola sempre à mão, e só com o olhar já dizia quem era. Tinha medo da prisão. Era um homem difícil nas relações interpessoais, e, de suas bebedeiras, sempre sobravam mortos e tiroteios.

COMO GATO E RATO

Nossa captura foi o resultado de um acordo entre o Estado, liderado pelo presidente César Gaviria, e Pablo Escobar, com o objetivo de pôr um fim à política de extradição. La Catedral recebeu esse

nome por causa do terreno que Pablo havia comprado e que era parte do município de Envigado, na Antioquia. Era uma área montanhosa, íngreme, da qual se avistava perfeitamente Envigado e parte de Medellín. O lugar era estratégico, e Pablo o conhecia a fundo. O presídio contava com área de jogos, cozinha, quartos de luxo dispostos como falsas celas e alojamento para os guardas. Estava rodeada de muros e alambrados com cercas eletrificadas de dez mil volts, que ofereciam segurança aos membros mais procurados e, obviamente, ao *Patrón*. Em seu quarto, Pablo tinha o controle para ligar e desligar as cercas. O local resplandecia imponente durante o dia, e à noite, quando caía a neblina, era perfeito para uma boa observação. Própria de um chefão de chefões!

A intensa pressão exercida por Pablo Escobar com seus sequestros, assassinatos, carros-bomba e ações bélicas tinha encurralado o Estado. Assim, chegou o dia 15 de junho de 1991, quando a Assembleia Constituinte reformou o artigo 23 da Constituição Política da Colômbia e aboliu a extradição de colombianos aos Estados Unidos da América, deixando um significativo alívio para uma grande maioria de colombianos, políticos, governantes, empresários, jornalistas e grandes acadêmicos, tal qual, em 1988, havia proposto o doutor Virgilio Barco Vargas. A reforma, porém, foi rechaçada por alguns parlamentares. Se aqueles ilustres tivessem apoiado essa reforma, com certeza se evitariam rios de sangue dos colombianos. Nós, seus homens de confiança, nos entregamos, acompanhados de seu irmão Roberto Escobar Gaviria. Eu fui o primeiro. Dirigi-me a um tribunal de primeira instância e entreguei-me às autoridades, sabendo que, em poucos dias, Pablo também o faria, sob suas condições. Eu entrei naquela quase mansão com um telefone celular autorizado pelo

governo, pelo qual informei ao *Patrón* que todas as instalações estavam de acordo com seu desejo e capricho. Inclusive, durante a construção do presídio, Pablo e eu visitamos o local muitas vezes para supervisionar a obra.

O quarto de Pablo contava com uma grande lareira, dado que o clima era bastante frio, especialmente à noite. Tinha vestiário, cortinas de luxo, banheiro particular, cama confortável, cozinha independente, estufa, geladeira e forno de micro-ondas. A mobília de seu quarto foi providenciada por sua esposa María Victoria, ou La Tata, como a conhecíamos. Minha cela tinha oito metros quadrados, cama de casal, banheiro com água quente, televisão, biblioteca e geladeira. La Catedral também tinha áreas comuns: academias, mesas de bilhar, mesas de pingue-pongue, jogos de tabuleiro e quadra de futebol, onde Pablo jogava sem direito a perder, chegando a fazê-lo por cinco horas seguidas. Em meio a todo esse conforto, não podíamos nos esquecer de que tanto a Polícia quanto a DEA e a CIA nos tinham sob vigilância constante. Então, voltou a sobressair a genialidade de Pablo, que mandou instalar um comunicador no início da subida para a prisão, mais ou menos a uns três quilômetros em linha reta, e o segundo em seu quarto. O cabo devia estar no ar e à vista de todos nós, de modo que suas ordens e comunicações não fossem interceptadas.

Também contávamos com um caminhão 600 aprovado pelo Estado. Nele havia um compartimento escondido para transportar até seis pessoas. As visitas oficiais eram realizadas às segundas-feiras, sábados e domingos. O Exército Nacional fazia a guarda, pois não era prudente que a Polícia a fizesse, já que tínhamos travado uma guerra com ela. Os rapazes de Pablo ajustavam os elos de segurança. La Catedral era uma fortaleza!

De lá, Pablo começou a reconstruir o cartel de Medellín, que

fora muito afetado não só economicamente, mas também em sua estrutura. Também de lá Pablo deu início a uma guerra contra o cartel de Cali, pois este, tendo conhecimento da estratégia de Pablo e do poder que lhe dera a dinamite, decidiu atacar com a mesma arma. Um general de El Salvador contou a Pablo que os Rodríguez tinham comprado de outro militar salvadorenho umas bombas-papaia, ainda mais poderosas, porque eram feitas com mais de duzentos quilos de C4, e que estavam procurando o avião AT37 para poder lançá-las do ar, pois, dada a letalidade e o poder de explosão da bomba, não podia ser lançada de um helicóptero ou de um avião pequeno. Naquele momento, Pablo compreendeu que sua fortaleza já não era tão segura, e que a dinamite, que durante a guerra com o Estado fora sua arma letal, era agora sua pior inimiga. Pablo relatou ao Estado a informação recebida e, imediatamente, teve início a construção das cabanas chamadas Guayana, onde, mais tarde, ele passou a dormir.

Mas como nem tudo era guerra, em La Catedral também havia tempo para diversão.

A lareira de Pablo, onde ardia madeira natural, produzia um calorzinho e um suave crepitar que convidavam ao romance, envolvendo-o em um halo de mistério. Seis senhoritas mais belas que a liberdade subiram no caminhão, todas dispostas a oferecer doçura e prazer. O gosto exótico de Pablo não podia esperar. Depois de um bom show lésbico, Pablo permitia-nos escolher nossa princesa, e logo a levávamos ao nosso quarto. Bebidas finas, maconha, frutos do mar e música requintada faziam daquela Catedral uma mansão de sonho, até que, depois de dois ou três dias de diversão, o encanto terminava. Era uma pequena fortaleza para os homens da guerra.

PATRÓN E AS MULHERES: PERDENDO UM POUCO A COMPOSTURA

Patrón tinha uma famosa maleta de acessórios para prazer sexual. Demonstrações lésbicas eram o seu fraco, e na maravilhosa maleta havia todo tipo de brinquedos para uma boa função. Modelos e rainhas da beleza frequentavam a prisão encobertas pela clandestinidade. Ele despertava nas mulheres uma atração forte: era um conquistador nato, bom conversador, amável, respeitoso e generoso. Nunca conheceu uma mulher feia. Quando tinha um bom par de lésbicas, ia direto ao ponto e se trancava imediatamente em sua luxuosa cela, buscando a intimidade. Para isso, contava com uma aliada, que conquistava mulheres jovens para iniciá-las nesses assuntos. A ideia era que não tivessem experiência e que fosse sua primeira vez com uma mulher. A malícia e a fogosidade da lésbica experiente e a inocência da menina "virgem" enlouqueciam o chefe da máfia. Então, ele perdia a compostura.

Patrón falava disso abertamente. Nesses momentos, segundo contava, ele se esquecia de que o mundo lá fora existia. Eram os momentos de diversão do guerreiro. Um cigarro de maconha e meia cerveja eram tudo o que ele consumia na rumba, porque gostava de ter o controle da situação. A verdade é que nunca o vi bêbado ou fora de si. A lareira de sua cela era o lugar perfeito para a conquista: o frio de Itagüí, por causa da neblina, tornava-se um grande aliado para a criação de um ambiente de mistério; a proximidade do fogo desinibia qualquer mulher. Estar diante de Pablo Escobar e dentro de La Catedral era uma experiência perversamente excepcional para muitas mulheres já iniciadas como bonecas da máfia.

O correio ia e vinha, e eu era o encarregado dele. Cartas de apoio, ofertas de negócio e prazer, propostas nacionais e internacionais, assédio de pessoas que podiam guardar grandes quantida-

des de dinheiro nos bancos da Suíça, informações de rotas para o narcotráfico, ofertas de assassinos que deixaram muitos mortos e pedidos de ajuda em que uns pediam casa ou carro e aos quais, em muitas oportunidades, Pablo atendia. La Catedral era uma central do crime. Mas, como dizia a canção, nada é eterno no mundo: o presidente Gaviria e a recém-inaugurada Procuradoria Geral da Nação cansaram-se de tanto excesso. Pablo e eu, que jamais aceitamos um não como resposta a nossos caprichos ou desejos, tampouco nos fizemos esperar. Com o cartel de Medellín já fortalecido e pronto para a guerra outra vez, Pablo decidiu que íamos fugir. Eu estava feliz, ainda que o ritmo de maldade, paixão e aventura fossem ficar para trás.

Eram onze da noite. Nossa fuga estava planejada desde o início, uma vez que, quando da construção de La Catedral, Pablo fez deixar em uma parede quatro ladrilhos fixados apenas com gesso, fáceis de serem derrubados com os pés. Só ele e eu sabíamos disso.

Faltando poucos dias para a nossa fuga, e como preâmbulo de despedida, *Patrón* mandou trazer em um de seus aviões duas candidatas a Rainha da Beleza de Cartagena, para me dar o melhor dos presentes. Elas nos olhavam com surpresa e nós retribuíamos com luxúria. Uma vez terminada aquela faina, na qual reinaram os bons modos, a linguagem polida e comidas e bebidas próprias de rainhas, fechamos com chave de ouro, dando de presente a cada uma delas um relógio Cartier e um envelope lacrado com vinte mil dólares, enquanto nós levamos o melhor dos troféus: uma Rainha da Beleza em nossa cama em La Catedral. Muitas dessas bonecas só se aproximavam de nós em busca de fortuna, outras por simples curiosidade, para satisfazer seu desejo mórbido de ter um chefão ou um assassino em seus braços.

Às sete da manhã, recebi uma informação do primeiro rádio, relatando ter visto cinco caminhões do Exército subindo para La

Catedral. Fui correndo contar ao *Patrón*, mas ele disse que não o interrompesse, que estava dormindo e que eu deixasse de paranoia. Então voltei e, novamente, confirmei a notícia. Os rapazes me disseram que os caminhões não vinham sós, que também vinham dois jipes com oficiais a bordo. Fui de novo ao quarto do *Patrón*, informei e disse-lhe que a família dos Galeano estava distribuindo panfletos sobre a cidade de Medellín. Nesse instante, Pablo deu um salto, pegou o rádio e perguntou. Os rapazes confirmaram o que eu dissera, ainda acrescentando que eram forças especiais. Ele cortou a comunicação e falou: "Pope, isso sim é delicado".

Todos, Pablo e nós, seus assassinos, estávamos em alerta. O general da Quarta Brigada de Medellín estava em La Catedral. A prisão estava cercada. Chamaram o diretor do presídio.

Pablo mandou-nos sacar as armas. Corri para a minha cela-quarto e peguei meu fuzil R15, uma pistola 10 mm e meus binóculos. Pablo sacou seu SIG Sauer. Da montanha, vi que o general Jaime Ruiz Barrera, o vice-ministro da Justiça Eduardo Mendoza e o diretor das prisões, o general Navas Rubio, estavam conversando. Então Pablo comunicou-se pelo interfone e chamou o diretor das prisões, o vice-ministro da Justiça e um homem em traje formal para um diálogo. Ao contrário do que pensei, aceitaram. *Patrón* mandou-nos esconder as armas. Perguntei quem era aquele homem em trajes civis e responderam-me que era um procurador.

As portas da prisão se abriram e entraram o vice-ministro da Justiça e o diretor das prisões, e quando as portas se fecharam, a prisão ficou completamente cercada pelas forças especiais, o que levou Pablo a pensar que aquela não era uma operação de rotina. Ele me disse:

– Pope, ao meu sinal, você agarra o vice-ministro que eu agarraro o diretor.

Quando eles já se aproximavam da cela de Pablo, agarrei o vice-ministro e levei-o para a minha cela. Pablo agarrou o coronel, enquanto Valentín, Mugre, Otto, a Garra, Roberto Escobar, Gustavo González Flores, Tato Avendaño, Cacho e o Gordo Lambas apoiavam a operação. Já no comando da ação, Pablo foi à minha cela com o coronel.

– A que vêm vocês, armados até os dentes? – perguntou.

– Viemos transferi-lo para a Quarta Brigada – respondeu o general.

Estávamos todos em silêncio, já que, quando Pablo estava no comando, ninguém podia falar.

– Esse não é o acordo com o governo – respondeu *Patrón*, e, dirigindo-se para onde estava o general Navas, repetiu a pergunta.

– Viemos trocar a guarda por soldados – foi a resposta.

Então, Pablo me chamou de lado.

– Pope – me disse –, estes miseráveis vieram nos matar. – Em seguida, ele dirigiu-se a todos e anunciou: – Todos do governo em posição de autoridade ficam detidos.

Como se guardasse alguma esperança, Pablo pediu-me para levar o telefone celular ao seu escritório, acompanhado do vice-ministro, a quem pediu que se comunicasse imediatamente com o presidente. O secretário da presidência atendeu e limitou-se a responder que era impossível interromper o presidente naquele momento, e acrescentou: "Você fica notificado telefonicamente de sua destituição por ter entrado em La Catedral, não era essa a ordem que você devia cumprir".

Diante de tal desconcerto, e entre uma coisa e outra, a tarde começou a cair; e apesar de os soldados já terem me visto armado, eles não agiram. Quando caiu a noite, La Catedral já estava totalmente tomada pelas forças especiais.

A guerra começava de novo.

Por ordem de Pablo, chamei a mídia e enviei o comunicado:

"Se formos atacados em La Catedral, o terrorismo terá início novamente, e desta vez com mais força". Ao ouvir o comunicado, o presidente convocou uma reunião de emergência em seu gabinete. Enquanto isso, Pablo e nós ainda não pensávamos em fuga. Começaram as negociações. O interlocutor era um membro de baixo escalão do governo, mas, como sempre, Pablo tinha um plano B. Compreendeu que, colocando um interlocutor não tão importante, o governo queria ganhar tempo. Então, já caída a neblina típica da região, Pablo aproveitou-se de que a conhecia como a palma de sua mão, deduziu que o general, apesar de antioqueno, não conhecia a montanha e considerou, além disso, que a guarda que a conhecia tinha sido trocada.

– Os que se sentem capazes de aguentar a montanha venham comigo – disse. – Pope, vamos!

A neblina seria nossa melhor aliada. Todos preparados. Pablo deu instruções precisas:

– Com o general e com Eduardo Mendoza ficam os que não podem entrar na montanha.

Depois da meia-noite, os altos oficiais começaram a perder a compostura, e o vice-ministro, transtornado, começou a maldizer o momento em que tinha entrado na maldita fortaleza. Também dizia que íamos matá-los. Ofereci-lhe água, mas ele recusou. Diante da indecisão de alguns, Pablo escolheu seus acompanhantes. Em silêncio e arrastando-nos, chegamos a um ponto morto da prisão, em que a montanha impedia a visão da vigilância, que contava com um grande refletor. Esse caminho nos conduziu a um lugar com abundante vegetação, para logo chegarmos à parede na qual os quatro ladrilhos secretos nos devolveriam a liberdade. Todos estavam em silêncio. Nossa fuga era um fato. Iniciamos a caminhada sem que a guarda suspeitasse da nossa saída, o que nos daria horas de

vantagem. Logo descemos a montanha, acompanhados de lanternas que iluminavam o caminho até Itagüí.

Conseguimos! Escondemo-nos na fazenda de um amigo de Pablo, sem que ninguém nos visse. Entramos às cinco da manhã. A senhora e os filhos estavam se levantando para mandar as crianças à escola. Pablo tomou o controle da propriedade; ele enviou o senhor e os seus rapazes para outra fazenda, e mandou cada um se virar por sua conta. Ele e eu estávamos sozinhos novamente.

Começamos a observar, mas nada acontecia. O governo ainda não sabia que tínhamos fugido. Eram sete da manhã, e o país estava em suspense, já que os noticiários sensacionalistas não paravam de criar expectativas sobre o que estava acontecendo em La Catedral. Às sete e meia da manhã, começaram a soar bombas de efeito moral, como se os soldados quisessem tirar coelhos da toca. Em seguida, entrou o Exército, disparando, esperando nos encontrar, mas – surpresa! – encontrou apenas seus funcionários, acompanhados de Icopor, do Gordo Lambas e da Garra.

O lugar em que nos encontrávamos não nos permitia tomar distância suficiente nem nos oferecia a segurança necessária; então, Pablo disse:

– Pope, vamos para Sabaneta, vão nos aplicar a operação pente-fino.

Os rapazes já se encontravam na cidade, completamente seguros, e nós seguimos caminhando pela montanha. Às três da madrugada, chegamos à propriedade de uns amigos de confiança, que, com muito carinho, nos ofereceram uma boa cama e comida. Depois de um dia de descanso, e já com a virilha irritada pelo roçar dos jeans, nos sentamos para escutar novamente as notícias. "Pablo Escobar e seus lugares-tenentes fugiram de La Catedral" – anunciou a rádio.

– Pope, me traga papel e caneta – pediu, e assim o fiz. Juntos redigimos um comunicado, expressando a razão da nossa fuga e, em seguida, o enviamos ao jornal *El Colombiano*, de Medellín.

Era 23 de julho de 1992. Nesse dia, senti-me o homem mais orgulhoso deste mundo, porque eu, Jhon Jairo Velásquez Vásquez, vulgo Popeye, estava assinando comunicados juntamente com Pablo Escobar Gaviria, o chefão dos chefões do século XX, que, para o bem ou para o mal, ficarão nos registros da história da Colômbia.

CONTAS PENDENTES

Era um dia comum dos anos 1990. O sol luzia com força. Pablo, alguns companheiros e eu nos encontrávamos no Magdalena Medio antioqueno, em uma propriedade a uns trinta quilômetros da fazenda Nápoles, castelo e palácio do chefão, que, como se fosse um senhor feudal da Idade Média, tinha submetida a população local, à qual impunha "tributos". Um chefe paramilitar pediu audiência com Pablo. Seu nome: Henry de Jesús Pérez. Audiência concedida. Local combinado: Puerto Boyacá.

Pablo pediu que eu levasse o solicitante a um esconderijo provisório, localizado nas selvas de Puerto Boyacá. Muito a contragosto, pois eu já era procurado e, além disso, estava doente, fiz o que me pediu. Em meus pensamentos, eu dizia a mim mesmo: "O *Patrón* está cometendo um erro monumental ao levar esse homem para lá". Peguei um veículo rural do cartel, enviando previamente um carro para que fosse à frente, até a estrada de Medellín a Bogotá. Cheguei ao ponto combinado. Henry Pérez apresentou-se de imediato, acompanhado de quinze homens fortemente armados com fuzis AK 47, calibre 762. Ele achava que poderia ir acompanhado de seu grupo de segurança, mas me opus. Inicialmente, não aceitou,

mas quando lhe propus ir em meu carro, ao meu lado, mudou de opinião.

Tinha ao meu lado um homem treinado por Mexicano, amigo e sócio de Pablo, que lhe permitia operar na região e processar cocaína, mas sob suas ordens e, melhor ainda, sem permitir incursão das guerrilhas, já que ele contava com um exército de cento e cinquenta homens. Durante o caminho, me dei conta de que ele estava fazendo perguntas de inteligência. Astutamente, respondi como de costume: com informação falsa. A reunião desenvolveu-se com relativa normalidade e durou vinte minutos. Levei de volta aquele homem, para que fosse recolhido por seu corpo de segurança, mas, diferente da falação da vinda, ao voltar ele não pronunciou nenhuma palavra.

Quando voltei ao nosso esconderijo, encontrei Pablo pensativo. Depois de trinta minutos, rompeu seu silêncio:

– Pope, de que falaram no caminho? – ele me perguntou.

– *Patrón* – respondi –, ele estava fazendo serviço de inteligência conosco; muitas perguntas a respeito da quantidade de homens seus na região e coisas assim.

Por dentro, eu sabia que Pablo compreendera seu erro.

– Pope – decidiu –, vamos embora daqui em três dias. Este homem não precisava de nada urgente, só queria saber a nossa localização.

– *Patrón*, vamos já – sugeri, mas ele se negou, argumentando que estava esperando algo urgente para a organização. Eu obedeci, apesar de sentir cheiro de traição.

Dois dias antes da nossa partida, um helicóptero sobrevoava o nosso esconderijo.

– Pope – disse Pablo ao vê-lo –, esse miserável vai nos entregar, está mostrando a localização.

Como sempre, a astúcia de Pablo se fazia presente, e ele disse:

– Pope, dobre a segurança, e que todos fiquem em estado de alerta.

A casa de campo que nos alojava, localizada no meio da floresta densa, tinha todos os itens de conforto, víveres em abundância, rádios dentro e em seus arredores, rádios na entrada da estrada para Bogotá, rádios para o Magdalena Medio antioqueno, rádios para Medellín, assim como os chamados "moscas", encarregados de relatar qualquer movimento estranho em torno de La Danta, como se chamava o nosso esconderijo. Relatório a cada cinco minutos, registro de carros que rodavam pela área, quantidade de passageiros dentro dos veículos com sua hora de uso de estrada... Pablo ia dormir às seis da manhã, cuidando de prever que não fôssemos pegos na hora boba, que vai das três às seis da manhã. Eu era o encarregado da segurança, o que fazia minhas horas de descanso serem escassas.

Na noite seguinte àquela desagradável visita, Pablo foi dormir às duas da manhã, já vestido de jeans e camiseta e com seus tênis na mão, pedindo-me, antes, que o acordasse às quatro da madrugada. Acordei-o na hora combinada. Dirigíamo-nos a um pequeno morro de observação, pistola na mão, quando o rádio um emitiu o seguinte relatório: "Dez caminhões cheios de policiais se dirigem ao Magdalena Medio, vêm de Medellín".

A operação da Polícia fora iniciada. Escutamos os helicópteros e, imediatamente, nos agachamos no matagal. A saraivada de tiros dos helicópteros na casa e nos carros não se fez esperar. Alguns policiais desciam dos helicópteros em cordas, e apenas cercavam a área, mas também a continham, criando um anel de segurança depois do outro, para, em seguida, empreender seu avanço à casa, que já estava vazia. Seus rádios relataram: "Não há ninguém na casa". A ordem dos superiores foi clara: "Iniciem a busca". Só que se esqueceram

de levar um guia para a região, que nós conhecíamos muito bem. Aparentemente, retornava a calma. Seguíamos caminhando pela selva. De repente, um rádio da nossa vigilância relatou: "Centenas de soldados estão descendo de uns caminhões, e estão se dirigindo para a selva".

Pablo decidiu que devíamos voltar a La Danta, pensando que, como já havia sido metralhada, os policiais se retirariam. Ele enviou o Negro Máfia para fazer um reconhecimento de exploração, enquanto nós ficamos à espera. Já eram duas da tarde e o Negro Máfia não voltava; então, concluímos que tinha sido pego e que, assim como nós, os policiais estavam agachados na selva, esperando algum movimento estranho de nossa parte. A área não representava problema para nós, porque, não só na redondeza, mas também em grandes distâncias e em muitas rotas da selva, Pablo havia mandado enterrar canecas plásticas com comida enlatada e água, para o caso de alguma emboscada. A reposição era feita todo mês, o que significava que sobreviver ali seria muito fácil. Pablo decidiu que iríamos para o esconderijo supersecreto. Uma das regras de ouro do *Patrón*, que era inviolável, consistia em que o esconderijo em que ele ia estar podia ser conhecido apenas por seus oito homens de confiança. Além disso, apesar da nossa condição, não podíamos dormir lá. O esconderijo supersecreto, uma cabana que tinha sido construída debaixo de uma árvore, também era conhecido por Negro Máfia, que, no momento, estava ausente.

Depois de uma longa caminhada, chegamos lá às dez da noite.

– Pope – disse Pablo –, coloque um rádio-vigilância no riacho abaixo e acorde-me às duas da manhã.

As águas daquele riacho eram claras e cristalinas, mas não potáveis. A temperatura da região chegava aos 42 graus: um calor infernal rodeado de umidade. Pablo estava inquieto, o que não

era usual. Eu fiquei sentado na frente de seu quarto, velando o seu sono, enquanto os outros seis homens vigiavam a área.

Às dez da manhã, depois de umas boas horas de calma, o vigilante relatou:

– Pope, centenas de policiais estão passando por aqui, e levam o Negro Máfia com uma corda amarrada no pescoço.

Não havia dúvida, a covardia tinha dominado o Negro Máfia e ele delatara a localização do esconderijo supersecreto. Relatei isso ao *Patrón*, e abandonamos a cabana imediatamente. Quanto ao vigilante, ele mandou-o entrar na selva e sobreviver por seus próprios meios.

Eram cinco da tarde. A cabana foi procurada com o apoio dos helicópteros. Estavam disparando saraivadas de metralhadora contra a selva virgem. Nós corríamos por entre as árvores de tronco grosso, que nos protegiam das balas. Um helicóptero Hudge 300 não blindado, com o qual quase sempre se mobilizava o general com seu piloto e dois policiais, desceu demais, o que me permitiu tê-lo na mira. Apontei com meu fuzil, e quando já me preparava para disparar, para derrubá-lo, Pablo se lançou a mim, dizendo:

– Não, Pope, não podemos derrubá-lo, porque, automaticamente, saberão a nossa localização.

Continuávamos escondidos na selva. Os helicópteros Bell 206 JetRanger, que transportavam dois pilotos e dois artilheiros mais quatro policiais, não paravam de disparar. Tato, um dos meus companheiros, cometeu o erro de parar em uma parte clara, de modo que foi visto pelos helicópteros. Ele também delatou a nossa localização, mas como a sorte estava lançada, era tarde e não lhes restava combustível; assim, os helicópteros tiveram de voltar para abastecer.

A oportunidade nos brindou e Pablo decidiu:

– *Muchachos*, vamos voltar. Eles esperam que continuemos entran-

do na selva e aqui vão nos executar. Amanhã haverá mais policiais por terra e ar.

Ansiosos pela aventura e cheios de energia, todos concordamos. Já na volta, e a não mais de quinhentos metros de La Danta, vimos acampamentos da Polícia. Tinham fogueiras e sentinelas, mas nós cruzamos agachados e continuamos o nosso caminho, chegando ao rio às sete da manhã. Pablo, bom conhecedor da região, sabia que muito perto havia uma pequena loja; então mandou um rapaz pegar pão e soda.

– Pope, não sei como, diabos, levei esse maldito do Henry Pérez ao esconderijo – repetia, coçando a cabeça e acrescentando que não era possível que o Negro Máfia tivesse cedido.

Incrivelmente, pelo rádio entrou um comunicado com a voz de Henry Pérez.

– *Patrón* – dizia –, fuja por Puerto Boyacá, que eu busco você lá. Há mais de vinte mil policiais atrás de você.

– Claro que sabem onde estou – respondeu meu *Patrón*. – Não vê que foi você quem me entregou, filho da puta?

Imediatamente, tanto rádios como baterias foram lançados no rio.

Os helicópteros continuavam sobrevoando a área. Nós seguíamos atravessando a selva, já cansados. Então Pablo mandou que deixássemos os fuzis para aliviar o peso. Nós os enterramos, para não deixar rastros nem tornar evidente nossa debilidade bélica. A caminhada continuava. Íamos nos alimentando de goiabas, laranjas silvestres e mamões que encontrávamos no caminho.

Nove dias se passaram. Quatro de meus companheiros tinham ficado na selva, incapazes de aguentar sua dureza. Nós que continuávamos decidimos descansar em um barranco. *Patrón*, sereno como uma pedra, estava feliz em meio à aventura e ao perigo. Eu também. Uma vez lá, deitamo-nos um ao lado do outro para nos

aquecer. *Patrón* e eu, juntos, enfiados em um nicho dentro do sulco de uma rocha, sem nos importar que estes fossem os locais favoritos dos ursos, gatos-do-mato e cobras que já tínhamos visto no caminho. A chuva não se fez esperar, mas a lua iluminava, prometendo nos dar uma grande noite. Ao acordar, estávamos completamente molhados. Ainda assim, retomamos nosso caminho.

Com as coxas e os quadris lacerados pelo roçar das calças, marchando a passo lento, mas cheios de coragem, continuávamos nosso caminho. Repentinamente, a montanha rangeu, e dela se desprendeu uma rocha imensa que rolou até nós. Corremos para nos jogar e nos acocorar em posição fetal. Ficamos ainda mais molhados e cheios de terra vermelha dos pés à cabeça. Agora, tínhamos um elemento adicional à nossa já difícil condição: areia até as orelhas!

– Rapazes – disse Pablo –, como podem ver, não nos mataram em La Danta e quase nos mata essa pedra. Por isso eu lhes digo que não se preocupem com nada, porque a morte chega a qualquer momento e de onde menos se espera.

Continuamos a nossa caminhada e avistamos uma casa de campo. Então, Pablo disse:

– Rapazes, vocês vão entrar, e quando já estiverem seguros, entro eu.

"Isso é um erro", pensei comigo. Já tínhamos pouca segurança, e agora estaríamos novamente expostos.

Entrei na casa e iniciei a inspeção. Encontrei uns camponeses, identifiquei-me como Popeye e perguntei:

– Quem está na área?

– Muitos policiais – responderam –, e estão procurando testemunhas.

Abri a porta de um dos quartos e encontrei um jovem, o filho dos camponeses, que me disse ser aluno da Universidade de Antioquia, em Medellín. Uma vez inspecionada a casa, dei o sinal de entrada

ao *Patrón*. Lá tomamos banho, comemos e dormimos com arma na mão. A dona da casa, com uma caixa rudimentar de primeiros socorros, nos curou e matou galinhas todos os dias para fazer grandes ensopados, porque dizia que aquele delicioso prato nos daria forças para continuar. Comemos feito loucos!

Depois de três dias naquele lugar, Pablo me disse:

– Pope, você viu o rapaz?

– Não – respondi.

Perguntei sobre ele à mãe, que me disse que ele havia ido para Cocorná, um povoado situado a três horas dali; que o rapaz tinha ido comprar um machado.

– Lá tem telefone? – perguntei.

– Sim – respondeu ela.

Ao escutar essa palavra mágica, Pablo agarrou sua camisa.

– Pope – me disse –, vamos ao toco de cortar lenha.

Ali havia um machado quase novinho. A rádio da camponesa dizia: "Pablo Escobar e um punhado de homens estão encurralados pela Polícia nas selvas antioquenas". Em seguida, ouvia-se: "Procura-se Pablo Escobar. Recompensa: cinco milhões de dólares para quem informar onde ele está, e dois milhões de dólares por Jhon Jairo Velásquez Vásquez, vulgo Popeye". Isso nos tornava uma recompensa para aquele em quem despertasse a cobiça e o desejo de ser um novo-rico.

– Pope – ordenou Pablo –, empacote comida e água fervida em galões plásticos, pague bem as pessoas e vamos.

Paramos mais acima da montanha para observar os arredores. As luzes estavam normais. Eram cinco da manhã do dia seguinte à nossa partida. Os helicópteros começaram a sobrevoar a casa, e nós ficamos observando. Quando olhei para a esquerda, vi o jovem montado em um cavalo, acompanhado da Polícia. Era evidente que o rapaz nos tinha delatado.

Já sem fuzis, mas com pistolas e bravura, voltamos a empreender a nossa fuga, para chegar a uma casinha habitada por um menino de 7 anos e seu pai, um pescador, que ao ser despertado violentamente ficou de mau humor. Então dei-lhe um tapa na cara, que fez cair alguns de seus dentes, fazendo-o sangrar profusamente. Os helicópteros disparavam rajadas pela área. Pablo mandou o pescador nos levar ao outro lado do rio, mas este negou-se, argumentando que era de noite e que apenas a vela seria muito perigoso. *Patrón* observou o céu e concluiu que a lua radiante seria a nossa luz.

– *Muchachos*, matem o menino a punhaladas – eu disse, diante da negativa do pescador, piscando o olho para Pablo.

– Não! Por favor, não o matem! – ele respondeu imediatamente.

Como em época de guerra não se escuta missa, mandei amarrar o "padre" e o filho pelo pescoço, uma vez que, como a área é bastante montanhosa, as mãos devem ficar livres, caso escorreguem.

O rio estava muito cheio e rugia como leão ferido golpeando as rochas. Junto a nós, os reféns de boca tapada e laço no pescoço. Atrás de nós, a tropa. Chegamos à margem, e a lua nos servia de farol.

– É impossível cruzar o rio – insistiu o pescador, ganhando um soco na boca da parte de Pablo.

– Vai ou morrem os dois – apressou o *Patrón*.

O homem agachou-se, pegou água em suas mãos, enxaguou a boca e cuspiu com sangue. Olhou para Pablo com ódio e, sem abandonar a soberba, cruzou o laço entre a axila esquerda e o ombro direito. Lançou-se ao rio sem pensar duas vezes, nadou, cruzou por entre duas rochas cortantes, agarrou-se à raiz de uma árvore que estava a mais ou menos trezentos metros e, assim, conseguiu chegar ao outro lado do rio, de onde nos lançou uma corda com uma pedra grande amarrada em sua extremidade.

– *Muchachos* – disse Pablo –, tirem toda a roupa, incluindo os sapatos, e amarrem-nos ao pescoço, senão a correnteza os levará.

Agora estávamos nus na margem do rio Samaná e a temperatura estava muito baixa. Um a um, fomos atravessando para o outro lado.

– *Patrón* – perguntei então –, matamos o pescador?

– Não. Este homem foi muito valente ao cruzar o rio, e o menino morrerá se ficar só na selva.

Conseguimos chegar na estrada às sete da manhã.

Como se caído do céu, apareceu um caminhão 600. Nós o paramos, nos identificamos e iniciamos a marcha para San Carlos, no departamento de Antioquia.

– Amigo – disse *Patrón*, já dentro da cabine –, quanto vale seu caminhão?

– Três milhões.

– Te dou dez milhões por ele – propôs Pablo –, mas leve-nos em segurança.

Atrás, debaixo da lona, os rapazes empunhavam suas pistolas. A estrada era de terra, incômoda, mas segura. Agora estávamos fora de operação. Pablo ordenou ao Pepsi que ligasse para certo número, para dizer a Arete que fosse nos buscar. Três horas mais tarde, despedíamo-nos do caminhoneiro, muito agradecido por Pablo ter lhe dado semelhante soma de dinheiro.

Arete e seu grupo chegaram em dois carros, para nos levar a uma propriedade com casas, cercada por um lago, que se chamava El Peñol. Depois, fomos para a La Manuela, que tinha esse nome em homenagem à sua filha. Por fim, tínhamos nos livrado da operação e estávamos limpos e bem alimentados, mas Pablo vomitava sem parar. Um médico da máfia veio vê-lo duas vezes; disse que era virose e tratou-o com injeções e al-

guns comprimidos. Oito dias depois, Pablo estava pior. Recebi um comunicado que dizia: "A propriedade vai ser invadida, há helicópteros sobrevoando perto da área". Diante de tal notícia e das condições de Pablo, eu tinha de reagir.

– *Muchachos* – ordenei –, enterrem os fuzis, simulem ser trabalhadores e mantenham-se alertas.

Peguei um carro, fui até o *Patrón*, que já nem sequer conseguia sustentar sua pistola. Peguei a estrada asfaltada para Medellín e incrivelmente, como tinha assegurado o caminhoneiro nove dias antes, não havia nenhum bloqueio. Chegando ao túnel, Pablo começou a perder a consciência, não conseguia ficar sentado. Já entrando em Copacabana, havia a propriedade de Ricardo Prisco, um dos pistoleiros de Pablo e administrador dos municípios de Manrique e Aranjuez.

Toda a água que Pablo tomava, ele vomitava.

Ricardo nos recebeu amavelmente e, de imediato, montou um primeiro anel de segurança. Logo, mandou chamar seu irmão médico, com uma mensagem que explicava as condições do *Patrón*. O médico chegou com seringa e tubos em mãos. Umas horas mais tarde, tínhamos o diagnóstico: malária cerebral. Remédio a cada hora, ampolas… o médico trouxe tudo de que o *Patrón* necessitava, enquanto eu limpava seu vômito e trocava suas roupas. Como esperado, o remédio fez efeito e Pablo começou a se recuperar.

Entre cuidado e vigilância, eu escutava o rádio. Os jornalistas estavam felizes, vendendo a notícia diária: "Pablo Escobar escapou duas vezes da força militar, mas ainda continua na região, um camponês deu a informação". Aí confirmou-se o que já sabíamos: o rapaz universitário nos delatara.

Dez dias depois, *Patrón* recuperava sua saúde. Agora sabia que a água da montanha era imprópria para consumo humano, e mandou que o tirasse dali. Pedi a Ricardo que me emprestasse uma égua e seu

empregado, levei o *Patrón* no cabresto até a estrada Medellín-Bogotá, onde, novamente, Arete nos esperava. Despedi-me daquele gentil homem, agradecendo seus serviços com dois milhões de pesos. Arete, seus homens e eu levamos *Patrón* a uma de suas propriedades, no meio oriente, onde ele, finalmente, recuperou-se depois de quarenta dias.

Mas como a guerra não cessava e havia contas pendentes, Pablo enviou uma pessoa a Bogotá para confirmar o que já sabíamos: Henry Pérez o entregou na primeira vez e o jovem universitário, na segunda. Mandou-me matar o rapaz. Fui à universidade e, feitos os trabalhos de inteligência, o matei. Minha ira desenfreada e minha personalidade visceral levaram-me a dar-lhe mais tiros que seus 21 anos.

Chegado o ano de 1992, empreendemos nosso pagamento à traição de Henry Pérez. Pablo pediu que eu conseguisse dois rapazes jovens de Bello, Antioquia, e que os avisasse de que era uma operação de alto risco, possivelmente mortal, mas que ganhariam duzentos mil dólares, com os quais suas famílias ficariam bem, economicamente falando. O objetivo era Henry de Jesús Pérez.

Os rapazes chegaram a Puerto Boyacá aparentando vender roupa de porta em porta e por carnês. Já familiarizados com a moto e os jovens, tudo seria mais fácil. O esconderijo para a arma foi feito dentro do tanque. Disseram-me ter escutado um rumor nas ruas que dizia: "Condecoração a Henry Pérez no dia da celebração à Virgem".

Puerto Boyacá era um povoado de ruas empoeiradas, em uma área petroleira em que a violência era constante. O Exército e os paramilitares tinham desterrado a guerrilha em combates sanguinolentos. Como entre os senhores feudais da Idade Média, a luta pelas terras e o poder não cessava, sem importar quantos mortos ou feridos seriam sacrificados. Ali Henry era o amo e senhor da violência, o possuidor da terra e do poder, inclusive das menores, as quais

deflorava sem compaixão. Assassinava todo aquele que não cumprisse suas ordens ou não quisesse pagar os tributos. Com sombreiro de grande senhor, correntes de ouro no pescoço, anel de diamante e pistola no cinto, como forma de demonstrar o poder, percorria as ruas daquele povoado empoeirado. Ainda assim, muitas pessoas lhe diziam: "Henry, cuide-se bem, porque Pablo quer te matar".

Chegou o dia da celebração, e com ele, as honras e a festança. Meus homens, Pachito e Migue, acompanhados de pistolas Prieto Beretta, moto e coragem estavam prontos para morrer ou vencer. Começou a celebração. Henry, como um pavão real, entrou na igreja acompanhado de sua esposa Marina, sorrindo para todo lado. Acreditando ser um deus, levantou sua mão direita, como sinal para que seus homens armados ficassem esperando na porta, com suas seis caminhonetes prontas para esperar o grande *Patrón*. Os beatos já ocupavam a igreja. À frente, estava a Virgem, à qual não se pode mostrar as armas. Pachito e Migue permaneciam atentos a um descuido da segurança do grande *Patrón*. Henry e sua esposa se colocaram na primeira fila, diante do sacerdote. A imagem da Virgem brilhava, belamente vestida com coroa e bastão de ouro e diamantes que o novo *Patrón* lhe havia presenteado. Faltando apenas cinco minutos para a conclusão da missa, os acólitos se preparavam para tirar a Virgem e começar a procissão pelo povo. Pachito e Migue observaram que a guarda estava cochilando, muito concentrada na oração. Quem podia imaginar que, em plena igreja, dois ousados pistoleiros dispariariam à queima-roupa contra Henry de Jesús Pérez? Seu corpo caiu *ipso facto*, e os dois jovens empreenderam fuga de imediato, entre disparos dentro e fora da igreja. A guarda não saía de seu aturdimento. Em meio ao tiroteio, Pachito trocou seu roteiro e saiu correndo para o parque da cidade; Migue correu para a estrada principal, com um grupo de guardas atrás dele; o outro grupo

correu para as caminhonetes, para pegar seus fuzis, pensando que Pablo Escobar e Popeye os perseguiam com seu grande exército por todo lado. A confusão era total. Beatos, cidadãos, pistoleiros… todos em choque. A guarda disparava para todos os lados, matando um transeunte e seu filho que passavam por acaso em sua moto.

Migue conseguiu chegar a uma casa para se esconder, mas o encontraram e o mataram, matando também a senhora que tinha a porta aberta, à espera da procissão. Pachito, por sua vez, corria tão rápido quanto podia. Alcançou um curral para chegar à montanha e ali desaparecer, mas, quando atravessava uma valeta, os projéteis o alcançaram, e ele também morreu como um valente bandido em ação.

Agora Puerto Boyacá estava livre daquele personagem que, por ânsia de riqueza e poder, havia matado seu próprio pai para arrebatar-lhe o controle da área que ele dirigia. As táticas de Yair Klein, o treinador de guerra de Henry Pérez, tinham feito dele um homem que só semeava terror. Recebi a notícia em detalhe, em minha cela, e informei ao *Patrón*.

– Pope – ordenou ele –, envie o dinheiro à família.

OS IRMÃOS CASTAÑO E O DAS: UM BELO CASAL

Nós éramos velhos aliados da família Castaño Gil. Contudo, com o passar do tempo e de muitos acontecimentos desafortunados, os irmãos Fidel e Carlos acabaram se tornando nossos grandes inimigos. *Patrón* vinha planejando sua morte, mas não ia ser nada simples executá-la. Tinha de ser uma estratégia perfeita: éramos obrigados a matar os dois. Não se podia matar um e deixar o outro vivo, porque o sobrevivente se colocaria contra nós e seria um perigo para nossas famílias e agregados; ele tomaria como um ataque familiar,

e não como o ataque contra um bandido, com carta branca para matar nossas crianças e mulheres. Os irmãos Castaño Gil foram sanguinários desde sempre, não teriam compaixão conosco.

Fidel Castaño Gil, o mais velho dos dois, era um poderoso narcotraficante desde o fim dos anos 1970. Entrou em guerra direta contra a guerrilha das Farc pelo sequestro de seu pai e seu posterior assassinato. Os Castaño Gil eram descendentes de uma família nascida em um povoado encravado nas montanhas de Amalfi, na Antioquia, com terras de gado na região do Urabá. Fidel Castaño era um dos maiores latifundiários da época: um homem poderoso, sócio de Pablo Escobar no narcotráfico durante os anos 1980. Sua figura nunca passava despercebida com seu um metro e oitenta e cinco de altura e sua tez trigueira, escura, quase de moreno. Impressionavam seu corpo atlético e seu olhar inquisidor, era muito articulado e conhecido como grande amante dos jogos de azar. Como um verdadeiro artista da camuflagem, movia-se em caminhões pelas colinas, mas sempre se vestia humildemente na cidade, onde usava transporte público ou se deslocava em carros modestos. Prescindia totalmente de joias ou luxos, nem um relógio ele usava. Um verdadeiro homem de guerra.

Fidel era violento como ninguém, seu coração abrigava o ressentimento mais extremo. Sentia um ódio visceral pela guerrilha. Sempre destituído de qualquer tipo de escrúpulos na hora de ordenar assassinatos, em uma ocasião mandou suas tropas disparar com metralhadoras M60 em campos de petróleo. Era um dia de feira no povoado mineiro de Segovia, na Antioquia, de modo que as vítimas foram camponeses inocentes. Ele acreditava que todos eram guerrilheiros ou ajudantes da guerrilha. Nesse dia, falou-se de mais de oitenta mortos e centenas de feridos em Segovia. Em outra ocasião, abriu uma fossa comum em uma de suas fazendas e lá jogou montanhas de mortos. "Todos guerrilheiros", dizia ele. Alguns

o chamavam de Rambo. Fidel gostava de estar sempre à frente de sua tropa, com uma metralhadora M60, cruzado de balas, brandindo seus músculos e dirigindo seus bandidos à morte e à destruição. Ninguém sabia nada sobre sua família, nem sequer como se chamava sua mulher. Havia boatos no meio que, quando uma de suas namoradas engravidava, ele a assassinava cruelmente, juntamente com a criatura. Rambo tinha a teoria de que um filho era um alvo legítimo para seus inimigos, e ele não se expunha a tais coisas. Era um homem sério, mas bem seco, pouco amável no trato. Chamava Pablo Escobar de *Patrón*.

Pablo Escobar sabia controlá-lo muito bem. Sua presença inspirava respeito. Fidel Castaño era disciplinado como ninguém: bebida zero, tampouco fumava cigarro, muito menos maconha. Era um atleta completo. De segunda a sexta-feira, corria cerca de vinte quilômetros por dia. Quem o visse, enganava-se e não chegava a decifrar quem era. Um homem de fala corriqueira no cotidiano, mas que, quando entrava em sua mansão, se transformava em um refinado cavalheiro, um perfeito *gentleman*. Conhecedor e possuidor de obras de arte de todo o mundo, tinha concentrado sua grande fortuna em uma estupenda coleção de obras de reconhecidos artistas de todos os cantos do planeta. Contava com um fino paladar para vinhos e possuía uma bela adega. Rambo ausentava-se por períodos de três ou quatro meses, cruzando para o Panamá dos terrenos do Urabá antioqueno.

Alguns diziam que fazia o grande trajeto a pé. Viajava sozinho. Uma vez no Panamá, vestia-se bem, pegava seu passaporte com nome falso e voava direto para Paris. Lá ele tinha seu carro de luxo com motorista particular e um belo palacete, onde podia dedicar-se tranquilamente à sua grande paixão: o bom vinho. Esse homem se dava à grande vida na clandestinidade. Quando queria regressar ao

país, à guerra, ele o fazia da mesma forma. Aparecia caminhando só, assim chegava um dia qualquer em sua melhor fazenda, a famosa Las Tangas. Tinha de mover-se clandestinamente, já que contra si pesava uma condenação de vinte anos por um massacre de camponeses. O cárcere era seu grande temor.

Ao lado de Rambo crescia seu irmão, Carlos Castaño. Um homenzinho quase insignificante, de orelhas proeminentes, braços frágeis e mãos grandes. De um metro e setenta de altura, ou menos, Carlos tinha voz mais forte que a de seu irmão maior, mas não a mesma valentia. Magro, com força quase de menino, mas com uma mente superdotada para o crime, Carlos Castaño era como um Pablo Escobar mirim. Tinha sido treinado em inteligência pelos israelenses e pelo Exército colombiano. Era um excelente assassino. Sua inteligência e seu dinheiro o levaram a penetrar no organismo de inteligência mais importante do país: o Departamento Administrativo de Segurança Nacional (DAS), um corpo civil de inteligência com grande poder dentro da nação, que sempre foi controlado pelo Palácio de Nariño e pelo presidente da República. Sua grande habilidade consistia em vender sua luta antiguerrilheira para os propósitos de Fidel e dos seus. Também se infiltrou na inteligência militar e, com o tempo, como muitos sabem, chegou a ser o líder paramilitar mais temido em toda Colômbia.

Pablo Emilio Escobar Gaviria tinha princípios esquerdistas e não cooperava com os Castaño em sua guerra. Tampouco recebia ou aceitava pressões da esquerda para ir contra os Castaño, já que estes ainda cooperavam com os extraditáveis, fazendo grandes operações para essa organização paralela ao cartel de Medellín. Não obstante, havia algo ou alguém mais significativo por trás de tudo isso: o grande chefão de chefões, Gonzalo Rodríguez Gacha, vulgo Mexicano. Esse grande aliado de Pablo financiava e protegia os irmãos

Castaño Gil. Havia algo em comum entre o Mexicano e os Castaño: eles tinham declarado guerra mortal à subversão colombiana. Atacavam a guerrilha onde mais lhe doía: suas frentes políticas nas cidades. Assim, foram assassinados mais de três mil militantes da União Patriótica, partido político que tinha sido criado em uma das desmobilizações da guerrilha.

O mais delicado contra a esquerda colombiana era o assassinato de suas maiores figuras, como a do aspirante à presidência da Colômbia Bernardo Jaramillo Ossa. Nessa época, o Mexicano já tinha morrido, mas os Castaño se financiavam com outro narcotraficante: Fernando Galeano Berrio, vulgo Negro Galeano. Carlos Pizarro Leão Gómez também foi assassinado dentro de um avião, quando já estava integrado na vida política nacional e tinha entregue suas armas. Ele tinha sido, talvez, o principal líder do movimento guerrilheiro M-19. Homens como José Antequera, Rodrigo Pardo Leal e muitos outros caíram vítimas dos Castaño e de sua aliança nefasta com o DAS.

Um dia soou uma notícia importante em La Catedral:

– Não é possível, Albeiro Ariza está morto! – exclamou meu *Patrón*.

Foi um golpe forte para Pablo e seus sócios. Pablo enviou Tyson a Cali, para atacar lá em resposta pela morte de Campeón. Tyson ia atrás de José Santacruz Londoño, mas então chegou um anúncio importante para Pablo Escobar: Fidel e Carlos Castaño iam visitar a La Catedral. Era uma oportunidade muito boa para acabar de uma vez por todas com esse problema. "Se os dois subirem aqui, morrem", prognosticou *Patrón*, organizando-nos com armas de silenciador. O caminhão com compartimento secreto serviria para tirar os cadáveres da prisão. O *Patrón* me mandou ligar com urgência para Chopo e Tyson. Tudo estava pronto para esse importante ataque. Seus guarda-costas seriam assassinados na casa do comunicador.

Organizaram-se todos os detalhes para que os homens do Exército que vigiavam a prisão não suspeitassem de nada. Ainda assim, algo dizia a Pablo Escobar que os irmãos Castaño não viriam juntos. Caras tão astutos não cometeriam um erro desses, ainda mais sabendo quem era Pablo Escobar. Mas estávamos prontos para lhes dar baixa: Chopo, Giovanni Lopera, Tyson, Comanche, cada um com seu pessoal. Em La Catedral, Otto e eu fomos os escolhidos para eliminar esses dois ilustres.

A confiança entre os Castaño e Pablo Escobar foi quebrada em 1990, quando o líder do partido comunista colombiano, Bernardo Jaramillo Ossa, e posterior presidente da UP,[15] procurou seu amigo Pablo Escobar, solicitando um encontro presencial para discutir um assunto de sua segurança pessoal, uma vez que seu medo de ser assassinado era muito grande. A reunião concretizou-se por meio de um professor da Universidade Nacional, que era amigo de ambos. O doutor Bernardo Jaramillo estava em plena campanha presidencial e foi à cidade de Medellín, onde Pinina e eu o recebemos. Tínhamos suficiente pessoal armado, de modo que o separamos de sua escolta, composta por agentes do DAS. O candidato ordenou aos seus seguranças que o deixassem partir conosco. Nós o levamos para o alto de Las Palomas, em Medellín. Lá, na casa de Chucho Gómez, deu-se o esperado encontro. *Patrón* disse-lhe que não podia fazer nada contra os Castaño, o que Bernardo já sabia, mas ele insistia. Então, *Patrón* advertiu-o:

– Só posso te ajudar dando um conselho: não se deixe escoltar pela gente do DAS! Fidel e Carlos Castaño têm agentes infiltrados nesse órgão em nível muito alto.

Escobar explicou ao candidato como os Castaño tinham ajudado os extraditáveis no assassinato do aspirante mais firme à presidência,

15 Sigla de Unión Patriótica (União Patriótica), partido político colombiano de esquerda, fundado em 1935, como parte de uma proposta política legal de vários grupos guerrilheiros. (N. T.)

o eminente liberal doutor Luis Carlos Galán Sarmiento. Em sua morte, foi crucial o papel que exerceram os escoltas do DAS e os oficiais da Polícia e do Exército. Bernardo Jaramillo ficou preocupado e pediu para ser levado de novo a seus guarda-costas. Pablo despediu-se do líder da esquerda com um forte aperto de mãos. Pinina e eu o levamos à sua gente, e o notável político despediu-se de nós com um gosto de preocupação. Nunca soubemos como nem de que forma, mas os irmãos Castaño ficaram sabendo da reunião, de modo que sequestraram o professor que disponibilizou sua casa para o encontro e o fizeram desaparecer. Em poucos dias, o *Patrón* inteirou-se do desaparecimento do professor pela boca de Pinina. Os únicos que poderiam se interessar em saber o que se havia dito nessa reunião eram a inteligência militar e os Castaño. O professor nunca mais apareceu.

Naquele momento, rompeu-se a relação de Pablo Escobar com Fidel Castaño e seu irmão Carlos. Começou uma guerra fria entre esses bandos, com um acomodamento de forças e novas alianças e traições no submundo. Pablo soube que Carlos Castaño estava em contato com os chefes da máfia calenha. Como resultado previsível do que se vinha gestando, em 22 de março de 1990, Bernardo Jaramillo Ossa foi assassinado dentro do aeroporto El Dorado, de Bogotá, em uma área supostamente segura. No ato, o DAS acusou Pablo Escobar Gaviria pela suposta autoria do crime. Meu *Patrón* defendeu-se e rebateu tal afirmação, dizendo publicamente que era amigo pessoal do candidato. Essa foi uma manobra suja dos Castaño e do DAS contra o chefão da máfia. Fidel e Carlos procuravam fazer com que a guerrilha atacasse Pablo Escobar, culpando-o da morte do líder da esquerda. E, conhecendo o *Patrón*, sabiam que ele brigaria contra a guerrilha se fosse atacado. Procuravam fazer com que o chefão se aliasse estreitamente com a ultradireita e o

paramilitarismo na Colômbia. De igual forma, o DAS, ao culpar o inimigo público número um da Colômbia, encobria sua participação no grave ato e podia seguir agindo contra a esquerda colombiana, enquanto ganhava dinheiro a mancheias. Completava-se o quadro que desenharia a violência das duas décadas seguintes.

Em 26 de abril de 1990, foi assassinado outro importante dirigente da esquerda colombiana. Candidato com altas possibilidades de chegar à presidência da República, o doutor Carlos Pizarro Leongómez tornou-se outra vítima dos irmãos Castaño, outro dos políticos na mira, atacados por estes em sua aliança de morte e terror com as forças escuras do Estado, concentradas no órgão de inteligência do governo. De novo, o DAS, seguindo o mesmo padrão das mortes anteriores, acusou Pablo Escobar do magnicídio. *Patrón* negou a acusação, afirmando que não tinha nenhum fundamento.

Todos estávamos prontos para acabar com o problema Castaño Gil. A ordem do *Patrón* era clara: "Se não vierem os dois irmãos, aborta-se o plano".

Estávamos todos em nossos postos. Sentia-se a adrenalina e a liderança do *Patrón* à espera do que pudesse acontecer naquela visita. Estávamos de novo em uma importante operação da máfia, e seu resultado seria central para o que pudesse acontecer dali para a frente. As forças paramilitares chegaram às dez da manhã, mas havia somente um detalhe contra nós: Carlos Castaño Gil apareceu só na casa do comunicador, com seus guarda-costas. Chopo me avisou desse detalhe. Passei a informação ao *Patrón* e ele me mandou coordenar com o caminhão para subir Carlos sem os guarda-costas. Também me ordenou que não se desmontasse a operação, já que Fidel poderia aparecer de um momento para o outro. Apenas subir o líder paramilitar para a prisão não despertaria suspeitas, já que a

entrada em La Catedral não era para muitas pessoas. Carlos saudou friamente meu *Patrón* e foi direto ao assunto.

– Pablo – disse-lhe –, trago uma mensagem do povo de Cali: querem a paz.

Patrón não lhe respondeu nada; pediu apenas que o acompanhasse ao seu escritório. Carlos Castaño negou-se e pediu para conversar em um lugar aberto. Estava visivelmente nervoso e confuso.

– Não estou interessado na paz – respondeu friamente Pablo Escobar.

Ali começaram a falar de outras coisas e entraram em uma conversa sem nenhuma lógica que justificasse a visita de Carlos Castaño ao presídio. Depois de quarenta minutos de monólogos e respostas vagas, Carlos despediu-se do *Patrón* e eu desci com ele no caminhão, até o lugar em que seus guarda-costas o esperavam. De repente, Castaño se deteve e ficou olhando a montanha que cingia o lugar. Também observou com interesse as guaritas de vigilância e demais postos de segurança. Olhou-me e despediu-se, entrando no caminhão. Voltei rapidamente à cela do *Patrón*, e este mandou chamar Chopo, para deixá-lo ir.

– Você notou algo estranho, Pope? – perguntou.

– Claro, *Patrón*, o homenzinho estava se posicionando – respondi.

– O mesmo pensei eu – comentou sério. – Preparemo-nos para um ataque dentro da prisão – disse Pablo, em conclusão, informado do que Carlos Castaño tinha feito no estacionamento.

Concluímos que, possivelmente, estava buscando uma posição para um franco-atirador ou os acessos possíveis para um ataque com um grupo por terra. Recebi uma chamada de Chopo: "Carlos Castaño não chegou no caminhão, desceu depois dos controles do Exército e ocupou a montanha". Então, o *Patrón* ordenou que se desmontasse toda a operação de imediato.

Pablo Escobar Gaviria tinha um detector de mentiras portátil: seu olhar. Quando cravava o olhar em um ser humano, sabia se lhe estava mentindo ou não. Com Escobar, sempre era melhor falar a verdade.

IV

O começo do fim

O MEXICANO E SUA GUERRA CONTRA AS FARC: INÍCIO DO PARAMILITARISMO

Tyson, que tinha sido enviado para vingar a morte de Alberto Areiza, voltou de Cali com a má notícia de que o objetivo não era o poderoso chefão José Santacruz e sim seu pai, que tinha o mesmo nome. Pablo ordenou-lhe que não desmontasse a infraestrutura em Cali e mantivesse lá seus bandidos.

Passado um mês da visita de Carlos Castaño a La Catedral, um grupo de homens tentou entrar em nosso templo pela montanha, encoberto pelas árvores e a bruma densa da noite. O Exército reagiu e nós também. Cedo, um alerta de que o Exército via algo se movendo camuflado na selva delatou a posição dos intrusos, que se afastaram sem poder chegar à prisão. Nem sequer houve tiros naquela noite de suspense. Ao menos uma coisa estava clara: o Exército não estava a favor de nossos inimigos. O tema, não obstante, inquietava muito Pablo Escobar. A cada dia que passava, a prisão adquiria mais força e, ao mesmo tempo,

nossos inimigos faziam maiores esforços para nos desestabilizar. Parecia que tudo estava se acomodando para o fim de Pablo Escobar e do tenebroso cartel de Medellín.

Depois da execução de Henry Pérez por dois pistoleiros de nossa organização, os inimigos de Pablo capitalizaram este ato para elaborar a submissão do cartel de Medellín à Justiça. Caíram chuvas de cartas sobre La Catedral. O segundo homem de Henry Pérez foi aos meios de comunicação e chamou Pablo Escobar de "rato assassino" diante da opinião pública. Olhei para o rosto do meu *Patrón* quando escutamos a notícia, mas ele não demonstrava reação.

O assassinato de Henry reafirmou o poder do *Patrón* e assustou seus inimigos. A estratégia deles era desprestigiar ao máximo La Catedral e obrigar as autoridades a tirar o chefão de lá. Um inimigo como Pablo protegido pelo Estado e derrubando-os era uma situação muito complexa, algo totalmente indesejável. Os calenhos precisavam dele fora da prisão e perseguido pelas autoridades, para assim poderem chegar até ele e executá-lo. Andavam atrás da sua cabeça. Também lhes preocupava que Escobar estivesse rearmando o cartel de dentro da prisão, fortalecendo-se econômica e militarmente. O desgaste acumulado em sete anos de guerra ininterrupta estava superando-os. O cartel de Cali, não obstante, tinha um defeito: só sabia brigar com policiais aliados; eles não tinham bandidos de peso como nós. O que mais preocupou nossos inimigos naquele golpe foi que, no dia em que Henry Pérez fora executado, ele levava oito guarda-costas muito bem armados consigo, enquanto nós só precisamos dos rapazes com pistolas para eliminá-lo.

Os problemas em La Catedral cresciam como espuma. Aviões norte-americanos sobrevoavam o presídio constantemente, tirando fotografias, e todos os dias recebíamos informações de diferentes planos para nos assassinar dentro da prisão; mas a verdade era que

nada nos assustava com Pablo à frente. O golpe contra Henry Pérez também enfureceu muito os Castaño. O chefe paramilitar era seu amigo, um dos poucos que havia ousado enfrentar o meu *Patrón*.

O paramilitarismo na Colômbia já vinha de alguns anos antes. Nascera publicamente em 12 de novembro de 1981, com o sequestro de Marta Nieves Ochoa Vásquez. O clã Ochoa fundou, juntamente com Pablo Escobar e Mexicano, então, o grupo MAS (*Morte a Secuestradores*). Esse grupo lutou também contra o grupo guerrilheiro M-19, peleja esta que acabou em uma trégua e em uma aliança. A trégua deu como resultado a liberação de Marta Nieves por parte do M-19 e a aliança com Pablo Escobar forjou-se por sua ideologia esquerdista.

Contudo, o MAS não acabou ali. Foi crescendo até o Magdalena Medio antioqueno, onde se inclinou ao paramilitarismo, deslocando as autodefesas camponesas, que eram grupos amadores formados por camponeses sem treinamento e mal armados. As pessoas da região haviam se agrupado para defender-se dos ataques da guerrilha das Farc, das ameaças e do sequestro, de modo que o MAS, para elas, tinha caído do céu. Esse novo grupo definiu-se claramente como paramilitar ao ser treinado por militares ativos em táticas de combate. Usavam o mesmo uniforme dos militares e fuzis Galil 7.62 das Forças Armadas da Colômbia. A partir de então, militares e paramilitares realizavam operações conjuntas contra seu inimigo comum: a guerrilha das Farc.

Mas o que acabou dando poder ao paramilitarismo na Colômbia foi o apoio decisivo de José Gonzalo Rodríguez Gacha, o Mexicano, que se tornou o braço financeiro principal dessas milícias, e seu treinamento militar. Gacha trouxe armamento sofisticado, criou escolas de treinamento, contratou militares aposentados como instrutores e trouxe ao país o mercenário israelense Yair Klein para aperfeiçoar

as técnicas de combate desses grupos ilegais. Do Magdalena Medio, o paramilitarismo expandiu-se ao Urabá antioqueno, onde foi liderado por Fidel Castaño Gil. Mexicano decidiu então entrar em guerra com a principal guerrilha do país, as Farc, que tinha atacado um laboratório seu, roubando-lhe dez toneladas de cocaína e assassinando seus químicos profissionais, além de outros trabalhadores e pessoal de segurança do local. Os paramilitares tinham feito o trabalho sujo que os militares não se atreviam a fazer; assim, pouco a pouco, foram entrando no negócio da cocaína, até se tornarem os principais protetores da infraestrutura do narcotráfico.

LA CATEDRAL, ASSEDIADA POR TERRA E AR

Entrou uma nova informação que nos preocupava, mas não chegava a nos assustar totalmente. Pablo foi informado por um contato de dentro do exército salvadorenho de que os chineses tinham comprado duas poderosas bombas, de quinhentas libras cada uma, chamadas "bombas-papaia". *Patrón* dirigiu-se a uma fonte confiável, que lhe explicou que tais bombas eram devastadoras e letais, mas tinham um problema: só podiam ser lançadas por um avião especial. Por acaso, só a Força Aérea Colombiana tinha esses aviões. Aquilo cheirava a um possível atentado. Pablo deu o aviso ao governo e este tomou providências quanto ao assunto.

Na prisão também estabelecíamos nossas próprias medidas de segurança, como apagar todas as luzes quando havia um sobrevoo. Já não dormíamos em La Catedral. O governo autorizou-nos a fazer umas cabanas na montanha, e ali passávamos as noites, precavendo-nos também contra outro possível ataque terrestre. Os problemas cresciam feito bola de neve, mas estávamos acostumados a viver sob forte pressão e tínhamos um para-raios muito poderoso e praticamen-

te indestrutível chamado Pablo Escobar. Nada preocupava meu *Patrón*, que encarava cada nova ameaça com decisão e valentia. Foi construído um refúgio antibombas na periferia do presídio. O terreno, de umas trinta quadras no entorno, permitia que nos movimentássemos bastante e estivéssemos prontos em caso de um eventual bombardeio.

Chegou uma nova informação de muito boa fonte: os irmãos Rodríguez Orejuela estavam buscando pessoas de nível muito alto dentro da Força Aérea para o assunto das bombas. Procuravam um piloto especialista e um avião com as condições necessárias para terminar o trabalho. *Patrón* não se intimidou e avisou as autoridades sobre esses novos incidentes.

Nossa guerra contra o cartel de Cali ainda não rendia resultados satisfatórios. Precisávamos matar algum de seus líderes para virar a guerra a nosso favor, mas só caíam peões dos dois lados; e o pior, morriam mais que membros da máfia calenha. Nossos esforços para chegar aos irmãos Castaño Gil também não estavam dando em nada. Mesmo assim, nem tudo estava tão mal. As rotas do narcotráfico iam de vento em popa, dentro do presídio continuavam nossas festas, a família continuava nos visitando – tudo parecia normal em nossas vidas. *Patrón* surpreendeu-nos, decidindo mudar seu visual, ainda que não abandonasse seus jeans nem seus tênis esportivos. Tirou a espessa barba e deixou só o bigode, parou de usar o poncho, vestia moletons diferentes e, nas noites de frio, usava gorros russos. Desfrutava muito de sua família, sobretudo da pequena Manuela, "sua pequena bailarina sem dentes", como declarou publicamente em certa ocasião. Assim seguia passando o tempo em La Catedral, apesar do assédio de tantos de nossos inimigos.

Pablo recebeu informações sobre os irmãos Castaño Gil; soube que frequentavam semanalmente os esconderijos dos chefes do

cartel de Cali. Aconteceu então algo muito grave, que Pablo já suspeitava de alguma forma que fosse acontecer. Dado que a extradição estava proibida na Constituição Nacional da Colômbia, um narcotraficante de peso e os problemas do *Patrón* poderiam acabar prejudicando de maneira direta os negócios do grupo de Medellín. Efetivamente, enquanto toda a pressão das autoridades estava sobre esta cidade, em Cali traficavam tranquilamente... Os irmãos Castaño Gil, procurando tirar proveito da situação, começaram a mover suas fichas para convencer Negro Galeano e Quico Moncada a deixarem de apoiar e de financiar Pablo Escobar e, mais complicado ainda, a se aliarem aos homens de Cali.

Meu *Patrón* recebeu aquele golpe impassível. Levantou-se de sua mesa, olhou-nos sem dizer nada, caminhou um pouco com as mãos para trás e sentou-se outra vez, sem murmurar uma palavra sequer. Essa era uma ocorrência grave para o cartel de Medellín. Tanto Negro Galeano como Quico Moncada se fizeram chefões ao lado de Pablo Escobar. Não eram guerreiros do peso de Pablo, sobretudo Quico Moncada, mas eram grandes traficantes de droga, com rotas, aviões e uma infraestrutura muito boa. Quico financiava Pablo quando este tinha problemas de efetivo, tal qual o clã Ochoa. Ficar sem seu apoio era perder um braço financeiro que, por aqueles dias, era muito necessário, sobretudo tendo em conta que o cartel de Medellín estava se rearmando a partir de La Catedral. Era um golpe forte, mas não definitivo, para Pablo Escobar e para nós. As rotas do narcotráfico estavam funcionando de novo sob o controle do *Patrón*, mas Negro Galeano e Quico Moncada administravam e forneciam pela rota principal do cartel de Medellín: a Fania, que saía de Buenaventura a cada dois meses de barco, carregada com doze toneladas de cocaína rumo ao golfo do México.

Uma organização tão grande como o cartel de Medellín precisava de um fluxo de dinheiro constante. Eram muitas pessoas, muitas ligações e subornos que tinham de ser pagos diariamente. Sem dinheiro, o cartel poderia ver-se encurralado, sem poder suficiente para adiantar seus movimentos cotidianos. Aconteceu, então, algo que complicou ainda mais as coisas. Ariel Otero apareceu assassinado na entrada de Puerto Boyacá. Encontraram-no torturado e amarrado, com um tiro de misericórdia. O principal suspeito de sua morte era, de novo, Pablo Escobar, outro suposto assassinato por ordens que saíam de La Catedral. Choveram críticas sobre o governo e todos os olhos voltaram a se colocar sobre nós. Ninguém se esquecera de que Ariel Otero tinha chamado o *Patrón* de rato assassino publicamente, e Pablo Escobar era implacável com esse tipo de coisa.

Mas não tínhamos sido nós os culpados por aquela morte. O assassinato do chefe paramilitar que herdou o poder de Henry Pérez foi idealizado pelo cartel de Cali. Otero negociava armas e outras coisas com a máfia calenha, e a cúpula mandou eliminá-lo por suspeita de estar passando informações a um grupo da DEA, que não cooperava com eles. Aqui já entrava em jogo a Agência Antidrogas dos Estados Unidos, uma organização que é coisa séria. Ninguém favoreceu a guerra entre cartéis tanto quanto ela. Enquanto um grupo da DEA apoiava os calenhos contra nós, outro grupo compilava informações dos calenhos para ir contra eles. Seu plano era que, quando nós caíssemos, cairiam depois os quatro grandes de Cali.

Utilizaram o assassinato de Ariel Otero para nos atacar desprezivelmente. Ao lado do cadáver do paramilitar, deixaram um cartaz no qual, supostamente, Pablo Escobar atribuía a si o crime. Esses acontecimentos levaram a embaixada norte-americana a pressionar cada dia mais o presidente da Colômbia para que nos tirasse de La Catedral. Nossos dias lá já estavam contados.

UM AMOR EM MEIO À MORTE

Apesar de tudo o que acontecia, o destino me mostrava de novo o amor. Uma bela mulher veio nos visitar, *Patrón* e eu, em nosso templo na montanha. Tratava-se de Ángela María Morales. Eu a conhecia do meu bairro, o Éxito. Ángela María era o sonho de todos os que a conheciam. Tamanha era sua beleza que não parecia estar ao meu alcance, já que eu era apenas um jovem fraco de jeans, camiseta e tênis brancos que não despertava nenhum interesse naquela jovenzinha que, já desde sua tenra adolescência, trabalhava como modelo: pernas grandes e torneadas, cabelo negro, rosto angelical, personalidade irresistível. Nenhuma mulher sabia caminhar como ela, com essa arte para os saltos altos e uma sensualidade de matar. Um verdadeiro sonho de mulher! Era um espetáculo vê-la da minha varanda ou da calçada, quando saía de sua casa para ir ao colégio. Mesmo ainda adolescente, seus lindos quadris e sua voluptuosidade já enlouqueciam qualquer um. Uma rainha! Ela era o meu sonho, mas eu era só um reles sonhador. Nem em minhas projeções mais otimistas estava poder pretendê-la. Seus um metro e setenta e seis de altura e sua imponente presença me assustavam.

Ángela era amiga do *Patrón* e foi ao presídio com uma amiga, em uma visita de cortesia. Eu afastei-me de minhas funções no caminhão e no interfone, meu mundo inteiro reduziu-se à Ángela María. Ela estava em meu terreno, e atrevi-me a flertar. Talvez não voltasse a ter outra oportunidade como aquela. *Patrón* foi atrás da acompanhante de Ángela, que também era muito bela e sensual. Fui afortunado e consegui levá-la à minha cela, que, apesar de não ser tão luxuosa quanto a de Pablo Escobar, tinha banheiro particular, televisão, equipamento de som, biblioteca e uma boa cama. Ali, finalmente, pude olhar em seus olhos como nunca antes, e desde aquele momento tudo mudou para mim. Ela se tornou minha namorada.

Dizem que só se ama com total paixão uma vez na vida, mas eu estava apaixonado de novo. A primeira vez que a beijei foi como beijar um sonho e torná-lo realidade. Aquele momento foi um dos mais maravilhosos de toda a minha vida. Em meio a tanto sangue e tanta violência, meu coração palpitava como o do adolescente que um dia sonhou possuí-la, quando, da varanda de casa, via como um mafioso a pegava em seu esplêndido carro. Isso despertava em mim uma sede de vingança, que anos mais tarde pude satisfazer. Quando comecei no cartel, vi aquele homem em uma discoteca. Esperei pacientemente que fosse embora, persegui-o e assassinei-o em companhia da senhorita que estava com ele. Surpreendentemente, no dia seguinte, quando cheguei à fazenda Nápoles, Pablo me mandou sair às ruas e assassinar o pistoleiro Alfonso, responsável pela morte de seu melhor amigo. Imediatamente, dirigi-me à casa do meu amigo que pilotava a moto. Ali, a mãe dele, que me conhecia muito bem, convidou-me a entrar. Entrei, perguntei a Alfonso se tinha contado a alguém o que acontecera na noite anterior, e ele respondeu que não. Então, saquei meu revólver e disparei direto na cabeça dele. A mãe dele gritou, e tive de assassiná-la também. Anotei a placa da moto do meu amigo e levei a Pablo, como prova e para eliminar qualquer indício que me implicasse; do contrário, o morto teria sido eu.

A primeira vez que me apaixonei foi por uma namorada do *Patrón*; ela se chamava Wendy Chavarría Gil, mas aquele romance terminou em tragédia. O destino a colocou em meu caminho para fortalecer meu espírito guerreiro, quando, depois do assassinato do procurador, fui com ela para a Venezuela. No entanto, ao ver que eu não podia satisfazer seus gostos refinados, ela decidiu voltar para Medellín. Quando voltei, procurei-a ao longo de três meses, mas ela negou-se categoricamente a voltar comigo.

Minha mente, cegada pela rejeição, anunciou que o tempo de Wendy tinha chegado ao fim; então enviei as motos com meus pistoleiros, que acabaram com a vida dela.

QUICO MONCADA E NEGRO GALEANO: VENTOS DE GUERRA DENTRO DO CARTEL

Antes de viver em Éxito, tive minha casa em Itagüí, um município a dez quilômetros de Medellín. Lá o rei era Fernando Galeano Berrio, Negro Galeano. Ele e seu irmão Mario não perdiam oportunidade para mostrar o esplendor do narcotráfico no município. Passeavam por suas ruas com belas mulheres, em carros que só se viam na televisão. Negro Galeano era popular e generoso, um personagem completo. Os edifícios que havia no local, todos em lotes importantes, foram construídos por ele. Era um tipo bem apresentado: moreno, de estatura média, que andava sempre muito bem vestido. Seu pai tinha um depósito de materiais para construção, e apesar de sua grande fortuna, quase nunca abandonava Itagüí. Gostava de se mostrar e de exibir seu sucesso pelas ruas principais do município.

Naquela época, eu era um jovenzinho sonhador, e apenas olhava para ele impressionado. Chamava-me a atenção a sua forma de vida e nunca pensei que o destino dele fosse se cruzar com o meu. Por sua vez, Gerardo Moncada Cuartas, o Quico Moncada, era um homem magro, normal, que não mostrava o que era. Sempre buscou a proteção de Pablo Escobar e era como um industrial da cocaína. Tornou-se, juntamente com Jorge Ochoa, a salvação econômica do cartel. Manejava grandes quantidades de dinheiro em espécie. Não era um homem violento, ao contrário, costumava ser amável e prestativo. Gozava de muito boa amizade

com Negro Galeano. Quico era, inclusive, mais rico que Pablo Escobar, uma verdadeira máquina de fazer dinheiro.

Em La Catedral, eu trabalhava duro organizando o caminhão para os encontros do dia de meu *Patrón* e atendendo o interfone, mas a verdade é que eu só pensava na minha Ángela, que me visitava a cada oito dias e, às vezes, durante a semana, sempre vestida como uma princesa. O mais importante, porém, era sua abnegação, amor e solidariedade, que cresciam cada dia mais. Pablo não queria aceitar nenhum delito dos milhares que tinha cometido, e esse era um dos pilares da política de submissão à Justiça. Também não permitia que aceitássemos alguma participação nos graves acontecimentos ocorridos no país. Naqueles dias, implantou-se a justiça sem rosto. Os promotores não se permitiam ser vistos e a voz deles era distorcida. Era uma justiça medieval, mas o Estado teve de recorrer a ela, já que todo funcionário que abrisse um processo contra Pablo Escobar ou contra nós acabava sendo morto.

Tivemos um bom Natal, em paz e em família. Em termos gerais, seguíamos desfrutando do nosso triunfo: não tínhamos a extradição sobre nós e vivíamos em uma prisão muito confortável. Além disso, prosseguíamos com a nossa vida, mesmo estando dentro da prisão. O trabalho não era fácil. Tivemos a informação de que os norte-americanos iam infiltrar um amigo do *Patrón* para gravar uma conversa do narcotráfico e, assim, ter um argumento de peso para embargar La Catedral; portanto, eu tinha de registrar os amigos e sócios do chefão, o que era muito complexo e devia ser feito com muito tato. Todo dia eu subia e descia escadas levando mensagens a Pablo Escobar, já que ele permanecia nas cabanas, e do interfone até aquele lugar havia mais de um quilômetro e meio de distância. Quando subiam o Quico e o Negro

Galeano, tínhamos de levá-los no ato ao *Patrón*, era o combinado. Como Pablo Escobar estava reconstruindo as finanças de sua organização, os dois haviam se comprometido com a manutenção da prisão.

Nos primeiros dez meses, a ajuda chegou pontualmente no caminhão designado. Aquele era, acima de tudo, um dinheiro simbólico, que mostrava ao *Patrón* que os calenhos não tinham incorporado seus dois sócios e os estandartes financeiros do cartel de Medellín. Em algum momento, Negro Galeano intercedeu em favor dos irmãos Castaño e prometeu que os controlaria, e Pablo disse-lhe que ele não os estava atacando.

A prisão era cada vez mais criticada, já que os detratores do processo de entrega à Justiça diziam que o único narcotraficante que havia ali era Pablo Emilio Escobar Gaviria, e que nós, seus lugares-tenentes, estávamos lá para garantir a segurança de nosso grande líder, enquanto os bandidos que moviam as comunidades estavam nas ruas. Dentro da organização, o mais importante era o Rubén, apelidado de La Yuca; ele foi assassinado por ordem do próprio Pablo Escobar, já que ele estava saindo do controle. Em seguida, vinham Chopo, Pinina, Arete, Otto e Mugre. Logo depois deles estava eu, que ficava acima de Giovanni Lopera Zabala, Ricardo Prisco Lopera e do grupo de Tyson.

Então aconteceu o que tinha que acontecer.

Um belo dia, os quinhentos mil dólares não chegaram, mas tão somente cinquenta milhões de pesos, colocados em uma caixa. Pablo olhou o dinheiro com tranquilidade e me disse:

– Envie isso a Quico e ao Negro com a seguinte mensagem: "Pablo Escobar não recebe esmolas de ninguém, nem se estiver morrendo de fome".

Os dois chefões preocuparam-se e trataram de acalmar o *Patrón*, a quem o dinheiro não preocupava, mas sim a Fania, além do fato

de que seus dois sócios e amigos estivessem fazendo tratos com os calenhos pelas suas costas. Estava tudo combinado para acabar com a organização, mas aconteceu algo que lhe deu um colorido fatal, algo que já se esperava que acontecesse. Titi, um pistoleiro de Chopo, encontrou um esconderijo com vinte e três milhões de dólares dos quais, aparentemente, ninguém tinha notícia. Isso levou Quico e Galeano a irem a La Catedral para tentar esclarecer as coisas. O dinheiro pertencia a Negro Galeano.

Pablo não pensou duas vezes; pediu que eu organizasse uma reunião com Chopo, Arete, Cuchilla, Tyson e Comanche. Sentiam-se ventos de guerra e morte dentro da própria organização. A ordem era clara: morte a Quico Moncada e a seu irmão William Moncada; morte a Fernando e Mario Galeano Berrio; morte a seus amigos e guarda-costas; recolher dinheiro e bens. Dentro da prisão, permanecíamos em estado de alerta para matar os que soubessem. Assim morreram Quico Moncada, seu irmão William Mario Galeano Berrio, Fernando Galeano e uma vintena de seus homens. O controle que tínhamos de dentro da prisão nos permitia agir sem nenhuma restrição. *Patrón* ficou com dezoito, dos vinte e três milhões de dólares, e o restante foi repartido entre Titi e seu pessoal.

Essa matança trouxe suas consequências dentro da máfia, com os Castaño unindo-se à frente do cartel de Cali. Daquele tiroteio sobreviveu o motorista e o guarda-costa de confiança, um senhor chamado Diego Murillo Bejarano, conhecido como *don* Berna. Ele treinava forças de Chopo, mas depois do assassinato dos Moncada uniu-se aos Castaño Gil. O governo recebeu a denúncia do assassinato, dada por Mireya Galeano Berrio e Rafael Galeano Berrio, em 22 de julho de 1992.

DE NOVO NA PRISÃO: O CÁRCERE DE ITAGÜÍ

A quarta vez que vim para a prisão foi no presídio de Itagüí. Não era tão confortável e tranquilo como La Catedral, mas ainda tínhamos alguns benefícios. Ao pátio chegou também o clã Ochoa. Ali estava seu chefe, Jorge Luis Ochoa Vásquez, e seus irmãos Fabio e Juan David. Havia visitas quase todo dia, comida vinda da casa dos Ochoa, grades por todos os lados e cimento. Nessa prisão estavam os rapazes que foram recapturados dentro de La Catedral; assim, foram chegando Otto, Mugre, Roberto Escobar e Gustavo González Flórez.

Ali me vieram lembranças da despedida do *Patrón*. Eu fui o único que fiquei com ele depois da fuga. Um belo dia, fui pegar a correspondência, na qual vinha um telefone de maleta. Naquela época, não havia celulares. Pablo percebeu que eu estava desanimado e perguntou:

– O que você tem, Pope?

– Senhor, vem um telefone – respondi.

– Se tem medo, entregue-se com meu irmão e Otto à prisão de Itagüí – disse sério e me olhando nos olhos.

– *Patrón*, você sabe que temos os norte-americanos, os ingleses e os israelenses em nosso encalço. Com esse aparato, eles nos localizam no ato – respondi respeitosamente.

– Você está é apaixonado – ele disse com um sorriso. – Melhor ir para a prisão, que lá pode ver sempre sua bela namorada – arrematou.

– Vou pensar, senhor – respondi.

Pedi licença e fui para o quarto que ocupava no esconderijo que tínhamos na parte baixa do bairro El Poblado. Estávamos escondidos em uma casa de classe média alta. Aquela seria uma decisão definitiva para a minha vida: por um lado, eu queria estar ao lado do *Patrón*; por outro, estava perdidamente apaixonado por

Ángela. Estando no esconderijo, só consegui vê-la duas vezes em um período de dois meses. Pablo Escobar tinha me levado para vê-la, juntamente com a sua esposa, La Tata. Na prisão, em troca, poderia vê-la todas as quartas e domingos. Além disso, o telefone me preocupava. *Patrón* era extremamente tranquilo e poderia usar o telefone a qualquer momento. Eu sabia que a visita na prisão era das oito da manhã às oito da noite, tempo suficiente para eu me embriagar de amor e prazer no romance de um simples mortal com uma deusa. Outra coisa me preocupava: Fidel e Carlos. Circulavam boatos de que eles iam atentar contra nossas famílias e matar nossas mulheres em retaliação pela morte dos policiais. Tudo aquilo dava voltas sem parar na minha cabeça.

A Polícia e os inimigos do *Patrón* sabiam que eu estava com ele desde que assinamos o comunicado de 24 de julho. Minha família poderia ser o primeiro alvo. Contudo, se eu estivesse na prisão, o interesse por mim diminuiria quase por completo. Não pensei mais. Fui até Pablo Escobar. Ele estava assistindo à televisão.

– Já decidi, senhor – foi a primeira coisa que lhe disse.

– O que decidiu? – perguntou-me, sem tirar os olhos da televisão, com o controle remoto na mão direita.

– Vou embora, *Patrón* – respondi em voz baixa, mas sem tirar o olhar do rosto dele.

– Eu já sabia – respondeu-me com um sorriso amável.

Ao amanhecer daquele dia, do qual me lembrarei para sempre, despedi-me do meu *Patrón*, meu líder e meu melhor amigo. Dirigi-me à prisão de Itagüí e, pela segunda vez, entreguei-me às autoridades colombianas. Um abraço e um obrigado por tudo foi a última e única coisa que recebi de Pablo Escobar Gaviria.

No presídio de Itagüí, eu vivi um caso de amor com a minha namorada e consegui descansar e ter mais tranquilidade. Sabia que

não poderiam jogar bombas-papaia lá, já que a prisão estava em área urbana, e, se não tinham conseguido jogá-las em La Catedral, em Itagüí era pouco provável que o fizessem. Enquanto isso, lá fora intensificava-se a guerra entre os calenhos e o *Patrón*. A Polícia voltou a Medellín com seu grupo especializado: o bloqueio de busca. Tratava-se de um grupo de trezentos policiais especializados na luta contra nós, que vinha acompanhado da DEA, da CIA, do Exército colombiano, da Dijin, do DAS e de numerosos civis.

O cartel de Medellín dividiu-se por causa da morte dos Galeano e dos Berrio. Poucos mafiosos nativos continuaram com o *Patrón*; alguns passaram do cartel de Cali para as fileiras dos Castaño, mas meu *Patrón* não se deu por vencido e seguiu lutando. Assim surgiram os Pepes, como eram chamados os "Perseguidos por Pablo Escobar". Esse grupo nasceu sob a direção dos irmãos Castaño Gil e dos irmãos Rodríguez Orejuela, de José Santacruz Londoño, de Hélmer Herrera Buitrago, da Polícia, da DEA, da CIA, do DAS, da Dijin e de um até então desconhecido: Diego Fernando Bejarano, o *don* Berna.

Lá em Itagüí estava Fabito, o Fabio Ochoa, que era um homem bom, inteligente, mais baixo que seus irmãos e com cara de menino; um verdadeiro Ponce de León. Por ser tranquilo, foi o apoio de *don* Jorge Ochoa quando este esteve capturado. Apesar de ser sempre amável e respeitoso no trato conosco, os lugares-tenentes de seu grande amigo Pablo Escobar, ele pegava em armas quando se via encurralado. Juan David Ochoa, por sua vez, era petulante, muito bem-vestido, mas não se relacionava facilmente com as pessoas, sempre preferindo manter uma marcada distância de nós.

Do pavilhão 3 da prisão fomos transferidos, juntamente com os Ochoa, para o pavilhão 1, um lugar mais fechado e menor. O tempo que estivemos com os Ochoa foi bom e tranquilo.

OS PEPES: O PRINCÍPIO DO FIM

As coisas na organização se complicavam mais a cada dia. Chegaram notícias da rua: os Pepes tinham montado quartéis criminais em Montecasino, na mansão de Fidel Castaño, e também na Escola de Polícia Carlos Holguín, na cidade de Medellín. Havia boatos de que tinham visto Fidel Castaño, vestido de policial, entrando em uma das propriedades de lazer do *Patrón*, no leste da Antioquia. Também se soube que meu *Patrón* estava lutando por meio de seus bandidos Tyson, Giovanni Lopera, Arete, Palomo, Chopo, Comanche e Cuchilla, e cada um com seu próprio exército. Dizia-se também que os Pepes estavam fazendo um túnel até o nosso pavilhão, com o intuito de explodi-lo; como consequência desse boato, as visitas diárias foram proibidas e foi imposto um regime penitenciário: visitas femininas e familiares às quartas e domingos, das oito da manhã às cinco da tarde; visitas de homens aos sábados, das oito da manhã às cinco da tarde. O restante da semana passávamos totalmente sozinhos. Lá fora, nas ruas, a guerra não dava trégua. Os Pepes encontraram e executaram Johnny Edinson Rivera Acosta, conhecido como Palomo; ele foi assassinado em Itagüí, no bairro Calatrava, depois de um tiroteio que durou três horas. Os Pepes estavam atrás da nossa sombra, e assim começava o princípio do fim do cartel de Medellín e de seu grande chefe, Pablo Escobar.

Arete decidiu submeter-se à Justiça e também foi levado para o nosso pavilhão. Ele foi outro que deixou o *Patrón* sozinho no momento em que, talvez, ele mais precisasse. A pressão era forte nas ruas. Apesar da paranoia que nos perseguia, minha namorada não me abandonava. Ela ia religiosamente à visita semanal, vestida como uma princesa e acompanhada de Alejandro, filho dela, de apenas 4 anos, e de um empresário de Bogotá. A situação era muito complexa, mas o amor não me deixava ver o perigo para a minha amada

e seu filho. A cidade de Medellín estava em guerra entre policiais aliados aos Pepes, de um lado, e Pablo Escobar Gaviria e os poucos aliados que lhe restavam, do outro; enquanto isso, nas ruas, o clima era de muita angústia e incerteza.

Patrón perdeu outro homem importante: Giovanni Lopera Zabala entregou-se à Justiça e também foi levado para o nosso pavilhão.

Os Pepes assassinaram Luis Guillermo Londoño White, irmão de Diego Londoño White, um importante empresário antioqueno que nos fornecia informações sobre pessoas ricas da cidade para facilitar sequestros.

Enquanto isso, *Patrón* seguia sendo financiado pelo clã Ochoa, pelo sequestro e pelo narcotráfico, mas os Pepes estavam adquirindo cada vez mais força, agora começando a assassinar nossos advogados. A cada dia que passava, mais crítica a situação se tornava para nós, que perdíamos força e poder, enquanto nossos inimigos ganhavam. Os Pepes assassinaram o doutor Guido Parra e seu filho, o advogado Raúl Zapata Vergara, obrigando homens da nossa defesa a empreender fuga, por medo de serem assassinados. Por conta disso, ficamos sem defesa jurídica.

Gustavo González Flórez, conhecido como Tavo, não aguentou a prisão e se fez transferir para o presídio Bellavista, em Medellín, onde poderia nos delatar pela morte dos irmãos Galeano e dos irmãos Moncada; entretanto, um de seus aliados levou isso ao conhecimento do *Patrón*, por carta, e este mandou executá-lo a bala no pátio do presídio especial de Bellavista, mas ele foi levado ferido para o hospital.

Meu *Patrón* e nós recebemos ainda outros dois golpes brutais. Primeiro, Brances Muñoz Mosquera, o Tyson, foi localizado e assassinado em uma casa no bairro Belén, em Medellín, em 28 de outubro de 1992. Isso aconteceu durante uma operação de um comando

armado da Polícia e dos Pepes, que colocaram duas cargas de explosivos acionados com mecha lenta para derrubar a porta, mas Tyson respondeu do pátio da casa com tiros de pistola, até finalmente cair como um guerreiro das ruas – a guerra era cada vez mais cruel. Segundo, Paul Daniel Muñoz Mosquera, o Tilton, foi assassinado poucos dias depois, dessa vez no bairro El Poblado – mais um golpe que os Pepes nos desferiram.

E assim, os assassinos que eram a base da organização iam caindo nos bairros feito moscas. Torturas, assassinatos, bombas para todo lado. Reabastecido, *Patrón*, em companhia de seu filho Juan Pablo, foi a uma casa do bairro La Castellana em busca de Fernando Hoyos Posada, um capitão da Polícia e um dos homens mais importantes na inteligência policial do bloqueio de busca. Eles colocaram uma bomba na porta da casa do capitão, e o próprio Pablo entrou lá e matou-o com um tiro. Depois, o *Patrón* também mandou detonar uma bomba em Bogotá, no centro comercial da rua 93, um exclusivo e movimentado ponto da capital, para depois sair às ruas em companhia de Chopo, a fim de animar seus bandidos. Entretanto, o cartel de Cali não podia estar melhor. A guerra contra o cartel de Medellín não só estava quase ganha, como também os irmãos Castaño, depois de ter tomado a cidade de Medellín, estavam sossegados e começavam a desfrutar de seu poder.

O clã Ochoa e Pablo Escobar receberam mais um duro golpe: os Pepes assassinaram José Orejas por este recusar-se a lutar contra Pablo Escobar. Como se fosse pouco, aconteceu algo ainda mais complicado: localizaram Guillermo Zuluaga, o Cuchilla, em um apartamento, e sequestraram-no; a Polícia o levou vivo para Cali, para vendê-lo aos calenhos. Lá ele foi torturado e enfiado vivo em uma máquina de triturar cana, em um grande banquete de san-

gue para os quatro chefes da máfia calenha, que, naquele momento, acreditavam ser os donos do mundo.

Tudo já estava muito mal, mas como bem diz a sabedoria popular, tudo o que está ruim ainda pode piorar. A Polícia e os Pepes localizaram Mario Alberto Castaño Molina, conhecido como Chopo, em um apartamento no centro de Medellín e o assassinaram quando ele tentava pegar sua pistola. Mais uma excelente notícia para os calenhos e os irmãos Castaño Gil, e mais um duro golpe para o cartel de Medellín.

Com um grupo de bandidos inexperientes, Pablo atacou e tentou sequestrar Lisandro Ospina Baraya, em Bogotá. Este senhor era irmão de Chapulín, um dos colaboradores dos Pepes, e neto de dona Berta Ospina, a viúva de um ex-presidente da República da Colômbia. Um comando de quinze homens falhou na tentativa de sequestro e executou o homem com dois tiros.

Dairo Cardozo Metaute, conhecido como Comanche, aliado de Pablo Escobar, entregou-se à Justiça e também foi enclausurado em nosso pavilhão, assim como José Fernando Posada Fierro, o Fierrito, que foi quem passou a administrar as rotas de narcotráfico para o *Patrón* depois da morte de seu primo e sócio Gustavo Gaviria Riveros. Por aqueles dias, os Pepes também assassinaram Rodrigo Osorio em sua propriedade de Sabaneta, na Antioquia; ele era o principal contador das atividades de narcotráfico de Pablo Escobar. Nessa fila interminável de assassinatos, Carlos Arturo Henao Vallejo, irmão da esposa de Pablo Escobar, também foi vítima dos Pepes, que davam início ao assassinato de nossas famílias.

A prisão de Itagüí não era como La Catedral, mas seguia o seu ritmo. Não tínhamos um líder; estávamos sós, pois não reconhecíamos Roberto Escobar como chefe. Eu me fazia de louco, desfrutando da minha namorada; o cartel de Medellín desmo-

ronava e eu, em meu idílio, me mantinha insensível ao que se passava ao meu redor.

Outro de nossos advogados, o doutor José Salomón Lozano Cifuentes, foi assassinado, muito embora já tivesse abandonado nossos processos.

Guerra é guerra e, naquele tempo, ela não tinha compaixão com ninguém.

Pablo Emilio Escobar Gaviria contra-atacou e ordenou o assassinato de Miriam Rocío Vélez Pérez, uma juíza que conduzia duas investigações contra o *Patrón*, e de três de seus seguranças. Pablo, contudo, já estava só; trabalhava com bandidos inexperientes, andava pelas ruas praticamente desprotegido, e sua cabeça estava a prêmio, valendo cinco milhões de dólares. Os irmãos Castaño conheciam toda a nossa organização, os lugares de deslocamento de Pablo Escobar e de muitas das pessoas que trabalhavam para ele, e isso lhes dava grande vantagem no ataque.

Carlos Castaño, assim como o meu *Patrón*, ia às operações pessoalmente; de arma na mão, era o primeiro a entrar.

Depois, soubemos que até Cuco, nosso especialista em explosivos, se unira aos Pepes e traíra meu *Patrón*, tal qual muitos das bandas de Medellín. A pergunta que os Pepes faziam era direta: "Com Pablo ou contra Pablo?". Os que demoravam mais de um segundo para responder eram executados no ato, a sangue-frio, e os que diziam "sim" de imediato tinham de se tornar informantes ou inimigos nossos, sem opção. Assim o fez Gustavo Upegui, vulgo La Chepa, um aliado próximo dos Muñoz Mosquera, e agora todos os seus bandidos de Castilla passavam a engrossar o exército dos Pepes. O reforço para as quadrilhas delinquentes como mecanismo de pressão e desestabilização da estrutura criminosa de Pablo estava dando resultado para os Pepes.

Outro homem importante ao lado dos Pepes era Diego Fernando Murillo Bejarano, o *don* Berna, que chegou a ser uma peça-chave na perseguição contra nós, pois conhecia a estrutura. Era alto, com um metro e oitenta de altura, obeso, com uma perna só e dentes grandes. À primeira vista, *don* Berna não parecia representar perigo, por causa de seu andar lento, devido à prótese na perna, mas ele era um homem letal. Sendo motorista e guarda-costa do Negro Galeano, atreveu-se a enfrentar Pablo Escobar e sua organização. Como sempre foi um homem valente, inteligente e grande estrategista, ele logo ganhou não apenas a confiança de Fidel e de Carlos Castaño, mas também a dos quatro grandes chefões de Cali, para então fazer parte do grupo de busca.

Quadrilhas tão poderosas como a Terraza também se aliaram aos Pepes e combateram contra nós e nossos aliados. Assim era e continua sendo a máfia: um dia são seus aliados; no outro, seu pior inimigo. O poder dos calenhos, dos irmãos Castaño e de *don* Berna era total, com o beneplácito entusiasta da DEA, da CIA e da Polícia Nacional.

Sendo colombianos de nascimento, esses criminosos já não temiam uma extradição aos Estados Unidos, pois estava proibida; fora suprimida da Constituição Política da Colômbia depois de passar por uma série de comissões de trabalho, de sessões plenárias, e de, por fim, ter chegado à Assembleia Constituinte, onde, por votação secreta, fora aprovada com quarenta e oito votos a favor, nenhum contra e quatro abstenções. Quer dizer, a proibição da extradição era consenso entre os liberais, assim como entre outros partidos, incluindo indígenas e integrantes do EPL,[16] do MSN[17] e

16 Ejército Popular de Liberación (Exército Popular de Libertação), criado em 1967; considerado o terceiro grupo guerrilheiro colombiano em tamanho, atrás apenas das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e do Exército de Libertação Nacional (ELN). (N. T.)

17 Movimiento de Salvación Nacional (Movimento de Salvação Nacional), movimento criado por Álvaro Gómez Hurtado, em 1990, em dissidência ao Partido Conservador Colombiano, para apresentar sua candidatura presidencial na Colômbia.

da Aliança Democrática M-19. Estabeleceram-se incentivos, como a redução da pena para aqueles que se submetessem à Justiça, com isso pretendendo-se que a abolição das extradições se convertesse em uma ferramenta mais proveitosa para a Justiça. Mas tudo isso não foi conseguido de maneira simples; foi, na verdade, um importante feito de nosso *Patrón* e nosso, seus lugares-tenentes, que agora favorecia também aos nossos inimigos e proporcionava um grande alívio ao presidente da Colômbia, César Gaviria Trujillo, para poder governar.

A fuga de Pablo Escobar de La Catedral fez cambalear o governo Trujillo depois do assassinato de Luis Carlos Galán, que lhe deu a oportunidade de ouro para ser presidente. Seus inimigos diziam: "Ganhou a presidência no enterro do doutor Galán Sarmiento!". Com efeito, sua sorte mudou radicalmente com aquele acontecimento. O doutor Gaviria era o segundo na lista política do doutor Galán e, no dia do seu funeral, Juan Manuel Galán, o filho do líder assassinado, entregou-lhe as bandeiras de seu pai em pleno cemitério. A rejeição generalizada do povo à morte do doutor Galán levou à presidência da República o doutor César Gaviria Trujillo. Agora, só faltava Pablo Escobar cair, e tudo estaria consumado.

DA ANTIOQUIA À CAPITAL: O PRESÍDIO MODELO

De Itagüí, fui transferido para o presídio Modelo, em Bogotá – uma prisão de verdade. Esse cárcere contava com mais de cinco mil prisioneiros, envolvidos pelo odor nauseabundo que enchia cada canto. Gritos, rixas, música por todo lado e, o pior, um corredor central que infundia medo: era como um monstro vivo com ânsia de devorar quem por ali passasse. Mas o bom Deus nunca me desamparou: em meio àquela loucura inumana e sangrenta havia um

edifício de quatro andares, chamado Alta Segurança, que Deus me deu como refúgio. Era um oásis no meio daquele inferno. Ali se encontrava detido Iván Urdinola Grajales, um poderoso narcotraficante do norte do Valle del Cauca. Estava casado com uma irmã de seu líder, o famoso homem do macacão, Orlando Henao Montoya, amigo de Hernando Gómez Bustamante, conhecido como Rasguño. Esse grupo era forte, formado por bandidos bonitos e ousados vindos de Águila, de El Divino, de Roldanillo e de outros povoados do norte desse departamento. Urdinola tinha 36 anos e negociava como ninguém, com grande poder tanto militar quanto econômico. Isso lhe permitia uma vida de conforto e uma alta segurança dentro do presídio, mas, sobretudo, dava-lhe o benefício de poder ser visitado por sua família, já que não podia ser extraditado. Isso se devia a Pablo Escobar e a nós, seus lugares-tenentes, que empreendêramos a guerra contra o Estado, e por isso *don* Iván tinha muita gratidão a seu amigo Pablo.

Esse homem me recebeu muito bem quando fui enviado ao pavilhão. Levou-me à sua cela, onde tinha linha telefônica, e permitiu-me ligar para a minha namorada e para a minha família. Caí parado, como os gatos; afinal de contas, a coisa não era tão grave em La Modelo. *Don* Iván tinha grande quantidade de comida de suas fazendas, de modo que nunca houve escassez de alimentos, e não tive de comer a nojeira carcerária.

Tema obrigatório: Pablo Escobar e a guerra contra a gente de Cali. Mas ele era amigo dos calenhos e, mais complicado ainda, muito amigo de Fidel e Carlos Castaño. O que me tranquilizava era que dizia isso abertamente; inclusive, ele recebia toda semana um doce de papaia das montanhas, muito famoso na terra dos Castaño. *Don* Iván adorava esse doce. Mas eu não podia confiar, tinha de estar sempre alerta, porque os inimigos do grupo de Pablo Escobar

agora estavam por toda parte. Pouco a pouco, e como parte de minha estratégia de vida dentro da prisão, fui ganhando o carinho e o apreço desse importante personagem. Uma aliança com *don* Iván me garantia a vida na prisão Modelo.

As celas ali não eram de todo ruins. Tinham banheiro particular, prancha de cimento para um colchão e uma pequena cozinha. Podia-se ter televisão e rádio, e até mesmo uma escrivaninha pequena dentro da cela. O frio de Bogotá era combatido com moletons, cobertores e uma pequena tina que me fornecia água quente. Com o passar dos dias, fui me organizando; inclusive minha namorada veio viver em Bogotá com seu filho, para poder visitar-me aos domingos, das oito da manhã às cinco da tarde. Estar longe de Medellín era mais seguro para ela, especialmente depois da ameaça dos Pepes de dinamitar o pavilhão em que eu havia estado.

Don Iván foi detido em 1980, em sua bela fazenda La Porcelana, no norte do Valle. Todos os seus processos ficaram no país, apesar de a DEA tê-lo na mira. Quando conversamos, ele me fez uma pergunta à queima-roupa.

– Popeye – disse, olhando-me fixamente nos olhos –, quem ordenou a morte de Hernán Valencia?

– Os irmãos Rodríguez Orejuela, *don* Iván – respondi sem desviar o olhar.

– Velhos filhos da puta. Eu já sabia! – respondeu ele.

Hugo Hernán Valencia havia sido amigo e sócio de *don* Iván.

– Mas por que lhe tiraram quatro milhões de dólares? – indagou.

– Porque era necessário dinheiro para financiar a guerra contra a extradição – respondi sem hesitar e sem deixar de olhar em seus olhos. Expliquei que o *Patrón* tinha recebido uma ligação dos Rodríguez Orejuela, na qual lhe informavam que Hernán Valencia estava em Medellín porque tinham uma guerra contra ele e precisavam dele morto.

– Deram-nos um dinheiro para assassiná-lo – comentei com *don* Iván –, mas o *Patrón* tomou a decisão de sequestrá-lo para roubar-lhe o dinheiro que tinha.

Ele era superacelerado e falava duro, e a situação poderia estar se complicando para mim ao revelar esse segredo. Na rua, um acontecimento como esse teria me custado a vida nas mãos de meu *Patrón*.

– *Don* Iván, esse evento e o problema que houve com o Negro Pabón é a raiz da guerra que temos hoje – acrescentei, para completar a história.

Ele ficou pensativo, estava um tanto alterado.

– Não entendo. Explique-me bem – respondeu *don* Iván.

– Senhor, os Rodríguez Orejuela e o *Patrón* eram amigos. Uniram-se para trazer *don* Gilberto e *don* Jorge Ochoa da Espanha – comentei com ele, tentando esclarecer o que havia confessado. – Tudo começou com um atentado sofrido pelo Negro Pabón.

– Ouça, Popeye: quem disparou em Hugo Hernán Valencia? – perguntou-me secamente.

– Pinina e eu – respondi sem hesitar, pois já estava distraído. Ele franziu o cenho.

– Mas por que o torturaram? – indagou. Estava visivelmente indisposto, quase com raiva.

– Não, senhor. Nós o tratamos bem – respondi no mesmo instante. – O que aconteceu foi que os Rodríguez Orejuela começaram a ligar dizendo que não deixássemos o cara escapar e que eles não estavam de acordo com o sequestro, que isso estava se estendendo demais. *Patrón* autorizou tudo para acalmar os irmãos Orejuela, e mandou que não o deixássemos vivo, dizendo que tínhamos de garantir isso. Repetiu-nos essa ordem três vezes. Então, Pinina e eu tomamos a decisão de dar-lhe muita bala, por medo de que ficasse vivo.

Sem me dizer nada, *don* Iván saiu da minha cela e afastou-se. "A situação se complicou", foi a primeira coisa que me veio à mente. Contudo, por outro lado, era bom que aquele homem poderoso soubesse que tipo de pessoas eram os Rodríguez Orejuela. Naquele dia, não saí da minha cela. Chegada a noite, escutei música na cela de *don* Iván, que mais tarde mandou me chamar. Quando entrei, logo percebi que tinha bebido.

– Sabe de uma coisa, Popeye? – me disse. – Eu gosto de pessoas como você, que falam de frente.

Naquele momento eu relaxei um pouco e, com o passar dos dias, comecei uma boa amizade com *don* Iván enquanto, lá fora, a guerra seguia cada vez pior.

UM MORTO NO DENTISTA?

Chegou em nosso pavilhão, transferido de Itagüí, Otoniel González Franco, vulgo Otto, para enviar uma mensagem de Pablo Escobar: "Se você se entregar de novo à Justiça, o moveremos de prisão em prisão, até que possamos matá-lo". Otto foi muito bem recebido por *don* Iván e por mim. Ele chegou com ares de chefão, olhando para *don* Iván de igual para igual, e em poucos dias já estava se tornando um problema, por conta da minha amizade com o senhor Urdinola. Ele não conseguia entender que a nossa condição tinha mudado, que estávamos sós e com uma guerra perdida e, o pior, que estávamos mortos em vida. Para Otto, *don* Iván era um calenho e, portanto, um inimigo. Também não entendia que a máfia, os norte-americanos, a Polícia, o Estado e a sociedade estavam todos contra nós. A chegada de Otto à prisão foi um grande aborrecimento. *Don* Iván encarou-o, e os demais presos do edifício o rejeitaram no ato.

Outro peso-pesado da máfia chegou ao edifício de alta segurança de La Modelo: tratava-se de Jairo Correa Alzate, conhecido como Caballo. Esse chefão sofreu muito, estando a dois dias de ser extraditado. Seu medo de ser extraditado era tão visceral que ele carregava um pouco de veneno, para o caso de ser notificado de sua extradição, mas jogou-o fora no vaso sanitário quando seu advogado eliminou essa possibilidade. Caballo havia sido capturado em julho de 1991, três meses antes de cair a lei da extradição. Eu o conhecia da rua, já que tinha sido amigo do *Patrón* e nosso; sua área de influência era La Dorada, no departamento de Caldas. Caballo não era um mafioso comum; era um homem refinado, um cavalheiro. Tratava-se de um fazendeiro poderoso, culto, amante das mulheres belas, casado com Claudia Zapata, muito bem apresentável, elegante e cortês. Recebeu esse apelido pelo grande amor que tinha pelos cavalos, mas apenas seus melhores amigos o chamavam assim; os demais deviam chamá-lo de *don* Juan. Seu grande defeito era o orgulho.

Claudia Zapata, sua esposa, era uma mulher de extrema beleza. Ela era da Antioquia, e era amiga minha e de Ángela, minha namorada. A amizade com ela nos aproximou ainda mais de *don* Jairo. *Don* Iván Urdinola e *don* Jairo Correa falavam a mesma língua: eram dois pesos-pesados e se entendiam com perfeição. A chegada de Jairo Correa melhorou as perspectivas no pavilhão, já que se via gente bonita, amável, que vinha visitá-lo.

Mas Otto continuava sendo a principal causa dos problemas por lá: era um cara mal-educado, que não pedia permissão para pegar as coisas alheias. Apossava-se do telefone por horas inteiras, não cumprimentava ninguém de manhã, fazia piadas na cara dos outros por qualquer coisa, olhava as mulheres alheias descaradamente, fazendo todo tipo de comentários desrespeitosos, e nunca media

suas palavras. Fisicamente, faltava-lhe um olho, o que lhe dava um aspecto ainda mais desagradável. Quando queríamos dormir, ele punha música a todo volume e, no refeitório, comportava-se feito um porco. Todos o evitavam sistematicamente. Era um pesadelo. Seu vício em cocaína já o tinha absorvido completamente.

Um belo dia, um molar de Otto começou a doer e ele pediu para ir ao dentista da prisão. O fato de sair do pavilhão de alta segurança para a odontologia era, por regra geral, perigosíssimo, justamente porque lá transitavam todo tipo de presos. O nosso edifício era seguro, e todos os que estavam confinados em alta segurança deviam ter um alto perfil. O lugar era cuidado com zelo pela guarda penitenciária. Esse pavilhão tinha uma porta de ferro grossa, um corredor protegido por muro e depois outra grade, separando-nos dos demais presos, e os guardas executavam um cuidadoso processo de seleção. Ainda sabendo o risco que corria, Otto insistiu grosseiramente em ser levado à odontologia. O comandante do pavilhão, um tenente penitenciário que já o conhecia, tirou-o sem maiores considerações. Dentro da prisão, os guardas não portam armas de fogo, mas apenas um bastão de mando (um pequeno pau de um metro de comprimento). O tenente, fazendo-se acompanhar por quatro guardas, levou Otto à odontologia. Nada aconteceu. Tudo normal. Otto voltou tranquilo, com uma nova consulta marcada para oito dias depois.

Em pouco tempo, *don* Iván e Jairo Correa me chamaram.

– Pope, vamos matar o miserável do Otto.

– Com certeza, matem esse cão – respondi frio e com raiva. – Mas aqui na alta segurança não pode, senhores – acrescentei.

– Você é tonto, Pope? – me perguntaram. – Sem riscos. Vamos matá-lo na odontologia.

– É uma ideia muito boa – respondi, convencido de que Otto já era um homem morto.

Otto não se ajudava em nada, não era o homem que eu tinha conhecido tempos atrás. Sempre tinha sido má pessoa, mas nem tanto como nesse momento. Ninguém deu atenção a todos os ataques que nos fez durante essa semana, já que era um morto molestando a vida. Por fim, chegou o dia do esperado retorno ao dentista. Todos contavam os minutos para o grande acontecimento. Dessa vez, um cabo penitenciário tirou Otto acompanhado de dois guardas. Ele saiu da sua cela, fechou a porta com força e foi sem se despedir de ninguém. Olhei-o de soslaio e dirigi-me à minha cela, para esperar a notícia. Ninguém ia dizer nada. Nós éramos os inimigos públicos número um do país e talvez, de certa forma, do mundo inteiro. A quem matasse um de nós, dariam uma medalha e mandariam fazer uma estátua.

Patrón, com certeza, tomaria isso como mais um ato de guerra. Além disso, por aqueles dias, nós já o tínhamos deixado só e isso não o afetaria muito. Dois chefões do porte de *don* Iván e Jairo Correa não falhariam. Alegrava-me que Otto já não fosse mais jogar saliva na minha cara quando ria de algum projeto que eu empreendesse dentro da prisão. Eu já sabia que ele enviara uma carta ao *Patrón*, dizendo-lhe que eu tinha me dobrado, pelo simples fato de respeitar umas normas de convivência mínimas e tratar de criar uma relação respeitosa com *don* Iván Urdinola. Eram dez da manhã. Fazia dez minutos que os guardas tinham saído com Otto e não se escutava nada. Após meia hora, o cabo e dois guardas voltaram com uma tremenda algazarra.

– Quase matam Otto! – ouvia-se nos corredores.

Rostos tristes em nossas celas.

– Mas como assim? – perguntou *don* Iván, fingindo surpresa.

Não víamos Otto em lugar algum.

– Um homem veio pra cima de nós com duas pistolas e disparou no homem, mas ele se protegeu e só um tiro conseguiu acertar

– disse agitadamente o cabo. "Bom, já é alguma coisa", pensei eu.

– E Otto? – perguntamos ao cabo quase em uníssono.

– Nós o levamos à enfermaria. A guarda entrou com fuzis e estão cuidando dele – arrematou.

– Mas o ferimento é grave? – perguntamos.

– Não, não, é um arranhão – disse o cabo, movendo a cabeça.

Quando o cabo e os guardas foram embora, retiramo-nos para a cela de *don* Iván.

– Que matador ruim! – brincou *don* Jairo Correa.

– E agora, que vamos fazer com esse filho da puta? – perguntou *don* Iván.

– Fácil então – disse-lhes, tratando de evitar mais problemas –, não o deixemos entrar no pavilhão.

Um pouco mais tarde, chegou um guarda e comentou conosco:

– Otto está furioso na enfermaria, e disse que se voltar para cá vai fazer um massacre, porque ele sabe que vocês mandaram matá-lo. E está com o diretor da prisão em seu escritório.

– Bom, e será que ele é adivinho? – disse eu.

Uma dúvida me acometia: o que teria acontecido com o matador?

Mas nem tudo deu errado naquele dia. Otto foi transferido para o presídio de Itagüí, onde o esperava Luis Carlos Aguilar Gallego, vulgo Mugre, seu grande amigo, que também tinha se submetido à Justiça em data recente, em companhia de Roberto Escobar, Arete, Comanche, José Fernando Posada Fierro, Tato Avendaño, Icopor, Giovanni Lopera Zabala, Valentín Taborda e Lenguas. Otto chegou lá com a versão de que eu me unira aos calenhos para matá-lo.

O matador era um rapaz do pátio 4, que não tinha muita experiência no manejo de duas pistolas. Entrou encapuzado na odontologia, disparando feito louco. Os guardas e o dentista correram para

se proteger e, na algazarra de outros presos que estavam ali, Otto conseguiu chegar à porta e saiu em carreira veloz, com um tiro nas costas. Nada de grave, mas, afinal, descansamos desse inseto. Depois de sua partida, o ambiente melhorou notavelmente, e meu presídio era mais suportável. O matador ruim não recebeu um só peso, e a vergonha levou-o a pedir transferência de presídio.

OS "BONS" DIAS NA PRISÃO MODELO

Dava para dizer que estávamos tendo uma boa temporada dentro da prisão. Tínhamos privilégios, conseguidos por *don* Iván e Jairo Correa, entre os quais estava o de que nossos visitantes entravam sem ter de esperar na fila. Isso era algo realmente bom, já que os visitantes dos demais presos tinham de esperar na fila desde as duas da manhã, em meio a um frio que penetrava os ossos, para poder entrar, com um pouco de sorte, às oito da manhã. Insultos e empurrões, entre outras coisas, era o que se vivia nessa fila. A revista das mulheres dos presos era brutal: se a guarda suspeitasse de alguma coisa lhe fazia tato vaginal sem hesitar. As mulheres passavam ao lado de dúzias de absorventes que as guardas faziam as visitantes tirar, muitas delas com menstruação. Um caos total! Em um dia de visita normal, facilmente entravam umas sete mil pessoas e, em um dia com visitas de crianças, a quantidade passava de nove mil. Todos por uma única porta. A prisão Modelo era velha e mal projetada, com reformas feitas de qualquer jeito. Eu não estava disposto a permitir que minha princesa se submetesse a uma revista dessas.

Para os ajustes de contas, a prisão estava passando das facas e do veneno para as armas de fogo. A chegada de pesos-pesados da máfia na prisão, juntamente com os que estavam por trás deles, complicava o ambiente do cárcere, enchendo-o de perigos inusitados. Mulheres

especializadas em entrar na prisão com itens proibidos arriscavam-se a cada oito dias por uma boa soma de dinheiro. Em suas vaginas entravam maconha, cocaína, pasta base, balas e todo tipo de contrabando. Havia uma mulher muito gorda que, em duas entradas, conseguiu introduzir uma pistola 7.65, mais muitas pistolas menores, com as quais entrava facilmente. Era capaz de meter uma granada em sua vagina; forrava-a bem e pronto, partia para La Modelo. Senhoras de 65 anos, e até de 70 anos, enfiavam enormes bolas de droga na vagina. Eu organizei minha rotina e fazia que me trouxessem cervejas Heineken. *Don* Iván, seu uísque e *don* Jairo Correa, seu champanhe Don Perignon. Nós tínhamos tremendas bebedeiras. Eu já tinha um aparelho de som na cela, e nele escutava minha música *guasca* e meus tangos. Por um momento, creio que tinha me esquecido da guerra!

Em Medellín, não se ouvia o nome dos mortos. Estávamos acabados. Escutava-se de mortos das comunas, no processo de reacomodação das quadrilhas de pistoleiros. Não obstante, cada vez que davam um noticiário extra na televisão, meu alarme interno dizia: "Mataram o *Patrón*". Era isso o que eu pensava a cada momento. Com tudo o que acontecia em um país em guerra, só se ouvia falar da família de Pablo Escobar. Por fim, a estratégia dos Pepes e da Polícia Nacional era pressionar por seu lado fraco, e não estavam equivocados, pois a família do *Patrón* era seu grande calcanhar de Aquiles. Os Pepes tinham lançado uma bomba no apartamento de dona Tata, que estava refugiada com Juan Pablo e Manuela na casa de sua mãe. Sua situação era desesperadora, e a única solução que se via no horizonte era tirá-los do país.

Ao contrário do que eu esperava, chegou-me uma carta do *Patrón* por meio de um advogado, exigindo explicações pelo atentado a Otto. *Don* Iván também recebeu uma carta. Fui à cela dele, chamamos Jairo Correa e analisamos a resposta, chegando a um acordo:

"Nem a pau vamos dizer a verdade!". Aproveitei para pedir a *don* Iván que mandasse dizer ao *Patrón* que o fato de sermos amigos não significava que eu tivesse me dobrado, como assegurava Otto. Os dois homens poderosos temiam que Pablo Escobar estivesse acabado quase por completo. Esse segredo me aproximava mais de *don* Iván e de Jairo Correa. Eu tinha de fazer alianças estratégicas dentro da prisão, caso meu *Patrón* fosse assassinado. Minha prioridade era poder proteger a minha família e a mim mesmo naquela situação tão tensa. De qualquer forma, continuava me preocupando a grande amizade que *don* Iván tinha com Fidel e Carlos Castaño Gil. Por conta da sua contínua comunicação, não conseguia dormir tranquilo.

Em La Modelo, conheci um grande homem: *don* Orlando Henao, chefe de chefes da máfia do norte do Valle. Um personagem que inspirava respeito, um lendário bandido, agora chefe da máfia. *Don* Orlando vinha de baixo, tinha se forjado a sangue e fogo. Moreno, de um metro e setenta e cinco de altura e já com muitos anos, andava sempre muito bem-vestido; era magro, fumante inveterado e de olhar frio e poucas palavras. Eu tinha falado com ele por telefone em algumas ocasiões, quando o colocava em contato com meu *Patrón*. Apelidaram-no de Come Negro, mas eu nunca soube por que, nem me atrevi a perguntar. Esse senhor era muito amável e respeitoso comigo. Ele visitava a prisão com frequência para falar com seu cunhado, *don* Iván Urdinola, e tinha o mesmo halo de poder que meu *Patrón*, despertando admiração e respeito. Era amigo de Pablo Escobar, dos irmãos Castaño e dos quatro grandes de Cali.

A guerra não o assustava, mas ele sabia que o poder que os Rodríguez Orejuela estavam acumulando era, ao menos, inquietante. Claro está que a máfia de Cali pensaria duas vezes antes de meter os dentes nas pessoas do norte do Valle. Lá havia pesos-pesados,

como *don* Orlando Henao, seu cunhado Iván Urdinola Grajales, o irmão de *don* Orlando, o Mocho Arcángel, Henry Loaiza Ceballos, conhecido como Alacrán, Víctor Patiño Fómeque, o Cuchilla, e o mais rico de todos: Chupeta.

– Pablo está acabado, e a extradição me preocupa – disse-me em certa ocasião *don* Orlando.

Enfim, alguém que via além de seu próprio nariz dentro da máfia.

– Senhor, quando matarem todos nós, incluindo o *Patrón*, se verá o que vai acontecer com os ganhadores – respondi.

Ele não me disse nada; apenas ficou me olhando enquanto levava o cigarro à boca.

Recebemos notícias da prisão de Itagüí: Otto estava insuportável. Nem Mugre nem Arete o suportavam, e decidiram mantê-lo à distância.

A guerra já começara a ser travada entre nós mesmos. O fim da organização de Pablo Escobar era real e palpável.

V

A morte de Pablo Escobar

A QUEDA DE PABLO ESCOBAR: O FIM DE UMA ERA

Chegou, por fim, a notícia. Aconteceu o que todo mundo sabia que iria acontecer. A notícia explodiu como uma bomba em nível mundial: em 2 de dezembro de 1993 foi localizado e executado Pablo Escoba Gaviria, na cidade de Medellín.

Fiquei frio. Gelado.

Uma coisa era com o *Patrón* vivo, e outra muito diferente seria sem o seu apoio. Senti vergonha e remorso por tê-lo deixado só. Reuniram-se todos meus companheiros em volta de uma única televisão. Senti-me desamparado e triste. Com lágrimas na alma, lembrei-me de tudo o que vivi ao lado daquele grande homem. Naquele momento, mais que em qualquer outro, entendi a verdadeira dimensão da importância de Pablo Escobar: a notícia deu a volta ao mundo mais de uma vez. Foi brutal!

– Pope, não fique triste – disse *don* Iván, tentando me consolar. – Era o melhor que podia acontecer a todos, inclusive ao próprio Pablo.

– *Don* Iván, isso é muito duro! – respondi, olhando para o chão.

O homem do norte do Valle estava feliz. *Don* Iván contou-me que, em Cali, a festa era total. Um grande Natal para a máfia calenha, bem como para a Polícia, a DEA, a CIA, a embaixada norte-americana e para o país inteiro, sobretudo, para o presidente da República, o doutor César Gaviria Trujillo. Felizes a família dos Galeano, a dos Moncada, a dos milhares de vítimas que as guerras de Pablo Escobar e sua causa deixaram. Não obstante, talvez os maiores beneficiados tenham sido Fidel Castaño e seu irmão Carlos, juntamente com o ainda anônimo Diego Fernando Murillo Bejarano, o *don* Berna. Perdiam a família do *Patrón* e nós, que estávamos na prisão e ficávamos à mercê de nossos poderosos inimigos. Os amigos que nos restavam aliaram-se aos triunfadores, inclusive o clã Ochoa!

Três milhões de dólares em espécie os tornaram os ganhadores. Os Pepes comprometeram-se a não tocar em suas propriedades nem na sua família, dizendo que poderiam viver em Medellín. O clã Ochoa podia circular livremente. Tudo contra nós! A família do *Patrón* ficou completamente desprotegida. Em total descontrole, o filho de Pablo soltou essa pérola diante dos meios de comunicação: "Vou matar esses filhos da puta que mataram meu pai!". Isso o colocou diretamente na mira dos Pepes, juntamente com dona Tata e Manuela. Juan Pablo, com seus quase 18 anos, era um filhote de bandido. Ele já participara, por exemplo, do assassinato do capitão da Polícia Fernando Hoyos Posada, em Medellín. Não lhe faltava experiência, graças ao que aprendera conosco, lugares-tenentes de seu pai, quando, por ordem do *Patrón*, ele nos acompanhava para nos ver torturar inimigos da organização. Juan Pablo, realmente, apreciava a tortura.

Jairo Correa Alzate dizia que, sem a extradição e sem Pablo Escobar, o futuro era promissor para todos, e começou a falar mal

do *Patrón*. Eu me calava por prudência. Minha estratégia era o silêncio. Tudo estava mal, e o futuro para todos aqueles que estavam na prisão era negro e incerto. Era só questão de tempo para que nos matassem. Eu não parava de pensar na grande amizade de *don* Iván com os Castaño e os quatro de Cali, assim como nas fortes críticas do antigo aliado do *Patrón*, Jairo Correa. Ele abria a boca dizendo o que talvez sempre quis dizer, mas se calava por medo físico.

– Foi muito merecido, esse cachorro filho da puta! Sequestrador e assassino! – foi a última coisa que ouvi Caballo dizer antes de voltar à minha cela e fechar a porta.

Só se ouvia música e gargalhadas na cela de *don* Iván e Jairo Correa. Alguém bateu à minha porta, mas não respondi. Não me atrevia a escutar nem a ver os noticiários. Agora, quem estava mal situado era eu; ir para o presídio de Itagüí seria o mais seguro para mim. Adormeci ao ritmo da música. No outro dia, por volta das dez da manhã, procurei por *don* Iván; fui pedir-lhe que me ajudasse a falar com *don* Gilberto Rodríguez, a fim de marcar um encontro com os familiares de Pablo Escobar, pois queria ajudá-los. *Don* Iván, que estava com uma terrível ressaca, pediu uma cerveja das minhas e disse-me que conversaríamos depois. À tarde, já com várias cervejas no sangue, ele animou-se a me ajudar e concordamos em enviar um emissário a Residencias Tequendama, onde se refugiava a família de Pablo. O emissário foi com instruções concretas, mas voltou no mesmo dia, sem ter conseguido concretizar seu intento. Estavam no enterro.

Depois, quando dona Tata recebeu nosso emissário, ela foi com Juan Pablo à prisão Modelo. A essa altura, já tínhamos conseguido falar com *don* Gilberto, porque a única coisa que o moveu foi o pedido de *don* Iván. Aos meus pedidos, respondeu apenas com grosseria e arrogância. Dona Tata estava muito abalada emocional-

mente, assim como Juan Pablo. Ela comentou que os Pepes não deixaram nenhuma funerária preparar o corpo, e que o *Patrón* já cheirava muito mal. "Com certeza, foi uma estratégia para que o enterrassem logo", pensei comigo mesmo. *Don* Iván comentou que Gilberto Rodríguez e os demais sócios ficaram incomodados com o que Juan Pablo tinha dito. Segundo ele, *don* Gilberto disse: "Eu tenho de matar esse mal parido agora que tenho o poder; caso contrário, em vinte anos ele me toma o bastão e me mata!". Com o merecido mau humor do poderoso homem do norte do Valle, *don* Iván buscou uma solução para o problema. Primeiro dona Tata foi a Cali e sondou a situação, sob a responsabilidade de *don* Iván e sua gente; ela tinha de burlar a escolta que lhe havia designado a Dijin, algo que, como mulher do chefão, sabia perfeitamente como fazer. No dia seguinte, em Cali, ela reuniu-se com *don* Gilberto Rodríguez Orejuela, seu irmão Miguel, José Santacruz Londoño e Pacho Herrera.

Nem Fidel nem Carlos quiseram assistir; estavam muito ocupados recolhendo o maior butim de guerra em Medellín. *Don* Berna e Carlos Castaño tomaram o controle de todos os narcotraficantes da cidade, incluindo o clã Ochoa. O butim era de milhões de dólares, e a partir de então, todo traficante de drogas devia tributar Carlos e Fidel Castaño. Dona Tata voltou à prisão Modelo com um sorriso nos lábios, falando muito bem dos senhores de Cali. O caminho estava aberto para Juan Pablo, e meu objetivo, cumprido. *Don* Iván o fez ir à prisão para aconselhá-lo antes do encontro com os Rodríguez e dar-lhe confiança. Juan Pablo falou respeitosamente com *don* Iván, e logo veio à minha cela.

– Pope, você vai me entregar aos inimigos do meu pai? – perguntou-me, visivelmente com medo e preocupado.

– Veja, Juan Pablo, você já estava morto. *Don* Iván, por sorte, era

amigo de seu pai, e eu já falei com ele para ajudá-lo a resolver o seu problema. Leve em conta que esta é sua única e última oportunidade para se salvar – respondi, sem deixar de olhar nos olhos dele. E acrescentei: – Se acontecer algo com você em Cali, eu pego uma faca de cozinha e mato *don* Iván.

Sob a segurança e a palavra do poderoso chefão e com o meu apoio, Juan Pablo viajou para Cali. Assim como a mãe, Juan Pablo saiu feliz e chorando. *Don* Miguel foi o que mais o aconselhou, e *don* Gilberto comportou-se como um anjo.

O compromisso era que Juan Pablo devia corrigir seu rumo e ir embora do país para nunca mais voltar. Dona Tata e Juan Pablo foram novamente à prisão e, como gesto de gratidão, presentearam cada um de nós com uma jaqueta do *Patrón*. Despediram-se com abraços, rumo a outro país, apoiados pela Promotoria da Colômbia. Eu agradeci a *don* Iván e dei-lhe de presente a jaqueta que dona Tata me trouxera. Senti-me feliz em poder ajudar a família do meu grande *Patrón*; pensava que, dessa forma, ele poderia descansar em paz.

A partir desse momento, tornei-me escudeiro de *don* Iván.

Refugiei-me nos braços de Ángela María, que se tornou minha confidente e melhor aliada, mas sempre estamos acompanhados de uma pequena Bíblia, a qual ela mantém guardada até hoje. Casei-me com ela na igreja, dentro do Presídio Nacional Modelo, e assim abençoei o fruto do nosso amor que crescia em sua barriga: nosso filho.

A ESTRANHA MORTE DE FIDEL CASTAÑO

Um mês após a morte do *Patrón*, algo estranho aconteceu: *don* Iván me chamou em sua cela.

– Pope, mataram Fidel Castaño! – disse-me. Não pude acreditar.

– Mataram-no ou ele está se fazendo de morto? – perguntei.

– Não, imbecil, a notícia está confirmada, está morto! – explicou-me *don* Iván, gesticulando.

– Ah, meu Deus! E agora, quem vai controlar Carlos? – eu disse, preocupado.

Carlos Castaño era um trem a toda velocidade, e quem o manejava era Fidel. Sem o maquinista, o trem atropelaria metade do país, incluindo a mim, provavelmente. Eu ainda não estava acreditando em *don* Iván. Conhecia Fidel e sabia que podia perfeitamente estar em Paris, incógnito, desfrutando do seu triunfo, mas também sabia que era muito ambicioso e que havia chegado a hora de colher os frutos. Além disso, ele gostava muito do poder. Passaram os dias e eu esperava ansioso a chegada do emissário de Fidel com o típico doce de papaia das montanhas, mas o homem nunca mais voltou. Esse pequeno detalhe fazia que a balança se inclinasse para a teoria de sua morte.

Sobre o seu desaparecimento, havia três hipóteses, emanadas da casa Castaño: a primeira, que ia com seis de seus homens para o Panamá, deixando um a um no caminho, e finalmente se embrenhou na selva para não voltar a aparecer. Essa hipótese não me convenceu, já que Fidel não utilizava meios de comunicação, e menos ainda sabendo que tinham localizado Pablo por uma chamada de vinte e três minutos que fizera a seu filho. Como iria vazar tão rápido a morte de Fidel se ele se demorava até seis meses em Paris? A segunda hipótese era que a guerrilha do EPL tinha atacado perto de sua propriedade Las Tangas e que Fidel fora à luta com sua metralhadora M60, mas uma bala de fuzil destroçou-lhe o coração. E a terceira sustentava que seu irmão Carlos tinha ordenado seu assassinato. Com tantas e tão diferentes teorias, não dava para ter tanta certeza que estivesse morto.

DE VOLTA À REALIDADE

Nasceu meu filho Mateo. Esse grande acontecimento transformou a minha vida por completo. Seu batizado seria na prisão, e seus padrinhos, *don* Iván e sua esposa, a senhora Lorena Henao. Fizemos uma pequena festa, apesar de minha condição de preso. Meu menino foi vestido como um príncipe e minha mulher estava espetacular. Chegado o momento do rito religioso, o sacerdote requisitou a presença dos padrinhos.

– Pope – disse-me *don* Iván –, eu não posso ser seu compadre, isso me traria problemas.

– Compreendo, senhor – respondi, entendendo a situação, e baixei o olhar.

Dona Lorena ofereceu-se para carregar o menino e, rapidamente, meu filho teve um novo padrinho entre os assistentes.

Depois da queda de meu *Patrón*, a prisão Modelo foi se transformando em um lugar muito mais complicado para mim. Só ouvi dizer que iam me matar e, logicamente, precisariam de armas, então eu devia me cuidar ainda mais. Carlos Castaño e *don* Berna controlavam Medellín em sua totalidade. Ouvia-se que não só estavam chegando grupos de paramilitares com fuzis AK-47 7.62 nas comunas, mas também que Carlos Castaño estava formando um enorme exército no Urabá antioqueno, chamado AUC (*Autodefensas Unidas de Colombia*). As AUC começaram a se propagar por todo o país, financiadas pelo narcotráfico. Minha relação com os Rodríguez Orejuela melhorou muitíssimo, porque *don* Iván me ajudou e enviou minha mulher a Cali para falar com eles. Lá, os Rodríguez Orejuela a receberam e disseram-lhe que não estavam tentando me matar, mas que, muito pelo contrário, esperavam que eu os ajudasse a desmontar uns delicados processos jurídicos que Pablo lhes havia fabricado durante a nossa guerra.

Da morte de Fidel Castaño, não ouvimos mais nada, mas nem por isso eu deixava de me inquietar. *Don* Iván ajudou-me outra vez e enviou duas cartas: uma para Carlos Castaño e outra para *don* Berna. Nessas cartas, pedia aos dois poderosos que respeitassem a minha vida e a da minha família e que cessassem seus ataques na prisão. *Don* Berna respondeu muito respeitosamente, dizendo-me que a guerra contra nós já tinha ficado para trás. Carlos Castaño, por outro lado, ofendeu-se sobremaneira e disse ao emissário: "Eu não recebo cartas de assassinos nem de terroristas". O poder que ele estava acumulando era enorme. Em todo o país se falava sobre os paramilitares: ao sul de Bolívar, nas planícies orientais, no Magdalena Medio, no Chocó, em Santander, em Urabá.

Carlos Castaño estava se posicionando a sangue e fogo por todo o país, e foi assim que mudou o panorama dos bandidos em Medellín.

As AUC entraram com fuzis e um discurso público nas comunas que estiveram a serviço de Pablo Escobar, transformando os bandidos da periferia em perigosos paramilitares. Isso trouxe muitas mortes, já que bandidagem é coisa séria; bandidos são indisciplinados e rebeldes; gostam de bebida, rumba, mulheres bonitas e, sobretudo, de dinheiro a mancheias. O paramilitarismo, por sua vez, queria que os bandidos recebessem um soldo e obedecessem um comandante paramilitar à risca. Um dos poucos bandidos que não cumpriam as diretrizes dos paramilitares era o Negro Pabón, o chefe da quadrilha de assassinos La Terraza. Essa quadrilha foi nossa aliada e depois se voltou aos Pepes. Eles seriam letais, muito bons agindo em grupo, e leais entre si. Carlos Castaño e *don* Berna os toleravam porque sabiam que eram grandes aliados. A máfia de Medellín estava feliz sem Pablo e já trabalhando para os novos chefes.

Mais um membro da família Castaño entra na briga; tratava-se de Vicente Castaño Gil. Depois do desaparecimento de Fidel,

Carlos o procurou para que o ajudasse com o grande empreendimento das AUC. *Don* Vicente deixou seu trabalho de empresário mineiro e uniu-se ao projeto paramilitar. Era um homem racional, tranquilo, com visão de negócio e muito inteligente.

Carlos Castaño e *don* Berna eram os novos donos do mundo. Tinham poder militar, controle sobre a máfia e apoio do Estado. Tudo isso se refletia em um grande poder econômico, o que levou a máfia do norte do Valle, liderada por *don* Orlando Henao e Rasguño, a unir-se a eles. Os calenhos levaram as autodefesas ao Valle del Cauca, e a máfia calenha se provia de grandes quantidades de droga graças aos laboratórios controlados pelas forças paramilitares, que ocuparam áreas estratégicas como o Chocó, com saída para o mar; a Guajira, para a operação aérea; e Buenaventura, com saída para o mar, para abastecer os barcos do porto marítimo. O grande butim: as áreas plantadas com pés de coca. A Sierra Nevada de Santa Marta foi tomada pelos paramilitares por ser estratégica em muitos sentidos; entre outras coisas, tinha saída para o mar, para as lanchas rápidas do narcotráfico. Na Sierra havia milhares de hectares de plantações de coca, com seus correspondentes laboratórios. Uma ala paramilitar controlava as saídas para o mar enquanto outra, a Guajira, que é uma área privilegiada para a partida de voos do narcotráfico. Uma aeronave que saísse do interior do país não podia levar tanta cocaína, mas com o terreno que se ganhava ao sair da alta Guajira, a necessidade de combustível seria menor e o carregamento de droga poderia ser maior.

Os paramilitares tinham, então, o controle das pistas, dos laboratórios, das terras plantadas com pés de coca e da distribuição da cocaína nos Estados Unidos e na Europa. Além disso, possuíam contatos com a crescente e poderosa máfia mexicana. Tudo perfeito! O Exército da Colômbia e a Polícia apoiavam o projeto paramilitar,

pensando que assim acabariam com a guerrilha. Além disso, era preciso apoiar os salvadores da Colômbia, os que tinham ajudado a acabar com o terrível Pablo Escobar e seu exército de bandidos. Orlando Henao travou uma grande amizade com Carlos Castaño, e o visitava na região de Urabá e Medellín. Carlos e *don* Berna se tornaram heróis nacionais. Os quatro grandes de Cali seguiam felizes, desfrutando de seu poder e do amparo que lhes davam as autoridades. Tinham linha direta com a Polícia Nacional, por meio do coronel Danilo González, a ponto de ele, pessoalmente, ajudá-los quando tinham problemas com o Exército. Só lhes faltava consolidar o poder do cartel de Cali e começar a procurar um presidente da República que estivesse sob seu controle, aliar-se ao Departamento de Finanças, e, desse modo, consolidar seu poder, porque, tendo congressistas como aliados, o sucesso estaria garantido.

Na prisão, *don* Iván Urdinola Grajales recebia informações privilegiadas, as quais compartilhava abertamente com seu amigo Jairo Correa Alzate. O uísque e o champanhe eram meus melhores aliados diante daqueles poderosos homens, porque assim eu lhes tirava a prevenção e eles falavam com propriedade de todos os assuntos abordados na máfia. *Don* Iván era uma tremenda figura. Falava rapidíssimo, seu espírito era maior que seu corpo e ele adorava os problemas, ainda que na prisão tenha assumido uma atitude completamente oposta. Era um negociante nato e um excelente jogador de cartas. Essa paixão compartilhou em liberdade com Fidel Castaño Gil. Em uma noite, podia ganhar meio milhão de dólares, assim como perder. Amava profundamente sua família. Sua esposa, dona Lorena Henao, era uma boa mulher, dedicada a seu esposo e à criação de seus filhos. Via-se que tinha um bom coração, já que havia adotado uma menina e cuidava de outro menino que *don* Iván também adotara em suas viagens. Com estes, tinham ao todo cinco filhos.

Claudia Zapata, esposa de Jairo Correa, visitava a prisão com frequência. Era um espetáculo vê-la. Alta, branca, cabelo negro até a metade das costas, rosto belíssimo, elegante, fina. Vestia-se com classe e nunca parava de falar. Eu a conhecia desde a minha juventude no Éxito de Colômbia. Diferenciava-se da minha mulher nos quadris: Claudia não tinha sido abençoada com esse atributo. Em algum momento, Jairo Correa viu-se mal de verdade e pediu a seu amigo Iván que lhe emprestasse cinco milhões de dólares; suas propriedades de cavalos eram importantes e respaldariam aquela dívida com folga. Em questão de negócios, *don* Iván não tinha a menor delicadeza: concordou em emprestar o dinheiro, mas convertido em pesos e a cinco por cento de juros ao mês. Até então, tudo ia bem.

Don Iván compreendeu que Caballo estava organizando de novo sua operação de narcotráfico, mas guardou silêncio, pois só lhe interessava receber corretamente os juros do empréstimo. O tempo foi passando e Caballo começou a atrasar o pagamento dos juros, o que criou atrito entre os dois poderosos. Jairo Correa tinha gastos enormes: advogados, empregados, fazendas, aeronaves, sua esbanjadora esposa Claudia, guarda-costas, fora os gastos na prisão; além disso, estava reativando suas operações com o narcotráfico. Uma única mansão que tinha em Santa Marta, na orla do mar, lhe tirava uma grossa soma de dinheiro mensalmente.

De repente, *don* Iván e Jairo entraram em disputa, ameaçando-se de morte mutuamente. O ambiente do pavilhão ficou tenso. Jairo decidiu mudar de andar dentro do edifício de alta segurança, e eu fiquei com *don* Iván.

Chegou ao nosso pavilhão Julio Fierros, para resolver um problema de mulheres. Ele havia trabalhado para Pablo e era meu amigo na organização; nós o chamávamos assim porque gostava de armas, às quais se referia como *fierros*. Era um narcotraficante

de médio porte, bandido sem muito cartel, que se movia com cautela, sem se expor muito. Na guerra, aliou-se aos Pepes e abrigou-se sob a tutela do próprio Carlos Castaño e de Diego Murillo. Por fim, afastou-se e tornou-se um grande narcotraficante, que movia grandes quantidades de cocaína nos Estados Unidos para os paramilitares, juntamente com seu sócio, Nicolás Bergonzoli. Todavia, as belas mulheres o fascinavam, e isso lhe causou um problema com *don* Iván. O poderoso novo chefão pretendia uma bela jovenzinha de apenas 21 anos, chamada Viviana, mas, ao seu assédio, a jovem respondeu que não podia ter nada com ele porque era namorada de Iván Urdinola.

– Esse velho está na prisão e nem vai se dar conta – disse-lhe Fierrito, tentando convencê-la.

Mas Viviana foi à prisão, a um encontro amoroso com *don* Iván, e contou-lhe o acontecido. Ele, então, ligou no ato para Carlos Castaño e advertiu-o de que iria matar aquele descarado. Carlos tranquilizou-o e, diplomaticamente, lembrou-o de que aquele homem era crucial para os paramilitares, mas prometeu que o enviaria para desculpar-se pessoalmente.

Estava eu sentado no final do pavilhão e vi Julio entrar. Olhou-me, mas não me cumprimentou.

– Onde está *don* Iván? – perguntou-me com altivez.

– Já vem. Está no andar de cima – respondi sério. Não era o mesmo Julio Fierros, grande amigo. Via-se o dinheiro dele na sua aparência. Seus um metro e setenta e seis de altura, seu excelente vestuário, seu peculiar rabo de cavalo e seu Rolex de ouro e diamantes lhe davam o ar de chefão do narcotráfico. Aproximou-se da minha mesa; empurrei-lhe uma cadeira e ele sentou-se. Falou comigo com ares de grande senhor, e eu respondia a ele com humildade, para deixá-lo desfrutar de seu orgulho. Criticou a prisão e começou a fazer alarde de sua fortuna.

– Estou trabalhando superduro! – disse-me, olhando nos olhos.

– Alegro-me que tudo lhe esteja saindo bem – respondi, igualmente sério.

– Popeye, você vai apodrecer na prisão. O seu caso está muito complicado – disse-me, em zombaria.

– Eu sou firme, você me conhece, e aguento o que for – disse-lhe com um sorriso.

Don Iván desceu para atender seu visitante, e Julio pôs-se em pé para saudá-lo, mas *don* Iván deixou-o com a mão estirada e conduziu-o à sua cela. Ali travaram uma forte discussão. *Don* Iván não parava de argumentar e de ameaçar. Vinte minutos depois, a discussão se acalmou e os dois saíram rindo e se despediram com um forte aperto de mãos na porta da cela. "Que despedida, Popeye", foi a última coisa que ouvi de Julio Fierro. *Don* Iván estava contente, só queria falar duro e que o respeitassem. Nós já tínhamos matado um irmão de Julio Fierro que se metera com um amigo do *Patrón*. Eu pensava que Julio não sabia que tínhamos sido nós, mas *don* Iván me contou que ele falou muito mal de mim e que lhe contou o que tinha acontecido com seu irmão. "Cuide-se, Popeyito!", alertou-me *don* Iván.

Um dia, um menino mimado da sociedade chegou chorando e assustado ao edifício de alta segurança: Santiago Medina. Era tesoureiro da campanha do doutor Ernesto Samper Pizano para a presidência da Colômbia. Enviaram-no ao mais temido presídio da Colômbia para pressioná-lo a não delatar ninguém. Naquela época, os delinquentes de colarinho branco eram confinados em casas confiscadas dos traficantes. *Don* Iván e eu fomos ao encontro dele, para tranquilizá-lo um pouco, e lhe oferecemos uma taça.

– Champanhe ou uísque? – perguntou *don* Iván.

– Champanhe – respondeu o abatido homem, com o olhar baixo.

Fui pegar uma garrafa que tínhamos roubado de Jorge Correa e guardado na geladeira para uma ocasião especial. Enquanto bebia sua taça com desconfiança, ele me olhava, aterrorizado. *Don* Iván levou-o à sua cela e lá disse a ele para não se preocupar comigo, que não ia lhe acontecer nada. Santiago me olhou.

– Doutor, nós não somos gente ruim. Aqui vai estar bem, até ser levado a um bom lugar – disse-lhe.

Nós o levamos a uma boa cela e lhe arrumamos logo um lugar decente, com uma televisão, enviada por *don* Iván, para que aquele doutor pudesse descansar. *Don* Iván também lhe emprestou o telefone fixo, e assim o grande doutor pôde comunicar-se com sua família.

O calor do champanhe acalmou Santiago Medina, que soltou esta pérola:

– Vão me matar aqui, porque a máfia teme que eu fale e os prejudique e também ao presidente da República.

Um grande escândalo tinha explodido como uma bomba, fazendo correr rios de tinta no país e no mundo: a máfia de Cali e a do norte do Valle del Cauca haviam financiado a campanha do doutor Ernesto Samper Pizano à presidência da República. Eu não podia acreditar que algo estivesse dando errado para aqueles que nos haviam vencido e empreendido uma estratégia política. Mas estavam equivocados os que pensavam que Santiago Medina ia se deixar amedrontar.

– Minha lealdade vai até pisar o primeiro degrau da Promotoria! – disse ele.

Medina sabia que, em 1989, o cartel de Medellín havia assassinado o doutor Luis Carlos Galán, aspirante à presidência da Colômbia, e que eu estava na rede do homicídio. Santiago havia sido tesoureiro da campanha do doutor Galán e era seu amigo pessoal.

Quanto ao escândalo, uma conversa telefônica entre Miguel Rodríguez Orejuela e o jornalista Alberto Giraldo, interceptada não se sabe por quem, expôs o escandaloso ato de corrupção. A ligação fora gravada e entregue aos meios de comunicação, certamente por um inimigo político do doutor Andrés Pastrana Arango. Não se falava de outra coisa. Dizia-se na máfia que o dinheiro investido na campanha chegava a seis milhões de dólares, que eram enviados em caixas de papelão à casa do doutor Santiago Medina, e de lá a Fernando Botero, um homem próximo ao doutor Samper.

Santiago Medina tinha outro problema: era claustrofóbico. Isso, para um preso, é realmente grave. Bastava que fechassem as portas e ele desmaiava, e em certas ocasiões, entrava em pânico.

Por outro lado, as coisas continuavam se complicando entre *don* Iván e Jairo Correa. Cada um vivia em seu andar e só se enviavam mensagens, mas Jairo Correa não pagava os juros da dívida. *Don* Iván, então, começou a cobrar juros sobre juros aos mesmos cinco por cento, e isso se transformou em uma bola de neve para Caballo.

Don Iván conseguiu ser transferido para Palmira, Valle; uma prisão mais confortável que La Modelo e muito mais perto de sua área de influência. Ele o fez também para afastar-se do que já se via que ia acontecer em La Modelo. Uma grande soma de dinheiro colocou-o em Palmira. Ele despediu-se de mim com um forte abraço e olhou-me nos olhos com sinceridade. Nesse momento, lembrei-me da minha despedida franca e sincera de Pablo Escobar. Saiu em direção à porta, parou e dirigiu-se a mim.

– Popeyito, cuide-se muito, porque Carlos Castaño está atrás de você – me informou em voz baixa, pegando-me pelo braço.

– Obrigado, *don* Iván – respondi estupefato.

– Não lhe falei nada – disse-me antes de sair definitivamente do pavilhão.

Foi triste para mim despedir-me daquele grande homem. Contudo, com a sua transferência, a situação no pavilhão ficou mais leve. Jairo Correa começou a sair de sua cela e de seu andar e já se comunicava conosco, mas estava de olho em mim, por eu ter ido para o lado de *don* Iván. Ainda assim, não tivemos problemas. O doutor Santiago Medina, por sua vez, fez uma boa amizade com Jairo Correa e Henry Loaiza Ceballos, o Alacrán, um peso-pesado do narcotráfico, que se apresentou a Fernando Botero quando este foi nomeado ministro da Defesa.

ATRÁS DOS PASSOS DOS RODRÍGUEZ OREJUELA

A DEA é coisa séria, e sabíamos que agora estava atrás dos quatro de Cali. A agência antidrogas dos Estados Unidos tirou da Colômbia os agentes que tiveram contato com o cartel de Cali e os irmãos Castaño, para organizar um grupo de busca muito similar ao que organizou para acabar conosco. Os calenhos não lutaram, e os dois irmãos Rodríguez Orejuela caíram. Isso era incrível! *Don* Miguel foi entregue por um homem de sua confiança, filho de um general da Polícia Nacional, e *don* Gilberto, pelo homem que lhe levava correspondência e víveres. Em pouco tempo, os dois foram enviados à prisão La Picota, de Bogotá, onde chegaram sem temer a extradição, pelo que deviam agradecer a Pablo Escobar e aos seus, porque nós, em nossa guerra contra o Estado, acabáramos com as leis de extradição, deixando o terreno aplainado para os nossos inimigos de guerra. Além desses, ficaram Pacho Herrera, José Santacruz Londoño e Carlos Castaño. O presidente da República estava com eles. Agora eles eram fortes econômica, política e militarmente.

O doutor Santiago foi pressionado por todos os lados para que não falasse, mas manteve-se firme. Recebi em minha reclusão um emissário de *don* Orlando Henao.

– Popeye, há um bilhão de pesos para que deixe matar Santiago Medina – disse-me, sem corar.

– Venha em dez dias – eu lhe disse, olhando-o nos olhos.

Ele foi embora, e eu fiquei meditando. A máfia sabia que eu estava cuidando de Santiago. Eu tinha carinho por ele, porque parecia inofensivo e muito vulnerável. Além disso, guardava a esperança de que ele fizesse o que me prometera: "Popeye, cuide de mim que eu saio e tiro você daqui". Eu sabia que não podia me ajudar a sair, mas podia me ajudar com o governo, para que eu fosse para uma prisão melhor. Em nossas reuniões, Santiago me contou que *don* Iván o havia pressionado a não falar. Então eu soube que devia protegê-lo ainda mais.

– Doutor Santiago, isso está preocupante – adverti. – Não posso lhe dizer mais, mas tem de se cuidar.

– O que aconteceu? O que aconteceu, Pope? – perguntou, pondo-se em pé.

– Nada grave, doutor Santiago – tranquilizei-o e o fiz prometer que aos sábados não sairia da cela. Uma tarefa titânica para um claustrofóbico como ele. Eu ficara sabendo por *don* Iván que Orlando Henao já era aliado de Carlos Castaño e poderia me delatar. Fora isso, o que me disse *don* Iván antes de ir embora foi muito revelador.

Ofereceram-me meio milhão de dólares ou mais para traí-lo, mas preferi encobrir o doutor Santiago. Fizemos uma bonita amizade. Ele, em agradecimento, comemorou o aniversário da minha mulher em seu castelo, em uma festa esplêndida. O emissário de *don* Orlando voltou em alguns dias e eu lhe disse que não me meteria nisso.

Aos sábados, eu ajustava meu revólver à cintura da calça e ia à porta da cela do doutor Medina, para protegê-lo. Estava cuidando do meu futuro. Uma pequena janela na cela de Santiago Medina e outra no banheiro acalmavam um pouco a ansiedade do pobre

homem, que tinha de escolher entre o confinamento e o tiro de um visitante que quisesse ganhar o dinheiro. No pavilhão, não havia ninguém que fosse capaz de matá-lo de frente. Uma coisa é um assassinato na rua e outra muito distinta é matar alguém dentro da prisão. Na prisão, tudo se cobra. Um menor de idade seria o escolhido para matar o doutor Santiago Medina, uma vez que, por sua condição, não pegaria um só dia de prisão.

Naquela época, Jairo Correa Alzate saiu de La Modelo, transferido para a prisão de Itagüí. O Alacrán já havia se desentendido com ele pelos problemas com *don* Iván. Ele despediu-se seriamente de mim e saiu para buscar a sua liberdade, que estava lhe custando uma fortuna. Tudo com o dinheiro de *don* Iván ou, talvez, com o obtido com o tráfico de drogas.

No dia 12 de setembro de 1995, o doutor Santiago foi à Promotoria e delatou o presidente Samper Pizano, juntamente com seu ministro da Defesa, doutor Fernando Botero Zea, filho do famoso pintor Fernando Botero Angulo. A Procuradoria concedeu prisão domiciliar ao doutor Medina e ofereceu-lhe proteção em troca de sua colaboração com a justiça. Despedimo-nos com um forte e sincero abraço, eu depositando nele todas as minhas esperanças.

Como consequência daquela delação, o ministro da Defesa, doutor Fernando Botero Zea, foi detido, e a máfia entrou em pânico, posto que não apenas deviam proteger o dinheiro investido no presidente da República, mas também porque, pela primeira vez depois da era Escobar, surgia de novo o fantasma da extradição. A máfia, que já se sentia dona e senhora do Congresso e da Presidência da República, começou a temer pela possível queda do presidente Ernesto Samper Pizano. Então, criaram uma nova estratégia. As máfias do norte do Valle e de Cali se aliaram, incluindo

também Carlos Castaño Gil e Diego Fernando Murillo Bejarano. Dessa forma, o paramilitarismo se estendia por todo o país.

LUXOS CARCERÁRIOS E GUERRA INTERNA NOS CARTÉIS DO VALLE

Medellín estava ocupada com os fuzis dos paramilitares, enquanto a pressão das autoridades era sentida em Cali. Henry Loaiza Ceballos, vulgo Alacrán, decidiu submeter-se à Justiça, beneficiando-se dos decretos promovidos por César Gaviria diante da pressão de Pablo Escobar. Assim se livrava da possibilidade de extradição, que se via surgir novamente naquela época. Parte dos benefícios obtidos por Pablo era que, por regra geral, e independentemente da gravidade dos delitos, não se poderia permanecer na prisão por mais de sete anos, caso a submissão fosse voluntária e houvesse confissão dos delitos. Dessa forma, os chefões e seus bandidos podiam entrar em prisões com visita diária, telefone, comida da rua, bebida, boas celas, boa televisão, academia, jogos e, sobretudo, uma grande apreciação de rainhas de beleza e modelos, que iam até lá para satisfazê-los. Não obstante, esse paraíso terreno tinha um pequeno obstáculo: a embaixada dos Estados Unidos e a DEA.

Um dia, chegou ao nosso edifício de alta segurança na prisão Modelo o jornalista Alberto Giraldo, que era também relações públicas da máfia. Ele fora detido pelo escândalo do dinheiro entregue à campanha do presidente Samper Pizano. *Don* Orlando Henao, por sua vez, estava brincando de ser o novo Pablo Escobar, já que seu poder e dinheiro lhe permitiam isso naquele momento e, agora, sua aliança com Carlos Castaño era estratégica para o cartel do norte do Valle. Os quatro de Cali e o grupo do norte do Valle gozavam de uma boa relação. O único integrante do norte do Valle que

havia cooperado com os Pepes tinha sido Hernando Gómez, vulgo Rasguño, garantindo um bom ambiente e calma no mundo da máfia.

Contudo, o escândalo pelo dinheiro do cartel na campanha do presidente Samper era demasiado grande. Os Rodríguez Orejuela enviaram uma pessoa de extrema confiança à embaixada norte-americana para tentar uma aproximação de alto nível com a DEA, e o escolhido foi William Rodríguez, filho de Miguel Rodríguez Orejuela. A queda do presidente parecia iminente, pelo que se fazia necessário buscar um bom aliado para que, em caso de uma extradição, se pudesse chegar aos Estados Unidos na melhor posição possível. Não em vão, chamavam Gilberto Rodríguez Orejuela de Enxadrista. William Rodríguez começou a levar informações de *don* Orlando e de homens do grupo do norte do Valle à DEA.

Por aqueles dias, recebi uma má notícia. Eu costumava ligar para o doutor Santiago Medina em sua bela casa, onde ele recebia minhas ligações muito contente. Um belo dia, liguei e me disseram que o doutor Medina estava no hospital. Pensei que seria algo passageiro e tentaria falar com ele de novo, mas não pude. Em poucos dias, fiquei sabendo da triste notícia: o doutor Santiago Medina tinha morrido de uma doença renal. De novo, voltava a me sentir triste e desamparado. Adeus a um bom homem que, por culpa dos enredos da política e da corrupção, conheceu as entranhas daquele horrível monstro: a prisão Modelo, de Bogotá.

Os Rodríguez continuavam delatando seus aliados e amigos do norte do Valle. *Don* Orlando soube disso por uma fonte da própria DEA e enviou seu melhor homem, apelidado de Varela, para se vingar. Ele foi só com bandidos do norte do Valle e, em um restaurante de Cali, atacou o filho de *don* Miguel Rodríguez. Ali morreram oito de seus guarda-costas e William se salvou, providencialmente, já que um fiel escudeiro lançou-se sobre ele para protegê-lo. O filho de

Miguel Rodríguez Orejuela saiu sem ferimentos graves. Na prisão, sabia-se de tudo o que acontecia na máfia. A luta era assistida de camarote!

A guerra agora era protagonizada pelos Rodríguez Orejuela, que só sabiam lutar com a Polícia e a DEA a seu favor. De novo, um grupo de bandidos os atacava, mas, dessa vez, a vida deles corria mais perigo, pois se encontravam presos, e a guerra era contra gente do próprio Valle del Cauca. Tudo aquilo me alegrava. O que nós não pudemos fazer nos últimos dias do *Patrón*, o cartel do norte do Valle estava fazendo.

Carlos Castaño combinou com a Polícia tentar uma aproximação entre os Rodríguez e *don* Orlando Henao. O homem de macacão foi à prisão, e ambos os chefões falaram sinceramente. Os Rodríguez não reconheceram o "ataque", mas concordaram em ir à guerra. Eles já tinham perdido seu melhor homem, o coronel da Polícia Nacional Danilo González, ao entrar para a quadrilha do norte de Valle.

Os Rodríguez organizaram a prisão e arrumaram o pavilhão com luxos e comodidades. Seu poder político lhes permitia nomear o diretor do Inpec.[18] A cela de *don* Miguel, localizada no segundo andar, tinha cortinas de luxo, piso de madeira fino, cama de madeira, biblioteca, banheiro particular com água quente, fotos de família, tapetes importados, boa televisão com sinal internacional e equipamento de som. A de *don* Gilberto, por sua vez, no primeiro andar, era tão luxuosa quanto a de seu irmão, mas se diferenciava por uma bicicleta ergométrica. A cozinha era impressionante, com uma *chef* que ia todos os dias ao presídio. Contava com uma câmara fria e comida enlatada de alta qualidade. A sala de jantar

18 Instituto Nacional Penitenciario y Carcelario (Instituto Nacional Penitenciário e Carcerário). (N. T.)

abrigava uma centena de pessoas, com pratos que iam desde pato com laranja até lagostas e camarões na grelha. Havia uma ampla vitrine de sobremesas que fechava a sala de jantar.

O pátio do pavilhão foi arrumado com uma quadra de futebol de salão e outra de tênis. E, ao final do andar, em um quarto fechado, havia uma boa mesa de bilhar. No segundo andar, transformaram duas celas em academia, com os melhores equipamentos e uma boa sauna. Eles também gozavam de numerosas visitas diárias, como mostra de seu grande poder. A máfia continuava, pois, em pleno funcionamento. Bandos de advogados frequentavam a prisão, cada grupo com uma função específica. William Rodríguez recuperou-se dos ferimentos sem maiores sequelas físicas, e tudo parecia voltar à normalidade.

Jairo Correa Alzate, o Caballo, já gozava de sua liberdade. Ele saiu discretamente da penitenciária de Itagüí e foi passar uns dias em Santa Marta, para desfrutar do mar e de sua família. Quis também visitar sua fazenda El Japón; então, mandou sua família na frente e, em cinco dias, seu sonho de fazendeiro se cumpriria. Organizou uma cavalgada com Claudia e as crianças. Sua escolta reduzia-se a apenas um homem armado. Aproveitando a fresca manhã, ele saiu para desfrutar de sua liberdade naquela área onde se sentia tão seguro, mas, logo um comando paramilitar e alguns bandidos de Wilmer Varela, conhecido como Jabón, e José Pineda, conhecido como Pispis, armados com fuzis de assalto, abordaram-no para sequestrá-lo, sem disparar um só tiro, e o enviaram de helicóptero para o norte do Valle. A mão de *don* Iván Urdinola Grajales e a de *don* Orlando Henao o haviam alcançado. Jairo não pagara juros por um só dia do dinheiro emprestado de *don* Iván em La Modelo, e agora chegara a hora de pagar todo o dinheiro e as ameaças de morte ao novo grande chefão.

VI

Guerra na prisão

BOCHICA E O SEQUESTRO DE JUAN CARLOS GAVIRIA: UM TRABALHO PARA O ESTADO

A prisão Modelo seguia sua dinâmica. Ali se decidiu a sorte do irmão do então ex-presidente César Gaviria Trujillo, naquele momento secretário-geral da OEA.[19] Juan Carlos Gaviria foi sequestrado por um movimento de esquerda chamado Dignidad por Colombia, dirigido pelo comandante Bochica. O delicado desse sequestro era o que ele representava a nível mundial. O irmão do ex-presidente Gaviria, secretário da OEA, nas mãos de um grupo de rebeldes, não era a melhor carta de apresentação para a Colômbia diante da comunidade internacional.

Nos meses seguintes, o escândalo do presidente Samper polarizou por completo o país. Os mais prejudicados eram os mafiosos e o tema da extradição. Da prisão, Bochica dirigia seu pessoal. Os investigadores da Polícia sabiam que ele tinha ordenado o ataque contra o advogado do presidente e que tinha em seu poder Juan

19 Organização dos Estados Americanos. (N. T.)

Carlos Gaviria, e também sabiam que estava na prisão, mas não conheciam exatamente sua identidade. Tinham certeza apenas de que era um homenzinho antioqueno, que se chamava Hugo Toro e que havia dirigido um motim na prisão do Barne, pelo que fora transferido para um pátio de comuns em La Picota, onde estava protegido pela invisibilidade de estar entre centenas de presos. Só faltava ligar o nome de Hugo Toro a Bochica.

Orquestraram uma grande operação de inteligência para seguir não apenas a pista de Hugo Toro, mas também para localizar sua família e os membros do Dignidad por Colombia.

No presídio Modelo, havia chegado Víctor Patiño Fómeque, que se submetera à Justiça em Cali. Era um bom amigo meu e também aliado do coronel Danilo González. O importante membro do norte do Valle foi confinado no meu andar, onde foi visitado pelo coronel em pessoa. Para mim, a missão de todo esse plano era descobrir se Hugo Toro era efetivamente Bochica. Agora, incrivelmente, eu estava trabalhando para a Polícia Nacional.

Hugo Toro foi transferido de La Picota para o nosso andar. Fomos informados de que ele era fascinado por bebida, tangos e comida antioquena, e que gostava de ler cuidadosamente os jornais (quando encontrava algo de seu interesse, detinha-se em uma leitura cuidadosa) e de assistir a noticiários. Também gostava de ir à missa e amava a sua família, acima de todas as coisas. Víctor e eu urdimos um plano para descobri-lo. Hugo chegou perguntando por sua cela e eu lhe mostrei, sem dar muita importância à sua presença. Víctor proporcionou-lhe algumas comodidades e, pouco a pouco, Hugo foi se aproximando de nós.

Víctor Patiño, por sua vez, organizou bem a sua cela, que foi equipada com todos os luxos e na qual ele começou a promover boas rodadas de tangos, música de Julio Jaramillo e El Caballero Gaucho,

tudo acompanhado de boa bebida e de excelente companhia feminina. Hugo se aproximava timidamente e ali se embriagava ao som da boa música, no ambiente agradável. Vez por outra interrompia seus longos silêncios para questionar o que estava fazendo naquele pavilhão de alta segurança, mas nós evitávamos o assunto. Já com o álcool na cabeça, ficava eufórico e brincava. Todo detalhe, por menor que fosse, eu informava a Víctor, e este, por sua vez, ao coronel. A situação era urgente, já que o Dignidad por Colombia queria assassinar Juan Carlos Gaviria e jogar em cima dele um livro que Bochica tinha escrito.

Em dada ocasião, chegou o jornal; peguei a parte menos importante e deixei a outra seção na mesa. Veio Hugo e pegou. Olhei para ele de soslaio, como sempre. Vi que procurava algo ansiosamente, e quando chegou à manchete que falava do Dignidad por Colombia, sorriu e ficou um bom tempo deleitando-se com a leitura.

Aquela tarde seria definitiva no trabalho de inteligência encomendado. Começamos a festa por volta das quatro e meia da tarde: boa música, comida antioquena, aguardente e belas mulheres. Uma para Víctor, outra para mim. Hugo ficou só. A estratégia era começar a exibir nossas mulheres e fazer Hugo Toro se sentir inferior. Tudo isso quando a bebida estivesse fazendo efeito. Cerveja Heineken para mim, uísque para Víctor Patiño e aguardente antioquena para Hugo.

– *Don* Víctor – comecei –, você é muito corajoso. Toda essa fortuna que fez em tão pouco tempo...

– Não, Pope – me respondeu –, o corajoso é você... Andar com um homem como Pablo Escobar e conseguir derrubar a extradição.

Ignorávamos estrategicamente Hugo na cena, com sua figura quase risível, baixinho, magro, branco, barbudo, malvestido, sem uma única joia… Com certeza ele se sentia inferior, mas permanecia

calado. Só ao calor da bebida dava um pouco de risada, mas ria mais de raiva que de prazer. Ao cabo de meia hora, Hugo nos soltou a seguinte pérola:

– Sabem o que, par de filhos da puta? Eu sou o comandante Bochica – disse batendo na mesa com força e aceitando a provocação que, teatralmente, lhe fizemos.

Naquele momento, compreendi que tal homenzinho tivera experiências ruins. Então, bebi um gole de cerveja e o acalmei. Depois de um prazo razoável, Víctor foi à minha cela para poder informar ao coronel sobre nosso trabalho e dar um relatório positivo.

Terminada a festa, eu me encarreguei de Bochica. Levei-o à minha cela, ao som de uns bons tangos, para depois enviá-lo bêbado à cela dele, na alta madrugada. Às seis da manhã, já estava em marcha uma operação gigantesca das autoridades. Sequestraram a mulher e a filha dele e três membros importantes da sua organização. Já às oito da manhã, no escritório da direção do presídio Modelo, esperavam-no o coronel Danilo com outros oficiais da inteligência, todos à paisana. Bochica foi despertado pela guarda da penitenciária. "*Don* Hugo, precisam de você na direção", foi a mensagem que lhe chegou. Sem sequer escovar os dentes e com a mesma roupa da noite anterior, Hugo Toro foi ao encontro de uma dura realidade. "Senhor Bochica, temos sua filha, sua esposa e três de seus mais importantes membros."

Hugo não negou ser Bochica e pediu para negociar. O próprio embaixador cubano foi ao presídio Modelo. O ponto mais complicado na negociação foi a saída de Bochica para Cuba. Depois de uma conversa, ele aceitou que sua família e outros membros da organização saíssem do país. Dessa forma, Hugo Toro entregou Juan Carlos Gaviria à Polícia Nacional. Uma história com final feliz. Nisso tudo, algo que me chamou muito a atenção foi o que Bochica

disse ao regressar ao pavilhão: "Negociei pelas pessoas; se fosse por minha mulher e filha, não o teria feito".

DEMÊNCIAS CARCERÁRIAS

Jesús Amado Sarria, apelidado de Chucho, sentia-se seguro em La Modelo. Era um bruxo consumado. No terraço do pavilhão, colocou quatro mesas pequenas, cobriu-as com sua toalha e as encheu de comida: carne, peixe, arroz, frango, fruta e água. "Uma oferenda à lua", sustentava com veemência. Estava louco, mas era um homem amável, convencido de sua bruxaria. Também estava convencido de que eu ia matá-lo. Sua mulher, conhecida como "La Monita Retrechera", era uma narcotraficante de reputação no meio e tinha sido assassinada na casa de um bruxo.

Na prisão de Palmira, Valle, chegou Hélmer Herrera Buitrago, o Pacho Herrera ou "o homem dos mil rostos". Ele entregou-se à Justiça de forma decorosa, no dia 1º de setembro de 1996; assim, pagaria sua dívida com a Justiça em apenas cinco anos, para depois desfrutar livremente de sua imensa fortuna. Outra ironia da vida! Outro inimigo nosso que se beneficiava da luta que Pablo Escobar e nós havíamos travado com o Estado!

O pavilhão de alta segurança de La Modelo tinha seus problemas e personagens muito peculiares, como Alberto Giraldo. Este era meio louco. Às vezes, dava suas coisas e descia ao primeiro andar, dizendo que havia chegado o documento de liberdade. Não parava de falar das orgias que seus amigos políticos faziam com lésbicas. Era um doente pelas crianças. Um pervertido completo! Um dia, ele entrou em minha cela e viu o meu revólver. Imediatamente, foi contar a Chucho Sarria, e este entrou em pânico.

O Alacrán, por sua vez, estava maluco. Dizia que batiam na cela de cima; segundo ele, esta era uma estratégia para enlouquecê-lo. Apesar de ter se submetido à Justiça, não queria confessar nada, mesmo sendo acusado de um massacre em seu povoado, Trujillo, no Valle. Os mortos passavam de cem. O sacerdote do povo, o padre Tiberio, foi assassinado; cortaram a cabeça dele para, depois, jogar futebol com ela. Certo dia, eu lhe disse para confessar seu crime, porque, somando seus delitos, não receberia mais de sete anos de cárcere, por ter se entregado à Justiça, e ele me respondeu furioso: "Eu não sou dedo-duro".

A FUGA E A MORTE DE SANTACRUZ LONDOÑO

Chucho Sarria me vendeu, e fui transferido para o presídio La Picota. Lá, o pavilhão de alta segurança está dividido em dois: o B para os ricos e o A para os pobres. *Don* Iván veio me receber e levou-me à sua cela, no pavilhão B, o que foi uma grande alegria para mim. Os Rodríguez Orejuela me receberam bem, com sua costumeira máscara de sorrisos. Nessa época, José Santacruz Londoño já tinha fugido do pavilhão A. Estava em uma diligência judicial, suspendeu-a de propósito, e duas horas depois, voltou a mesma caminhonete com vidros escuros para recolhê-lo, juntamente com os supostos promotores, e o levaram. Foi uma fuga espetacular.

Na época da justiça sem rosto, os promotores entravam nas prisões para fazer suas diligências totalmente ocultos por uma película negra, que não deixava ver ninguém dentro de suas caminhonetes. Só saíam do veículo dentro de um local apropriado para a diligência, onde um grosso vidro blindado e um distorcedor de voz os separavam do interrogado: o vidro deixava ver o réu, mas este não via os promotores. O pessoal de Santacruz "clonou" o veículo

dos promotores e foi atrás deles; no local da diligência, eles tiraram os oito parafusos que seguravam a moldura de metal e cortaram o vidro. Um homem gordo esperava do lado de fora, com a porta fechada, já que a diligência não podia ser escutada. Às seis da tarde, estranhando a demora, o guarda começou a bater na porta, mas ninguém respondeu. Cansado de chamar, abriu-a, e – surpresa! – ali já não estava o quarto homem de Cali.

Santacruz Londoño foi refugiar-se em Medellín, com seu suposto grande amigo e aliado Carlos Castaño Gil, até que o funesto coronel Danilo González reapareceu, levando um pedido da Polícia Nacional e da DEA, com o qual os norte-americanos solicitavam que lhes fosse entregue Santacruz Londoño. Os temidos chefes paramilitares não pensaram duas vezes. Encontraram-no em Montecasino, na casa dos Castaño, e assassinaram-no com frieza. Levaram-no à Cola de Zorro, um lugar entre El Poblado e a avenida de Las Palmas, em Medellín. Mais tarde, a Polícia chegou e desferiu saraivadas contra o veículo rural, onde estava o cadáver, para que os jornais dessem a seguinte manchete: "Executado o poderoso narcotraficante José Santacruz Londoño em um enfrentamento com a Polícia Nacional". Depois, os promotores descobriram que os impactos de bala da polícia não coincidiam com os tiros que tiraram a vida do grande chefão calenho. Igualmente, não aconteceu nada.

LEÓNIDAS VARGAS, UM MAFIOSO DE RESPEITO

Na prisão, os Rodríguez Orejuela se opuseram dissimuladamente a que eu estivesse com eles. Fui transferido para La Picota, onde fui muito bem recebido pelo grande chefão, Leónidas Vargas. Era um homem supostamente endinheirado e guerreiro, sócio de Pablo Escobar e de Gonzalo Rodríguez Gacha em épo-

cas passadas, e sua área de influência principal era o Caquetá.

Afastar-me de La Modelo foi bom; lá eu estava em perigo constante. Os rumores não cessavam, a entrada de armas na prisão estava aumentando cada dia mais em razão do conflito que se vivia no país entre os paramilitares e a guerrilha. *Don* Leo sempre foi um mafioso sério e lutador. Era um homem de estatura normal, branco, obeso e de grande inteligência. Havia pago pela morte de Camilo Zapata, o Brujo de Bogotá, e seu pessoal, por uma guerra relacionada a um carregamento de cocaína. *Don* Leo matou o pessoal do Brujo e este fugiu para Medellín. O que assustara *don* Leo era que tinham encontrado um natimorto de seis meses, em cuja barriga havia uma foto do chefão do Caquetá e seu nome. Bruxaria pura. Mas o Brujo Zapata escondeu-se na pior época de Medellín, e os Pepes o assassinaram para cobrar a recompensa oferecida por *don* Leo, que se impôs pela força e pela brutalidade, como um mafioso de respeito.

Lá também estava Bochica, que me recebeu bem, ignorante da minha participação para que o descobrissem. O pavilhão era pobre, mas não estava mal, com celas grandes e banheiro privativo. Nosso pátio não estava arrumado, mas era do mesmo tamanho que o dos Rodríguez Orejuela. *Don* Iván me chamava constantemente, e algumas vezes me convidava a passar um tempo lá, onde eu tinha meus bons banquetes. Naquele pavilhão, vi meu filho dar seus primeiros passos, e, também ali, desfrutei de minha esposa. Tudo estava normal, até que, certa manhã, aconteceu algo impensado: *don* Leónidas Vargas saiu repentinamente em um lençol, carregado por quatro de meus companheiros, com urgência para o hospital. Salvou-se por milagre. Em três dias, voltou muito irritado, mas, apesar de sua debilidade, não parava de gritar: "Popeye me envenenou!".

Daí em diante, tudo mudou. Não era nada bom ter esse senhor como inimigo, era um adversário mortal. Tentei conversar com ele.

– Há três dias eu tinha você na minha mira, e viram quando entrou na cela onde estava o soro.

– Não entendo, senhor – disse-lhe.

– Não se faça de tonto, grande filho da puta, mentiroso – replicou, tocando em sua barriga, encostado em sua cama. – Eu tinha uma chave da caixa e, quando você saiu, a revisamos. Você abriu a caixa.

Não lhe disse nada. Saí dali e fui para a minha cela. *Don* Leo tinha o costume de aplicar soro na veia semanalmente; logo cedo, a enfermeira do presídio o colocava. No fatídico dia de seu envenenamento, a enfermeira foi buscar o soro e tirou o frasco que estava com veneno. Os que estavam atrás do Viejo colocaram lá um frasco de soro envenenado, trazido da rua, e eu acabei levando a culpa.

A GUERRA DENTRO DAS PRISÕES BOGOTANAS

Don Leo, pelas suspeitas infundadas de seus inimigos contra mim, recorreu a suas conexões com o Inpec e me vendeu. De novo, seria transferido ao presídio Modelo. Procurei meu revólver e, por sorte, ainda estava ali. Enfiei-o, escondido, na cintura da calça, para me proteger, caso algum incidente ocorresse durante a viagem. Meus problemas iam aumentando.

– Juro que te mato, cachorro filho da puta – foram as palavras com que *don* Leo se despediu de mim quando saí de La Picota.

Era claro que eu era o bode expiatório de alguém, mas me tranquilizava o fato de saber que *don* Leo tinha os inimigos verdadei-

ros ao seu lado, e que cedo ou tarde ele ficaria sabendo a verdade. Indaguei no submundo, e a guerra de Leónidas era com dois pesos-pesados, muito pesados: *don* Víctor Carranza, o *czar* das esmeraldas na Colômbia, e Ángel Custodio Gaitán Mahecha, um obscuro personagem da máfia bogotana, também caçador de esmeraldas e paramilitar. *Don* Ángel era o namorado e protetor de Claudia Zapata, a viúva de Jairo Correa Alzate.

Nem Henry Loaiza, o Alacrán nem o jornalista Alberto Giraldo nem Chucho Sarria viram com bons olhos minha chegada ao presídio. Também não fiquei muito tempo livre do Viejo Leónidas, pois ele foi transferido para La Modelo depois que uma bomba explodiu contra ele em La Picota, que, no entanto, matou William Infante. Ele estava paranoico, desconfiava de todo mundo.

Os paramilitares das AUC aproveitavam ao máximo essa situação de guerra e de acertos de contas entre os cartéis e os novos chefões. Iam colonizando novas áreas: Casanare, Meta, Putumayo, a própria cidade de Bogotá e de Medellín, que já estavam ocupadas quase em sua totalidade e sob seu poder. Também estavam entre seus novos territórios Barranquilla, Santa Marta, Valledupar, Cúcuta, Manizales, Villavicencio e La Guajira.

Todos previam a paz com a morte de Pablo Escobar, mas, agora, o país vivia sob o terror e a morte causados pelo paramilitarismo. Os mortos anônimos eram enterrados às centenas em fossas comuns e "ninguém respondia por ninguém". A Colômbia inteira estava em guerra.

O Viejo Leónidas falou comigo e me acusou de ter armado a bomba contra ele. De novo, o Inpec me vendeu ao poderoso mafioso, e Popeye voltou a La Picota. Dessa vez, os Rodríguez Orejuela não me deixaram chegar ao pavilhão de alta segurança e fiquei com os criminosos comuns. O pior era que *don* Leo já tinha um preço

pela minha cabeça. Por meio de um emissário de *don* Iván Urdinola, soube que o prêmio para me matar era meio milhão de dólares.

Era o momento de criar uma nova estratégia para sobreviver, já que fora alertado de que os Rodríguez Orejuela também tinham más intenções contra mim. Então, denunciei publicamente as intenções deles perante a mídia e a Procuradoria, e pedi que protegessem a minha vida. A guarda penitenciária viu-se obrigada a confinar-me no pavilhão de saúde, onde também tomei minhas próprias medidas de segurança. Comprei um revólver e me entrincheirei.

Lá estava Pablito, também inimigo de *don* Leo, e formamos uma aliança. Foi esse homem quem armou uma bomba em um carrinho de controle remoto com destino ao poderoso chefão. Por causa de um ferimento a bala, Pablito estava em uma cadeira de rodas, o que o tornava vulnerável dentro do presídio. Estava preso por conta do massacre de Trujillo e o infame assassinato do padre Tiberio.

– Bom, Pablito, conte-me tudo e nos unimos – disse-lhe, olhando em seus olhos.

– Pope, os que envenenaram *don* Leo foram William Infante e Rodríguez Cuadrado – soltou. – Estavam dando-lhes três milhões de dólares da rua – explicou com voz calma. Logo continuou: – Ao falhar o envenenamento, a mulher de William trouxe uma dinamite. Veio um cara da rua e armou o carrinho-bomba. Nós tínhamos trazido uns carrinhos de controle remoto grandes e pequenos para brincar com nossos filhos. Um dos grandes, de mais ou menos trinta centímetros, foi o escolhido.

Pablito não disse, mas eu sabia que ele tinha colaborado com William Infante e Rodríguez Cuadrado no envenenamento de *don* Leo e para que corressem os boatos contra mim quando cheguei ao pavilhão.

– Pope, logo depois da sua saída, fui acusado por *don* Leo de ser seu cúmplice, por isso aliei-me a William e Rodríguez Cuadrado

– disse Pablito sem nem corar. – Eu era o encarregado de detonar a bomba. Coloquei-a uma vez debaixo da cadeira do telefone, e o Viejo só dizia: "Que carrinho lindo, Pablito", mas dessa vez não explodiu. Outro dia, coloquei-a atrás das caixas de soda, e também não explodiu. Tentei seis vezes, ao todo.

– Pablito – eu disse, olhando para ele –, você entende de explosivos?

– Não, por quê? – me respondeu sem pensar.

– A que distância você estava detonando a bomba? – indaguei.

– A uns dez metros – me respondeu, como se fosse nada.

– *Ay*… Pablito, você é uma besta! – disse-lhe surpreendido, e ele chorou de rir.

– Por que, Pope?

– Meu amigo, você ia ser o outro morto. A essa distância, a onda explosiva o teria matado no ato, ainda mais se você ia detonar uma carga explosiva de trás das caixas de soda. Os vidros teriam se transformado em caquinhos – expliquei, enquanto ele mantinha silêncio. – Com o alcance do sinal desse controle remoto, a bomba poderia ser detonada de uma cela a mais de trinta metros de distância, ou mesmo do final do pátio. Não precisavam de você, só queriam matá-lo – esclareci. Pablito já não estava tão sorridente.

– E como foi que explodiu a bomba na cela de William? – perguntei.

– Como não funcionava – respondeu –, eu a entreguei a William, que a levou à sua cela e ligou para Rodríguez Cuadrado; lá, os dois começaram a mexer no carrinho. Então, Cuadrado pegou o controle remoto da televisão e a bomba explodiu.

Aparentemente, William a tinha entre as pernas e estava sentado com as costas no muro, de modo que recebeu todo o impacto. As pernas ficaram na cela, o resto do corpo caiu junto com o muro e a

janela, na área de segurança. Rodríguez Cuadrado caiu no chão e perdeu o olho direito, sofreu uma fratura no braço e queimaduras. A cela de William Infante ficava no segundo andar. Depois da explosão, o Viejo Leónidas foi correndo contar a Rodríguez Cuadrado, enquanto este era levado ao hospital: "Quem o contratou? Quem o contratou?". Rodríguez Cuadrado não lhe respondeu nada.

Tudo era muito delicado. Como se fosse pouco, eu estava brigado com minha mulher por ciúmes, o que a havia afastado de mim. Estava só na prisão, com *don* Leo e tantos problemas em cima de mim!

Por esses dias, assassinaram também a mulher de William Infante. Eles a sequestraram, torturaram e mataram. Também assassinaram mais seis familiares e quatro amigos do finado assassino.

A MORTE DE PACHO HERRERA E DE ORLANDO HENAO

A família de Rodríguez Cuadrado salvou-se, já que um irmão era funcionário policial da Sijin de Bogotá e fez o chefão saber que, se a atacasse, cobraria duro. Ainda assim, nem tudo era ruim. Fui informado de que *don* Leónidas estava muito doente, porque a quantidade de veneno que injetaram diretamente na veia dele havia afetado o coração e os pulmões. O Viejo era um carvalho.

Fiquei sabendo que o encarregado de me assassinar era Abigail, ex-membro do cartel de Medellín, e então compreendi que devia ter uma estratégia. Combinei turnos com Pablito, de modo que pudéssemos cuidar um do outro, e também usaríamos um cadeado nosso para poder nos proteger da guarda ou de um ataque surpresa.

O capitão da guarda penitenciária, doutor Orlando Toledo Uribe, um velho guerreiro das grades, conhecedor do iminente atentado contra a minha vida, foi até a sede do Inpec e exigiu

que eu fosse transferido para a alta segurança. Uma vez ali, soube que Rodríguez Cuadrado já se recuperara e fora transferido para o presídio de Palmira, no Valle. *Don* Leónidas, por sua vez, fora para o presídio de Itagüí, juntamente com Eduardo Tribin, seu fiel escudeiro; a guerra o encurralou e ele saiu fugindo, mas continuava sendo um homem perigoso. Em Itagüí, foi construído um *bunker* impressionante, e ali se entrincheirava, embora seu coração se deteriorasse a cada dia. Liguei para um amigo que estava em Itagüí e ele me contou os pormenores; disse que *don* Leónidas espalhava aos quatro ventos que ia me matar.

Chegou um tempo de aparente calma. Minha mulher voltou, mas a distância e minhas difíceis circunstâncias, assim como o meu pensamento, tinham mudado, porque eu também tinha compreendido que, se quisesse sair vivo algum dia daquela prisão, devia despojar-me de meus afeiçoados e da minha família e ficar só, para lutar pela minha sobrevivência. Então, decidi que não receberia nem mesmo a visita de minha mãe ou de meus irmãos e irmãs, que recusei em várias oportunidades. Tinha certeza de que, assim, eles estariam mais seguros.

Agora, meu sonho era não apenas sair vivo, mas ver como todos e cada um daqueles chefões caíam, com uma pequeníssima diferença entre a era deles e a nossa: a extradição, que já estava de volta para fazer justiça. Então eles entenderiam a verdadeira causa de Pablo Escobar. A Constituição foi modificada e, novamente, foi imposta a temida medida; todavia, a corrupção era total, e os Rodríguez Orejuela, com seu dinheiro e seus contatos, conseguiram que não fosse retroativa. *Don* Orlando Henao valeu-se da política de submissão e entregou-se à Justiça; todos ficamos assombrados por ele ter se rendido tão facilmente. O comando de sua organização foi tomado por seu melhor homem: Wilmer Varela, vulgo Jabón, que

sofreu um atentado fracassado, ordenado por Pacho Herrera. Também estavam presos Cuchilla, Chupeta e Víctor Patiño Fómeque: as guerras da rua, agora, concentravam-se nas prisões da Colômbia. Os poderosos chefões viviam com uma boa dose de tranquilidade, porque a extradição não era retroativa; passariam pouco tempo na prisão e poderiam sair para aproveitar as suas riquezas.

A investigação do atentado a Varela apontou como culpado Pacho Herrera, e *don* Orlando Henao mandou que o matassem. Um tio do chefão, que estava entre seus melhores homens, ofereceu-se para entrar na prisão como advogado e matá-lo de frente, e assim o fez, consumando o assassinato, mas foi golpeado pelos guarda-costas de Pacho Herrera. Ainda assim, ele conseguiu escapar e jogar a pistola, mas a guarda o capturou e protegeu-o. Não aconteceu absolutamente nada a ele. O que nós não conseguimos fazer em meio a uma sangrenta guerra, o tio do chefão fez. Devo reconhecer que essa notícia melhorou meu ânimo. O dano que esse personagem nos causou foi muito grande. Os Rodríguez estavam cada dia mais sozinhos; o poder deles estava em queda livre.

O irmão de Pacho não demonstrou nenhuma tristeza; ao contrário, falava horrores do defunto, mas isso era um estratagema. Na realidade, planejava assassinar *don* Orlando Henao com uma pistola introduzida em uma bateria de substituição para a sua cadeira, e executou seu plano: matou *don* Orlando Henao.

Na história da máfia colombiana nunca se tinha vivido uma guerra em que dois grandes chefões em conflito tenham caído tão rapidamente. Os Rodríguez Orejuela, fazendo uso do poder do dinheiro que haviam dado à campanha do presidente da República, foram transferidos para Palmira, Valle, perto de seus domínios e de sua família. Varela, por sua vez, fortaleceu-se e acabou com a organização de Pacho Herrera.

VII

Os corruptos se cuidam entre si. Condecoram-se. São felizes.

O RASTRO DE SANGUE DO CARACOL: GUERRA INTERNA NO CARTEL DA COSTA

O assassinato de *don* Orlando Henao favorecia principalmente os irmãos Rodríguez Orejuela, porque era um chefão a menos e eles não estavam em conflito com Varela, fazendo dessa uma boa época para o seu reagrupamento. Arrumaram o pavilhão a seu gosto, organizaram visitas diárias, *chef* para auxiliar na sua alimentação, telefones, televisão e todo o conforto que o dinheiro lhes podia dar, sem esquecer o controle que exerciam no presídio de Palmira. A diferença estava em que Pablo o havia feito de frente, enquanto os irmãos Rodríguez Orejuela o faziam de uma forma sorrateira.

Em Bogotá, eu continuava protegendo a minha vida das garras do poderoso Leónidas e descansando da pressão dos Rodríguez Orejuela, pois, desde a sua partida, o pavilhão se acalmara. Mas chegou ao pavilhão outro chefão de chefões: *don* Alberto Orlando Gamboa, vulgo Caracol. À primeira vista, não aparentava o que

era: um homem moreno, insignificante, de baixa estatura, delicado e com voz estridente. Parecia um menino de 12 anos com a cara de um homem de 44. Quando o vi, lembrei-me de um ditado de Pablo Escobar: "Policial pequeno, juiz pequeno ou mafioso pequeno, tenha medo". Caracol tinha o controle de Barranquilla e La Guajira. Estava detido por narcotráfico, e sua extradição fora solicitada por atos cometidos depois de 1997, quando se reimplantou a extradição na Colômbia. Ante o temor de ser levado para as prisões norte-americanas, ele buscava desesperadamente a fuga.

As lutas pelo poder dentro das prisões eram cada vez mais disputadas. Eu resistia e mantinha uma boa amizade com o Caracol, que andava com tranquilidade pelo pavilhão, jogando cartas o tempo todo e atendendo a seus advogados. Por briga na prisão de Palmira, chegou também ao pavilhão Jattin Arnulfo Pinto Vásquez, um dos pistoleiros de confiança do Caracol. Ali, em uma bebedeira, com cocaína a bordo, ele enlouqueceu e acabou enforcando uma menina de 15 anos, chamada Carolina Zuleta Cerón, nascida no município de Yumbo, Valle. A menina fora levada ao presídio por um familiar, para vendê-la a Jattin para uma tarde de prazer. Por esse ato atroz, o diretor do presídio, José Álvaro Mosquera, foi detido e acusado de permitir visitas de menores de idade sem o acompanhamento de um familiar adulto e de ser conivente com várias outras práticas dentro do presídio, como uso de bebidas e drogas, pernoite de visitas femininas e saídas irregulares de prisioneiros à rua, entre outras acusações.

Isso revelou que o Inpec tinha sido impregnado pela máfia. A corrupção ia desde os escritórios centrais de Bogotá até o último dos guardas em qualquer um dos presídios da instituição. Os baixos salários dos guardas, a corrupção dos diretores dos presídios e o descaramento do Inpec em Bogotá já não tinham limites.

Contudo, nem todos os funcionários eram corruptos; muitos guardas suboficiais e oficiais tinham senso de lealdade à instituição e não participavam da cadeia corrupta que a máfia havia instalado, mas estes deviam ficar calados, porque o poder do dinheiro e a corrupção eram imbatíveis, e todo aquele que ousasse pôr obstáculos era silenciado com sangue. Os corruptos eram em maior número, e o dinheiro que corria pelas prisões era demasiado. Se um guarda ou quem quer que fosse lhes atravessasse o caminho, a máfia era informada pelos corruptos e os companheiros entregavam o endereço da casa do guarda que não cooperava. Os mafiosos trocavam de prisão quando bem entendiam e de acordo com suas conveniências, e se não fugiam era porque lhes convinha mais estar dentro do presídio, pois assim mantinham os norte-americanos afastados.

Carolina Zuleta, a menina vítima da loucura de Jattin, foi levada Instituto Médico Legal, mas, mediante uma grande soma de dinheiro, o laudo foi "morte por overdose de cocaína". Jattin destroçara a traqueia da menina; suas mãos enormes e sua força bruta acabaram com a vida dela. Este nefasto personagem tinha um metro e setenta e seis de altura, era forte como um touro, bem praiano, com boca grande, educação nula e também era violento como ninguém, apesar de ter apenas 28 anos. Mas Caracol vivia orgulhoso de seu homem!

Gilio Pinto, irmão de Jattin, foi assassinado em Barranquilla. Jattin se desesperou e começou a maldizer quando recebeu a notícia. Pegou um telefone celular, ligou para Barranquilla e anunciou uma guerra mortal. Quando os Pinto iam matar alguém, nunca se fixavam em nada, apenas disparavam até conseguir sua execução; eles foram responsáveis por mais de quatrocentas mortes em Barranquilla, Cartagena, Valledupar, Santander e La Guajira. Jattin

anunciou por telefone que se vingaria arremessando os bebês de seus inimigos contra as paredes, mas estes responderam às palavras incendiárias de Jattin atacando a bala seus amigos no funeral de seu irmão. Nem na morte se respeitava os sofredores.

AS LOUCURAS DE JATTIN E UM NOVO INIMIGO: CARACOL

Chegou ao pavilhão Gustavo Upegui, amigo e antigo empregado de Pablo Escobar. Se é certo que no tempo de guerra Gustavo decidira unir-se aos Pepes, na rua tinha sido meu amigo: um homem educado, bem apresentável, que ajudou a idealizar e construir o presídio de La Catedral e tratou dos assuntos administrativos de Pablo Escobar, em Envigado. Tinha medo de entrar na prisão, mas eu o tranquilizei, e assim reconstruímos nossa amizade. Gustavo fora preso pela morte dos sequestradores de um de seus filhos. Era um bandido diferente; com sua inteligência, cuidava de tudo. Um líder nato! Tive muitos problemas com ele, mas enfrentá-lo não era prudente.

Jattin enlouqueceu e começou a beber e a cheirar cocaína sem nenhum controle. Todos sabíamos o que acontecia com ele quando estava naquele estado, mas o que realmente o deixava louco era o medo. Sabia que, sem Gilio, cedo ou tarde viriam atrás dele, e que ele era o próximo objetivo daquela disputa. Em Barranquilla, não se esqueciam de todas as loucuras que Jattin fizera. Todos os mortos, as propriedades que tirara de muitas pessoas, as quais logo assassinara a sangue-frio. Além disso, em seu prontuário estavam todas as violações a mulheres e coações a mafiosos e bandidos que realizara.

Caracol idealizou uma genialidade. Estava buscando sua transferência para o presídio Modelo, onde já tinha planejado sua fuga em cumplicidade com o Inpec. A estratégia seria ter um enfrentamento com outro prisioneiro e, com isso, justificar sua transferência, mas

precisava que lhe trouxessem uma pistola, pois se lhe encontrassem a arma, ele, para se livrar da acusação, diria: "Um tipo de moletom vermelho me entregou a pistola". Acontece que o único que tinha moletom vermelho era eu. Ele me armou a cilada! A Polícia Nacional, que então já vigiava o nosso pavilhão para evitar a corrupção da guarda, veio direto a Popeye. O detido pela Promotoria e Caracol estavam contra mim. "Ia me matar, filho da puta?", gritava, enfurecido, o poderoso chefão, de forma teatral. No meu caso, a presunção de inocência sempre era zero. Tive de ir para a minha cela e lá ficar trancado a chave e incomunicável.

Em 31 de dezembro de 1998, às nove da manhã, ocorreu algo ainda mais grave. Hugo Antonio Toro Restrepo, vulgo Bochica, Luis Fernando Acosta, vulgo Ñangas, e Freddy Llanos fugiram do nosso pavilhão. Ñangas contratou um técnico para conectar o sistema de câmeras de vigilância à sua televisão e dali observava todos e cada um dos movimentos dos vigilantes. Em cumplicidade com uma ordenança, foram se metendo um a um em sacos de lixo, que iam sendo jogados da cozinha para a rua. Quase doze horas depois, a guarda e a polícia se deram conta da fuga. O escândalo teve cobertura mundial.

Por uma confusão com uma arma que encontrei na cela de Bochica, fui transferido novamente para La Modelo. Ángel Gaitán Mahecha, um chefe paramilitar, me recebeu muito bem. Fui ao lugar de sempre, e lá estava o meu revólver me esperando. Levei-o à cintura da calça e saí andando. Eu estava no jogo outra vez.

La Modelo já não era a de antes: o ambiente estava mais pesado e o perigo espreitava de dia e de noite. Chegou o peso-pesado do paramilitarismo, Miguel Arroyave Ruiz, diretamente da casa Castaño. Para mim, isso era extremamente perigoso, já que tanto *don* Miguel como *don* Ángel eram aliados de Carlos Castaño. O único benefício

naquele momento era que *don* Ángel era inimigo de Leónidas Vargas, o que nos obrigava a ser parcialmente aliados.

ÁNGEL GAITÁN MAHECHA: UM BANDIDO SEM ESCRÚPULOS

Ángel Custodio Gaitán Mahecha era uma figura completa. Forjado nas minas de esmeraldas de Boyacá, desde jovem tinha sido permeado pela violência em meio à qual nasceu. Amante da aventura, do dinheiro e do crime, *don* Ángel andava na cidade de Bogotá como peixe na água. Era conhecido no submundo do crime como um homem perigoso e sem escrúpulos. Não matava com suas próprias mãos, mas organizava e liderava grupos de limpeza. Era inteligente, sagaz, malicioso, com facilidade para se expressar e com forte poder de conhecimento em todos os sentidos. Sabia mover-se nas águas turbulentas dos temíveis caçadores de esmeraldas, da máfia e dos criminosos de colarinho branco. Fazia de tudo: cobrança de dinheiro do narcotráfico, intermediação em assassinatos, tráfico de drogas, compra e venda de armas e integrava o paramilitarismo.

Fascinava-lhe a guerra, e sabia muito dela. Era amplamente conhecido no país, mas só vim a conhecê-lo na prisão. Com uns 48 anos, estatura média e barriga proeminente sem ser obeso, tinha um olhar inquisidor, apesar de ser um homem alegre e moderado com a bebida. Amava brigas de galos e cavalos da raça passo fino. Gostava de se vestir bem e, antes de tudo, era declaradamente doente por belas mulheres. Não respeitava a mulher de ninguém, pouco se importando se fosse a de um amigo, de um empregado, de um companheiro de prisão ou até mesmo uma funcionária pública. Adquiriu sua brutal força física e tez morena escavando nas minas, segundo ele mesmo contava.

Don Ángel foi o bandido com mais valores deturpados que conheci em minha vida. Traiçoeiro como ninguém, não conhecia amizade sincera nem lealdade, porque o dinheiro e a maldade tinham invadido todo o seu ser. Desfrutava a dor alheia, e disso se alimentava no dia a dia. Ascendeu no mundo das esmeraldas até chegar acima dos reis do encanto verde, como Gilberto Molina e Víctor Carranza.

Esse personagem tinha uma sorte incrível. Apesar de ter granjeado alguns inimigos terríveis na máfia, várias vezes conseguiu sair livre e com vida de enrascadas insolúveis, embora, em uma dessas, tenha sido preso nos Estados Unidos. Era incrível! Foi extraditado sem um processo, sem um aval do Executivo ou da Corte Suprema de Justiça, e isso demonstra como, na Colômbia, pode acontecer qualquer coisa. A história da prisão de *don* Ángel nos Estados Unidos é a seguinte: ele foi a um encontro com seu contato, um porto-riquenho desconhecido, com quem conversou por longo tempo; depois foi ao banheiro, voltou para a mesa e, daí para a frente, já não se lembrava de mais nada; quando despertou, já estava em um calabouço limpo e frio e com uma dor de cabeça insuportável. (Ele se surpreendia que em La Modelo tudo fosse tão limpo e silencioso, porque, devido a sua longa vida criminal, conhecia os ambientes de prisão.) De manhã, ao receber seu desjejum das mãos de um guarda norte-americano, perguntou onde estava, mas não obteve resposta, porque, no sistema carcerário dos Estados Unidos, o guarda não tem permissão para falar com o prisioneiro. Isso Ángel Gaitán já sabia. Esse detalhe, e os gritos de outros presos, fizeram-no ver sua cruel realidade, e ele compreendeu onde estava.

Condenaram-no a vinte anos de prisão nos Estados Unidos, mas a sorte não o abandonou. A Justiça norte-americana descobriu que o agente da DEA que havia detido *don* Ángel e conduzido o seu caso

trabalhava com Gonzalo Rodríguez Gacha; além disso, havia uma denúncia de sequestro na Colômbia contra os agentes da DEA e da CIA, à qual se somou a versão de *don* Ángel sobre a forma como ele havia sido levado para os Estados Unidos. Como resultado disso tudo, depois de cinco anos de prisão, ele foi deportado para a Colômbia. E como a sorte não o abandonava, já voltava ao país o Mexicano, seu grande inimigo, que tinha sido dispensado pela Polícia Nacional.

Uma vez na Colômbia, retomou suas atividades criminais, agora com mais força e menos inimigos de guerra. Seu coração estava cheio de ódio e com sede de vingança. Declarou guerra ao poderoso Leónidas Vargas, e tinha como aliado Víctor Carranza, o poderoso *czar* das esmeraldas.

A GATA ANGORÁ E UMA BRINCADEIRA MUITO PESADA

A essa altura do meu confinamento, eu estava bem de saúde, emocionalmente estável e havia um bom aliado em minha inimizade com Leónidas Vargas. Já contra mim tinha a amizade de *don* Ángel com Carlos Castaño, *don* Berna e o presidente Andrés Pastrana.

Os corruptos cuidam-se entre si. Condecoram-se. São felizes. Alberto Giraldo foi transferido para o presídio La Picota, enquanto El Alacrán se fez transferir para o de Itagüí. A prisão Modelo, então, tinha outra personalidade, com o ambiente ainda mais pesado. *Don* Ángel tinha chegado à prisão com um guarda-costas de *don* Víctor Carranza, também indiciado pela morte do advogado de Leónidas Vargas. Era um personagem que não tinha a mínima ideia do que significava cautela, e aquela falta de conhecimento lhe custaria muito caro. José Ramón Plazas, mais conhecido como Ramoncito, vangloriava-se de sua proximidade com *don* Víctor Carranza e va-

lia-se disso para cobrar de *don* Ángel dinheiro de dívidas da máfia. Ele não o via como um chefe, mas como um amigo, e isso incomodava demais Gaitán Mahecha, o Loco. Chucho Sarria já estava em liberdade, aproveitando a imensa fortuna deixada por La Monita Retrechera, já falecida e muito famosa pela ligação com o ex-presidente Samper Pizano que foi interceptada, dando início ao famoso processo 8.000 na Colômbia.

Meu pavilhão seguia em contínua perturbação. Miguel Arroyave e Ángel Gaitán Mahecha tomaram o controle absoluto do pavilhão de alta segurança e do presídio, levando também para lá seu projeto paramilitar. Ainda que pareça mentira, aquela pré-guerra me proporcionava mais segurança, porque uma prisão demasiadamente calma é mais perigosa.

Don Miguel Arroyave sabia do meu conflito com Carlos Castaño e *don* Berna e prometeu não deixar que a mão deles me tocasse. Essa mesma promessa já me havia feito *don* Ángel Gaitán. Mas eu não acreditava em nada, porque, com os anos de prisão, já sabia que a traição era o pão de cada dia.

Claudia Zapata veio visitar *don* Ángel, seu poderoso namorado, que, desde que voltou da prisão estadunidense, estava mais fogoso do que nunca devido à abstinência imposta pela norma norte-americana. Depois de uma conversa comigo, considerando a amizade que ela sustentava desde a infância com minha ex-esposa, Claudia prometeu interceder por mim diante de seu poderoso namorado, a quem ela demonstrava seu amor atirando-se em cima dele como uma gata no cio, enquanto *don* Ángel, muito orgulhoso, desfrutava dos prazeres que ela lhe oferecia. Uma prisão em companhia de uma boneca assim é um verdadeiro prazer. Contudo, de Jairo Correa Alzate a Ángel Gaitán havia uma distância abismal. Claudia já havia se deixado permear pela maldade da máfia. Trancava-se com

Gaitán Mahecha na cela para fazer amor e gritava como uma louca, fazendo-se merecedora do título "a gata angorá". Isso alimentava o ego de *don* Ángel, deixava qualquer amante latino no chinelo.

Por aqueles dias, meu casamento chegou a seu fim. Mas, a essa altura, eu já estava mais fortalecido e tinha aceitado que não sabia quantos anos mais devia permanecer prisioneiro, de modo que recebi o golpe em pé. Como tática de guerra, sempre se buscam as fraquezas do opositor, por isso *don* Ángel começou a me atacar pela minha já destruída vida sentimental, colocando música para me irritar, oferecendo-me bebida e dizendo que minha ex-esposa já tinha um outro marido, que estava grávida de novo, e que meu filho chamava o outro de "papai". Eu respondia que, por sorte, meu filho era esperto e sabia muito bem quem era o seu pai. Conviver com um personagem desses não era fácil, e menos ainda em um espaço tão reduzido; ainda assim, eu me fortalecia. Sabia que, se quisesse sair algum dia, devia despojar-me de todas aquelas paixões e encaminhar-me para sobreviver.

Em toda a minha vida, nunca conheci um homem tão carente de escrúpulos como Ángel Gaitán Mahecha. Ele teve a ousadia de fazer sexo com a senhora que preparava a comida, assim como com a manicure, que ia ao presídio duas vezes por semana. Um bom dia, chegou a senhora para fazer o seu trabalho e *don* Ángel não estava. Eu a chamei, para que desse um jeito nas minhas unhas dos pés, e como tinha liberdade com ela, perguntei-lhe:

– Por que você se fecha com *don* Ángel na cela?

– Eu me fecho para trabalhar tranquila.

Explicação dada a pergunta não formulada é confissão antecipada. Ela trouxe a bacia, submergi os pés na água morna, e ela me perguntou:

– Pope, e *don* Ángel?

– Ah, minha filha, estamos preocupados por aqui… – respondi improvisando.

– Por que, Pope? – perguntou-me, desprevenida.

– Meu amor, o velho morreu; foi tido como morto às três da manhã – respondi entre meditabundo e consternado.

– Virgem de Carmen! – exclamou ela. – Mas, me conta, o que aconteceu com ele? – me disse, deixando de lado uma de suas ferramentas de trabalho.

– Minha velha, faz dois dias que o senhor ficou muito mal; um médico da rua teve de vir examiná-lo, descobriu umas manchas escurar nas suas costas e ficou muitíssimo preocupado – fui dizendo, sem deixar de olhar nos olhos dela. – No outro dia, ele voltou com o resultado do exame de sangue que tinha feito.

– Conte, conte, Popeyito, que está me assustando! – pediu-me a mulher, muito intrigada.

– Minha filha, Aids! O velho tinha Aids incontrolável há três anos.

– Ai meu Deus! Ai meu Deus! – começou a exclamar, parando onde estava e com uma mão no peito.

– Mas não se preocupe, meu amor – eu disse, sério. – Não se lembra que me disse que você só entrava na cela para trabalhar tranquila?

– Não, não, Popeyito, esse desgraçado me pegava à força e me obrigava – afirmou ela erguendo a voz.

– Ah, minha filha! Mas ao menos *don* Ángel colocava camisinha? – perguntei, lamentando o fato.

– Que camisinha, que nada! – respondeu, levando ambas as mãos à cabeça. Começou a contar-me intimidades, para logo pôr-se a chorar e a me dizer: – Ai meus filhos, meus filhos… Pope, me segura que vou desmaiar.

Literalmente, o piso se moveu para ela. Essa brincadeira estava

indo longe demais; então levantei-me imediatamente e sentei-a em meu sofá.

– Minha filha, é uma brincadeira! *Don* Ángel está com os promotores, em uma diligência judicial – tranquilizei-a, enquanto tomava suas mãos e lhe dava ar, mas ela já não acreditava em mim.

– Você está dizendo isso para me tranquilizar – respondeu e desatou a chorar.

O AVANÇO PARAMILITAR NAS PRINCIPAIS CIDADES

A prisão era cada vez mais um campo de batalha. Via-se *don* Ángel e *don* Miguel trazendo carregamentos de até vinte fuzis AK-47, pistolas, metralhadoras, granadas e munição. Também a guerrilha das Farc estava trazendo seu armamento.

No presídio de Itagüí ocorreu um fato grave: em 18 de agosto de 1993, Roberto Escobar, irmão do *Patrón*, recebeu um envelope-bomba que quase o matou. Logo se soube que o envelope tinha sido armado pelo próprio Cuco, nosso antigo especialista em explosivos, que agora trabalhava para os Pepes.

Don Miguel Arroyave, com o apoio de Gaitán Mahecha, fortalecia o Bloco Capital, que operava na cidade de Bogotá e em municípios adjacentes. Tudo era um plano bem orquestrado para a tomada definitiva de Bogotá e da prisão como seu quartel. O Bloco Capital começou a crescer com milicianos de direita, que eram bandidos da rede do narcotráfico, e os lugares-tenentes eram: César Lalinde e seu irmão Chiqui, Tino, Veneno e Paisa, como chefes da região.

Veneno era originário de Cali, e por isso fora enviado a essa cidade para disputar os escritórios de cobrança antigamente detidos por Wilmer Varela, vulgo Jabón. Um belo dia, em uma de suas visitas,

Veneno, conhecedor da minha experiência como lugar-tenente de Pablo Escobar, decidiu me consultar.

– Ouça, Pope, qual a sua opinião sobre a minha entrada em Cali?

– Ah, meu velho, você é um homem morto – respondi, olhando em seus olhos com total honestidade, porque o assunto era sério. A juventude e o desejo de aventura não o deixavam ver além do próprio nariz.

– Humm… pois, Popeyito: Jabón é Jabón e eu sou Veneno – respondeu-me, sério.

Não lhe disse mais nada e evitei o assunto. Veneno estava calculando mal. Pensava que Jabón não ia se meter com ele por estar ao lado de *don* Ángel e *don* Miguel Arroyave e, portanto, da casa Castaño.

O El Paisa era coisa séria. Vindo de Medellín, do bairro Belén Rincón, e membro dos Pepes, contou-me que era amigo de Julio Fierros. Perguntei-lhe por que não trabalhava com ele.

– Não, Pope. Fierros virou um dedo-duro – disse-me, coçando a cabeça.

– Como assim, meu amigo? Não entendo – respondi, intrigado, pois me custava crer que tivesse se tornado um delator.

– Pois sim, cansou de ganhar milhões de dólares e Carlos Castaño ajudou-o a fazer um acordo com a DEA; agora ele vive como um rei em Miami – começou a contar. – Está vivendo com a famosa modelo na ponte Natalia París e têm uma filha linda. Comprou uma casa maravilhosa, carros luxuosos e um iate.

– Meu velho, e esse acordo não é secreto? – indaguei.

– Isso todo mundo fala em Medellín, mas, como a sorte não é eterna, Julio Fierros saiu brigado dos Estados Unidos e agora voa direto na ponte Medellín-Miami – continuou explicando. – Há quinze

dias o encontrei em El Poblado, ele ia em três carros blindados e com guarda-costas.

Isso tranquilizou-me um pouco, porque, estando nos Estados Unidos, não se aliaria contra mim pela morte de seu irmão. Era evidente que já não era aceito como antes na máfia antioquena.

Carlos Castaño tinha um objetivo: que *don* Miguel Arroyave deixasse me matar dentro do pavilhão. Eu me dizia: "Bom, qual *é a* deste filho da puta comigo? Eu sou um homem acabado, sem poder militar, preso e quase indefeso". Então, esperei vinte dias, para que *don* Miguel tomasse o soro da verdade, e fui até ele.

– Senhor, eu não entendo o comandante Castaño. Ele é um homem poderoso e eu sou um bobo. Que mal lhe posso fazer?

– Você pode fazer muito mal a ele… – começou a dizer, abraçou-me e, já com seus tragos na cabeça, soltou o seguinte: – O atentado da aeronave da Avianca.

Então compreendi tudo. Carlos Castaño estava preocupado porque eu sabia da ligação dele com a bomba no avião em 1989, quando ele trabalhava para Pablo Escobar. No desastre, morreram dois cidadãos norte-americanos, e o governo suspeitava de Carlos Castaño. A lista das vítimas já era extremamente longa.

UMA VISITA FATÍDICA: JAIME GARZÓN, NO PAVILHÃO DE ALTA SEGURANÇA

Um dia, visitou-nos o famoso humorista Jaime Garzón. Era amigo de *don* Ángel Gaitán Mahecha e Claudia Zapata. Veio ao pavilhão, saudou-me formalmente e pediu para eu me deixar entrevistar para seu programa de humor. Eu aceitei. Ele fazia a paródia de um engraxate sem dentes, que fazia umas perguntas embaraçosas a seus convidados, enquanto simulava estar polindo seus sapatos. O tema

da entrevista era a morte do candidato à presidência, o doutor Luis Carlos Galán, assassinado por Pablo Escobar e por nós em 1989.

Nesse dia, havia festa no pavilhão. *Don* Miguel Arroyave fazia aniversário, e tudo era alegria. Jaime Garzón animou-se e também tomou uns tragos, mas a visita dele não era só para me convencer a aceitar a proposta: ele também estava na lista daqueles que Carlos Castaño Gil queria matar. "Bem-vindo ao clube", pensei. O humorista queria que *don* Miguel Arroyave e Ángel Gaitán o colocassem para falar com Castaño por telefone; pretendia convencê-lo de que ele não cooperava com a guerrilha das Farc e, assim, pedir-lhe que poupasse a sua vida. Mas não conseguiu completar a comunicação, pois Carlos Castaño não estava na área.

No paramilitarismo, todos sabiam que Jaime Garzón tinha estabelecido um forte laço com a guerrilha quando fora subprefeito do Sumapaz, uma área sob forte influência das Farc. Ele, além de ser ator, locutor, político, ativista e advogado, era um dos canais de comunicação entre as famílias ricas, os sequestrados e as Farc. O humorista era amigo de Ángel Gaitán Mahecha, mas todo mundo sabia que era melhor ser amigo de um leão faminto que de *don* Ángel.

Eu já salvara o humorista em 1992. No programa que fazia então, ele satirizava abertamente o irmão de Tyson, La Quica, preso nos Estados Unidos. Quando Tyson chegou à prisão de La Catedral, ele me soltou esta pérola:

– Pope, mandei matar o filho da puta do Jaime Garzón, por zombar do meu irmão – me disse.

– Ah, meu amigo, você está louco! – eu lhe disse.

– Por que, Pope? – perguntou-me com certa ingenuidade.

– Porque isso é superdelicado com a gente na prisão – respondi.

Em seguida adverti-o: – Meu amigo, a mim me dá muita pena, mas eu tenho de dizer isso ao *Patrón*.

Sem deixar que me contestasse, fui direto à cela de Pablo Escobar para deter a operação. Naquela vez, o humorista salvou-se de um final precoce.

Apenas três dias depois da visita de Garzón ao presídio, chegou-nos a notícia de que ele fora assassinado quando se dirigia à *Rádio Caracol*.

Ao meio-dia, chegou o diretor do presídio muito preocupado.

– Minha Nossa Senhora do Carmo! Que vou fazer? – lamentava-se. – A Promotoria sabe que Jaime Garzón esteve aqui e quer saber em nome de quem ele veio.

Ninguém dizia nada. *Don* Miguel, calado; Ángel, igual. Então, eu disse ao alto funcionário:

– Podem registrá-lo em meu nome.

Essa resposta mudou a expressão do rosto dele. Em seguida, eu assinei os documentos de entrada de Jaime Garzón, que, na verdade, havia entrado sem nenhum controle, como muitos dos assíduos visitantes de *don* Ángel Mahecha e Miguel Arroyave.

A Colômbia inteira acreditava que não voltaria a acontecer um grande assassinato que estremecesse as bases da sociedade, já que Pablo Escobar estava morto e nós, seus lugares-tenentes, estávamos na prisão. Mas o país, agora, tinha outro assassino de renome: Carlos Castaño Gil. A sociedade colombiana repudiou fortemente o assassinato do humorista. Hora após hora crescia o escândalo. Todos os olhos voltavam-se para os paramilitares, encabeçados por Carlos Castaño. A Promotoria e o CTI estavam em cima de nós: *don* Ángel foi levado para a Promotoria, e *don* Miguel e eu passamos por uma revista brutal. No meu caso, como sempre, a presunção de inocência era zero.

Eu estava tranquilo. Com Pablo Escobar, aprendi a viver sob pressão. Havia, supostamente, provas contra mim, mas eu soube dar explicações e não encontraram nada. *Don* Ángel voltou assustado da Promotoria, e depois se preocupou ainda mais quando soube da revista que nos fizeram. Contou-nos que o levaram para perguntar sobre o assassinato de Jaime Garzón.

– E você, que disse, Popeyito? – inquiriu.

– A verdade – respondi. O homem preocupou-se ainda mais.

– Qual verdade? – perguntou-me.

– A única, *don* Ángel: disse-lhes a que veio o humorista – respondi, sério.

– Como assim? Como assim? – reagiu, descontente.

– Pois, meu velho, disse-lhes que o homem veio me entrevistar – respondi sem pestanejar.

Don Ángel descansou; contudo, insistiu com outra pergunta:

– Você falou algo da ligação?

– Não, senhor.

O assassinato do humorista assustava os paramilitares, já que o discurso político deles era de apoio ao Estado e às suas instituições, e isso os deixava muito perto das práticas e do *modus operandi* de personagens como Pablo Escobar. A sombra do *Patrón* ainda não tinha desaparecido da memória da Colômbia, como se tivesse se tornado uma maldição.

VIII

Colômbia: paramilitares contra guerrilha

CARLOS CASTAÑO E A QUADRILHA LA TERRAZA: OS FIOS INVISÍVEIS POR TRÁS DA MORTE DE JAIME GARZÓN

Depois da morte de Jaime Garzón, o país inteiro ficou paralisado. A Colômbia ficou em estado de choque. Foi mais forte a reação da sociedade colombiana pela morte do famoso humorista que pelo assassinato do líder liberal Luis Carlos Galán Sarmiento. Foi um duro golpe no moral dos colombianos. Se Jaime Garzón, em vida, tivesse avaliado o amor que o povo colombiano lhe dedicava, teria sido muito feliz. Suas honras fúnebres foram apoteóticas, acompanhadas por flores e lamentos pela sua passagem.

Depois de presenciar o medo de *don* Ángel, vi que ele não era tão forte quanto eu pensava. Carlos Castaño deu mais uma mostra de sua vileza: encontrou o Negro Elkin com todo seu pessoal em uma propriedade em Córdoba, e lá metralhou os membros da quadrilha La Terraza (dois deles conseguiram escapar com vida). Ele justificou o assassinato dizendo que o grupo La Terraza havia saído do

controle e que eram assassinos impiedosos, mas a verdade era outra: aquela matança era só dissimulação para cobrir o assassinato de Jaime Garzón.

Diante das câmeras de televisão, um grupo de bandidos de La Terraza denunciou que eles tinham assassinado o humorista Jaime Garzón por ordem do comandante paramilitar Carlos Castaño e, como prova disso, tinham em seu poder a arma do crime. Esse golpe midiático feriu profundamente a credibilidade de Castaño e de seus paramilitares. Aqueles que apoiavam Castaño se uniram, e, juntamente com a Polícia Nacional, acabaram com a quadrilha em uma luta nada fácil.

A GUERRA NA PRISÃO MODELO: UM REFLEXO DA SOCIEDADE COLOMBIANA

A prisão Modelo continuou seu ritmo, mantendo-se conectada com a rua por meio da guerra. A entrada de armas na prisão não parava. Nos pátios, funcionam os *caspetes*, ou seja, lojas improvisadas nas quais se pode comprar todo tipo de comida. Os paramilitares aproveitavam os *freezers* dos *caspetes* para entrar com as armas, por meio de um contato com os guardas que revisavam esses aparelhos. Levava-se o *freezer* para fora, com a desculpa de que estava danificado e, uma vez supostamente reparado, o equipamento entrava de novo na prisão, mas dessa vez cheio de fuzis e munição.

A chegada de presos novos ao presídio era denominada "trem", e podia ter até cem pessoas, com bandos de lados opostos. A cada dia, mais guerrilheiros e paramilitares chegavam. No trem, os novos eram classificados: "Guerrilheiro ou paramilitar?", perguntava o encarregado. De acordo com a resposta, o réu ia para o norte ou para o sul. A prisão estava completamente dividida em duas.

Também chegavam a máfia e os bandidos endinheirados, de colarinho branco. Uma cela no pátio podia chegar a custar de dois a três mil dólares, e o dinheiro recolhido ia para os cofres de *don* Miguel Arroyave e Ángel Gaitán Mahecha, porque era necessário apoiar o Bloco Capital, comprar armas e pagar a guarda carcerária. A guerrilha também controlava os negócios do seu lado, a bebida, a droga e a venda de celas. Ali, uma cela podia custar até trezentos dólares. Quem não tivesse dinheiro para isso, tinha de dormir no tempo, nos perigosos corredores centrais, e comer no *wimpy*, como era chamada o refeitório da prisão. O *wimpy* ficava no lado dos paramilitares e era controlado por eles.

Granadas de mão, pistolas, revólveres, metralhadoras e munição entravam no presídio por todos os lados, dia após dia. Cada bando, por sua vez, montava sua própria segurança – esquadrões de vigilância à margem da guarda penitenciária, com turnos organizados que cobriam as vinte e quatro horas do dia. Começaram a circular boatos de um ataque surpresa dos paramilitares à guerrilha e vice-versa, que se intensificavam. Diziam que a guerrilha tinha trazido dinamite e que haviam minado o teto na área hospitalar e de segurança máxima para ativar, em caso de um ataque paramilitar.

Um alambique organizado no pátio 3 fornecia bebida a toda a área de seu controle. Devia-se pagar por tudo: segurança, telefones celulares, pernoite de mulheres, cocaína, maconha, pasta base. Tudo era possível, sempre e quando se tivesse o dinheiro para fazê-lo. O dinheiro tinha um único e mesmo destino: engrossar e fortalecer as áreas dos paramilitares e da guerrilha.

Dizia-se, de um lado, que o secretariado das Farc estava enviando armas a La Modelo. Do outro, circulava o boato de que Carlos Castaño estava apoiando a tomada de La Modelo pelo paramilitarismo, o que era totalmente certo. A guerrilha tinha um cabeça

visível no presídio: Yesid Arteta, um comandante guerrilheiro alto, atlético, sério e frio. Conhecedor profundo da arte da guerra e altamente estruturado, tanto política como militarmente, Arteta era um homem educado e culto. Ao lado dele figurava outro guerrilheiro, chamado Robinson, este, um homem extremamente violento, forte, de pegar em armas, com dom de liderança. Segundo os espiões, na cela de Yesid Arteta havia um potente radiocomunicador conectado diretamente com o secretariado das Farc, nas montanhas colombianas. Diziam os boatos que os guerrilheiros estavam fazendo um túnel diretamente para o edifício de alta segurança e, o mais grave, que tinham a seu favor o pátio 4, que estava ao lado do pátio dos paramilitares. Isso era realmente sério, pois dali tinham acesso a nosso edifício e poderiam dinamitar o nosso pavilhão.

As coisas não estavam nada bem. Em meio a todas essas tragédias, a única coisa que me dava calma e um pouco de paz era pensar em meu filho. Onde estaria Mateíto? Pensava nele durante horas inteiras, recostado em minha cama. Eu não ia me deixar matar, desejava poder vê-lo algum dia. Este se tornou meu sonho, o motivo que eu tinha para seguir adiante. Consolava-me saber que Ángela era uma verdadeira leoa quando se tratava de proteger seu filhote. Essa era a melhor parte dela: verdadeira mulher e verdadeira mãe. Na prisão, porém, não havia tempo para ternura. Era o mundo cru e real. Eu estava sentado em um barril de pólvora, em cima de uma bomba-relógio.

A guarda penitenciária estava dividida. Uns simpatizavam e colaboravam com a guerrilha, outros, com os paramilitares. O presídio inteiro estava dividido em dois bandos. Entre uma população carcerária de mais de seis mil presos, estimava-se que uns mil e quinhentos estivessem armados. Havia boatos de que, dentro do Plano Colômbia, um acordo geral sobre assistência econômica e técnica entre o nosso governo e o dos Estados Unidos, se incluiria o melhoramento

do sistema carcerário no país. O projeto incorporava um modelo de encarceramento em massa, que começaria pela prisão de Valledupar, posteriormente chamada prisão de Tramacúa, com um financiamento norte-americano de mais de quatro bilhões de dólares e meio.

A PRIMEIRA BATALHA DE LA MODELO: 24 HORAS DE GUERRA, 72 MORTOS E 55 FERIDOS

César, Chiqui, Paisa e Veneno trabalhavam duro para a tomada da prisão. Quase todos os dias vinham para dar conta de suas ações. A anarquia e o caos continuavam se apoderando do presídio. Os denominados "ajustes de contas" eram os mais temidos, em geral realizados mediante uma injeção na veia que provocava um infarto fulminante. Subornava-se a medicina legal, e o laudo para a família e a Justiça era o mesmo de sempre: morte natural ou infarto. Em outras oportunidades, a vítima era obrigada a escrever uma nota de suicídio de próprio punho, para depois ser enforcada em algum canto da prisão. Eram mortes bastante diplomáticas, por assim dizer.

Mais tarde, a ordem passou a ser matar a bala; já nem sequer se incomodavam em usar silenciador. Os paramilitares tomaram o controle dos calabouços e deslocaram a guarda. Levava-se aos calabouços quem fosse objeto de algum castigo. As reprimendas não eram apenas isolamento, mas também duras surras e banhos de água fria. No pátio 4, o pobre diabo que se negasse a ser controlado pelos paramilitares era sequestrado e obrigado a ligar para a sua família, com o pedido expresso de que vendessem tudo para salvar a sua vida. Se a família não pagasse em um determinado prazo, ele era um homem morto. Acabaria esquartejado. Enfiavam a cabeça do infeliz dentro de uma capa de almofada e golpeavam-na contra o chão; depois jogavam os restos no lixo.

A melhor defesa é o ataque, essa é uma norma da arte da guerra. *Don* Miguel e *don* Ángel ordenaram o ataque ao pátio 4. Um grupo vigiaria para que a guerrilha não entrasse para apoiá-los, enquanto um guarda penitenciário protegeria o edifício de alta segurança.

Recebemos o aviso do ataque. Pistolas para *don* Miguel e *don* Ángel. Zona de guerra. Hora zero: sete da manhã. A principal arma do ataque: um lança-granadas que os paramilitares tinham conseguido trazer para dentro. Os paramilitares estavam usando braçadeiras das AUC, e os milicianos na cidade estavam também em alerta. Tudo pronto!

Uma forte explosão abriu um buraco entre o pátio 4 e o 5. Os guerrilheiros tomaram posições. A guarda saiu dos pátios. O tiroteio era brutal. Ouviu-se por toda parte granadas de mão, munição de 7.60 mm e 9 mm. Era o fim do mundo. O nosso edifício foi metralhado a partir do pátio 4. Gritos, fumaça, explosões por aqui e ali. Uma total loucura. A Polícia e o Exército isolaram a parte exterior do presídio. Médicos que estavam na prisão montaram uma sala de emergência. Os líderes do pátio 4, o Bam-Bam e um tal Fabio, resistiram ao primeiro ataque e se entrincheiraram. Cadavid foi ferido em uma perna, mas continuava liderando. A batalha não se resolveu facilmente.

Os bandidos de Bam-Bam e Fabio lutavam duro. A guerrilha aquietou-se. O lança-granadas distinguia-se por sua assustadora capacidade de destruição. Cadavid retirou-se e foi à sala de emergência; em dez minutos, estava enfaixado e lutando de novo. O combate diminuía em alguns momentos de reacomodação de forças, mas uma saraivada de fuzil revelava que o pátio 4 ainda não tinha sido vencido. Toda a artilharia pesada, com o lança-granadas à frente, atacava a rotatória localizada entre o primeiro e o segundo piso. Ali estavam entrincheirados os líderes guerrilheiros,

que se escudavam atrás do bilhar destruído. Já se falava em dez mortos e vinte feridos. A rotatória desmoronou e Bam-Bam e Fabio fugiram para o terceiro andar. Apesar de um grupo grande ter se entregado, vieram as execuções a sangue-frio.

Um dos guerrilheiros negociou pela própria vida e entregou o famoso túnel; ainda assim, o mataram. Os paramilitares chegaram ao esconderijo principal das armas da guerrilha. No terceiro andar, só resistiam Bam-Bam, Fabio e dez homens leais a seus líderes.

Por fim, chegou a noite e tudo se acalmou, mas esperava-se um ataque final para executar o pequeno grupo que ainda resistia. O presídio foi surpreendido por detonações esporádicas. O lança-granadas ficou sem munição. Gritos iam e vinham. Negociou-se uma rendição, mas era uma fraude. Os paramilitares aproveitaram para ajustar contas com bandidos que tinham se defendido durante a briga.

A força pública não entrou na prisão. Uma comissão da Procuradoria e da Defensoria Pública conseguiu negociar com *don* Ángel e *don* Miguel Arroyave para tirar Bam-Bam, Fabio e seus homens. Quatro deles estavam feridos. Esses dois chefões desmantelaram a armadilha e deram a palavra de que lhes respeitariam a vida, com a única condição de que fossem tirados do presídio. A batalha terminou às cinco e meia da manhã, com um total de setenta e dois mortos e cinquenta e cinco feridos. A imprensa foi enganada: disseram-lhe vinte e sete mortos e setenta e três feridos.

A ferida de Cadavid foi limpa. O saldo final dos paramilitares foi três mortos e vinte e dois feridos; as outras perdas foram de seus inimigos. Naquele dia de sangue e morte, viu-se a diferença entre uma briga de paramilitares treinados contra bandidos sem experiência no combate. Depois disso, a entrada de armas e de munição na penitenciária tornou-se complicada.

UM FRANCÊS QUE DESCOBRIU A PANELA DE ÁGUA FERVENTE NO PRESÍDIO MODELO

La Modelo estava em ebulição. Uma calma tensa preocupava todos nós. Os paramilitares e a guerrilha cometeram um erro crasso: um jornalista francês que falava espanhol foi autorizado pelo Inpec a entrar em La Modelo com uma câmera de vídeo. Estranhamente, a guerrilha e os paramilitares aceitaram falar com ele. *Don* Miguel e *don* Ángel o receberam com suas máscaras de sorrisos. Com a situação já controlada, o francês pediu para falar comigo, para que eu saísse no vídeo; ele queria pegar um homem de Pablo Escobar para que seu trabalho tivesse mais impacto.

Don Miguel pediu-me o favor de falar com o jornalista. Acabei me soltando bastante e contei-lhe sobre o meu processo, as minhas vítimas e tudo de que eu tinha participado. Até aí, tudo perfeito. O francês saiu se despedindo de todos, rumo à Europa, com um sorriso no rosto. Eu pensei que aquilo não teria maior repercussão no país; na época, o mundo ainda não estava tão globalizado.

Porém, contrariamente às minhas expectativas, o que se armou foi um tremendo escândalo. O vídeo foi passado em horário nobre em toda a Europa, e o governo colombiano e o país ficaram com uma imagem péssima. Justiça divina? Contam que o vídeo falava da matança do pátio 4 e de todos os mortos que a prisão produzia todos os dias. O que mais impactou foram as armas grandes dentro de uma prisão, pois os paramilitares, e dizem que os guerrilheiros também, tinham se deixado gravar posando com elas. Isso provocou uma investigação grande do Inpec e do governo.

Um grupo de inteligência que opera no Inpec veio atrás de mim e pediu aos promotores que me investigassem, porque, no vídeo, eu contei que tinha sequestrado o presidente da República, doutor Andrés Pastrana Arango. Também solicitavam que eu fosse inves-

tigado pelas mortes de altos funcionários do Estado que atribuí a mim naquela confissão ao jornalista francês. Grande coisa: o grupo de inteligência do Inpec, sob o comando de um oficial da polícia já aposentado, descobriu a água morna. Eu sempre sustentei que, pela Lei de Murphy, a pessoa que faz carreira na inteligência é porque é bruta por natureza. Essa suposta grande investigação estava confirmando isso. Eu estava preso por esses atos e já os tinha confessado para os promotores, mas estávamos em suas mãos, e mais adiante nos cobrariam ter dito isso ao mundo.

Não importava que, na Colômbia, nos matássemos uns aos outros dentro das prisões ou fora delas, nos campos ou nas cidades; o que ofendeu o governo foi que ficaram sabendo disso na Europa e, por consequência, em todo o mundo. Não obstante, um presídio como La Modelo podia aguentar qualquer escândalo, e seguíamos em frente. Não paravam as mortes diárias com armas de fogo, tanto no norte como no sul do presídio. A corrida armamentista seguia na ordem do dia, e a pressão crescia. Um novo combate entre os bandos dos paramilitares e a guerrilha era questão de horas.

IX

A tirania paramilitar na prisão Modelo

O DEGENERADO ÁNGEL GAITÁN MAHECHA

Os assuntos domésticos do cotidiano de nosso edifício costumavam ser bastante tenebrosos. *Don* Ángel expressava seu ódio aberto aos negros; sentia um ódio visceral por eles. Um senhor que estava conosco dizia: "Ah, com certeza um negro abusou dele nos Estados Unidos!", aí Ángel mudava de assunto. Dizia que quando estivesse em liberdade queria ir à África, às minas de diamantes, sobretudo para matar negros. O malvado personagem sabia das guerras na África, e exportar o projeto paramilitar para lá podia ser uma boa opção. Empolgava-se ao falar de como pegaria os bebês das negras e lhes cortaria a cabeça. Ramoncito dizia: "Ángel está louco". Eu pensava o contrário: está cheio de ódio ou está se fazendo de louco para que não o traiamos. A única coisa real e visceral era seu grande ódio pelos negros.

Mas essa não era sua única perversão: uma vez o surpreendi beijando a esposa de seu filho e mãe de seu neto. Além disso, falava aber-

tamente da sua fantasia sexual mais estimada: queria fazer amor com uma freira. Não servia uma prostituta disfarçada de freira; tinha de ser uma freira vestida com seu hábito e ornamentos. Qualquer dúvida que eu tivesse a respeito dissipou-se no dia em que entrou um comitê da Cruz Vermelha Internacional. Uma funcionária dessa entidade que falava espanhol tratava de negociar com os chefes paramilitares para deter a batalha contra o quarto andar. Eram onze e meia da noite. *Don* Ángel aproximou-se, começou a tocar a perna da moça e foi subindo a mão. A funcionária saiu rapidamente do edifício.

Nessa época, apareceu por lá uma dominicana chamada Patricia. Eu estava me recuperando da separação de Ángela e tive um romance com ela. Ángel me criticava abertamente por minha nova mulher, mas Patricia era um ser especial, uma mulher cheia de amor e, sobretudo, muito divertida. Ángel me dizia que ela cheirava mal e que tinha um jeito muito feio de falar, que era horrível, mas eu estava feliz com o "meu pedacinho de carvão", como eu a chamava. Assim, Ángel não a abordaria como fazia com Ángela.

Eu achava bela a minha Negra Patricia. "Quem gosta do feio, bonito lhe parece", como bem diz a sabedoria popular. O melhor de tudo era que *don* Ángel não se aproximava dela. Um belo dia, Patricia seguia em um ônibus intermunicipal rumo à costa Atlântica que foi detido pela guerrilha colombiana. Levaram todos os passageiros, menos o meu pedacinho de carvão. Ela chorava de rir, contando-me que não quiseram levá-la porque a acharam muito feia. "Ah, meu amor, esses guerrilheiros não levaram a sua negra por ser feia", me dizia às gargalhadas.

O comportamento de Ángel me preocupava. Se esse tipo não respeitava o próprio filho, menos ainda iria me respeitar. Ángel Mahecha não tinha limites, não conhecia escrúpulos. A qualquer momento podia ordenar meu assassinato ou, em um dos tantos ti-

roteios, atirar em mim pelas costas e justificar minha morte como uma bala perdida dos pátios afastados; afinal de contas, a quem interessaria investigar a morte de Popeye?

DOMÍNIO PARAMILITAR DENTRO E FORA DE LA MODELO

O projeto paramilitar já tinha se consolidado em todo o país. Tinham trinta por cento do Congresso da Colômbia; o controle das saídas para o tráfico de drogas, tanto para o oceano Atlântico como para o Pacífico; o controle total e absoluto do presídio de Bellavista, em Medellín; o controle da área norte do presídio Modelo, em Bogotá; o controle dos cultivos de coca e, portanto, da produção e comercialização na Europa, no Canadá, no México e nos Estados Unidos; tinham um dos maiores exércitos em quarenta por cento do território colombiano; contavam com o controle total de Medellín; estavam consolidando o controle de Bogotá, Barranquilla, Valledupar, Manizales e La Dorada; Córdoba, em sua totalidade, também lhes pertencia; tinham agentes infiltrados nas instituições do Estado; colocavam governadores, prefeitos e vereadores à sua conveniência e, inclusive, nomeavam reitores de universidades; controlavam a Polícia, o Exército e o DAS. Tinham controle absoluto.

Só a Infantaria da Marinha lhes fazia frente, especialmente um alto oficial, o coronel Rafael Colón, comandante da Primeira Brigada da Infantaria da Marinha, que, com seu carisma, ganhou o carinho e o respeito das planícies de Sucre e Bolívar, onde também os enfrentava. Esse verdadeiro homem a serviço da pátria não conhecia o medo: participou na captura de Miguel Rodríguez Orejuela, em Cali, e confiscou vinte e cinco toneladas de cocaína nas costas

de Nariño, tornando-se, assim, o alvo militar das AUC. Os muros, em muitos dos municípios daquele departamento, diziam: "Morte a Colón". Sua bravura e elegância ficarão na memória.

Houve uma limpeza interna entre os paramilitares de La Modelo. Já tinham sido executados a bala, na ala norte da prisão, seis de seus integrantes. Eles foram pegos extorquindo, da prisão, por celular, empresários e pessoas comuns em nome das AUC. Muitas dessas pessoas tinham acesso ao Bloco Capital e ali prestaram a queixa. A investigação chegava sempre à prisão Modelo. Morte a bala ao Águila, a Trescientos e a Félix. Estes homens foram levados aos calabouços controlados pelos chefões. Uma vez terminada a investigação, eles os fuzilaram. Duas dessas investigações chegaram a Ramón Plazas.

CENSURA E MORTE: O SEQUESTRO DE JINETH BEDOYA

Naqueles dias, aconteceu algo escabroso. A jornalista Jineth Bedoya Lima, subdiretora da seção judicial do jornal *El Espectador*, chegou à prisão Modelo no dia 25 de maio de 2000, às dez da manhã, para entrevistar o paramilitar Mario Jaimes, cujo apelido era Panadero.

Ignorando que fosse um alvo militar por ter denunciado que tanto paramilitares como guerrilheiros tinham armas dentro do presídio, aquele encontro mostrou-se um embuste. Em plena luz do dia, em frente a uma patrulha especial da Polícia Nacional, a jornalista foi sequestrada por um período de dezesseis horas. Como muitas vítimas da guerra, foi torturada física e psicologicamente. Seus captores, identificados como homens de Carlos Castaño, estupraram-na e a abandonaram perto de Villavicencio, com uma mensagem clara para a imprensa: "Se continuarem pu-

blicando estes fatos, serão cortados em pedacinhos". Esta ação tinha a marca de Ángel Gaitán Mahecha. Essa mulher corajosa, que nunca conheceu o medo, tornou-se o rosto visível e a voz daquelas vítimas invisíveis, como as mulheres indígenas, as camponesas e as mães de família que foram estupradas por agentes armados em meio às incursões militares.

As coisas se passaram assim, de acordo com o que fiquei sabendo: *don* Ángel Gaitán entrou em contato com o comandante guerrilheiro Yesid Arteta Dávila. A jornalista ia acompanhada de seu editor, Jorge Cardona, e de seu fotógrafo, que a deixaram sozinha por uns instantes e, inexplicavelmente, ela foi sequestrada enquanto estava esperando a ordem de entrada. Transportaram-na por estradas vigiadas pelo Exército e, mesmo assim, "ninguém viu nada". A investigação desse grave incidente chegou a *don* Ángel Gaitán, a Miguel Arroyave, à guarda penitenciária e até mesmo a mim. Essa investigação surtiu algum efeito onze anos depois de ter se iniciado na Promotoria: quando o promotor da época foi trocado, o que entrou voltou a entrevistar um de seus assassinos. Essa valente e admirável mulher nunca desistiu, e aceitou o fato como parte do seu destino.

A SOMBRA DA EXTRADIÇÃO: UMA ARMAÇÃO TOSCA CONTRA POPEYE

A extradição, causa inicial de toda essa guerra, bateu de novo à minha porta. O subdiretor do DAS ia anunciar através da mídia uma notícia importante. Ángel Gaitán veio correndo à minha cela e me disse: "Viado, vão extraditá-lo!". Então, agarrei meu rádio e escutei que o DAS tinha realizado com muito sucesso uma operação antidrogas com os Estados Unidos, a Holanda e o Panamá, da qual

o resultado foi uma captura de suma importância na Holanda: três indivíduos em Turbo (Antioquia), uma captura em Bogotá e duas no Panamá, com confisco de aeronaves, barcos, dinheiro em espécie e uma grande quantidade de cocaína. O mais importante: a recaptura, na prisão La Modelo, de Jhon Jairo Velásquez Vásquez, vulgo Popeye, o grande chefe da quadrilha, o chefão *di tutti capi*. Ramoncito começou a fazer todo tipo de comentários mordazes. "Que chefão tão poderoso tínhamos e não sabíamos!", dizia às gargalhadas.

Para mim, a extradição já não era relevante; era, isso sim, a compensação pelo fato de compartilhar a hora do almoço no refeitório com todo o ódio que *don* Ángel expelia diuturnamente. Ramoncito também não ficava atrás. *Don* Miguel, pelo contrário, sempre se mantinha prudente e respeitoso. Sempre tive a convicção de que não importa a escolha de vida que se tenha feito, mesmo para um assassino profissional, a educação e os bons modos são vitais no meio em que se encontre. Para esses cavalheiros, contudo, qualquer regra de convivência era totalmente desconhecida. Também aprendi, durante meus anos de prisão, que o maior opressor do preso é o próprio preso. Diante de semelhante notícia, eles esperavam que eu fosse chorar em minha cela, mas se esqueciam de um pequeno detalhe: tinham diante de si ninguém mais, ninguém menos, que Popeye.

Chegou a temida hora do almoço, e ali estava eu. Entre ofensas, começou o noticiário do meio-dia e meia. Tudo indicava que as coisas iriam piorar. O coronel da Polícia Germán Gustavo Jaramillo Piedrahita organizou uma nova árvore genealógica para mim e nela incluiu como meu primo um tal de Jorge Velásquez Camelo. Planejavam uma nova cilada para justificar a minha extradição. "Popeye dirigia da sua cela uma poderosa organização de narcotráfico que tinha contatos na Bélgica, na Itália, na Holanda e nos Estados

Unidos. Todos esses níveis faziam parte de uma operação contra o narcotráfico", repetiam os noticiários.

O coronel Jaramillo dizia que um espanhol, doente terminal de Aids, chamado Leopoldo Botigas Lorenzo, morreu com quase um quilo de heroína no estômago. Isso poderia fazer com que me extraditassem para a Espanha.

Don Ángel e Ramoncito seguiam felizes. Via-se sua alegria por minha aparente desgraça refletida em seus olhares de maldade. E eu, tranquilo como sempre. Então, liguei para uma amiga jornalista, perguntei-lhe sobre a coletiva de imprensa, e ela me contou que o coronel tinha assegurado que a minha extradição aos Estados Unidos era um fato.

Preparei minha mente e meu espírito para responder diante da Justiça norte-americana. Ao mesmo tempo, comecei a verificar meu registro de visitantes e constatei que um tal Jorge Velásquez, um mensageiro menor de idade que utilizava meu nome para correios humanos, entrava na prisão como se fosse meu visitante. Com ele encontraram o passaporte de uma mula morta em exercício, o espanhol Leopoldo Botigas. Lá fora, o DAS não gozava de plena credibilidade diante da DEA. Os estamentos norte-americanos sabiam que esses agentes faziam qualquer coisa no afã de ascender.

A dez dias do escândalo midiático, fui levado por agentes do DAS à Promotoria. Por fim, ficou provado que tudo tinha sido uma armação feita pelo coronel Jaramillo, e que só me incluíram pelo simples fato de eu conhecer Jorge Velásquez, porque, anos antes, ele me apresentara a um comprador para um carro que eu estava vendendo em Medellín. Esse homem, para quem eu liguei na Holanda, era um pequeno traficante de drogas, e a ligação foi rastreada pelo DAS. Em vista da situação, decidi ir a julgamento, obviamente sem assumir nenhuma acusação.

A primeira coisa que fiz foi expressar ao senhor promotor a minha inconformidade por tão tosca armação e fiz referência a vários assassinatos, como os do doutor Luis Carlos Galán Sarmiento; do doutor Bernardo Jaramillo Ossa; do candidato à presidência da República doutor Carlos Pizarro Leongómez; também referi-me ao atentado à aeronave da Avianca em pleno voo. O promotor não disse nada. Voltei ao presídio limpo, e agora quem sorria era eu. De repente, todos aqueles que me transformaram em motivo de zombaria pararam de dar risada. "Tudo armação", disse-lhes à queima-roupa.

UM FAVOR PARA O INIMIGO: TAXISTA, ARETE E A AERONAVE DA AVIANCA

Carlos Castaño demorou algum tempo para aparecer na mídia, mas agora o fazia com roupa de camuflagem, como um grande militar. Os Rodríguez Orejuela continuavam em Palmira, Valle, desfrutando de seu presídio com ares de *resort*. Mas um inimigo silencioso estava se movendo: o Plano Colômbia. Naquela época, já estavam construindo um presídio de alta segurança em Valledupar.

Recebi uma ordem de Carlos Castaño e, na minha situação, não pude recusá-la. Devia ajudar Eugenio Leão García, conhecido como Taxista, que tinha explodido o avião da Avianca em pleno voo juntamente com Carlos Castaño, Pablo Escobar, Carlos Alzate Urquijo, vulgo Arete, Félix Antonio Chitiva, vulgo Mica (o menino mimado dos norte-americanos), Jorge Luis Ochoa Vásquez, John Freidell, o terrorista da ETA conhecido como Miguelito, e Cuco Zabala.

Ao longo da história, sempre se quis vender a hipótese de que aquela fatídica explosão tinha sido causada por causa técnica, mas a verdade era outra. Com a intenção de assassinar o presidente César

Gaviria, Cuco Zabala e Arete armaram a bomba em uma adega de Eugenio Leão García, em Medellín; depois Félix Chitiva guardou-a em outra adega, e o pessoal de Carlos Castaño a colocou no avião. O processo judicial sempre foi controlado pelo dinheiro de Arete, que, muito tempo depois, se autoincriminou em declaração no rádio, assumindo a autoria material do atentado, mas até então, para a Justiça norte-americana, só havia um culpado: Dandenys Muñoz Mosquera, vulgo La Quica.

O Taxista era um narcotraficante mediano, dono de alguns laboratórios de processamento de cocaína e, quando o cartel de Medellín desmoronou, ele passou a integrar as grandes fileiras dos Pepes. Agora vinha uma fiscal de Medellín com uma lista de perguntas organizadas pela advogada do Taxista, e eu recebi a incumbência de ajudar a desviar o testemunho de Arete, para que ele pudesse retirar a confissão. Essa diligência não durou mais de trinta minutos; contudo, desconfiei de que havia algo por trás daquilo. Comecei a fazer minha própria investigação e descobri que não era nada além de um negócio comum do Arete, que havia recebido um bilhão de pesos pagos pelo clã Ochoa e por Jhon Freidell para continuar livrando as costas deles da responsabilidade que tinham naquele funesto acontecimento. Quem menos corre voa, como dizem por aí.

X

Bem-vindos ao inferno

A RETOMADA DO PRESÍDIO MODELO E NOSSO NOVO DESTINO

Deu-se outra batalha campal em La Modelo, na qual fiquei ferido, juntamente com outras 34 pessoas. As baixas foram 4. O grupo Cores[20] foi informado do meu ferimento e tentou me resgatar, para levar-me ao sul do presídio, mas a guarda já tinha perdido o controle do corredor da morte. Meu caso não era grave, e eu era Popeye. Diferentemente do que se acreditava, a Polícia Nacional recebera a ordem do presidente da República, doutor Andrés Pastrana Arango, de entrar no presídio à força.

Essa não era a Polícia que tinha lutado contra nós; agora eram totalmente profissionais. Tomaram de assalto o norte. Todos se entregaram pacificamente. Pistolas, revólveres, granadas, dinamite e, é claro, túneis e esgotos cheios de pedaços de corpos que logo desapareciam

20 Comando Operativo de Remisiones Especiales de Seguridad (Cores), grupo especial do Instituto Nacional Penitenciario y Carcelario (Inpec), é responsável por fazer o transporte de presos muito perigosos. (N. E.)

foram encontrados pela Polícia Nacional. O grupo especializado do Inpec conduziu-nos à Prisão Distrital de Bogotá, um lugar moderno e asseado, com a guarda muito mais tranquila. Comemos bem naquele dia, rimos e conseguimos relaxar durante um bom tempo. Agora vinha a pergunta de 1 milhão: para qual prisão iríamos? Por volta das seis da tarde, tivemos a resposta. *Don* Ángel Gaitán e eu iríamos para o presídio de Valledupar, e *don* Miguel para o de Palmira, Valle. Em nossa dura realidade, na qual o tempo parecia ter parado, não nos tínhamos dado conta de que o país estava mudando e o Inpec também.

O PRESÍDIO DE VALLEDUPAR: UMA DETENÇÃO *MADE IN USA*

O presídio de alta segurança de Valledupar foi o primeiro construído com o Plano Colômbia. Contava com segurança treinada pelos norte-americanos. Lá, a guarda era submetida ao polígrafo e paga dignamente para, desse modo, ser afastada da corrupção e adestrada dentro da chamada "nova cultura penitenciária". Nesse presídio havia controles de segurança para detentos, funcionários e visitantes. Construído com tão pouco espaço para a educação e os programas de trabalho, o presídio era insuficiente para acomodar tais estabelecimentos. Lá se reintroduziu o confinamento solitário em pavilhões especiais. Seu regime caracterizava-se por um alto teor de autoritarismo: restrições drásticas nas visitas e outros aspectos, bem como utilização de algemas para as entrevistas com os advogados. Tudo isso ia contra os padrões internacionais.

Um norte-americano em terras colombianas supervisionava todas as operações dentro e fora do presídio. Era o todo-poderoso. Sua posição era superior até à do diretor da prisão e do comandan-

te da guarda. Com o presídio de Valledupar nascia o novo Inpec. Dizíamos adeus à televisão nas celas, à bebida, às visitas semanais, à boa comida, às armas de fogo, aos equipamentos de som, e adeus até mesmo aos radinhos para ouvir notícias ou música.

A mudança de clima foi drástica: passamos da média de nove graus que havia em Bogotá para infernais quarenta e dois graus em Valledupar no verão.

Ángel Gaitán, em um ato de compaixão comigo, contou-me que o capitão Tovar estava ali a cargo da vigilância. Alegrei-me muitíssimo, porque sabia que ele era amigo dos paramilitares, que subia constantemente ao nosso pavilhão de alta segurança em La Modelo e, o mais importante, que ele sabia que eu era testemunha presencial da entrega de vinte milhões de pesos em nome de *don* Miguel. Nem tudo estava mal para mim. Soube que Yesid Arteta Dávila e Robinson tinham sido levados para o pavilhão de alta segurança de La Picota. Naquela noite não dormi, não conseguia parar de pensar que, para trás, tinha ficado um dos maiores planos de fuga do mundo inteiro, um protesto ao regime ao qual éramos submetidos em nosso cotidiano, sem a mais remota possibilidade de reabilitação. Naquelas condições, o crime vivido nos campos e nas cidades colombianas tinha como centro estratégico, bélico e de inteligência as prisões do país. A única coisa boa que vislumbrava agora era o fato de não haver chefes de pátios; acabara-se o jugo de *don* Ángel com sua patifaria, seu desdém e sua boca desenfreada.

BEM-VINDO AO INFERNO

Assim se inicia o caminho para a minha nova vida e para a minha nova prisão: levado em um furgão, rodando por estradas sem asfalto, cujo pó inundava a caixa metálica fechada, sem nenhuma

ventilação. Algo próximo à asfixia foi o primeiro ato de tortura para a recepção. Quinze minutos mais tarde, chegamos, e as portas do grande presídio de alta segurança se abriram para nos dar entrada. Fomos todos conduzidos ao pavilhão de recepção. Trancaram-me sozinho em uma cela, mantendo-me isolado, e o restante do grupo foi distribuído em seis por cela. Tirei a roupa e fiquei lá dentro.

– Popeye, aqui uma mão lava a outra – disse-me um tonto, de grade para grade.

– Não se preocupe, que eu não sou maneta – respondi-lhe.

Explorei o calabouço e encontrei um escrito na parede que dizia: "Bem-vindo ao inferno". Então, peguei um lápis que havia guardado no bolso e escrevi: "Nada te perturbe, nada te espante, tudo passa".

Sentia-me forte e esperava meu amigo, o capitão Tovar. Chegou a hora do almoço: uma sopa de abóbora aguada. Vários a rejeitaram, e ouvi um dos prisioneiros gritar: "Não joguem fora! Uma pessoa que vive debaixo da ponte daria tudo por essa sopinha". Dentro de mim só havia desolação; depois de dez anos de vida carcerária, esta era a primeira vez que devia me alimentar com aquilo que, na prisão, chamavam de comida. Um arroz com um diminuto pedaço de carne. Tinha mais carne na bunda de um pernilongo que no meu almoço. De sobremesa, um copo d'água gelada com açúcar, que me refrescou. Foi a única coisa medianamente boa em meio àquele calor infernal.

Chegou a noite e o murmúrio de vozes calou-se. O calor ficava mais intenso com o sereno. Minha cama, um colchão encardido do suor de outros prisioneiros, estava impregnada de mais calor que as paredes. O vaso sanitário estava cheio de excremento humano em decomposição, não apenas por descuido, mas também pela enorme escassez de água. Chamei a guarda para solicitar água e, surpresa!,

no novo sistema carcerário não era permitido à guarda nenhum tipo de conversa com o prisioneiro. Chegou a hora do jantar, que estava pior que o almoço. Só bebi a água gelada com açúcar para me hidratar. Tudo estava mal. Por fim, chegou a tão desejada água, e consegui dar a descarga no vaso, que estava me intoxicando com sua fetidez. Meu corpo não parava de destilar água por todos os poros. Milagrosamente, consegui tomar banho com um chuveiro parecido com uma goteira. Tentei conciliar o sono em meio a tanta miséria. Estava em um calabouço construído parede a parede um com o outro, com grades frente a frente, com um total de dez compartimentos.

Apresentou-se o amanhecer de um novo dia. O minguado café da manhã chegou e, com ele, um pão pequeno e uma fatia transparente de salsicha acompanhada de um copo de água quente com café. Antes disso, o implacável calor desértico deu as boas-vindas ao novo dia que chegava timidamente: uma bola de fogo que só declinava às cinco da tarde. Nada me deixava esquecer que estava no inferno e que eu era um Barrabás. Do meu calabouço, escutava o murmúrio cotidiano dos presos. De repente, aproximou-se um guarda, rompendo uma das regras de ouro (não ter nenhum contato verbal com os prisioneiros).

– E aí, Popeye, onde está o seu poder? Agora somos nós quem mandamos no cárcere.

– Felicito-o, meu comandante – respondi, levantando-me daquela imitação de cama.

Ele afastou-se um pouco da grade e atacou:

– Aqui você vai morrer. Isso é muito duro. Eu prefiriria suicidar-me a pagar uma condenação neste inferno.

– Quantos prisioneiros há aqui? – perguntei-lhe.

– Mil e quinhentos.

Continuei olhando para ele e disse-lhe:

– Impossível que eu seja o mais covarde desta *maldita* prisão. Não

se esqueça – acrescentei antes de dar-lhe as costas – de que eu sou Popeye. Um guerreiro.

Essa conversa grosseira, ameaçadora e curta levou-me a pensar que as coisas ali não iam ser nada fáceis com os guardas, mas mantinha a esperança de que o capitão Tovar pudesse me apoiar.

Os outros prisioneiros vindos de La Modelo foram mandados para o pátio, e um deles despediu-se, dizendo-me: "Te espero no pátio, filho da puta". Ignorei-o, limitando-me a olhar para ele por trás das grades. As portas da prisão eram tipo grade e isto, além de arejar o calabouço, dava a impressão de que ele era maior.

Duas da tarde e eu continuava aprisionado. O clima era cada vez mais sufocante. As paredes cada vez mais fechadas contra mim. Sentia que me asfixiava. Dominei esse mal-estar com a minha mente e tranquilizei-me ao ouvir a voz do capitão Tovar ao longe. Vesti-me e esperei. Seu caminhar era como o de um general romano recém-chegado de uma conquista; ele vinha acompanhado do diretor da prisão, o capitão Pedro Germán Aranguren Pinzón. Saudei-o respeitosamente, e a resposta dele foi apontar-me com o dedo indicador, manifestando que eu era um detento perigoso para a prisão, que ele já me conhecia de La Modelo. Calei-me, desconcertado. "Esse tipo vai para o calabouço", acrescentou. O diretor só me olhava. Ambos se retiraram, seguindo seu trajeto. Sabendo que o capitão Tovar tinha duas caras, pensei que dissera aquilo só para impressionar o diretor da prisão, e continuei guardando uma esperança.

Chegou o barbeiro e, sem hesitar, raspou a minha cabeça. Todavia, estando nesse inferno de clima e sem água, isso acabou sendo um alívio. Incrivelmente, nem o barbeiro falava. Com altivez, um guarda lançou-me um uniforme, que ficava enormemente grande em mim, e um par de sapatos extremamente pequenos. Essa tam-

bém foi a primeira vez que tive de usar uniforme, em meu já décimo ano de encarceramento. Sem o menor respeito pela dignidade humana e pelo direito à igualdade, à alimentação ou ao serviço de saúde que a Constituição Nacional e o Código de Procedimento Penal garantem, tudo ali era submissão. Para culminar a jornada, chegou a ordem do guarda para que eu me despisse e me submetesse a um detector de metais. Não satisfeito com essa inspeção, tive de ficar de cócoras três vezes e, depois, obrigou-me a mostrar-lhe o ânus.

Em seguida, tive de acompanhá-lo completamente algemado com as mãos para trás, estando dentro do presídio. Ia rumo ao calabouço. Pensava comigo que aquele homem devia ser um tremendo viado. Caminho para o temido calabouço. Abriram-se grades e grades; tivemos de passar por nove torres. Nesse longo trajeto, os guardas me olhavam com desprezo, e eu respondia da mesma maneira. Um deles sorriu morbidamente como ato de boas-vindas ao primeiro calabouço, no qual fiquei confinado, sem direito a um único contato visual com outro prisioneiro e, muitíssimo menos, a qualquer contato físico. Era um lugar pequeno, com um colchão duro, todo deformado, e um jogo de lençóis que tinham me dado como parte de meus utensílios carcerários. Tudo parecia muito mal, mas, ao menos, eu contava com um abajur que podia acender e apagar quando quisesse e, o melhor de tudo, ali não fazia aquele calor infernal que estava acabando comigo. Pelas barras passava um ventinho que, apesar de quente, chegava a refrescar timidamente o calabouço. Já despojado de absolutamente tudo, só me acompanhava um pedaço de lápis, com o qual escrevi na parede: "Nada te perturbe, nada te espante, tudo passa".

Explorei o reduzido espaço e descobri algo maravilhoso: o vaso não estava limpo, mas também não estava cheio de excrementos; então não empesteava o ambiente a ponto de me intoxicar, pois se

encontrava justamente na ponta da chamada cama, ou prancha. Continuaram chegando maravilhas à minha vida: meu lindo calabouço tinha chuveiro ao ar livre coberto por uma grade; também havia um patiozinho de três metros quadrados coberto com grade. Isso era belo, o frescor do ar era fenomenal. Depois de tudo, não estava tão mal. Envolvi meus sapatos na minúscula toalha incluída em meus utensílios e usei como travesseiro. Sentia uma enorme felicidade ao saber que podia apagar a luz sem ouvir um só murmúrio dos outros prisioneiros. O silêncio era infinito. Uma bênção de Deus. Apesar daquela felicidade momentânea, em minhas reflexões eu tinha consciência de que chegara ao pior presídio da Colômbia. O presídio dos calabouços, da falta d'água e das correntes nos pés, na cintura e nos pulsos, inclusive lá dentro, como procedimento coercitivo. Estava na chamada caixa negra: zero recreação, zero práticas esportivas, zero trabalho, zero visita conjugal. Quase um morto em vida.

Ao lembrar-me de como o corrupto capitão Tovar tinha as mãos manchadas de sangue e do dinheiro sujo recebido de *don* Ángel Mahecha e *don* Miguel Arroyave, eu voltava a pensar que ele não poderia me deixar só nessas difíceis circunstâncias.

Pensei no tipo de guarda que me custodiava. Até eles eram totalmente diferentes do que eu estava acostumado a ver: homens jovens com dentição completa e bem cuidada, usando um uniforme com orgulho, alguns chegando até mesmo a ter bons modos. Assim, cheguei à conclusão de que esse era o novo Inpec. À entrada da prisão também fui despojado do meu dinheiro, pois o novo código penitenciário não permitia o manejo de dinheiro no interior das penitenciárias. Apesar de minha condição humilhante, uma imensa tranquilidade tomou conta de mim: enfim, estava longe da tirania do Loco Gaitán, dos opróbrios de Ramoncito e da angústia em La

Modelo como quartel de guerra. Algo me dizia que, neste lugar, eu estaria bem. Em meus sonhos, só delirava por água.

O DIA A DIA NA PRISÃO DE ALTA SEGURANÇA

Às cinco e meia da manhã, passou um guarda com bastão de mando na mão, girando-o pelas barras das grades para fazer barulho. Hora de levantar. Fui diretamente para o chuveiro e, maravilhado, descobri que dele saía um bom jato d'água. Apesar de molhar meu aparente colchão, isso não me importou muito. Eu estava feliz desfrutando daquele delicioso banho, que, para a ocasião, era um verdadeiro luxo. Que banho! Sequei-me com o pedaço de toalha e fiquei na frente da grade. Meus olhos vislumbraram a mais maravilhosa paisagem que jamais vira em dez anos de prisão: a Sierra Nevada de Santa Marta, com suas imponentes montanhas. Grudei a cara na grade, apreciando todo aquele esplendor e beleza: um espetáculo de paisagem.

Estava devorando meu escasso café da manhã quando alguém me chamou.

– Popeye! Popeye!

Vacilei em responder, mas decidi fazê-lo porque precisava de informações a respeito do local.

– Sim, meu amigo, em que posso lhe ajudar? – respondi ao desconhecido.

– Que alegria tê-lo como vizinho! Sou um admirador seu e de Pablo Escobar – respondeu-me aquele homem.

Senti alívio ao saber que tinha ao menos um aliado. Conversei com ele e soube que seu nome era Preciado, apelidado de Diablo. Fora condenado a quarenta anos de prisão pelo delito de um único homicídio. Ele esclareceu-me que a inspeção anal é comum, pois, na prisão,

o ânus deixava de ser uma parte do corpo para se tornar um depósito onde os prisioneiros escondiam facas, droga e dinheiro previamente empacotados em tubos de PVC pelos visitantes. Conforme o caso, se o guarda notasse alguma ação suspeita, a inspeção era exaustiva. Isso era absolutamente novo para mim. Em meus dez anos anteriores tinha ficado livre disso, porque sempre havia estado em pavilhões de alta segurança.

Nas celas do presídio de Valledupar não havia relógios nem rádios, muito menos televisões. Havia apenas uma televisão comunitária para duzentos detentos; ela ficava no pátio, e embora o reflexo do sol não deixasse ver nenhuma imagem, ao menos se podia escutar alguma coisa. Isso, comparado ao nada que tínhamos, já nos deixava no lucro.

OS ABUSOS POR PARTE DA GUARDA DE VALLEDUPAR

Don Miguel foi transferido de Palmira para o presídio de Itagüí e *don* Ángel, para os calabouços do DAS. O calabouço estava cada vez mais cheio de brigas entre detentos e guardas, porque a repressão por conta dos últimos era brutal, e os detentos atacavam duro. Ouviu-se que, no pátio 2, um detento deu um banho de excremento humano em um guarda como retaliação a tanto abuso diário. Esse personagem, Preciado, encheu um balde de excremento tirado dos vasos sanitários cheios por causa da falta de água e despejou-o em um dos guardas, para fazê-lo participar da nossa miséria. Todos éramos vítimas da ausência do precioso líquido. O guarda teve de permanecer naquela condição até as cinco da tarde, momento em que a água nos era fornecida pelo período de uma hora, e o cheiro ficou impregnado nele por, pelo menos, uma semana. Obviamente, o castigo não se fazia esperar. Os detentos eram castigados em uma

alavanca; portanto, clavículas e braços quebrados eram o pão de cada dia.

Preciado, que já era profissional nessas atividades de resistência, prometeu à guarda não fazer mais isso, desde que o transferissem para um pátio. O diretor soube e enviou-o ao pátio. Lá, ele levou uma surra e voltou outra vez para o calabouço, mas então totalmente coberto de sangue. Sem nenhum canal de comunicação entre os prisioneiros e a guarda, as necessidades básicas não podiam ser cobertas; nem mesmo era possível relatar ou tirar um doente para ser atendido. Diante dessa incomunicação da guarda com o prisioneiro, todos se amotinavam, destruindo as mesas de cimento para lançá-las nos vidros blindados. Os guardas posicionavam-se na cobertura da torre, disparavam gás lacrimogêneo e depois entravam com máscaras antigás descendo o porrete e, imediatamente, levando de oito a dez detentos para os calabouços. Esse tipo de ação teve de mudar para ajustar-se às normas colombianas. Por interpretação da Corte Suprema de Justiça, e graças a uma ação de tutela apresentada por alguns detentos contra a direção do presídio, que estava nas mãos do corrupto capitão Tovar, a guarda penitenciária foi repreendida.

Como resultado, só se conseguiu que a guarda se comunicasse verbalmente com os detentos, o que, com o tempo, foi pior que a encomenda. A partir de então, éramos agredidos verbalmente de forma constante. Os guardas chegavam à minha grade para zombar da minha condição, e eu me calava. Estavam cheios de poder e soberba, sentimentos que eu conhecia muito bem.

Um belo dia, o capitão Tovar me visitou. Entrou no meu calabouço sem sequer me cumprimentar, ao que eu respondi com o mesmo desprezo no olhar. Ele achou que eu tinha coisas demais e, imediatamente, ordenou inspeção diária. Com um pontapé, derrubou uns copos descartáveis cheios de água que eu guardara para me

refrescar, como meio de sobrevivência, pois, dada a falta do precioso líquido, era importante conservá-lo de diferentes maneiras. Saiu xingando. O que ele não sabia era que os guardas também estavam cansados de sua tirania e maus-tratos físicos. Senti que o odiavam até mais do que eu.

– Popeye – disse-me um deles –, desmascare esse *miserável*. Nós sabemos que ele é corrupto.

– O que vocês fazem comigo, ele faz com vocês – respondi, encarando-o, e dei-lhe às costas, e ele retirou-se, chutando a grade.

Os presos eram tirados de suas celas às seis da manhã e levados para o pátio até às cinco da tarde. Todos, exceto eu, que continuava em isolamento. Os dias passavam. Outro dia, inesperadamente, visitou-me o desprezível diretor do presídio, o capitão Aranguren. Esse inseto só tinha um objetivo: zombar da minha condição. O miserável oficial esperava que o confinamento estivesse me matando lentamente.

– Veja onde está. Passa por isso porque é um assassino – me disse, sem receber uma palavra da minha parte. – Nunca vou tirá-lo daqui, porque é justamente aqui que você vai morrer.

– Então, preocupe-se – respondi secamente –, porque estou muito bem aqui. E, por favor, retire-se, que é hora de fazer meus exercícios. – O indivíduo fervia de raiva, e não teve opção a não ser se retirar.

Os pernilongos eram próprios daquele clima. Em uma época do ano, pululavam como a verdadeira praga que são. Nuvens inteiras desses malditos insetos enchiam a prisão e, como para reciclar o ambiente, também tínhamos a época das moscas. Além dessas pragas, também havia uns animais pequeníssimos que se metiam em qualquer buraco na parede e, durante a noite, zumbiam duríssimo, como se estivessem se enforcando. Se minha mente não tivesse sido

forte, eu teria enlouquecido. A característica desse animalzinho é zumbir até se arrebentar. E, para arrematar, esse presídio tinha milhares de formigas, e viam-se também serpentes, escorpiões, aranhas e todo tipo de insetos dignos de qualquer salão do purgatório. Tudo confabulava para tornar o lugar um verdadeiro inferno, sem direito a uma tela ou a um ventilador que nos permitisse não viver, mas sobreviver de maneira digna. Aquilo não era vida. Confortava-me o fato de saber que contava com uma bela vista, e lá, ao longe, via-se esplêndidas aves que desciam da Sierra Nevada. Bandos de papagaios enormes, águias incríveis, gaviões e todo tipo de pássaros coloridos, que davam um pouco de alegria ao meu existir.

Nesse calabouço, tornei-me profissional em formigas: eu lhes dava água com açúcar e elas vinham correndo beber. Em minhas longas horas de solidão com esses incríveis animais, analisei como protegiam a sua rainha. Identifiquei as trabalhadoras, as guerreiras. Já sabia quando ia chover, porque elas se escondiam em cantos escuros e, com efeito, em não mais de uma hora a chuva caía. Em meu isolamento, também aprendi a reconhecer a hora pelo café da manhã e o banho matinal. Sabia a hora ao meio-dia e à tarde, graças à sombra que o sol projetava em minha grade.

TORTURAS FÍSICAS E SONHOS DE LIBERDADE NO INFERNO

A Negra Patricia não se esquecia de mim, e da Espanha me enviava revistas de vez em quando, das quais os guardas confiscavam algumas imagens, por considerá-las imorais. Era apenas uma modelo exibindo seu torso nu. Não protestei, porque sabia que seus dias de poder e abuso estavam contados. Depois de muita insistência, conseguimos que nos levassem a um pequeno pátio para caminhar,

não importava quem saísse primeiro, Yesid e depois eu. Durante esse tempo, aproveitávamos para falar, mesmo que fosse aos gritos, como fazíamos diariamente para nos dar bom-dia e, ao entardecer, boa-noite. Com o tempo, o diretor, já assustado com as reclamações que teve de enfrentar por conta de prisioneiros que reclamavam uma vida penitenciária digna e temendo por seu cargo, decidiu permitir-nos sair à quadra de futebol uma vez por semana.

Durante as minhas saídas, aproveitei para conhecer melhor o terreno, mas, como sempre, o calor era absurdamente sufocante. A quadra era imensa, e sair do calabouço, ainda que só por uma hora, era fenomenal. A torre 9 ficava em um lugar privilegiado, com áreas verdes e cabines para receber os advogados, que se comunicavam com os detentos por meio de interfone, olhando-os nos olhos através de um vidro. Contudo, esse lugar era uma verdadeira sauna. Daquela torre, vi que, em continuidade, havia uma fila de torres numeradas do oito ao um. Toda essa estrutura cercada por um muro, com corredores que circundavam a prisão e guaritas de vigilância para os guardas. No meio de cada uma das torres havia um pátio de visitas, com quartos para a visita íntima, que, por regulamento, ocorria a cada quarenta e cinco dias e tinha a duração de uma hora. Nunca entendi como, com o novo regime penitenciário, ainda a permitiam. Lembrava-me de que em La Modelo tínhamos visita das oito da manhã às cinco da tarde, entrevistas todos os dias, e era grandioso saber que se tinha algum tipo de apoio emocional diante de tanta desgraça; além disso, podia-se escolher receber a visita fora ou dentro da cela, com a porta fechada, com maior privacidade, e também havia bebida e outras comodidades. Era um paraíso!

Diferente do sistema norte-americano, no qual, se há um viciado em drogas, este é submetido a tratamento de desintoxicação antes de ingressar na população carcerária e iniciar sua condenação, na

prisão de Valledupar dava-se as boas-vindas com a terapia de escorpião (tratamento característico dos norte-americanos que consiste em deitar o prisioneiro com a boca para baixo para, em seguida, colocar-lhe correntes pesadas na cintura, segurando-o com grilhões de pés e de mãos apertados), umas boas doses de bastão, e então ele era enviado para conviver com a população carcerária. Nesse sistema penitenciário, que supostamente tinha recebido a total assessoria do Bureau Federal de Prisões dos Estados Unidos, foi esquecido um pequeno detalhe: a Colômbia tinha uma guerra irregular e o governo não tinha o menor controle sobre a realidade social da nação.

A AMEAÇA DE UM INFERNO PIOR

No inferno de Valledupar, tudo era proibido. Não se tinha direito nem a um isqueiro, mas os presos sempre faziam mágica para poder satisfazer suas menores necessidades. Alguns dos detentos envolviam papel higiênico em um abajur e, em fração de segundos, já tinham fogo; fabricavam facas com hastes que arrancavam das paredes, afiavam-nas contra o cimento e punham nelas um cabo improvisado, feito de copos plásticos derretidos. A guarda pegava vinte facas, e os presos fabricavam quarenta. No inferno, preso que se respeitasse devia sair ao pátio com seu punhal. Também havia uns códigos de honra: não se podia atacar ninguém pelas costas nem no chão; também não se perseguia quem estivesse fugindo de uma briga. Os enfrentamentos se davam com uma toalha enrolada no antebraço, presa com a mão, à qual chamavam de "muleta", e eram combinados lugares escolhidos de antemão, longe do olhar dos guardas.

Os rumores não paravam. Já estavam construindo o presídio de Cómbita, localizado no departamento de Boyacá, em um município

que tinha o mesmo nome. Corriam boatos de que ia ser mais tenebroso que aquele inferno. Valledupar já não me atemorizava; agora, o novo terror era Cómbita. Os guardas comentavam que essa prisão tinha dez andares embaixo da terra, que respirar era quase impossível e que o frio era brutal. A guarda estava sendo treinada para ser ainda mais estrita, porque o diretor dela seria norte-americano. Ia ser a prisão mais segura de toda América Latina.

A guarda aterrorizava verbalmente a torto e a direito, mas eu seguia firme em minhas convicções. Nada poderia ser pior que viver em um calabouço com uma temperatura de 42 graus, com excrementos humanos por toda a parte ou espantando as moscas-varejeiras para poder beber um copo de mísera sopa. Conseguia sobreviver cheio de picaduras de pernilongo, suportando as inspeções diárias com a arrogância e o desprezo da guarda e a ameaça constante do temido escorpião.

OS FANTASMAS DO DIVÓRCIO E DA EXTRADIÇÃO

Dias mais tarde, recebi uma surpresa: uma carta de Ángela María. Comecei a ler com ansiedade, buscando afobadamente notícias de meu filho, mas, que desilusão, nem uma palavra sobre ele. Ri com sarcasmo ao saber que o único objetivo daquela missiva era solicitar o divórcio. Eu, em semelhante condição, esperava firmar qualquer coisa, menos um divórcio. Somado a isso, o corrupto Aranguren ordenou a minha transferência ao calabouço de trás. Adeus à bela vista para a Sierra Nevada, adeus às suas belas aves, adeus à brisa e ao meu calabouço limpinho, depois dos árduos esforços para mantê-lo assim. Esse desprezível ser entrou em meu calabouço com um sorriso de orelha a orelha; estava acompanhado de um sargento da guarda, para me tirar à força, mas não lhes dei esse gosto. Sem

oferecer nenhuma resistência, tirei meus poucos pertences, entre os quais minha dignidade, e fui conduzido por eles.

O diretor da prisão opunha-se a que eu fosse tirado do inferno, apesar do tremendo problema que havia se armado pela montagem do DAS. Minha extradição aos Estados Unidos estava sendo resolvida. Por norma jurídica, eu devia participar desses processos como parte de meus direitos a uma defesa adequada, mas o diretor, desobediente, pretendia que o procedimento se fizesse por micro-ondas ou sinais de fumaça. Para ele, juntamente com Yesid Arteta Dávila, eu representava seu maior troféu e o principal alvo para descarregar seus ódios e rancores. O repugnante diretor respaldava sua decisão argumentando que o próprio presidente da República da Colômbia, o doutor Andrés Pastrana Arango, por meio do Conselho de Segurança Nacional, havia dado a ordem de me colocar no pior dos calabouços que permitisse o sistema penitenciário. Tudo como represália por seu sequestro executado por mim, seguindo ordens de Pablo Escobar Gaviria, no dia 18 de janeiro de 1998, em sua sede de campanha.

Chegou ao fim a festa do preso. Colocaram um gravador no corredor com música *vallenato* a todo volume. Às cinco da manhã, Aranguren chegou acompanhado de uns *mariachis*. Vinham cantando na frente de cada calabouço. Ao chegar ao meu, detiveram-se, e Aranguren escolheu a música *Pero sigo siendo el rey*. Não me amedrontei, muito pelo contrário, escutei a canção e apreciei com atenção sua letra e melodia. Minha esperança era conseguir ser transferido para Bogotá; portanto, sandices dessa natureza nem sequer me afetavam. A guarda seguia cumprindo sua terapia de terror. Tudo o que falavam referia-se a Cómbita; diziam que dos chuveiros só saía água congelante mas eu pensava que isso seria uma delícia depois de viver naquele calor infernal; ima-

ginava um bloco de gelo como uma almofada e sorria. Nunca parava de sorrir.

A GUERRA FRIA PELO INFERNO

O capitão Tovar e o diretor pediram apoio à polícia para o deslocamento dos guardas em seus percursos de casa ao trabalho e vice-versa. Até então, vários guardas já tinham sido abordados saindo ou chegando do presídio. Munidos de uma lista, homens armados, em trajes civis, procuravam aqueles que trabalhavam no presídio de alta segurança de Valledupar; o objetivo era identificar os guardas de alta segurança e atemorizá-los ou matá-los. O medo colocava-se do nosso lado pela abusiva e agora assassina guarda que só se sentia segura dentro do presídio. Esse foi o princípio de uma guerra fria. Escutava-se que iam dinamitar uma das pontes pelas quais atravessava o micro-ônibus dos guardas; então, como medida preventiva, todos deviam andar sempre acompanhados. A maior preocupação deles era com o fato de que a base do paramilitar Jorge 40, que tinha como aliados os integrantes da base do Exército de Popa, ficava a meros cinco quilômetros do presídio.

Por fim, os guardas entenderam que estavam sós e que a ajuda norte-americana não estava para respaldá-los fora do presídio. Só tinham a nós: suas vítimas. Éramos seus prisioneiros, e não os prisioneiros que a lei dizia proteger. Eu me perguntava onde andariam seus protetores, os norte-americanos e aliados. Pouco a pouco, estavam tendo seu poderio reduzido: as inspeções, as surras de garrote, o fustigamento verbal e a tortura psicológica passaram a ser cada vez menores. O escorpião não voltou a ser visto. A cordialidade com a visita voltou, e assim os diálogos entre prisioneiros e guardas melhoraram, depois que Jorge pressionou a guarda do Inpec diante das súplicas de seus homens.

Dois guardas jovens foram transferidos para o presídio do município de Ituango, na Antioquia. Essa região, durante os tempos da conquista, foi ocupada pelos espanhóis, deixando as etnias em sua mais completa sujeição. Como em muitos outros lugares da nossa geografia, levaram-nos à beira do desaparecimento total, do qual só sobreviveram os indígenas catíos. Ituango estava ocupada pela guerrilha e havia sido declarada área de risco extremo. Quando a guerrilha soube que os guardas transferidos vinham de Valledupar, estes foram executados no ato. Tal notícia não foi muito bem recebida pela guarda do presídio: a prisão tinha se tornado um maremoto de emoções.

Foi então divulgado um relatório dando conta de que, entre 1999 e 2001, os mortos no presídio Modelo podiam alcançar a soma de trezentos: a quantidade de infartos relatados na região de Puente Aranda ultrapassava em muito a do restante do país. O valente jornalista Jineth Bedoya visitou nossa prisão e relatou publicamente as condições do lugar. E concluiu: "O único que merece estar ali é Popeye".

XI

O grande julgamento contra Popeye

O INVERNO EM VALLEDUPAR

No inferno de Valledupar, a situação em geral tinha melhorado, depois que os paramilitares fizeram com que fôssemos respeitados. Chegou-se a um acordo com Jorge 40, por meio de um preso poderoso que estava recluso no presídio, e assim baixou a pressão que vinha sendo exercida sobre os guardas. A única coisa que eles deviam fazer era cumprir com seu dever, não se exceder em suas funções. Jorge 40 enviou uma carta assinada de próprio punho e letra para todos os seus presos, cuja mensagem central era: "Comportamento e disciplina".

Os guardas de Valledupar, que já eram bem pagos, tinham descoberto que, com esse dinheiro, podiam comprar motos, armas, bebida, o prazer de uma boa companhia feminina... Agora se davam conta de que o melhor complemento para o seu trabalho era a tranquilidade, poder ir passear às margens do rio Guatapurí, dirigir-se ao supermercado para comprar um saco de arroz ou à banca da

esquina sem esperar uma surpresa fatal. Contudo, também eram cientes da violência que tinham semeado junto aos presos da prisão e que a colheriam de volta se continuassem a praticá-la. O caso de Ituango os fez entender que não importava a distância, sua imagem e reputação ia além de seus pequenos povoados.

Agora chegava algo novo a nossas vidas: o inverno. Que descanso! Eu olhava com muita atenção cada canto do meu calabouço, e as formigas já não estavam lá. Não obstante, quando chegavam os aguaceiros, surgiam outras necessidades. Valledupar era um lugar de extremos. Olhava-se para o céu e estava completamente limpo; vinte minutos depois, estava totalmente cheio de nuvens, e cântaros d'água desabavam sobre nós. Em geral, às três da tarde vinha a mudança de clima, com suas precipitações, que mais tarde pareciam se estabilizar. Meu calabouço se inundava, e eu precisava ficar em um canto, encurralado, em cima do meu pedaço de colchão. Muitas vezes, não havia nada que pudesse ser feito, porque as grossas gotas d'água o alcançavam, e tudo o que eu podia fazer era enrolá-lo rapidamente, sentar-me sobre ele e começar a escorrer os jatos d'água com a minha camiseta, depois de salvar meus poucos pertences. Que noites mais brutais! Minha batalha para sobreviver naquele lugar não terminava nunca. Era uma verdadeira arte, tendo de começar a viver novamente a cada dia. Desse modo, a cada novo amanhecer, a água que nos inundava ia por onde tinha vindo e mais tarde voltava. Precisava cuidar daquele mísero colchão, pois, se molhasse, demoraria vários dias para secar, e minhas condições básicas de vida dependiam dele.

Pensava em meu filho, em como estaria, perguntava-me se estaria com saúde ou doente, se sua mãe estaria fazendo bem a tarefa de educá-lo, se seria feliz. Desejava vê-lo com todo o meu espírito. A vida naquele presídio tinha me arrancado meu mais precioso

tesouro: a família. Não obstante, sabia que devia deixar o tempo passar, sem me perder no desespero. Investia muito tempo observando os pernilongos, aproveitava a ausência dos animaizinhos que zumbiam e também o frescor que nos deixava a chuva com sua brisa, assim como a bela vista da Sierra Nevada de Santa Marta, com suas imponentes montanhas, seu mistério e seu encanto, fonte de inspiração de poetas, de relatos místicos e de cantos que, talvez sem saber, também tenham enchido meu espírito da magia e da alegria que a sagrada montanha emanava. Aqueles fortes aguaceiros inundavam os calabouços e os pátios e causavam estragos até no segundo andar da prisão. A água descia torrencialmente pelos corredores do presídio, caindo como uma cascata incontrolável entre suas torres, pressagiando que, naquele lugar, jamais existiria ternura. O verão nos fazia arder, e a água, agora, nos inundava. Ali não havia meio-termo.

O inverno, ainda que caudaloso, nos dava um descanso do inclemente ardor de Valledupar. De madrugada, tinha de colocar o horrível uniforme da penitenciária, porque meus lençóis não eram suficientes para suportar o clima inconstante. O chuveiro continuava sendo uma verdadeira delícia, mas lá nada era de graça: com a chuva, chegaram milhões de pernilongos. As paredes ficavam cobertas desses ferozes sanguessugas. Devíamos nos manter fortes, tolerando as intempéries sem mosquiteiro, sem ventilador e sem nenhum tipo de repelente. Os presos eram seu banquete de café da manhã, almoço e jantar. Os pernilongos eram os únicos que não diferenciavam classe social, cor nem religião; para eles, éramos todos iguais. As moscas também não ficavam para trás, multiplicavam-se aos milhares. As aranhas diminuíam na época do inverno, mas os perigosos escorpiões permaneciam, enquanto os animaizinhos zumbidores desapareciam quase por completo. Qualquer um esperaria que as

noites fossem mais aprazíveis, mas não, era tudo mentira, uma trapaça da natureza. Agora que não tínhamos animaizinhos orquestrando à noite com seu ruído ensurdecedor, a providência nos enviava pernilongos incansáveis, que nos devoravam sem piedade. E caso alguém não quisesse silêncio, bem em frente aos calabouços a água se acumulava proporcionando na madrugada belas sinfonias de sapos.

ALGUMAS BOAS NOTÍCIAS

Recebi uma boa notícia da minha advogada. Ela tinha conseguido o meu encaminhamento para Bogotá, para enfrentar meu julgamento por narcotráfico que estava por vir. Por fim, tinha ganhado a disputa com o diretor do presídio. Já não seria mais o seu troféu de guerra nem aquele ser no qual ele e sua guarda vinham descarregar seu ódio. Uma nova batalha chegava a seu fim.

Outra excelente notícia acompanhou minha iminente transferência para a capital: chegou ao presídio de alta segurança de Valledupar uma comissão estrangeira de Direitos Humanos para verificar nossas condições de vida. Na verdade, os integrantes dessa comissão não tiveram a melhor impressão desse abominável lugar: os pátios inundados com água estancada, as péssimas condições de salubridade, os prisioneiros se queixando de sua lamentável situação. Ainda assim, de minha parte, não receberam uma única queixa. Eu não disse nada.

Algo dentro de mim me dizia que minha batalha em Valledupar estava a ponto de terminar. O céu dessa região caracteriza-se por sua ausência de nuvens, mais ainda em tempo de ventos. Por alguma razão, acordei uma noite e vi que o céu estava cheio de estrelas; irradiava uma luz noturna que se refletia no patiozinho. Saí, e um

espetáculo apoteótico revelou-se diante de mim: o céu cheio de estrelas, e a lua cheia as acompanhava. Senti uma tranquilidade infinita invadir-me. Sentei-me na metade do pequeno pátio, isolei-me de tudo aquilo que me rodeava e, durante um bom tempo, fiquei olhando fixamente para aquela maravilha. Já não sentia calor nem angústia. Senti-me imensamente feliz. Essa era uma das maravilhas que talvez bem poucos tenham desfrutado como eu naqueles calabouços. Apesar dos longos anos de reclusão, dos processos judiciais que vinham contra mim, sentia-me realizado e feliz como nunca, e isso só podia ser um presente do bom Deus. A luz iluminou de maneira especial a linda Sierra Nevada de Santa Marta, que parecia mais majestosa do que nunca, e então pensei que aquela sensação era mais bela e grandiosa que a própria liberdade. Voltei ao meu calabouço amparado pela esplêndida lua e tive o mais prazeroso dos sonos.

No dia seguinte, levantei-me cheio de energia e alegria, fiz meus exercícios de rotina e, novamente, meu filho estava em minha mente, predispondo-me para algo bom. Não sabia o que era, mas sentia que a minha experiência da noite anterior era o presságio de algo muito positivo em minha vida. Sentia que a minha saída do inferno se aproximava; pensava que o julgamento ia ser longo e que, portanto, permaneceria em Bogotá. Esperei a noite com ansiedade, desejoso de ver novamente o céu estrelado, mas fui levado para o setor de Recepções: voltava o fantasma das Farc e apareciam novamente Aranguren e o corrupto capitão Tovar. Yesid, por conta própria e por si só, como sempre, lia e escrevia muito.

MINHA VITÓRIA SOBRE O INFERNO DE VALLEDUPAR

Em outra nova transferência para o interior do inferno, cheguei a um calabouço que, além de me permitir observar a bela Sierra

Nevada, tinha um pequeno tanque para lavar as roupas e, o melhor, me permitia reservar água e ter um vaso sanitário limpo. Era toda uma cobertura. No terceiro dia depois de chegar ali, veio a melhor das notícias: "Senhor Velásquez Vásquez entra em remissão". Aquelas foram as únicas palavras bonitas que escutei em quase dois anos. Esse era o sonho de todos os detentos que chegavam àquele inferno. O guarda entregou-me as minhas roupas, as mesmas que eu estava usando no dia em que cheguei a Valledupar. Foi estupendo voltar a me vestir decentemente e deixar para trás aquele horrendo uniforme. Despedi-me de Yesid e me dirigi ao setor de Recepções feliz. Um guarda algemou-me com as mãos para trás e comecei minha longa caminhada de torre em torre, até chegar ao escritório de registros, onde me deram baixa do inferno. Esse ato era o sinal de que não me trariam de volta a tão detestável lugar. Em nenhum momento nem lugar vi o capitão nem o diretor. Esses covardes tinham perdido seu troféu. "Outra batalha ganha", eu dizia a mim mesmo. Dirigia-me ao aeroporto de Valledupar escoltado pela polícia. Que viagem mais prazerosa! Chegando ao aeroporto, a guarda retirou-me as correntes, e cheguei como um passageiro normal.

O processo por narcotráfico não me preocupava. Aterrissamos, e observei que o aeroporto El Dorado estava totalmente sob controle policial. Já me esperavam. Fui o último a descer, mas senti-me como uma pessoa normal depois de tantos anos de encarceramento. Foram apenas alguns minutos, mas, para mim, aquilo era a felicidade. Caminhei lentamente, como estratégia para tomar um ar de liberdade; os policiais mantinham o dedo no gatilho de seus fuzis, prontos para disparar. Depois de todas as batalhas que tinha vivido, agora eu começava a descobrir quão valiosas eram as pequenas coisas que a vida me oferecia. O ar, a água e a natureza, com todo seu esplendor, eram verdadeiras bênçãos de Deus, que, a cada dia

e a cada anoitecer, sempre me trazia novas esperanças. Olhei para os passageiros que circulavam pelo terminal aéreo; seus sonhos se refletiam em seus rostos, e eu também sonhava com o dia em que pudesse voltar a caminhar entre eles.

DE VOLTA À REALIDADE: LA PICOTA E AS LEMBRANÇAS

Minhas fantasias acabaram e voltei à minha realidade. As correntes, os grilhões e a prisão não se fizeram esperar demais. De novo ao furgão de alumínio, com a diferença de que, dessa vez, já não sentia asfixia. O clima frio era uma delícia. Agora, dirigia-me para o presídio Picota. O ar contaminado dessa metrópole me enjoava, mas não vomitei. Quando chegamos aos prédios da prisão, a Polícia retirou-se e fiquei novamente sob a custódia da guarda carcerária. Fui confinado nos calabouços primários, mas não quis entrar no pátio sem tê-lo explorado e sem saber quem estava lá.

No pavilhão, todos eram amigos e conhecidos. Depois de dois anos de isolamento, voltava a estar com a população carcerária – tudo isso era um paraíso. Deram-me uma boa cela; senti-me exultante. Bogotá é Bogotá. Gozando de um pouco mais de confiança e com a experiência adquirida em minhas antigas temporadas nessa prisão, dirigi-me ao segundo andar e pedi que me mostrassem a cela onde caíra Ángel Gaitán Mahecha. Observei o lugar e, apesar de toda a indiferença e humilhação que havia recebido do Loco, cheguei a sentir um pouco de tristeza. Contaram-me como Robinson havia chutado o cadáver sem piedade. "Todos tínhamos medo do velho, mas não respeito", contavam-me os meus amigos. Os longos meses de calabouço em Valledupar, com sua falta de comida, mais a transpiração constante, tinham-me feito emagrecer consideravel-

mente. Então, compreendi que agora tinha uma oportunidade: devia comer bem e fortalecer-me fisicamente.

Outra batalha tinha início. Comecei desde o primeiro momento a preparar minha defesa. Sabia que, tratando-se de mim, não haveria muitas oportunidades. Tinha contra mim o Estado, mas estava disposto a lutar até o fim. Cada dia trazia um novo amanhecer, e com ele vinha uma nova oportunidade. A água fria, a comida digna, o uso do telefone quando quisesse e sem guardas ao meu lado, a possibilidade de interagir com meus companheiros de presídio, a visita... tudo isso era a glória para mim.

Saía para caminhar e pensar em minhas lembranças. Caminhava lentamente, lembrando-me de Mateíto, de quando corria para os meus braços e eu o enchia de beijos, e lembrava também como Ángela chegava linda para me visitar. Lá, naquele lugar, repousava parte da história criminal da Colômbia e parte da minha história como ser humano.

Pouco a pouco, fui descobrindo onde havia estado a minha verdadeira felicidade. Em minha sede de aventura, sempre a busquei por meio do poder, mas estava equivocado; minha felicidade estava nas pequenas coisas cotidianas. Ainda na prisão, e enfrentando um processo no qual poderia acabar sendo extraditado, era capaz de sentir uma grande felicidade por aqueles momentos de liberdade ali dentro: estava feliz com o clima fresco de Bogotá, feliz porque podia usar novamente minhas roupas de marca, feliz porque podia usar o telefone no momento em que quisesse, feliz porque tinha saído do calabouço depois de catorze meses, feliz porque tinha um espaço por onde caminhar, feliz porque podia ver televisão quando quisesse, mas, o mais importante, eu estava feliz porque agora tinha um espírito livre para decidir e a minha mente estava aberta para criar a minha própria crença e agir de acordo com ela.

Nesse ponto da minha vida, já tinha me tornado um sobrevivente. Tinha sobrevivido às guerras que um dia Pablo Escobar travou contra o Estado colombiano, tinha sobrevivido a duas guerras sangrentas na prisão Modelo, tinha sobrevivido aos atentados de Leónidas Vargas, tinha sobrevivido à tortura, ao confinamento e ao isolamento no inferno, e tinha sobrevivido ainda aos desamores e às minhas lutas internas. Nesse caminhar, tive a maravilhosa oportunidade de ver como, um a um, meus inimigos e os de meu *Patrón* iam caindo. Via os impérios dos chefões de chefões, dos deuses de deuses, serem derrubados, e eu, como um bom filho da guerra e da violência, em meio à dor e ao sofrimento, fazia-me cada vez mais forte. Sentia-me feliz porque estava conseguindo ser feliz. As pequenas coisas que a vida estava me dando eram a prova disso: tinha descoberto a imensidão do firmamento repleto de estrelas, contemplado absorto a magnificência da sua beleza, encontrado o valor daquela gota d'água que me acalmava a sede e refrescava meu corpo... tinha encontrado o valor de tudo aquilo que, por mais simples que pareça, vem e nos reconforta a alma.

Era o momento perfeito para cuidar do meu corpo. Devia alimentar-me bem e começar a encher o meu cântaro da esperança, porque o da fortaleza já estava completamente cheio: o bom Deus sempre me enviava um anjinho para voltar a enchê-lo quando este, por alguma razão, estivesse diminuindo. Continuei caminhando, pensando e desfrutando. Algo em meu ser me dizia que em Cómbita encontraria uma nova oportunidade de vida, e que a nova batalha que me esperava ali seria a vitória final.

Entrando no assunto do meu julgamento, como sempre, o promotor veio contra mim. Para esses funcionários, é quase um prazer disparar contra Popeye. Com a frustração que a reforma da lei tinha deixado, marcando a pauta para a libertação de meus companheiros,

e já vendo como todos iam saindo livres, era necessário ter um bode expiatório. E quem poderia ser? Pois, claro: Popeye. No decorrer do julgamento, comecei a conhecer meus supostos cúmplices. Não vi em nenhuma parte o perfil de bandidos matadores e, menos ainda, de mafiosos, como os meios de comunicação tinham descrito. Senti uma enorme tristeza ao ver minha "suposta" quadrilha e mais ainda vendo como a imprensa cobria o evento com grande estardalhaço. Paradoxalmente, Jorge Velásquez Camelo, personagem central daquele circo, não apareceu no julgamento, embora tenha tido a delicadeza de aceitar as acusações. Quanto aos famosos cem mil dólares que os brilhantes investigadores da Procuradoria roubaram, silêncio absoluto na sala.

Pareceu-me que a juíza era honesta, mas tinha uma grande limitação: se me exonerasse, provavelmente perderia o emprego. Minha advogada, Luz Dary Charry Mayungo, desenvolveu minha defesa fortemente. A juíza especializada esperava uma chuva de advogados de prestígio defendendo-me e à minha organização, mas eu só me apresentei com a minha valente advogada de baixo orçamento. Também não se apresentaram os superinvestigadores da Holanda, da Bélgica, da Itália e dos Estados Unidos, mas apenas dois tristes detetives do DAS foram confirmar sua pobre armação. Esse "grande julgamento" contra Popeye e seu tráfico de drogas marítimo estava derretendo feito manteiga. Tinha mais malícia um gato de porcelana que aqueles dois investigadores do DAS. E esses homens não tinham capacidade para organizar o sequestro de um gato nem que lhes entregassem a gaiola, o leite, uma armadilha e o gato, obviamente. O espetáculo midiático caía por terra.

Enquanto todos aqueles brilhantes seres humanos, donos da inteligência e das leis, deliberavam e criavam uma forma de me

considerar culpado, eu permanecia trancado em uma cela do tribunal, saboreando um delicioso hambúrguer acompanhado de um espumoso *milkshake* de chocolate. Foi uma excelente oportunidade para comer e celebrar. Voltei novamente à prisão sem muitos avanços que pudessem me incriminar; foi anunciado que o julgamento ia ser longo, porque lhes faltava a conexão na Holanda de um suposto "poderosíssimo" narcotraficante que, segundo eles, era meu sócio. E eu, feliz e contente; sabia que esses estranhos ausentes na investigação garantiriam minha estada em La Picota, agora meu novo lar. Depois da batalha no inferno, pensava que essa escaramuça fora feita para me divertir, e era a oportunidade perfeita para me vestir bem, comer à vontade e ir às audiências circenses para rir um pouco e desfrutar de um grande banquete.

No presídio Picota, fiz amizade com um mestre Hare Krishna. Esse homem veio me ensinar a batalha que tinha começado no inferno e que não tinha conseguido terminar de visualizar. Minha parte espiritual começava a se fortalecer como uma preparação do futuro que me esperava. Passava tardes inteiras escutando aquele mestre que falava com tanta propriedade da Índia e de suas crenças; inclusive, ele tinha raspado a cabeça, deixando o rabinho de cabelo fino que caracteriza os seguidores desse culto, parecido com o que um dia eu usei quando jovem. Descrevia a Índia de forma maravilhosa sem sequer conhecê-la. Fiquei impressionado com a ideia que ele tinha da mulher: na sua opinião, a mulher vai caminhando de mãos dadas com seu esposo, cada um olhando e pensando um no outro.

Era surpreendente como repetia milhares e milhares de vezes aquele mantra "Hare Krishna, Hare Krishna", sentado em posição de lótus para obter maior estabilidade e concentração. Mas aquele homem tinha um passado obscuro: era um pereirano,[21]

21 Natural de Pereira, capital do departamento de Risaralda. (N. T.)

membro da tenebrosa e bem organizada quadrilha de sequestradores dirigida por Gerardo Herrera, seu familiar. Estava envolvido no caso do sequestro dos quatro norte-americanos e no assassinato de um deles.

XII

O declive

PREPARANDO-ME PARA MINHAS PRÓXIMAS BATALHAS

Em minhas conversas com Gerardo, aproveitei para perguntar sobre a situação dos irmãos Rodríguez Orejuela durante sua estada no presídio de Palmira. Ele me contou, com riqueza de detalhes, que eles viviam como reis em umas belas cabanas, com *chef*, festas, saídas à rua à noite, desfile de carros de luxo, belas mulheres e dezenas de escoltas: estilo de vida característico deles. Na verdade, tinham tudo sob controle, tanto que, quando chegou Ángel Gaitán Mahecha, os irmãos Rodríguez rejeitaram-no de imediato; nem sequer aceitaram que fosse seu vizinho no pavilhão anexo. As conexões dos irmãos Rodríguez Orejuela com os políticos que diziam controlar e proteger o território colombiano eram demasiado evidentes; com seu dinheiro, compravam todas as consciências, como em um supermercado. Também obtive informações de Carlos Castaño. Seu poder era cada vez maior. Já na época, tinha o controle de oitenta por cento do narcotráfico da Colômbia, um exército de mais de trinta mil homens. Com sua estratégia, con-

seguiu obter o controle político nas prefeituras e nos governos, e maioria no honrável Congresso da República colombiana.

Carlos Castaño saía na televisão frequentemente, sempre usava uniforme de camuflagem e andava fortemente escoltado. Brilhava como um homem poderoso. Agora, graças à famosa repórter Claudia Gurisatti, esse sanguinário paramilitar tinha se tornado a nova vedete dos meios de comunicação nacionais e internacionais. Naquela época, foi libertado Carlos Mario Alzate Urquijo, o Arete, que se tornou alvo militar de Castaño. O chefe máximo das AUC temia ser delatado por Arete em referência à explosão da aeronave da Avianca. Apesar de armar uma impressionante operação para matá-lo, seus homens só conseguiram feri-lo levemente. Naquele momento, a Promotoria de Medellín interveio para proteger Arete e levou-o a um lugar seguro; organizou-lhe os documentos para que fosse à Espanha em companhia de sua corajosa esposa e de seus filhos, e lá ele vive até a presente data, desfrutando do dinheiro que lhes deram Jorge Luis Ochoa, Juan David Ochoa, Jhon Freidell, Félix Antonio Chitiva e Eugenia Leão García Jaramillo para que não os delatasse pelo atentado da aeronave. Esse homem nasceu com a bunda virada para a lua.

A ENTRADA DE ÁLVARO URIBE VÉLEZ NO PODER

Eu continuava em meu paraíso. Fiz meus telefonemas e esperei pelas delícias que meu amigo Sotico costumava preparar. Tudo era felicidade. Voltei a caminhar, e Gerardo me alcançou. Observei a terceira cela do primeiro andar e disse a ele:

– Amigo, nessa cela viveram dois personagens, Bochica e José Fedor Rei Álvarez, integrante das Farc e responsável pelo massacre em Tacueyó, na Antioquia.

– Eu estava na prisão de Palmira quando o mataram enforcado em um dia de visita – ele me respondeu.

Fedor era um completo elemento, com um passado escuro e selvagem.

Parei minha caminhada e despedi-me de Gerardo. Fui até Sotico, que me deu um bom pedaço de carne com batata frita; depois, dirigi-me à minha bela cela para aproveitar a televisão. O país mudava de governo e tomava posse Álvaro Uribe Vélez. Os paramilitares estavam felizes. Uribe era um homem que odiava visceralmente as Farc, porque, segundo ele, tinham assassinado seu pai ao tentar sequestrá-lo em um terreno de sua propriedade, na Antioquia. O governo agora era de ultradireita. Tudo perfeito para os paramilitares.

Meu julgamento não me preocupava. A juíza do Terceiro Tribunal Especializado de Bogotá era uma mulher tranquila e respeitosa. Fui levado novamente a uma audiência, na qual esperava conhecer meu supercontato na Holanda, um tal Jairo Rico. Reconheci-o quando o vi: aquele homem me fora apresentado por Jorge Velásquez Camelo para um negócio lícito, eu lhe vendera um automóvel. Entre uma alegação e outra por conta de uma promotora, o tempo passou. O promotor Bayona simplesmente não retornou. Diante de tamanha irritação com a promotora que construía a alegação, eu soltei uma pérola: "Senhora promotora eu não sou narcotraficante; o que sei fazer é matar e sequestrar". E concluí aquela frase sob o olhar perplexo da minha advogada, de quem quase lhe saltaram os olhos: "Minha especialidade é romper a escolta de uma pessoa, tirá-la de seu carro ou escritório e levá-la para onde me ordenarem". Nesse momento, a sala ficou em absoluto silêncio. Ao sair da audiência, vendo o alvoroço que os jornalistas armavam, pedi minha extradição para a

Holanda. Assim, voltei a La Picota. Estava muito contente, porque já havia comido meu super-hambúrguer, acompanhado do espumoso milkshake de chocolate que costumavam servir nas celas do julgamento.

UMA VIAGEM INESPERADA

À noite, tudo voltava ao normal. Deitamos para dormir acompanhados pela televisão, como em um dia qualquer. Contudo, às quatro e meia da manhã, a porta da minha cela foi aberta com força: um membro do GRI[22] apontava para mim. Não me surpreendi, apenas tirei minhas cobertas, mostrando-lhe as mãos, e ele me algemou e relatou por rádio que o alvo número um estava assegurado. Em seguida, soltou-me, ordenou que eu me vestisse e voltou a me algemar. Fiquei ali, imobilizado, à espera do que pudesse acontecer. Escutei pelo rádio quando diziam que o alvo número dois também estava assegurado: tratava-se de Gerardo. Logo, escutei que o alvo número três também estava assegurado: era Juan Joyita. Por último, o alvo número quatro, o mestre Krishna. Levaram-nos para fora do presídio. A área estava totalmente militarizada. Um cordão de soldados em todos os lados do lugar destacava-se desde La Picota até a avenida mais próxima. Adeus à fuga de Gerardo, que já estava quase pronta.

Chegaram com mais presos ao pavilhão 8: extraditáveis. O medo invadiu o ônibus completamente. Segundo diziam, íamos para Valledupar. Eu estava tranquilo, porque sabia que o meu julgamento ainda não tinha terminado e eu tinha ampla experiência com as autoridades judiciais. O ônibus empreendeu lentamente sua marcha,

22 Grupo de Reacción Inmediata (Grupo de Reação Imediata) é responsável por controlar rebeliões, assim como evitar que funcionários e visitantes sejam capturados como reféns. (N. E.)

com os membros do GRI dentro dele; logo virou em direção ao batalhão do Exército, e entramos em terreno militar. De longe, via-se o heliporto. Então, descansei, porque sabia que a Valledupar não chegavam helicópteros, e concluí que estava indo para Cómbita, em Boyacá.

Depois de cinquenta minutos de voo, comecei a vislumbrar o enorme e temido presídio de Cómbita, cercado de alambrado e guaritas de segurança. Um campo de concentração. Resplandecia imponente e moderno. Aterrissamos no heliporto da prisão e dali seguimos em um ônibus azul, que nos levou rapidamente para as mandíbulas do enorme monstro. Entramos na sala de Registros, que é um pequeno compartimento de não mais de quarenta metros, coberto com malha de aço. Finalmente, nos tiraram as horríveis algemas.

Sentei-me no chão, quando, surpresa!, apareceu o indesejável diretor de Valledupar, Pedro Germán Aranguren. Isso não foi uma boa notícia; era claro que estava no comando dessa prisão, usando a camisa do *bureau* de prisões norte-americanas. Olhamos um para o outro, mas nenhum de nós disse nada. Ao lado dele estava um norte-americano chamado Jerry. Como esperava, fui direto para o calabouço. O frio não era tão terrível como tinham descrito; inferno em terra fria não existia. O impacto da entrada não me afetou. Tive de passar com meus dedos cheios de tinta por uma médica em trajes civis, a quem estive a ponto de dizer que minha mãe sempre me disse que eu não devia falar com estranhos. Não obstante, ela mostrou-se amável, e eu decidi cooperar.

– Senhor Velásquez, caso algo aconteça, para qual número gostaria que ligássemos? – perguntou-me.

– Desculpe, doutora, por aqui existe algum cemitério? – respondi.

– Sim, claro, senhor Velásquez – respondeu-me, soltando a caneta.

– Então, por favor, me enterrem lá – disse-lhe, sarcástico, e não dei nenhuma informação extra.

Depois, tive de ir ao médico e ao dentista. Após essa breve recepção, chegou o pior: o maldito uniforme, igualzinho ao de Valledupar, para a foto. Algo dentro de mim dizia-me que, naquela oportunidade, eu não estaria só e que grandes coisas viriam para mim. Soube disso desde aquela noite estrelada em Valledupar, em que minha conexão com Deus e com o universo me mostravam uma luz de esperança e o meu caminho para a conversão. Aquela experiência era como uma repetição da história litúrgica de Daniel, na Babilônia, quando, em seu aposento, abria as janelas para ver Jerusalém e se punha a orar, deixando em seus olhos a divina esperança e a quietude espiritual.

Os helicópteros começaram a sobrevoar o presídio, prenunciando a chegada de grandes personagens e de grandes coisas. Os irmãos Rodríguez Orejuela, enfim, iriam para uma prisão de verdade. Isso era incrível – os chefes do Inpec estavam na prisão. Compreendi que algo novo estava acontecendo na Colômbia e isso me encheu de energia e esperança. Chegaram os irmãos Rodríguez Orejuela, Félix Antonio Chitiva, vulgo La Mica, Víctor Patiño Fómeque e mais dez narcotraficantes que estavam sob pedido de extradição. Os irmãos Rodríguez Orejuela, para a jaula. Eu estava pronto para a minha nova batalha, depois de ter saído com honras de Valledupar. Saí vivo, e isso era tudo o que contava. Eles, como sempre, com sua máscara de senhores e de boa educação, cumprimentaram-me, e eu correspondi. Sabia que minha presença não lhes caía nada bem.

OS RODRÍGUEZ OREJUELA PARA A BARBEARIA

O dia 13 de setembro de 2002 foi histórico – era o início do fim para os irmãos Rodríguez Orejuela. *Don* Gilberto vinha muito bem-vestido: calças italianas, sapatos de couro fino, camisa de marca e um excelente

relógio com ponteiro de ouro, o cinto de sua calça combinando perfeitamente com os sapatos. Aquela imagem me fez lembrar que, certa vez, Ángela María quis me vestir desse jeito. Os irmãos Rodríguez nunca usaram muitas joias. *Don* Miguel também estava vestido elegantemente, como seu irmão. Os cabelos perfeitamente bem tingidos; diria que até eram bonitos. Quando foram transferidos, não tinham ideia de aonde estavam indo, portanto não trouxeram cobertores nem nada. Cómbita era um golpe no fígado para a máfia.

O guarda entrou bruscamente e, com a lista em mãos, disse: "Rodríguez Orejuela, Miguel Ángel e Rodríguez Orejuela, Gilberto José". O barbeiro estava pronto. Aqueles chefões tinham a síndrome da morte de Pablo Escobar: acreditavam que todo empregado oficial estava em dívida com eles por terem dado baixa em meu *Patrón*. O guarda passou-lhes os dois uniformes completos e suas respectivas bolsas, para que guardassem sua roupa. Chegava a hora final. *Don* Miguel começou a brincar, a chutar e a maldizer. *Don* Gilberto, em troca, obedeceu e aconselhou seu irmão a fazer o mesmo. O mais velho dos Rodríguez já tinha experiência com esse procedimento porque já tinha estado preso na Espanha.

De lá, iriam direto para a barbearia. *Don* Miguel não quis passar, mas *don* Gilberto foi no ato; apenas pediu para lhe passarem a máquina número três, mas o guarda mudou para a número um. Apenas assim se via neste chefão o passar dos anos. De seu visual nobre de mafioso de 53 anos, agora passava a brilhar como um preso qualquer; e a verdade era que sua aparência estava péssima. Esse poderoso chefão era só roupa e cabelo. Os grandes da máfia estavam nus. A guarda, com seus escudos e suas armaduras de *robocop*, intimidaram *don* Miguel, pois já era a vez dele na cadeira do barbeiro. Ele pediu um corte de cabelo com tesouras, mas o barbeiro, mudo, passou-lhe a máquina número um. E o cabelo bem cuidado, que horas antes tinha

recebido um boa lavagem com xampu e finos bálsamos, foi para o chão miserável.

– Senhores, os relógios – disse-lhes uma voz.

– Que brincadeira é essa? – respondeu *don* Miguel, altivo.

– Senhores, por favor, seus relógios – insistiu o guarda.

Don Gilberto tirou-o e entregou-o, maldizendo; o mesmo fez *don* Miguel. De longe, via-se um fino Cartier e um Chopard entrando na bolsa. Acabou o espetáculo para mim. Conduziram-me à área de recepções e de lá ao calabouço. Deitei-me no colchão e devo confessar que me sentia feliz. O que meus olhos tinham acabado de ver era único, grande e irrepetível. Os Ochoa na temida Cómbita; para mim, era um paraíso e mais uma vitória em meu caminho.

A aventura em Cómbita não tinha começado tão mal. Chegou o primeiro almoço que estava decente ou, pelo menos, melhor que em Valledupar: arroz, lentilhas, frango frito e batata frita. Chegou em uma bandeja de plástico com compartimentos. Um pouco de água com sabor de fruta, e isso foi tudo. Estava à espera dos comentários dos irmãos Rodríguez Orejuela ao terem de comer sem talheres e saborear o mesmo que nós, mas sem sobremesa.

Meu calabouço era lindo. O vaso sanitário estava limpo, sem excrementos humanos, e o local tinha cerca de quatro metros quadrados, uma prancha de cimento, pia e torneira; a porta era normal, de metal, com uma pequena janela com barras. Tudo novinho. Não havia pernilongos nem moscas em lugar algum, muito menos animaizinhos que zumbiam. Era um clima frio, sim, mas muito mais sadio e suportável que o de Valledupar.

Eu já tinha me fortalecido com as carnes que Sotico tinha me dado. Agora, novamente a monotonia e o desasossego. Não tinha nada para fazer nem para ler, nem sequer um rádio para escutar algo. Em troca, tinha muito silêncio, o que me convidava a refletir.

O que estava acontecendo já era suficiente para mim. Sempre gostei de analisar e de pensar. Chegou a noite e fui dormir. Chegou o novo dia, e com ele a desagradável notícia: os guardas controlavam o chuveiro e molharam meu cobertor e meu colchão. Não havia nem uma mísera cortina de plástico para evitar que a água espirrasse em tudo. O café da manhã não estava nada mal: água quente com café, um pão do tamanho do punho de minha mão e um ovo quente.

UM PÁTIO NA PRISÃO DE CÓMBITA

Chegou o meu terceiro dia em Cómbita. A guarda era muito agressiva, mas eu estava forte. Ouvia-se um murmúrio de vozes no corredor. Era o diretor do Inpec, um general aposentado chamado Cifuentes, acompanhado de Aranguren e do capitão Toledo. Na medida do possível, coloquei a cabeça pelo estreito buraco da porta para chamar a atenção do general.

– General, general – chamei-o com voz forte.

– Quem é você? – perguntou-me, amavelmente.

– Sou eu, Popeye. Peço-lhe o favor de tirar meus companheiros dos calabouços, porque eles não aguentam, e deixe a mim.

– Amanhã serão levados à torre 6. Estamos terminando de adequá-la – respondeu de novo com amabilidade. Ele ia dar as costas, mas eu falei de novo:

– Senhor general, por favor, dê-nos uma hora de sol.

Ele ordenou ao capitão que passasse a nos levar.

Nossa cela estava bem distribuída. Dois compartimentos de cimento chumbados na parede. Eu estava em meu país, e briguei para ter a prancha do primeiro nível, pois era mais confortável. A prancha de cima era perigosa, não tinha anteparo, quem se movesse muito poderia cair no chão. Uma janela de quarenta centímetros

não garantia muito fluxo de ar para um espaço de cinco metros de comprimento por três de largura, mas, ao menos, havia um pouco de ar. Nossa cela estava localizada no terceiro andar. O pavilhão era grande, com capacidade para duzentas e quatro pessoas e com cento e duas celas, ao todo. Quando amanhecia, às cinco e meia, abriam as portas e os chuveiros. A água gelada ajudava a enfrentar o frio; isso era parte de minha nova batalha. Aquela água em Valledupar teria sido o maior tesouro.

Em chuveiros comuns, tínhamos de dizer adeus à intimidade; ali estávamos todos nus. Revezávamos de dois em dois no chuveiro: enquanto um se ensaboava, o outro se enxaguava. Tínhamos só dez minutos para tomar banho, e muitos de meus companheiros não o faziam por causa do frio.

Chegava o café da manhã, que, com o passar dos dias, foi diminuindo: dessa vez era aveia quente, um pão e uma rodela transparente de salsichão. O pátio, contudo, começava a cobrar vida. Alguns se envolviam em suas cobertas coloridas e punham-se a dar voltas ao redor do lugar. Não se via os Rodríguez Orejuela em nenhuma parte. Com certeza, estavam lutando para obter uma boa localização, além de outros benefícios e privilégios. Eu estava à espera de ver onde estava a igualdade e como Aranguren agiria diante daqueles poderosos chefões. Tranquilizava-me saber que os Rodríguez Orejuela, aparentemente, não tinham o governo ao seu lado; todavia, ainda conservavam bastantes senadores corruptos nas fileiras da política nacional.

Chegou a guarda, e todos tivemos de nos enfileirar para sermos contados. Pronto. Cinquenta e quatro. A guarda saiu e eu assumi o controle do pátio. Passei à frente e me dirigi a meus companheiros: "Senhores, hoje eu assumo o controle do pátio antes que cheguem outras pessoas inescrupulosas e o façam buscando seu próprio bene-

fício", disse-lhes. Todos me apoiaram. Organizei turnos para o telefone, a fim de evitar qualquer atrito entre nós; igualmente, organizei turnos para o banheiro, e seguimos adiante.

COMPARTILHANDO O PÁTIO COM OS RODRÍGUEZ OREJUELA

Um novo amanhecer, e com ele uma nova luta. Eram sete e vinte da manhã. De repente, explodiu uma grande confusão com golpes nas grades. O momento tinha chegado: entravam no pátio 6 da prisão de Cómbita os irmãos Rodríguez Orejuela, acompanhados de uns vinte pesos-pesados da máfia, procedentes do presídio de Palmira. Buonomo riu e disse algo premonitório: "Pope, vão extraditar esses velhos filhos de puta". Buonomo tinha um ódio enorme por ter cooperado no assassinato de Pablo Escobar. Eu guardava a minha dor dentro de mim, mas estava claro que Pablo já tinha morrido e que eu devia assumir a minha nova vida, a qual tinha começado no momento em que decidi deixá-lo e entregar-me à Justiça; uma nova vida que se confirmou em mim no dia em que eu soube que tinham assassinado meu *Patrón*. Agora, a vida me estava dando a oportunidade de ver como todos e cada um dos participantes de tantas guerras caíam, um por vez; cada um de uma maneira diferente, como se seu destino estivesse marcado por algum caminho em comum. Aqueles homens fortes e poderosos eram novamente trazidos ao meu destino, para que eu pudesse presenciar a sua queda. Os grandes chefões estavam diante dos meus olhos usando aquele odioso uniforme cáqui com suas listras laterais de cor laranja. Assim, eram vistos como seres insignificantes e desamparados.

Guerra é guerra, e eu devia aplicar uma de suas estratégias. Agora estava só, sem meu *Patrón*, sem meus companheiros de guerra,

sem meus amigos, sem minha família... sem nada além de meu espírito de guerreiro, que tinha se fortalecido no inferno com a tortura diária e em escassos dois meses de fortalecimento físico. Então, apliquei o que reza o velho ditado: "Se não pode com o inimigo, una-se a ele". Eu sabia que seu poder político e jurídico remanescente, incluída a Polícia, mais a sua fortuna, eram grandes fatores que permitiriam atravessar o sistema do novo Inpec.

Era o momento da contagem; todos na fila, como de costume. Ao terminar aquela rotina diária, eu soube que era o momento adequado. Passei à frente, dirigi-me a meus companheiros e, naquele mesmo instante, entreguei o controle do pátio aos irmãos Rodríguez Orejuela. Eles ficaram completamente surpresos com a minha atitude e aproximaram-se para me agradecer. *Don* Miguel, convicto de estar adquirindo novamente algum poder, tomou a palavra e fez um discurso aos réus, como sinal de aceitação. Reservei-me o direito de controlar o telefone, que, em uma guerra, é vital.

Um belo dia, aconteceu algo que só pode ter sido obra do destino. O guarda do turno chamou Miguel Rodríguez Orejuela e Jhon Jairo Velásquez Vásquez. Eu estava no telefone, cumprindo a minha tarefa, mas a deixei e fui imediatamente à grade. *Don* Miguel, com sua arrogância de homem mafioso, fez a guarda esperar. O funcionário sacou um de seus dispositivos de segurança e pôs uma algema em meu pulso esquerdo; assim que *don* Miguel apareceu, foi algemado imediatamente. Nós nos olhamos e começamos a rir. A vida é irônica; um dia tínhamos travado guerras mortais, tentando matar-nos um ao outro, e agora a vida quase nos fundia em um só, acorrentados por um par de algemas. Empreendemos nossa caminhada rumo à cabine de advogados, tentando fazer com que aquelas algemas de aço inoxidável não machucassem nossos punhos. Enquanto mantinha o ritmo da caminhada, pensava que havia um lugar em

que os bandidos sempre se encontram, sendo amigos ou inimigos, e que esse lugar não era outro senão a prisão ou o cemitério, onde, de um lado, nosso corpo se vê privado de liberdade, bens, honra e vaidades, mas, por outro, nossa alma se enche de aflições, desesperança e escuridão.

XIII

O fim dos irmãos Rodríguez Orejuela

Don Miguel começou a romper o rígido regime da prisão. Entrou com um pequeno rádio transistor, que eu guardava para ele à noite, aproveitando para escutar música e notícias. *Don* Gilberto não intervinha muito, porque pensava que em pouco tempo receberia sua liberdade. A cada dia, minha relação com os irmãos Rodríguez Orejuela melhorava. O presídio abriu uma lojinha, e isso melhorou nossa comida. Agora, podíamos comprar algumas coisas com o dinheiro que nossas famílias depositavam em nossas contas para prisioneiros. A lojinha estava a cargo de um civil, que *don* Miguel abordou imediatamente, de modo que conseguiu abrir uma brecha na rígida estrutura da prisão: agora, podia-se conseguir ali embutidos e doces. Com o mesmo sistema, pouco a pouco, *don* Miguel foi abrindo espaço na temida Cómbita. Mas devíamos enfrentar ainda outra batalha: a visita. Esta, a princípio, era alternada – homens em um fim de semana e mulheres no seguinte, por um período de quatro horas –, e a visita íntima era a cada quarenta e cinco dias,

por uma hora. Os Rodríguez estavam acostumados a receber suas visitas todos os dias, das sete da manhã até oito ou nove da noite, tempo no qual suas mulheres, esposas, namoradas, filhas e irmãs entravam como princesas, sem sequer serem tocadas ou revistadas. Mas o novo Inpec tinha normas: visitantes mulheres não podiam usar roupa preta; nada de sapatos ou tênis, apenas chinelos; sutiã sem aro; cabelo completamente solto; nenhum tipo de joia; e, o pior, tinham de mostrar suas partes íntimas, que uma guarda verificava usando uma luva de látex para o tato vaginal. Além disso, o pátio de visitas ficava longe das torres.

A PRIMEIRA GREVE EM CÓMBITA E MEU TRABALHO COMO FAXINEIRO

Chegou o dia da visita. Eu não saí da minha cela, mas oitenta e cinco de meus companheiros saíram, para voltar furiosíssimos, provocando a primeira greve na prisão de Cómbita. Como ato de protesto, não nos deixamos aprisionar pelo guarda e dono da televisão e do telefone, e também não nos deixamos contar. Então, vieram o diretor do presídio e o capitão Toledo, que até então não tinham se manifestado, argumentando que as mulheres não eram tocadas fisicamente, exceto quando o detector de metais Garret acusava a presença de algum metal; então, segundo a versão dos oficiais, as mulheres eram conduzidas a um quarto particular para serem revistadas. Só ali se praticava o tato vaginal. Os Rodríguez, que sempre tinham vivido em uma bolha presidiária, ignoravam como era uma prisão de verdade. Até agora, em suas vidas, nunca tinham sido tocados; desconheciam até que em La Modelo essa era uma prática comum. A discussão terminou quando Aranguren informou que os norte-americanos estavam trazendo uma cadeira que detectaria os

metais e, portanto, as senhoras não teriam de mostrar sua roupa íntima. De igual maneira, disseram que, para evitar o contrabando de drogas, iriam trazer cães farejadores.

Dia a dia, eu valorizava mais as coisas pequenas que a vida me oferecia. Agora, estava recuperando a liberdade de usar a roupa que eu queria, e não o odioso uniforme que me impunham. Poder usar um moletom bonito e tênis confortáveis era genial. Minha cela também começava a cobrar vida. Um belo cobertor de cores chamativas contrastava com o feio cinza do cimento, mais dois travesseiros de pluma e um lençol branco ajustável ao meu colchão. Tudo isso era uma felicidade.

Obtive um tesouro: fui nomeado faxineiro. O trabalho era duro, mas significava seis meses de desconto por ano. Essa ostensiva redução de pena já era um grande alívio e uma esperança, cada vez mais firme, de que algum dia voltaria a ser um homem livre de corpo e espírito. Agora, meus anos restantes estavam se transformando em dezoito meses. Contudo, meu processo judicial era muito complexo, e eu estava quase certo de que a juíza de Bogotá acabaria me condenando. Nesse momento da minha vida, eu já estava atrás das grades havia onze anos.

DOCUMENTO DE LIBERDADE PARA GILBERTO RODRÍGUEZ OREJUELA

Chegou o documento de liberdade de *don* Gilberto Rodríguez Orejuela. A direção do presídio emitira um conceito favorável de conduta e lhe outorgaram liberdade condicional. O juiz de execução de penas leva muito em conta o conceito de boa conduta para ordenar esse grande benefício. *Don* Gilberto tinha um comportamento exemplar; além disso, tinha se graduado em Filosofia

enquanto estava na prisão. Era um preso modelo. Aos 56 anos, um pouco obeso e de andar lento, ele saía rumo à sua bela Cali, cheio de dinheiro e ainda com certo poder político. Sempre cobriu seu perfil criminal tendo, como fachada, suas empresas: um banco no Panamá, o Banco dos Trabalhadores na Colômbia, a propriedade de um grupo de radiodifusão colombiano em parceria com seu irmão Miguel, além de uma rede imensa de drogarias, chamada Drogas La Rebaja, que operava em todo o país. *Don* Gilberto orgulhava-se de ser um empresário. Também com seu irmão, era dono de laboratórios lícitos para a produção de medicamentos que forneciam às suas próprias drogarias, controlavam empresas de segurança e eram donos e senhores da equipe de futebol América de Cali. Suas mãos estavam cheias de sangue sem disparar um só tiro. Agora, ele abraçava a liberdade.

A DEA, o governo colombiano e a embaixada norte-americana ficaram em alerta. O ministro do Interior e da Justiça, Fernando Londoño Hoyos, um funcionário linguarudo e bruto como ele só, veio para cima. Disse logo que não o libertaria e acusou o juiz Vacca de ter sido advogado dos Rodríguez no passado. O juiz declarou-se em pé de guerra, apoiado por muitos de seus colegas. Então, o ministro atacou o diretor do presídio, Pedro Germán Aranguren Pinzón, acusando-o de corrupto e vendido. O ministro disparava seu arsenal de palavras a torto e a direito. A Promotoria foi abordada pela DEA, enquanto a embaixada norte-americana tentava abrir um novo processo contra *don* Gilberto, mas este não ficou de braços cruzados, porque já tinha a postos seu batalhão de advogados.

Fui transferido com *Don* Miguel para a torre 1, tendo de me despedir de Buonomo, Gerardo, Cristóbal e meus outros companheiros de pátio. Lá, a população era difícil; gente dura, acostumada a brigar com faca, e nem *don* Miguel nem eu éramos versados nessa

arte; conhecíamos apenas a arte da guerra com tiros. Tranquilizei *don* Miguel e lhe disse que buscaríamos aliados, que ele só tinha de assinar o cheque e que eu me encarregaria do resto. Naquele momento, compreendi que tinha me tornado o novo lugar-tenente de *don* Miguel. Assim é a guerra. Chegaram ao pátio 3 alguns guerrilheiros, entre eles Yesid Arteta, que vinha transferido de Valledupar. Logo que chegou, Yesid assumiu o controle do pátio 3, enquanto Robinson tomou o controle do pátio 5.

CARLOS CASTAÑO TENTA VOLTAR À LEGALIDADE. O GRANDE SONHO DOS DELINQUENTES

O novo presidente começou a conversar com os paramilitares. Carlos Castaño continuava tentando apagar todos os vestígios da bomba da aeronave da Avianca. Para isso, ordenou o assassinato de Cuco Zabala, o engenheiro que aprendeu da ETA o manejo de explosivos e a quem Castaño levou ao seu exército quando os Pepes derrotaram o cartel de Medellín. Carlos Castaño encaminhava-se para a legalidade. Já era um homem arquimilionário, com terras por toda a parte e dólares aos montes, tudo produto do narcotráfico. A clandestinidade já não era para ele. Não obstante, seu espírito era de mercenário. Sua esposa, Kenia Gómez, foi pacientemente conduzindo Carlos para fora da violência. Mostrou-lhe o calor de um lar: com seus 37 anos, tinha tudo, menos tranquilidade.

No afã de associar-se aos norte-americanos e conseguir uma boa negociação, Castaño começou a entregar todos os narcotraficantes de Medellín. Mas esquecia-se de um pequeníssimo detalhe: os norte-americanos sabiam perfeitamente que ele era terrorista, assassino, narcotraficante, sequestrador e, além disso, um grande mentiroso. Não era um terrorista qualquer; estava implicado na

explosão da Avianca. Sabiam que ele era um autêntico traficante. Ao que parece, o único que não sabia, ou que não queria saber, era ele mesmo. Aferrou-se desesperadamente à DEA, buscando uma saída para si. As negociações iam muito bem, bem demais, mas havia algo a se considerar: a extradição. O único guerreiro que conseguiu derrubá-la estava morto e bem morto, e Carlos Castaño Gil tinha ajudado a matá-lo.

O DESTINO FINAL DOS RODRÍGUEZ OREJUELA: A EXTRADIÇÃO

Don Miguel sentia-se confortável no pavilhão. Ajudava os rapazes, dando-lhes de presente cartões telefônicos e moletons, fornecia dois ônibus para o transporte de visitantes dos detentos, abriu uma lojinha para todos, conciliava os companheiros quando havia diferenças entre eles – ou, em última instância, fazia o conflitante ir para outro pátio –, criou normas de convivência e, com sua equipe de advogados, prestava assessoria jurídica aos rapazes. A limpeza do banheiro estava em ordem, e até organizamos um desarmamento de punhais e os entregamos à guarda. Tudo era harmonia. Na rotina diária, o mesmo de sempre. Nós nos exercitávamos juntos, caminhávamos em torno de uma hora, a passos largos. O vaidoso velho passava bronzeador e deitava-se no pátio, sobre uma toalha, para tomar sol. Como era hipocondríaco, tomava vários comprimidos: um para lidar com o estresse, porque ele tinha muita dor de cabeça, outro para dormir, mais outro para o caso de haver um princípio de gripe, vitaminas a toda hora, e, além disso, limpava muito bem o telefone antes de usá-lo, para evitar alguma infecção, tomava comprimidos para a rinite que o frio lhe causara e um comprimido extra, caso alguém tivesse má sorte e isso fosse contagioso.

Um belo dia, eu estava limpando o chão e ele falando ao telefone. Quando passei com o esfregão, imediatamente o nariz dele começou a sangrar. Ele irritou-se muitíssimo e, no ato, me disse para parar de limpar. Incomodava-se quando a televisão estava em volume muito alto, e também se aborrecia quando os rapazes acariciavam suas parceiras e faziam amor no pátio, embaixo de cobertores, apesar de ele ser um homem mulherengo e ousar dizer que sempre havia tido as mulheres mais belas. Chorão como ele só, soltava lágrimas por tudo; o velho chorava até se despedindo de avião de carga. Em um dia de visita, suas filhas foram vê-lo, e ele me perguntou o que eu achava delas. Disse-lhe que eram lindas, e o velho me soltou essa pérola à queima-roupa:

– Então, Mompi, naquele dia em que você estava indo me levar para casa, ia matá-las?

– Não, não, *don* Miguel. A ordem era bem clara – respondi imediatamente. – Só devíamos disparar em seus guarda-costas e executar você. Veio-me também à memória o dia em que, na prisão, ele mesmo me mostrou o endereço de minha ex-esposa, Ángela María, que já estava na fila para ser assassinada.

Perto daquela mesma casa, tínhamos detonado um carro-bomba na passagem da caravana, e nada aconteceu ao velho. Um dia, fomos almoçar e vimos na televisão *don* Gilberto em um show de Carlos Vives, em plena Feira de Cali. O poderoso homem estava feliz, só que sua felicidade seria manchada, porque um coronel da polícia estava respirando em sua nuca.

Estávamos na frente da televisão quando, de repente, entrou um noticiário extra: Gilberto Rodríguez Orejuela tinha sido preso pela Polícia em Cali e ia ser extraditado. O sorriso de *don* Miguel acabou-se imediatamente. Eu me alegrei e, da minha alma, felicitei Buonomo; ele tinha razão. Agora, esses chefões de chefões, os mesmos

que um dia financiaram a morte daquele que se atreveu a desafiar todo um Estado para não permitir a extradição, iam ser extraditados. Apesar de os planos jurídico e político não serem compatíveis com a extradição, o plano político resolveu sua reforma conforme o acordo de extradição firmado em Washington, fato que Pablo, em sua sagacidade, descobriu a partir de sua carreira como político e, em seguida, fez uso do poder de fato, e não do jurídico. Agora, aqueles grandes chefões da droga estavam sendo vítimas de sua falta de patriotismo. Iam ser extraditados. No ato, a guarda levou *don* Miguel para o presídio de Girón, em Santander, e notificaram-no de que seria extraditado. Toda uma mudança de rumos. *Don* Gilberto voltou a Cómbita. Aquele golpe foi demasiado duro para os irmãos Rodríguez; o mais duro de todos, sem sombra de dúvida.

Eu me sentia privilegiado por estar vivo e saudável; o destino, por alguma razão, tinha me trazido àquele lugar e momento: o que meu *Patrón* não pôde ver, veria eu; eu seria os olhos dele naquele momento. Sua causa sempre tinha sido a nossa causa. Cada vez mais, a luta dele contra a extradição fazia sentido para mim. Nessa longa reclusão dentro das prisões colombianas, pude ver como cada um deles, do menor até o maior chefão de chefões, devia deixar nossas terras para ser julgado em terras estrangeiras por tráfico de drogas. Lá, ninguém teria as prerrogativas nem os benefícios que a Colômbia lhes dava. Eu desfrutava daquilo lenta e ansiosamente.

Tão logo chegou, *don* Gilberto teve de ser levado à enfermaria do presídio, porque a notícia disparou de imediato sua pressão arterial e ele começou a ter problemas com o coração. Um belo dia, encontreio-o nas cabines dos advogados. Já não era o mesmo, e soltou-me essa pérola, com lágrimas em seus olhos: "Popeye, Pablo Escobar tinha razão, a extradição é mortal!". Nunca me esquecerei daquelas palavras. E concluiu com o seguinte: "Todas as noites rezo pela alma

de Pablo". A saúde do poderoso chefão de chefões se deteriorava dia após dia. A notícia de sua extradição fora um golpe duríssimo, ele não estava preparado para recebê-la. O declínio final aparecia mais próximo no horizonte.

Os irmãos Rodríguez Orejuela, diante da iminente extradição, tinham de mostrar toda a sua capacidade estratégica. Lá se veria quão bom jogador era *don* Gilberto, o Enxadrista, como alguns o chamavam. Começaram a organizar suas fichas para desferir um golpe de mestre no inimigo; buscavam novamente a liberdade e ainda tinham o apoio de vários congressistas corruptos. Buscavam diminuição de penas para todos os presos. A jogada deles não podia ser muito evidente, por isso eles queriam trazer o papa à Colômbia. O valor cobrado pelo Vaticano foi de dez milhões de dólares. Essa difícil tarefa foi delegada ao venezuelano Fernando José Flores Garmendia, o Gordo, narcotraficante conhecido e sócio dos irmãos Rodríguez Orejuela. A jogada parecia ser boa. Se o papa viesse, haveria um desconto enorme de penas. Logo, com a ajuda de seus políticos corruptos, eles ficariam novamente limpos e continuariam desfrutando de suas enormes fortunas. Até aí, tudo perfeito.

Como era costume dos irmãos Rodríguez Orejuela, nunca tiravam de seus cofres o dinheiro para esse tipo de negócio. Então, lançaram um carregamento de cocaína de três toneladas para financiar sua jogada de mestre. Contudo, o Gordo foi interceptado pelos norte-americanos, sua mercadoria foi apreendida e ele foi preso. De início, o traficante foi enviado ao presídio Modelo, ao pavilhão de alta segurança, mas ele não resistiu à pressão e começou a delatar os Rodríguez Orejuela. Decidido a colaborar com o governo dos Estados Unidos, tornou-se a principal testemunha contra os irmãos, como poderia provar com suas constantes visitas a La Picota, além

dos carregamentos de cocaína que haviam enviado aos Estados Unidos. Lá permanecerão em suas celas por muitos anos ou mesmo até a sua morte. Não poderão usar seu poder, mas se lembrarão de meu *Patrón* todos os dias de sua vida, por não o ter apoiado em sua luta contra a extradição. Agora vão compreender porque é melhor um túmulo na Colômbia a uma prisão nos Estados Unidos da América. Isso aconteceu com eles por serem traidores da pátria. Adeus à sua família, adeus às belas mulheres, adeus à Feira de Cali e seu desperdício de dinheiro, adeus ao América de Cali. Adeus, adeus aos irmãos Rodríguez Orejuela.

XIV

O paramilitarismo, dono e senhor da pátria

MUDANÇAS DE COMANDO EM CÓMBITA

Sob o mandato do presidente Álvaro Uribe Vélez, os paramilitares começaram uma nova tática de guerra por meio dos diálogos de paz e desmobilização. Aproximaram-se das palavras e diminuíram as balas. Tudo ia bem. Controlavam trinta por cento do senado e sessenta por cento das terras na Colômbia. Arauca, Meta, Putumayo, Choco, Urabá, Casanare, Antioquia, Córdoba, La Guajira, César, Atlántico e Sucre. Cidades como Medellín, Valledupar, Barranquilla, Santa Marta, Bogotá, Montería e Dorada estavam nas mãos dos paramilitares. Eles eram os novos reis de reis, desfrutando de todo poder e dinheiro provenientes do narcotráfico e da extorsão. A diferença em relação ao passado era que, agora, esses grupos armados gozavam do reconhecimento e do consentimento público, tanto que possuíam acesso aos noticiários de televisão e rádio, e estavam cada vez mais próximos do mundo da política colombiana.

Da prisão, com meu super-rádio, eu era uma testemunha silen-

ciosa de toda a negociação que o governo do doutor Uribe Vélez fazia com os paramilitares. Seus soldados particulares enchiam diariamente as celas do presídio, e assim tudo começava a se encadear. Pouco tempo depois de as negociações terem se iniciado, chegavam à prisão os primeros resultados: muitos dos paramilitares presos seriam libertados, recebendo os benefícios das novas leis promulgadas pelo governo. Tudo muito bonito. A esperança rondava as celas de Cómbita.

Fui transferido da torre 1 para a torre 2, onde fui recebido por Sotico. Ao entrar no pátio, e depois de tê-lo delegado ao extraditável *don* Miguel, fiquei com toda a responsabilidade, o que me deixou muitos problemas com a guarda e os companheiros depois da sua liderança. Minha estratégia nesse novo lugar, dadas as condições daquele momento no país, seria obedecer tranquilamente aos paramilitares, que tinham o controle do pátio.

A MORTE DE CARLOS CASTAÑO: SOMBRAS, TRAIÇÃO E GUERRA INTERNAS NO PARAMILITARISMO

Cómbita estava se tornando uma prisão como todas: droga, armas, contrabando, fraudes e enganações da guarda. O dia de visita era o momento ideal. A droga entrava no estômago das mulas, que a engoliam em saquinhos de látex; outras pessoas entravam com laxante, para expeli-las, e então o prisioneiro, depois de lavar muito bem os saquinhos, as engolia para vendê-las no pátio ao final da travessia. Os paramilitares tinham proibido a entrada e a venda de narcóticos, o que complicava um pouco as coisas. O negócio das drogas crescia nos pátios da prisão de Cómbita, assim como em todo o país. Chegava a época do microtráfico. Para evitar serem capturados, eles enfiavam a droga no ânus, assim como faziam com

as facas, que eram previamente colocadas em um tubo de plástico.

Fui informado de que Jorge Luis Ochoa tinha dado a ordem para me assassinarem e que um político estava metido nisso: tratava-se de Alberto Rafael Santofimio Botero, senador da República e candidato à presidência. Essa aliança era mortal para mim. Eu não podia me deixar assassinar por eles, tampouco podia deixar que a monotonia da prisão me matasse. Um belo dia, aproximou-se de mim um paramilitar que disse: "*Don* Popeye, me permite um minuto?". Eu, cordialmente, disse-lhe que sim. Pediu-me um cartão telefônico e me soltou essa bomba: "É que mataram Carlos Castaño e meu cunhado estava com ele, mas agora não aparece; minha irmã está muito preocupada, e eu preciso falar com o Mono Leche". Fiquei gelado.

Tirei de imediato dois cartões de vinte mil pesos e dei-os a ele, mas acompanhei-o até o telefone. Eu necessitava de informações precisas sobre essa boa-nova. A notícia saltou nos meios de comunicação, onde disseram que havia dois sobreviventes do ataque. A Polícia e o Exército os tinham protegido e tirado da área. La Vaca e Tigre contaram tudo. Eu estava estupefato e agradecido a Deus, porque, novamente, sem mover um só de meus dedinhos, via como estava ganhando uma de minhas mais duras batalhas.

Carlos Castaño tinha sido assassinado pelo próprio irmão. Por quê? Fácil: Carlos Castaño Gil tinha feito um acordo com os norte-americanos. Estava de partida para o Panamá e de lá iria rumo aos Estados Unidos, para se tornar a testemunha principal contra Macaco, Jorge 40, Mancuso, *don* Berna, Miguel Arroyave, Diego Vecino, Rogelio e todos os mafiosos de Medellín; contra Rasguño e Cuco Vanoy; ainda, contra políticos, empresários, policiais e militares, e, por fim, contra seu próprio irmão. O desmantelamento total das estruturas narcoparamilitares da Colômbia em troca de uma

vida cheia de conforto e aconchego. Esse homem poderia despertar uma verdadeira hecatombe. Os paramilitares culpavam Kenia da mudança sofrida por Carlos.

O presidente da Colômbia enviou o doutor Luis Carlos Restrepo, Alto Comissário para a Paz, para confirmar a morte do chefe paramilitar. O próprio Vicente Castaño, seu irmão, confirmou a notícia, dizendo que tinha sido um lamentável acidente pelo enfrentamento entre os dois grupos de escoltas, e tudo ficou como um típico caso de fogo amigo. As negociações de paz continuaram em Santa Fe de Ralito, ignorando o que havia acontecido dentro da cúpula paramilitar.

Caminhei pelo pátio, pensando que, agora, a vida me tinha dado um novo presente. Descansava eu, descansava o DAS, descansava o Exército, descansavam os políticos, a máfia, os paramilitares, a DEA e muitos outros mais. Com a morte daquele homem, também morriam os maiores segredos, as maiores infâmias e os maiores massacres cometidos na Colômbia, assim como morria sua pior fraqueza: a covardia. Entre seus maiores magnicídios estavam o do doutor Álvaro Gomez Hurtado; os vínculos que estabeleceu com o DAS para o assassinato do doutor Luis Carlos Galán; a explosão da aeronave da Avianca; o assassinato de muitos líderes de esquerda, como os doutores Bernardo Jaramillo, Carlos Pizarro Leongómez, Jaime Pardo Leal e José Antequera; a tentativa de assassinato do presidente da Colômbia Ernesto Samper Pizano; mais o dos dirigentes do partido político Unión Patriótica. E que dizer dos milhares de camponeses que tinham sido despojados de suas terras e de suas raízes, mortos ou deslocados para as cidades pela violência; aqueles humildes homens e mulheres que tiveram de trocar suas enxadas por potes plásticos e tornar-se pedintes em qualquer semáforo das grandes cidades da nação.

O PARAMILITARISMO DEPOIS DE CARLOS CASTAÑO

Vicente Castaño Gil abriu seu caminho para a negociação com o governo quando se deu a parte mais dura de sua vida: ordenar o assassinato do próprio irmão. Mancuso tomou a iniciativa sob o controle de *don* Vicente; então se reuniram na área de Córdoba, já protegidos legalmente pelo Exército e esperando firmar o acordo de paz. Ali mantiveram suas tropas e armas como escudo de defesa. Submeteram-se a esse acordo convencidos de que o presidente Álvaro Uribe Vélez já se comprometera com a não extradição e, portanto, aquela não seria uma de suas preocupações.

Eu permanecia em minha luta, ganhando, incrivelmente, uma batalha depois da outra. A batalha com os Rodríguez tinha sido gloriosa, a batalha com Carlos Castaño tinha sido apoteótica, mas, em minha mente, permanecia a batalha que eu deveria travar com Jorge Ochoa, Alberto Santofimio Botero e Leónidas Vargas. O mais importante era que meu espírito de guerreiro seguia firme como sempre. O pátio era controlado por Chiqui, um paramilitar justo e feroz, acompanhado de seus dois irmãos, Muñeco e Hugo. Chiqui zombava de mim e me via como um guerreiro vencido, pois tinha sido parte dos Pepes quando era aliado do paramilitar Carlos Castaño.

O PRIMEIRO MOTIM EM CÓMBITA

O país se mantinha em um maremoto de acontecimentos. De repente, algo quebrou a monotonia carcerária: fomos atacados pelos guardas. Nosso oxigênio e maior contato com o mundo exterior eram os cartões telefônicos, e aquele era nosso ponto fraco. Então, deixaram-nos isolados, sem cartões por quase cinco dias; os poucos que chegavam se tornaram um problema de disputa entre uns e

outros. Chiqui, como líder do pátio, exigiu uma explicação, e a resposta foi que a Telecom não estava em condições de proporcioná-los. Quando foi verificar, soube que a prisão não estava pagando o serviço, razão pela qual a companhia telefônica teve de cancelar o fornecimento de cartões à prisão. Ao mesmo tempo, a Telecom confirmou a Chiqui que eles possuíam caixas e caixas de cartões, pois esse era o seu negócio. Presos de vários pátios declararam desobediência e negaram-se a ser contados. Enquanto a guarda se preparava para o ataque, os paramilitares também o faziam, arremessando garrafas d'água e canecas do lixo de um terracinho que ficava sobre a única entrada do pátio.

Às dez e meia da manhã, a guarda posicionou-se nos terraços que ficavam em cima das celas para apontar os lança-gases em nossa direção. O capitão deu a ordem de ataque e o inferno começou. Canecas cheias de dejetos foram lançadas sobre os guardas que entraram no terraço e começaram a disparar como loucos as granadas de fumaça, enquanto os outros desciam o cacete em todos que encontrassem pela frente. Um caos total. Em não mais de quinze minutos, nos rendemos. A fumaça era brutal, foram mais de dezoito granadas de fumaça lançadas nesse curto espaço de tempo. Muitos de meus companheiros desmaiaram, enquanto eu aplicava a técnica de respirar muito devagar para não tragar tanto gás.

O saldo final do espancamento foi cinquenta e dois prisioneiros e três guardas feridos. A torre 3 entregou-se sem sequer lutar, porque viu quão sangrenta tinha sido a investida contra nós e isso os assustou.

AS CONSEQUÊNCIAS DO PRIMEIRO LEVANTAMENTO EM CÓMBITA

Meu rosto ficou completamente inchado, tiveram de imobilizar minha mandíbula e fiquei com uma dor fortíssima no ouvido interno.

Foi tão tremendo o espancamento que até um pastor que pregava a Palavra de Deus foi brutalmente golpeado pelo cassetete de algum dos guardas, marcando-lhe as costas. Relatei essa brutalidade aos meios de comunicação, e eles, por sua vez, chamaram a Procuradoria Geral, que é a entidade responsável por vigiar os empregados públicos na Colômbia, que receberam a denúncia. Aproximaram-se da prisão e constataram nossos ferimentos. A guarda tentou proteger-se, levando-nos à enfermaria, mas lá não nos deram nada, nem mesmo uma aspirina.

Nem tudo o que aconteceu depois da revolta terminou tão facilmente para mim. Em represália à denúncia que fiz à mídia, o diretor, muito cínico, enviou-me aos calabouços. Mas nada me importava, pois eu tinha por companhia meu bom e fiel rádio, meus bons cobertores, meus belos moletons e meus caderninhos para, em minha solidão e confinamento, continuar escrevendo meu livro.

O Ministério Público abriu uma investigação contra a guarda, apoiada pela Procuradoria Geral e pela Defensoria do Povo. Foi apenas naquele momento que a guarda compreendeu que estávamos em território colombiano, e que os norte-americanos imperialistas não os protegeriam da Justiça da nossa nação. Os norte-americanos os tinham instruído quanto ao uso da P 91.4, mas, com seus padrões morais duplos, nunca os ensinaram nada sobre os direitos humanos, a mesma situação vivida em Valledupar.

A Promotoria exonerou os guardas, mas a Procuradoria Geral e a Defensoria do Povo obrigaram a reconciliar-se conosco, para que os erros de ambas as partes fossem reconhecidos. Então, Cómbita iniciou uma nova etapa sem escorpiões, sem molhar os presos e seus míseros pertences e sem surras injustificadas, tendo como regra principal o diálogo entre as partes.

XV

O desarme paramilitar

A DESMOBILIZAÇÃO PARAMILITAR E OS PLANOS SECRETOS DO GOVERNO E DA DEA

O país já estava polarizado pela negociação dos paramilitares, alguns estando a favor e muitos, contra. Enquanto no Congresso se assinava a Lei de Justiça e Paz, os acordos sustentavam que os paramilitares não teriam de cumprir mais de oito anos de cárcere e que deveriam compensar suas vítimas. A parte mais complexa da lei era que eles deviam dizer logo toda a verdade sobre suas ações. Seu porta-voz político, Ernesto Báez, gritava aos quatro ventos, em inflamados e eufóricos discursos, que eles não cumpririam nem um único dia de cárcere.

Eu, a distância, apenas me perguntava: "E quanto à extradição?".

A entrega de armas foi um total desperdício de poder. Esse grande circo era acompanhado pelos meios de comunicação, que cobriam a função central como parte do sistema midiático característico do governo do momento. Fuzis de todo tipo, pistolas, revólveres, granadas de mão, munição abundante, metralhado-

ras M-60, lança-granadas e helicópteros: um imenso arsenal, próprio de uma guerra civil nunca declarada. Os governos colombiano e norte-americano, juntamente com a DEA, ganhavam o primeiro *round*.

Pretendia-se mostrar para o mundo que a negociação era séria. Os paramilitares moviam-se por todo o país escoltados por funcionários e caminhões do governo colombiano. Entretanto, a DEA, que continuava vigiando cada um de seus movimentos, estava vendo como aqueles que agora se diziam grandes salvadores da pátria deslocavam-se a diferentes centros comerciais e grandes restaurantes, onde iam deleitar seu requintado paladar e fazer uso de suas grandes contas bancárias. Os chefes paramilitares, literalmente, evitavam o contato com a sociedade.

O governo e a DEA começaram a mostrar seus propósitos reais. Reuniram-se com os paramilitares em uma grande vila para discutir o futuro desses grupos armados irregulares e seus homens. Os paramilitares estavam pensando em se tornar um importante partido político, e assim conseguir posições no senado.

Eu escutava, e continuava me perguntando: "E quanto à extradição?".

Esse assunto permanecia no ar. *Don* Vicente Castaño não compareceu à reunião marcada pelo governo. Surpreendentemente, os chefes paramilitares foram cercados por um enorme grupo de policiais e enviados a uma prisão em La Ceja, na Antioquia. Tiveram seu primeiro susto. Não obstante, continuavam confiantes, porque, naquela prisão, contavam com um regime especial: rodeados de boa comida, telefones, televisões, visita diária, tudo excelente. Ali, sentiam que ainda estavam no poder.

RODRIGO GRANDA, UM INIMIGO DA COLÔMBIA, EM CÓMBITA

Em meio a todos esses movimentos, a administração do presídio de Cómbita descobriu um plano para me assassinar juntamente com Carlos Alberto Oviedo Alfaro, ex-congressista, advogado de Pacho Herrera e amigo pessoal de Pablo Escobar. O presídio tomou medidas imediatas e tirou-nos da torre no ato. Fui levado ao pavilhão de Recepções, o mesmo lugar em que pisei pela primeira vez quando vinha transferido do presídio Modelo, de Bogotá, e para onde eram levados os prisioneiros que necessitavam de maior segurança. Como um bom sinal, fui levado para a cela 1, onde também tinha passado minha primeira noite em Cómbita, mas me trataram extremamente mal. Como consequência e parte da operação midiática, começou a se espalhar o comentário de que Popeye tinha se tornado dedo-duro.

No pavilhão de Recepções encontrava-se Rodrigo Granda Escobar, conhecido como o chanceler das Farc. Aquele homem era realmente desprezível, o ódio exalava por cada poro de sua pele. Granda amava Cuba com toda sua alma e detestava ter nascido na Colômbia, e, de igual forma, mostrava um ódio visceral por suas instituições. O chanceler das Farc rejeitou sumariamente a minha chegada ao recinto, como também o fez Julio López López, vulgo Ojitos, que era lugar-tenente de Varela. Granda já sabia que eu tinha falado da relação dos irmãos Castro com Pablo Escobar e de como aqueles poderosos cubanos de esquerda traficavam narcóticos.

Naquele momento, o pavilhão de Recepções também abriu as portas para um novo e importante hóspede: o comandante guerrilheiro do Bloco Caribe, senhor Juvenal Ovidio Ricardo Palmera, vulgo Simón Trinidad. Esse reconhecido personagem ocupou a cela 6, enquanto Rodrigo Granda ocupava a 12. Quando já estavam a

ponto de ser extraditados, foram confinados em reclusão total. Nas manhãs, saudavam-se aos gritos: "Quem vive?", gritava Granda, ao que Simón Trinidad respondia: "Simón Bolívar, camarada!". Em suas conversas, Granda era alegre, zombando da desgraça dos norte-americanos com o atentado de 11 de setembro de 2001. Todas as manhãs, gritava a plenos pulmões: "Caíram as grandes!", fazendo referência às Torres Gêmeas, e soltava uma grande gargalhada. Também caçoava do presidente Álvaro Uribe Vélez, quando dizia que a cobra estava viva.

Granda cometeu um erro crasso ao desafiar a doutora Imelda, a dama de ferro e diretora de Cómbita. Na mídia internacional, já se falava da relação dos irmãos Castro com Pablo Escobar e em como eles emprestavam suas pistas para a aterrissagem de aviões cheios de cocaína, para, em seguida, distribuir a droga em lanchas rápidas, que iam direto para os Estados Unidos. Essa notícia enfureceu muitíssimo mais o guerrilheiro, que só via pelos olhos dos Castro. Dominado pela raiva que o caracterizava, Granda encontrou a diretora do presídio no pátio. Todos nos sentamos em volta, em sinal de respeito, e Granda fez um discurso, para, depois, exigir da diretora que eu saísse.

– Popeye vai embora ou vou eu! E para isso lhe dou até amanhã! – arrematou.

– Amanhã você terá a solução para o seu problema – disse-lhe ela, olhando-o séria, enquanto se levantava da cadeira.

A doutora, de maneira muito inteligente, chamou-me discretamente para indagar o que estava acontecendo. Respondi-lhe que eles estavam muito incomodados comigo pelo que eu tinha escrito em meu primeiro livro a respeito do tráfico de drogas dos irmãos Castro com Pablo Escobar. A doutora Imelda olhou-me calorosamente e disse-me para, por favor, não ir brigar.

Voltei à minha cela para esperar um novo amanhecer. O dia estava resplandecente e prometia uma grande surpresa. Às dez da manhã, entrou no pátio a capitã Miriam. Granda estava escrevendo alguns documentos na mesa, quando ela dirigiu-se a ele e lhe disse *ipso facto*:

– Rodrigo, por favor, arrume suas coisas, que você vai ser transferido.

Aquele decrépito homem me olhou, sorriu, e convidou a capitã a se sentar.

– Rodrigo, não estou brincando – insistiu ela, já em tom autoritário. – Por favor, arrume suas coisas, que você vai ser transferido.

Eu olhei para ele com desprezo e ele desviou o olhar. Já estava tudo pronto. Um helicóptero aproximava-se do presídio para levar Rodrigo Granda Escobar direto para o presídio de La Dorada.

De minha parte, o pavilhão de Recepções enchia-se ainda mais de harmonia e tranquilidade. Ojitos, finalmente, fora extraditado. Aconteceu o que Julio López López tanto temia. Minha batalha contra esse homem estava ganha: trinta anos atrás das grades norte-americanas o esperavam.

REFLEXÕES DE UMA LONGA CONDENAÇÃO

Em minha mente, persistia a ideia de quão brutal é a extradição. Isso nada mais é que o reconhecimento da incapacidade do Estado colombiano de fazer justiça, deslegitimizando seu próprio sistema judicial e político. Cada dia eu me convencia mais de que Pablo Escobar fora o único a conseguir ver aquele monstro em toda a sua dimensão, e agora eu testemunhava na primeira fila o que acontecia a mais de um de nossos inimigos por não ter nos apoiado. Um a um eles iam saindo rumo aos Estados Unidos, para serem punidos pelos

norte-americanos em longas e infernais condenações, longe de seus entes queridos e de sua terra.

Mas um bendito dia reconsiderei e compreendi que o problema não era a sociedade, tampouco as pessoas que me rodeavam: o problema estava dentro de mim. Em meio a esse turbilhão de emoções, consegui tranquilizar-me e comecei a cuidar de medir minhas palavras. Em meus 50 anos, senti como se um cabo que vai da língua ao cerébro se conectasse para me ensinar que, primeiro, se deve pensar, e só então falar. Esse exercício não foi fácil, mas comecei a sentir vergonha do meu comportamento e, pouco a pouco, com o apoio das psicólogas do presídio, que foram meus dois anjos, em companhia do capelão da prisão, o padre Héctor, e da minha professora Lilia Eugenia, comecei a estudar e a trabalhar minha personalidade. Antes que me desse conta, já era outro homem. Minha mente começou a considerar a ideia da minha liberdade, mas, com a quantidade de inimigos que tinha, sabia que era quase impossível sair vivo da prisão. De qualquer forma, considerava a possibilidade de uma nova vida para mim.

Ter permanecido fora da população carcerária e na solitária permitiu-me ter um outro olhar em relação ao cárcere e a meus companheiros, e, o mais importante, em relação a mim mesmo. Compreendi que podia sonhar, que a minha fé seria o primeiro passo para chegar ao alto e que, se quisesse um futuro, eu mesmo tinha de criá-lo. Compreendi que amabilidade era sinônimo de felicidade, que a gratidão para com Deus e as pessoas cultas que me rodeavam me tiraria do inferno que tinha vivido por mais da metade da minha vida, que minhas lições de vida seriam enterradas, para dar lugar a uma semente fértil, e que a oportunidade não chegava, mas que eu devia buscá-la. Compreendi, ainda, que o sorriso e o respeito me abriam mais portas, que não era necessário ter os olhos fechados

para ver a beleza da vida, que a fraqueza era como a vingança e que, agora, construiria minha felicidade com base no perdão.

No pavilhão de Recepções, havia um vidro no comando de guarda que, ao menos, me permitia ver o corredor central; era um vidro de segurança e a minha janela para a prisão. Um dia, vi um paralítico em uma cadeira de rodas que se dirigia à área hospitalar a partir da torre 8, sendo empurrado por um homem jovem. Isso chamou a minha atenção, e comecei a buscar informações a respeito. Descobri que o paralítico era um extraditável e, por sua condição física, estava recluso em um patiozinho de vinte celas pegado aos calabouços, chamado "terceira idade"; o jovem que o empurrava era um homem cego e, por sua condição, encontrava-se no mesmo pátio. Era incrível o que meus olhos estavam vendo: um paralítico guiava um cego e um cego empurrava um paralítico – aqueles dois seres eram um complemento perfeito, faziam um verdadeiro trabalho em equipe. O cego era as pernas do inválido, e este, os olhos do cego. Apesar de sua condição, vi-os felizes. Aquele exemplo de vida me nutria bastante. A prisão em uma cadeira de rodas é coisa séria, e para um cego, um inferno. O jovem tinha ficado cego no cárcere, por uma briga no presídio de Pereira; lá, recebeu um forte golpe na cabeça, que lhe tirou a visão. O paralítico, por sua vez, pagava a outro prisioneiro para que lhe desse banho e trocasse suas fraldas. Esse caso convidou-me a refletir ainda mais sobre minha busca por nutrir-me de humanidade.

Passaram-se os dias e nada acontecia através de minha janela. Então, decidi voltar a buscar informações sobre os dois extraditáveis e consegui saber que o paralítico havia sido extraditado com cadeira e tudo, e que o cego morrera de pneumonia.

Voltei à minha solidão, reafirmando uma vez mais a teoria do meu *Patrón* Pablo Escobar: a extradição é fatal. Fiquei sabendo de

um fato singular: depois de ter passado dezenove anos da minha vida na prisão, já tinha visto todo tipo de preso – paralíticos, cegos, aleijados de uma mão, de um pé, de uma perna, de um dedo, sem uma orelha –, mas nunca vira um mudo. Então, compreendi que a língua é o que mete as pessoas em problemas. Todos os dias aprendia um pouco mais, e continuava com minha terapia para medir minhas palavras. Nessa época, entendi também que uma palavra ofensiva podia ser mais danosa que um golpe, por mais forte que fosse; soube que a palavra tem poder e que, para cultivar meu espírito, eu devia aprender a arte do silêncio.

Um dia, peguei meu belo rádio e escutei forte e claramente uma notícia bombástica espetacular e incrível: o narcotraficante colombiano Leónidas Vargas tinha sido assassinado no hospital Doce de Octubre, em Madri, na Espanha. Que alívio! Na máfia, esperava-se que esse homem morresse de infarto, mas o velho era forte; alimentava-se com carne de macaco, serpente, paca, tatu e de todos os animais selvagens de seu amado departamento de Caquetá.

Leónidas Vargas que, com pouco estudo e sendo açougueiro de profissão, chegou a estar entre os chefões dos chefões, e tinha sido sócio e amigo pessoal de Pablo Escobar Gaviria e Gonzalo Rodríguez Gacha. Esse homem conhecia muito bem as selvas da sua região e, por isso, lá conseguiram montar grandes laboratórios para o processamento de cocaína. Tudo isso era um sinal de que o caminho para a minha liberdade estava sendo aberto por Deus, para me dar uma segunda oportunidade, me tirar daquele deserto cheio de espinhos e levar-me à glória, como fez um dia com Noé.

XVI

Meus primeiros passos para a liberdade

A OPERAÇÃO JAQUE E UM POLICIAL ENTRE OS PRESOS

Cómbita estava em constante movimento. Escutamos no noticiário que Jerry, o norte-americano que vigiava a prisão em nome do governo dos Estados Unidos, se suicidara com um tiro na cabeça depois de ter trazido uma visita de senadores norte-americanos para inspecionar o cárcere. Mais uma batalha que eu havia ganho.

Tudo o que acontecia lá fora fazia eco em Cómbita. O Exército da Colômbia lançou uma operação contra as Farc, chamada "Operação Jaque", e conseguiu resgatar três norte-americanos, assim como a franco-colombiana Ingrid Betancourt, além de cinco militares que estavam sequestrados. Nessa operação, o comandante César, das Farc, e seu segundo, conhecido como Gafas, foram enganados, e os sequestrados foram libertados. A torre 1, ocupada pela guerrilha, empalideceu ao escutar a notícia; com ela, os guerrilheiros presos se despediam da possibilidade de serem trocados pelos sequestrados.

No pátio, apenas rostos tristes e olhares perdidos, enquanto eu, na solidão, não baixava os braços e continuava minha luta espiritual.

O narcotráfico tem sido o rei dos males, tanto na sociedade colombiana como na norte-americana. Por trás de muitos dos lares que são destruídos nos Estados Unidos, está, na maioria, a droga. É também ela, em muitos casos, a responsável pela ocorrência de tiroteios em escolas ou pelos problemas psiquiátricos de grandes executivos, cujo consumo os destrói. A isso se somam os acidentes de trânsito brutais, provocados por ocupação do sistema de saúde de casos relacionados com a cocaína e seus derivados, como o *crack*, e também o aumento da criminalidade nas ruas. Por trás de muitos dos crimes que se vê no mundo está a cocaína. Eu me pergunto: o que acontecerá no dia em que a cocaína colombiana não chegar aos Estados Unidos?

A prisão enfrentava um novo problema: um capitão de Polícia em atividade foi confinado em Cómbita. Como prisioneiro nos pátios, o comeriam vivo, por isso a direção resolveu enviá-lo ao pavilhão de Recepções. Mas havia outro problema: ali estava Popeye, que pertenceu ao cartel de Medellín e, sob o comando de Pablo Escobar, ajudou a executar quinhentos e quarenta policiais, deixando feridos outros oitocentos. O major Rosas, subdiretor do presídio, e o capitão Acosta, comandante da vigilância, tranquilizaram o capitão da Polícia. O próprio diretor do presídio, doutor Humberto Castillo Rios, garantiu que Popeye o respeitaria. A grade abriu-se e aquele homem, de uns 38 anos, moreno escuro, entrou timidamente, trazendo uma mochila nas mãos. Ao ver sua atitude, saí cordialmente para encontrá-lo e quebrei o gelo: "Capitão, seja bem-vindo ao Recepções". O homem estava completamente surpreendido. Olhou-me nos olhos, sem entender como eu, estando isolado e sabendo que ele era um capitão da Polícia, podia tratá-lo daquele modo.

Cordialmente, mostrei-lhe sua cela e fui preparar-lhe alguma comida. Tive a delicadeza de convidá-lo a ver pessoalmente como a esquentava, a fim de que pudesse comer sem medo. Sua surpresa aumentou ao ver como eu aproveitava o bule do café para ter um bom prato de arroz com frango quente. Sentou-se em minha mesa e comeu com gosto, o que me deu muita alegria. Contudo, meu coração se sentia triste, porque ia passar outro Natal sem um pedaço de pudim e, menos ainda, um bom peru. Mas, então, o maravilhoso se fez realidade. Sabe-se bem que é quase impossível um guarda deixar entrar alimentos em Cómbita; em La Picota, em La Modelo e em muitos outros presídios nacionais, a entrada de comida é normal, mas em Cómbita não, era proibida. O capitão terminou de comer e me disse:

– Popeye, você gosta de pudim e de peru?

– Claro, capitão Medina! – respondi forte e no ato.

Ele levantou-se de sua cadeira e, a passos largos, foi buscar sua mochila, da qual tirou dois recipientes plásticos: um com pudim e outro com peru. Essa comida era um grande tesouro em Cómbita, e o capitão a estava me oferecendo com respeito e generosidade. Eu, em minha confusão, não sabia o que pegar primeiro, se o pudim ou o peru, só sabia que aquele pudim com uvas passas deleitava muitíssimo meu paladar. As bênçãos do bom Deus não paravam de chegar ao meu pátio.

O capitão Medina era uma figura completa além de um excelente ser humano. Sobre todas as coisas, amava a sua Polícia Nacional. Sua estada foi curta; contou com a sorte de ter sua família por perto: sua esposa era suboficial da Polícia, também um excelente ser humano. Mas como nada é perfeito, também aprendi que a Polícia era elitista, pois não permitia que um oficial se casasse com uma suboficial. A esposa de um suboficial é aceita ou rejeitada pelo alto

mando, mas o capitão tinha se enamorado de uma mulher, não de uma patente.

Quando o capitão se foi, o guarda me disse: "Popeye, que estranho terem enviado um capitão da Polícia a uma prisão de alta segurança por tamanha bobagem". Eu não respondi nada, porque sabia que ele não me entenderia ou pensaria que eu estava louco. Para mim, a resposta era simples: o bom Deus tinha enviado um anjo para me trazer pudim e um pedaço de peru na noite de Natal.

Nós, humanos, não entendemos os caminhos de Deus. Agora, o próprio Deus tinha escolhido um oficial da Polícia para me dar uma nova lição de vida e de humanidade. Quando eu estava na torre 2, chegou um major da Polícia e, de imediato, foi jogado à matilha. Esse senhor chegou assustado e fui ao seu encontro, para apoiá-lo, enquanto o cachorro do Oviedo foi roubar-lhe os cartões telefônicos. O homem ia dá-los a mim, mas respondi-lhe que não tinha de me dar nada pela ajuda. Fiz amizade com o major Darío com a única intenção de cuidar dele e de que não fossem lhe faltar com o respeito. Esse bom ser humano chegou a Cómbita para terminar sua condenação por ter se relacionado com um narcotraficante de pouca importância. Em Cómbita, podia-se facilmente encontrar bandidos que esse major enviara para lá para cumprir penas de quarenta ou sessenta anos; por sorte, porém, nenhum deles estava no pátio. Em pouco tempo, ele, como tantos outros, saiu em liberdade. Mas eu, como sempre, segui sendo prisioneiro.

LIÇÕES DO PADREZINHO

O ódio é um sentimento forte como o amor; enquanto odiamos uma pessoa, continuamos atados a ela. Só o perdão nos leva a ter paz interior. Eu sabia que meu coração ainda estava cheio de ódio,

mas também sabia que tinha de trabalhar nele, e foi o que continuei fazendo, com o apoio das psicólogas do presídio.

Lembro-me da primeira vez que um sacerdote se interessou pelo meu caso e aconselhou-me a rezar um Pai-nosso todas as manhãs por meu pior inimigo.

– Ai padrezinho, você está louco – respondi-lhe.

– Não, meu filho, o louco é você.

Não obstante, as palavras dele me fizeram refletir, e no processo de escolha de qual de meus inimigos tinha mais poder sobre a minha vida, chegou à minha mente *don* Berna, pois, naquela época, Carlos Castaño já estava morto. Atentando ao conselho do padrezinho, todas as manhãs ao acordar, religiosamente, orava por Diego Fernando Murillo Bejarano, vulgo *don* Berna. Dois anos depois disso, encontrei-me dormindo cabeça a cabeça com o poderoso chefão.

Andando por esse mundo, tinha compreendido que a vida não segue em linha reta, e que saber viver é uma arte. Tinha sobrevivido para saber que há um bom Deus que me ama e cuida de mim. A cada novo dia que me levantava, tinha uma bela sensação: sentia que minha alma estava se curando. Sonhava sempre com a minha liberdade. Levantava-me muito positivo, com o propósito de cuidar da minha boca para não ofender nenhum guarda e para saber que, se me ofendessem, não devia responder. A cada dia que passava, por milimétrico que fosse o movimento, seguia a caminho da porta do presídio, que me conduziria à liberdade.

Por pura e mera casualidade, li essas palavras em alguma parte: "A tribulação produz paciência, a paciência produz virtude firme, a virtude firme produz esperança e a esperança não desfalece".

Aferrei-me à esperança durante esses longos anos. Não tenho medo, apesar de todas as pessoas que sabem que me encaminho para a liberdade dizerem: "Pope, vão te matar lá fora!". Isso já não

me preocupa, porque sei que o meu espírito guerreiro me manterá em pé e que cada dia que eu conseguir enganar meus inimigos será uma nova vitória – sei que a minha fé me manterá em pé.

Faltando pouco mais de dois anos para a minha saída, consegui sentir-me vitorioso depois das batalhas vividas contra o Estado, os narcotraficantes, os guerrilheiros, os delinquentes comuns e os traidores. Sobretudo, consegui sentir-me livre do ódio. Sei que tenho experiência e coragem para seguir em águas turbulentas, mas tenho mais certeza ainda de que jamais voltarei a conspirar para assassinar ninguém, porque a vida é sagrada. Agora, tenho as melhores ferramentas para controlar minha personalidade. A aventura que uma vez procurei chegou ao fim. Depois de mais de duas décadas de encarceramento, encontrei o tesouro que tanto buscava: minha paz interior, minha espiritualidade. Hoje, sinto que o meu futuro realmente começa a se construir e que trabalho nele a cada dia. Hoje, posso repetir com Santa Teresa D'Ávila: "Nada te perturbe, nada te espante, tudo passa".

XVII

A liberdade

O 480[23] DE POPEYE

Havia um sonho difícil de alcançar: a minha liberdade. Em julho de 2013, com a valiosa ajuda da minha defesa, pedi ao presídio o 480, que é o primeiro passo para iniciar o processo de liberdade. Reuniu-se o conselho de disciplina, liderado pelo diretor do presídio, com o subdiretor, o comandante de vigilância, o assessor jurídico, as psicólogas, as professoras, o médico e o representante da Procuradoria do Povo para Cómbita. Esse processo era demasiado sério, e mais ainda com a doutora tenente Ligia, especialista na área de tratamento e desenvolvimento, que não se deixava enganar. Ela observava se minha ressocialização era autêntica. Tinha chegado ao presídio recentemente. Olhou com desconfiança o processo, mas era uma mulher justa, com uma carreira brilhante em Psicologia e em Direito. Eu tinha levado a cabo um processo de tratamento sério e longo.

Teve início o processo em uma mesa-redonda. Eu, no meio.

23 Artigo do *Código Federal de Procedimientos Civiles* da Colômbia, o qual diz respeito à concessão de direitos e funções públicos ao preso, pelo juiz da execução da pena. (N. E.)

Todos os olhares voltados para mim e para o meu arquivo de vida, composto por três grossas pastas, que estava na mesa. Não foi nada fácil, mas minha conduta era exemplar e o meu trabalho, constante. Não obstante, qualquer coisa podia acontecer pelo simples fato de se tratar de Popeye.

Para começar a reunião, a doutora Laydi, assessora jurídica do presídio, informou que, de acordo com o código penal vigente na Colômbia, eu contava com um tempo servido de vinte e três anos e três meses, o que possibilitava minha liberdade condicional. Primeiro ponto a meu favor. Respirei tranquilo.

Em seguida, tomou a palavra o capitão Hernández e entregou os informes sobre o meu comportamento com a guarda e com meus companheiros presos. Esse informe me favorecia, já que eu não tinha nem uma única investigação interna. Além disso, o soldado que vigiava meu trabalho deu fé de que eu tinha cumprido com perfeição os serviços encomendados.

Também se juntavam meus estudos realizados, com os respectivos diplomas, tudo à mão para ser avaliado pelo conselho.

Só faltava a opinião da terrível tenente. Olhei-a, buscando um pouco de bondade em seus olhos, e ela me devolveu o olhar, que, nesse momento, já não era tão feroz. Nem um só voto contra. Pela primeira vez em minha vida, recebia uma decisão favorável. A tenente tinha estudado previamente minha folha de vida em profundidade. Depois do meu 480, disseram-me que ela teria dito: "Este detento cumpre com o tratamento e é sério seu processo".

As professoras, as psicólogas e demais membros da equipe da tenente alegraram-se por seu próprio trabalho e por meus avanços e conquistas após o processo de ressocialização. Meus diplomas certificavam meu esforço e dedicação, juntamente com as provas de Estado, minha conduta exemplar e um volumoso informe muito po-

sitivo da parte das psicólogas. Tudo isso me deixava, enfim, *ad portas* da minha liberdade. O melhor de tudo, o mais incrível para mim, era que todo o conselho de disciplina tinha assinado favoravelmente o meu 480.

Eu continuava na minha celinha, e ali, em minha solidão, esperava com ansiedade o grande dia. Meu juiz, o doutor Oscar Vejarano Galán, rejeitou o 480 e questionou minha atividade de faxineiro; não levou em conta meus diplomas e, muito menos, minhas provas do ICFES. Nesse ponto, ele não foi só contra mim, mas contra o presídio, pondo em dúvida sua reputação. Por isso, contaminou o processo, fazendo crer que eu estava em um calabouço descontando tempo por faxina. Incrivelmente, ele lançou-se aos meios de comunicação, dando declarações a respeito. Os jornalistas me procuraram, para que eu enfrentasse o juiz, mas me mantive discreto. Além disso, minha defesa se opunha a que eu falasse sobre o assunto. Não seria inteligente manifestar-me contra o juiz assim. Era claro que a briga ia ser dura.

O juiz queria desviar o meu processo para o Tribunal de Boyacá, que era composto por juristas puro-sangue, que defendem a lei sobre todas as coisas. Mas, com o juiz desinformando, o processo naquele tribunal se veria amarrado. As coisas se complicavam mais. O juiz fez cópias, para que a Promotoria investigasse o presídio sobre a faxina. Já havia uma notícia criminal: delito de falsidade em documento público. Já havia um processo arquivado, mas me indiciavam como se eu fosse empregado do presídio. Loucura total. Mas, no fim das contas, não era tão grave. O presídio tinha seus advogados, o diretor era advogado, o doutor Jorge Alberto Contreras tinha de defender a prisão, mesmo sendo recém-chegado ao presídio, e a tenente Ligia era uma fera. As coisas não ficariam desse jeito.

Começou uma dura negociação com o juiz, até que o processo

foi finalmente ao tribunal. A doutora Ángela tomou conhecimento e deu-lhe o direito de julgar, mas solicitou-lhe que respeitasse o devido processo legal comigo. A poderosa magistrada não tinha informações suficientes e decidiu pela lei. O juiz se entusiasmou e apertou mais; já tinha o tribunal do seu lado. Não me desesperei e busquei a Procuradoria. Minha defesa também foi à Defensoria do Povo.

Veio visitar-me, em meu pavilhão, o Defensor do Povo de Boyacá, doutor William García, um homem muito sério e importante. Chegou acompanhado de seus assessores. Tinha recebido a minha queixa e foi direto ao ponto. O trabalho da Defensoria do Povo é proteger e defender as causas do povo, e eu sou parte dele. Eles visitam as prisões com advogados e ajudam os presos que não têm dinheiro para sua defesa; são defensores dos direitos humanos em todo o país. O doutor William interessou-se pelo meu caso e prometeu-me ir até as autoridades do presídio, a Procuradoria e ao juiz com a minha defesa. Por consequência, e como parte do processo, meu caso chegou às mãos do doutor Galarza, um promotor de justiça duro e feroz, e este deu razão ao juiz. Tudo ia mal. Não teve saída. Restava-me voltar ao tribunal ou impor uma tutela perante a Corte Suprema de Justiça.

A direção do presídio, pouco a pouco, foi quebrando a resistência do juiz. Enviavam-lhe um e outro documento para fortalecer os argumentos; contudo, ele continuava se fazendo de morto. Assim o tempo passou, mês após mês, até que cheguei a um ponto em que me desesperei. Comecei a pensar que, definitivamente, eu não passava de um bode expiatório e que a justiça colombiana, na qual queria acreditar, não existia. Em todo caso, ainda nutria uma esperança; sabia que a Defensoria do Povo continuava trabalhando em meu caso.

Uma bela tarde, entrou o doutor William García acompanhado de um funcionário da Defensoria do Povo. Tiraram fotos da área

em que eu fazia a limpeza e do meu trabalho de recuperação ambiental para incluí-las no processo, e isso me animou. Ainda assim, o juiz não concedeu meu direito ao devido processo. Aconteceu uma coisa incrível. O juiz de execução de penas, por lei, tem de ir verificar as condições do prisioneiro e olhar seu processo de ressocialização; ele deve entrevistar o réu pessoalmente, e não o fazer é considerado uma falta grave, que, inclusive, pode levar à destituição do cargo. Enviei uma petição formal ao doutor Oscar, pedindo-lhe, por favor, que me visitasse, e assim pudesse constatar, com seus próprios olhos, as atividades laborais que eu desempenhava como parte de minha ressocialização. Mas, tamanha surpresa, o homem negou a minha petição, contra todo o direito, e ignorou suas obrigações como funcionário público.

Essa oportunidade não podia ser melhor para a minha sorte. Era a ocasião perfeita para travar uma boa batalha, e ganhá-la. Mas minha defesa não a contemplou em sua estratégia. Meu caso voltou ao tribunal e perdi de novo. A solidariedade corporativa fazia-se ainda mais notória com aquela resposta.

O presídio, por sua vez, enviava um documento atrás do outro ante as solicitações do juiz. O diretor do presídio, o departamento jurídico, a tenente Ligia e sua equipe já estavam cansados de tanto papel enviado, e o pior era que o olhar de dúvida e suspeita que o juiz havia colocado sobre o processo os colocava em uma posição bastante incômoda. Minha preocupação era que a tenente se irritasse e mandasse o juiz para o inferno. Mas o bom Deus, que tudo vê, tocou o coração dela, e ela se encheu de paciência para continuar defendendo o meu caso. Enfrentou como uma profissional plena essa complexa briga legal.

Os dias se passavam, e eu continuava esperando. Fazia meus exercícios físicos com vigor: uma hora de caminhada a bom passo,

cem flexões de braço e mil pulos de corda; alimentava-me bem e dormia bem. Sabia que devia estar forte para a minha última batalha, aquela na qual, finalmente, eu sabia que ganharia a guerra. O tempo passava e, com ele, a monotonia continuava; mas eu a combatia fortalecendo a minha mente e o meu espírito. A rotina tende a desestabilizar qualquer ser humano, por mais forte que seja, mas naquela época, depois de ter vivido tanta dor, eu não me deixava afetar pelo dia a dia carcerário. O mesmo frio, a mesma comida, tudo à mesma hora. Levante-se, deite-se, tudo igual.

O AMOR BATENDO ÀS PORTAS DO MEU CALABOUÇO

Mas o bom Deus nunca se esqueceu de mim. Um belo dia, recebi uma carta de uma linda mulher argentina que havia se solidarizado comigo. Com a sua carta vinha um número de telefone da Suíça. Respondi por telefone, e a voz dela tinha o encanto de uma princesa, talvez de um anjo. Aquela mulher, linda, jovem e trabalhadora, me fez sonhar. Então, pensei que ela seria perfeita para o meu novo projeto de vida. Um belo amor da solidão daquele calabouço era tudo de que eu estava precisando. A foto dela presa na parede fazia aquele calabouço se encher de beleza e esperança. Aquela imagem alegrava a minha vida a cada amanhecer; fazia-me pensar que ela era mais bela até que a minha tão almejada liberdade. Em nossas conversas, soube que era descomprometida, o que parecia difícil de acreditar. Incrivelmente, o bom Deus me havia enviado aquela princesa para aliviar minha solidão. Cartas iam e vinham. Cada uma que me chegava perfumava a minha vida de esperança, fazendo-me esquecer daquele juiz e da minha solidão. Sentia que a vida me sorria de novo.

Em meus estudos dentro do presídio, fiz um curso sobre a Aids, e lá compreendi como é delicada a promiscuidade ou ter uma com-

panheira ocasional. Isso levou-me a rejeitar qualquer contato sexual com prostitutas, que chegam frequentemente para oferecer seus serviços às prisões. Mas como nada na vida é de graça, minha atitude responsável levou meus companheiros a pensar que eu era homossexual. Suas acusações e murmúrios não me importavam, eu sabia muito bem quem era e, dentro do meu processo psicológico levado a cabo pelo presídio, já tinha aprendido a me valorizar e me respeitar como pessoa. Tinha aprendido que me deitar com o passado sexual de uma pessoa desconhecida era o equivalente a uma roleta russa, enquanto ter sexo com uma companheira estável era uma bênção do céu. Assim como no dia da criação da Terra, o bom Deus não pôde deixar Adão em sua solidão, também o fez comigo.

Um belo dia, chegou ao meu pavilhão aquela mulher dos meus sonhos; pessoalmente, era até mais bela que nas fotos. Com sua ternura e grande amor incondicional, encheu meu coração de esperança, e ali, naquele frio calabouço, nosso amor se consumou. Nem tudo estava perdido; aquilo era uma prova a mais de que o bom Deus jamais se esquecera de mim e de que estava aplainando o terreno para que, por fim, eu conseguisse alcançar plenamente a minha felicidade.

Como parte do milagre da vida, o juiz foi trocado. O anterior teve de deixar o tribunal de execução de penas para passar a ocupar um tribunal comum. Em um primeiro momento, pensei que essa mudança me seria desfavorável, porque, então, o novo juiz começaria a estudar o meu caso, mas como os desígnios de Deus só Ele os entende, mais tarde compreendi que estava equivocado. Minha defesa informou-me de que o novo juiz reconhecera o meu trabalho, mas que, agora, a discussão se concentrava na duração dele, o que não estava inteiramente claro. Que fosse, porque, com o tempo já transcorrido na disputa jurídica, completava-se o meu tempo como

prisioneiro para merecer a liberdade condicional. Só pensava no momento presente: um novo juiz, uma nova batalha. Essa luta seria espetacular. O juiz era um jurista autêntico e, portanto, faria o que manda a lei, longe de qualquer paixão adversa pelo réu. Seu dever era fazer a visita e confirmar o meu trabalho, como ordena a lei. O problema era o tempo, porque, como todo processo legal, era longo e tedioso.

Meu novo juiz, o doutor Yesid Rodrigo Rodríguez, foi estudando o meu caso passo a passo. Em seu primeiro encontro com a minha defesa, tornou-se evidente a contaminação que o processo teve, e isso o levou à dúvida. No entanto, a Defensoria do Povo, que trabalhava incansavelmente, insistiu com o novo juiz. Na Procuradoria, para completar o registro dos arquivos a meu favor, ocorreu algo mágico: o doutor Raúl Alberto Galarza tomou a iniciativa de ordenar uma inspeção judicial no presídio, a fim de confirmar toda a documentação enviada pela direção, assim como as atividades de trabalho que desenvolvi na minha área. Para isso, a Procuradoria convocou o diretor do presídio de Cómbita, doutor Jorge Alberto Contreras, o subdiretor, o comandante de vigilância, os assessores jurídicos e toda a equipe de funcionários que lidava com os processos de ressocialização dos detentos. Além disso, fizeram-se presentes o senhor juiz, o Procurador e o Defensor do Povo, juntamente com a minha defesa. Tudo estava na ordem do dia. A justiça do bom Deus estava presente.

Por fim, chegou aquele novo grande momento. Todos os funcionários e a minha defesa foram à direção do presídio. A reunião estendeu-se das oito e meia da manhã às cinco da tarde. Isso era algo sério e dispendioso, mas a justiça divina fez que algo ainda melhor ocorresse: o tribunal determinou que o psicólogo de execução de penas me entrevistasse, o que deveria ter ocorrido um ano antes.

Encontrava-me muito perto de a justiça terrena confirmar o que a justiça divina já havia conseguido em mim, e a própria direção do presídio já certificava: minha ressocialização estava completa.

Aquela entrevista foi muito técnica; o psicólogo não engolia tudo. As perguntas e os documentos iam e vinham. O psicólogo que me entrevistou terminou muito sério, dizendo-me: "Bem, senhor Velásquez, não sei se o juiz virá até aqui, mas, no que me compete, já tenho toda a informação de que precisava". Despediu-se de mim olhando-me nos meus olhos e deixando-me pensativo. Eu sabia que, se o juiz não viesse a confirmar o meu processo, meu caso não avançaria. Mesmo assim, preparei-me mental e espiritualmente para não me deixar afetar pelo que acontecesse. Continuava lutando essa batalha.

Surpreendentemente, às três e quarenta da tarde, abriu-se novamente a porta do meu pavilhão e, bem à frente, estava o meu juiz, o doutor Yesid em pessoa. Eu o vi de longe, do meu calabouço; ele vinha acompanhado de muitas pessoas. Impressionei-me muito ao ver tanta gente; como vivia isolado há muitos anos, fiquei bastante nervoso. Então, saí ruidosamente, querendo mostrar todo o meu trabalho em um só momento ao juiz, mas este me acalmou. Vinha acompanhado pelos diretores do presídio, por soldados e pela minha defesa, além do psicólogo do tribunal e do temido procurador Galarza. Agora a vida colocava toda uma equipe impositora de justiça terrena à minha frente, eu devia assumir. Naquele momento, diante do procurador, senti vergonha e medo; a presença dele transmitia uma energia brutal. Meu juiz, por outro lado, era um homem educado, ponderado e respeitoso; em cada palavra que pronunciava, fazia pompa de seu amplo conhecimento jurídico. Para incrementar ainda mais minha surpresa, o procurador soltou essa pérola: "Eu, pessoalmente, vi como o senhor Velásquez fazia a limpeza na parte de trás do pavilhão", ao mesmo tempo que indicava com o

dedo o lugar exato. O juiz, que escutava atentamente, continuou sua inspeção judicial.

O juiz e o procurador verificaram que, de fato, aquele era um pavilhão de alta segurança, que contava com vinte celas, um pátio, um comando de vigilância, três chuveiros, uma televisão coletiva, quatro corredores, mesas, cadeiras e um bule. Tudo estava de acordo com as normas estabelecidas. Eles viram a minha recuperação ambiental. Eu estava a mil, muito nervoso e extremamente confuso de ver tanta gente ao meu redor, depois de tantos anos de isolamento absoluto.

Uma vez terminada a diligência, despedi-me cordialmente do juiz, agradeci-lhe pela visita, e ele me respondeu: "Não deve me agradecer por nada, isso é apenas o meu trabalho". Logo, em fila indiana, todos foram deixando o meu pavilhão e, novamente, fiquei sozinho, como sempre. Comecei a recriminar-me por não ter sido capaz de controlar minhas emoções, mas, ao mesmo tempo, tranquilizei-me, porque, por fim, alguém com tanto poder, como o procurador, tinha comprovado que eu estava mesmo cumprindo com as minhas tarefas. E tranquilizei-me ainda mais por saber que a direção e toda sua comitiva não estariam mais na trama judicial. Isso alegrou-me muitíssimo. Agora, só me restava que o bom Deus e sua justiça se plasmassem na justiça terrena.

A LUZ NO FIM DO TÚNEL

Voltei ao meu calabouço e fiz uma retrospectiva do que acontecera. Um sentimento indescritível tomou a minha alma, porque, pela primeira vez, senti que tinha à frente tanto a justiça divina como a terrena. Em meu ser palpitava a esperança de que, um dia próximo, pudesse recuperar minha liberdade e começar uma nova vida ao

lado daquela mulher que estava esperando por mim fora das grades. Naquela noite, orei muito e pedi a Deus que enviasse o seu Espírito Santo ao justo juiz que conduzia o meu caso. O senhor Yesid estava em minha mente e em todas as minhas súplicas. Ali, em meu frio calabouço, recapitulava tudo o que tinha acontecido ano após ano. Recordava-me dos momentos transcorridos depois da minha entrega às autoridades, com o apoio do meu líder e amigo Pablo Escobar Gaviria. Lembrei-me de que, naqueles momentos cruciais da minha vida, eu não me assustara tanto; agora, porém, o fato de pensar em minha liberdade, já sem ele, me deixava muito nervoso. Também guardava a esperança de, algum dia, poder visitar sua sepultura.

Entregar-me às autoridades foi relativamente fácil, mas obter a liberdade era um acúmulo de batalhas de sobrevivência, com todo um Estado em cima de mim, cobrando-me cada ação do cartel de Medellín, como se eu tivesse sido o seu único integrante ou o seu líder. Entendia claramente que eu era o bode expiatório que o Estado pretendia mostrar como exemplo para a sociedade; por meio do meu caso, eles poderiam demonstrar à Colômbia que quem se atrevesse a protestar contra o sistema teria iguais ou piores consequências que as que eu estava sofrendo. O que eles não viam era que eu era apenas mais um guerreiro que tinha apoiado um líder que amava a sua pátria e a sua família mais que a si mesmo. Pensava também que, diferente de tantos anos de prisão, nos quais sempre estive absolutamente só em minha luta, agora, depois de oito anos em Cómbita, eu tinha encontrado um grupo de profissionais que apostara em mim e em minha ressocialização.

Em uma oportunidade, o diretor do presídio foi aos meios de comunicação para dar fé da minha mudança e questionar a falha do doutor Oscar, aquele juiz que me negara a liberdade. O general Ricaurte, um oficial da Polícia, sabia do meu tratamento, já que ele,

no cumprimento de seu dever, o dirigira e supervisionara pessoalmente. Somado a eles, o procurador geral da nação em pessoa, o doutor Montealegre, tinha notificado verbalmente o doutor Oscar por não ter reconhecido minhas horas de trabalho como faxineiro, e advertiu-o de que, ao não fazê-lo, estaria prevaricando.

Adicionalmente, eu contava com um dos maiores e mais sinceros sentimentos de perdão, aquele oferecido pela família do doutor Luis Carlos Sarmiento, por parte de sua esposa, a doutora Gloria Pachón, e de seu filho, o senador Juan Manuel Galán. Essas grandes pessoas, em momentos extremamente difíceis para mim como ser humano, foram aos meios de comunicação para tornar público seu perdão e oferecer-me uma segunda oportunidade dentro da sociedade. Esse ato sem precedentes é próprio de seres humanos nobres, de espírito superior. Eu me nutria dessa ação maravilhosa todos os dias da minha vida; meu coração se enchia de esperança ao saber que pessoas tão importantes tinham se mobilizado para me apoiar com seu perdão diante de toda a sociedade, como um convite à reconciliação.

Sempre busquei encontrar o motivo de tamanha magnificência e humanidade comigo. Por fim, entendi que a doutora Gloria era uma pessoa íntegra, que está acima do bem e do mal, uma mulher com um coração de ouro, que deve ser exemplo para as demais vítimas e mulheres do país e do mundo inteiro; e que seu filho Juan Manuel, antes de ser senador da República da Colômbia, era acima de tudo, um ser humano digno, justo e correto, com capacidade suficiente para perdoar e seguir adiante na vida, levando as bandeiras que tornaram grande o seu pai. E, apesar de estar arriscando todo o seu capital político naquela decisão, ele colocou sua nobreza humana, quase divina, acima do poder, para oferecer-me o seu perdão. Entendi que, definitivamente, o

perdão edifica, enquanto a vingança sempre destrói e aniquila.

Assim, um dia, ainda em Cómbita, decidi que deveria dar uma nova virada na minha vida. Agora, a batalha era comigo mesmo. Então, renunciei a meu trabalho como faxineiro e dediquei-me a estudar.

Durante meus longos anos de prisão em Cómbita, da solidão do meu pavilhão, observava como todos e cada um dos chefões dos chefões viajavam extraditados. Um extraditável chorava e o outro lhe perguntava: "E você, por que é tão fraco?". Aquele homem respondia: "Uma coisa é falar do diabo e outra coisa muito diferente é tê-lo diante de si". No pátio dos extraditáveis, havia muita camaradagem, e todos encorajavam um ao outro. "Então, que seja, que nos levem logo; é melhor ir para lá de uma vez", dizia um. "Sim, quanto mais rápido chegarmos, mais rápido voltamos", respondia outro. E enquanto eu pensava como aqueles homens eram ingênuos, um terceiro acrescentava: "Lá a comida é melhor: quadras de futebol, tênis, academia, computadores e até jardins; além disso, o clima é melhor. Aqui, este frio tremendo vai me matar". Desse modo, aqueles homens iam criando sua própia pequena bolha de esperança.

UM ENVELOPE QUE CHEGOU DO CÉU

Algumas vezes, o pessimismo tomava conta de mim, porque o juiz não me respondia, apesar de a inspeção judicial ter sido bem-sucedida. Consolava-me, pensando que, se o juiz me respondesse desfavoravelmente, ainda me restava a possibilidade de recorrer ao tribunal e, com certeza, lá me dariam razão. Também me restava a possibilidade de interpor uma ação de tutela ante a Corte Suprema de Justiça.

Os dias passavam e passavam, e minha situação não mudava. A espera tornara-se angustiante. Eu tinha passado vinte e três anos e

três meses da minha vida atrás das grades; sentia que tinha realizado o suficiente para sair livre. Não obstante, o momento em que se aproxima a liberdade é traumático, porque, na última hora, você pode ser alvo de um novo processo, correndo o risco de permanecer preso. Não fazia muitos planos para a minha vida em liberdade, porque, ao final, se tivesse de continuar preso, não me veria tão afetado.

Um novo dia começou, e fui direto ao telefone, ligar para o meu advogado. Estava falando com ele quando a porta do pavilhão se abriu e entrou a notificadora do tribunal, com um envelope na mão. Encerrei a conversa imediatamente, sem nem me despedir, e fiz contato visual com ela, que me sorria, enquanto entregava toda sua informação ao guarda de entrada. Dirigi-me a ela, um pouco pessimista, pois cada vez que um notificador me visitava era para trazer más notícias sobre a minha liberdade. Mas daquela vez a história foi outra.

– Senhor Velásquez, trago-lhe muito boas notícias – disse-me a notificadora.

Meu coração batia com força. Saudei-a respeitosamente e nos dirigimos à minha mesa. Ela tirou um papel do envelope e me disse:

– O juiz lhe reconheceu vinte e quatro meses de desconto.

Eu fiquei muito feliz. Com esses vinte e quatro meses já poderia pedir a minha liberdade, depois de doze meses de forte luta judicial. Mas as boas notícias não paravam por aí. Ela tirou outro documento do envelope: era uma ata de compromisso para obter a minha liberdade condicional.

Não podia acreditar que meu dia havia chegado. Não podia ser possível tanta felicidade ao mesmo tempo. Então, com muita dificuldade, preenchi o papel. Estava emocionado demais. Com a mesma dificuldade, perguntei à notificadora sobre a fiança. Ela me olhou,

sorriu, e tirou outro documento do envelope. Eu, afundado no meu pessimismo, pensei que a fiança não sairia por menos de cinquenta milhões de pesos, o que implicaria outra longa batalha jurídica para demonstrar minha insolvência econômica. Não obstante, meu caminho para a liberdade já estava marcado pelo bom Deus: o documento estabelecia a soma de nove milhões de pesos colombianos. Então, fiquei em pé, abracei a notificadora e desatei a chorar pela primeira vez em meu longo e duro caminho de vida. Depois de tantas batalhas travadas, muitas delas perdidas e muitas outras ganhas, enfim sabia que a minha liberdade era um fato e que tinha vencido a guerra depois de vinte e três anos e três meses de constante luta.

XVIII

De volta a minhas montanhas

"POPEYE JÁ PAGOU, CUMPRIU 23 ANOS E 3 MESES DE CÁRCERE"

Agora devia cavar um caminho para a minha saída. Guardava a esperança de que os meios de comunicação só se inteirassem quando já estivesse longe. Lamentavelmente, o tribunal anunciou a minha liberdade às cinco da tarde, e às cinco e vinte a mídia já estava sabendo. Os jornalistas começaram a publicar que estavam abrindo novos processos contra mim, os quais, possivelmente, evitariam minha saída para a liberdade.

Naquele momento de incerteza, chegou uma luz de esperança, e senti que eu não estava só. A família Galán, com seu bom coração, saiu nos meios de comunicação apoiando-me, dando-me uma segunda oportunidade na vida. Apesar da sua dor, a doutora Gloria Pachón e o senador da República Juan Manuel Galán tiveram a capacidade de me perdoar e, acima de tudo, respeitar as leis que regem o nosso amado país. Também o doutor Carlos Fernando Galán, que no passado resistia a acreditar em meu arrependimento,

dada a minha fria personalidade, nessa oportunidade mostrou-se não apenas respeitoso às leis, como sempre, mas, parece, também começou seu caminho para o perdão. Isso foi muito significativo para mim.

Algo mais aconteceu naquele dia: o doutor Villamizar, um homem forte na Unidade de Proteção, apoiou-me, dizendo que me dava a oportunidade de uma nova vida porque eu já estava ressocializado. O doutor Villamizar é uma vítima direta da guerra que o cartel de Medellín travou contra o Estado. Isso o engrandecia ainda mais, e, dentro de mim, o respeito por ele aumentou. Contudo, de sua parte, o doutor Arellano não parava com sua cegueira jurídica e emocional, mas eu compreendia sua dor e desespero.

Em meio a todo esse caos gerado pela minha liberdade, um jornalista feroz, Félix de Bedout, que não se deixa enganar, publicou a seguinte frase em sua conta no Twitter: "Popeye já pagou. Cumpriu vinte e três anos de cárcere". Essa opinião era muito reconfortante para mim, dada a sua procedência. Esse notável jornalista colombiano trabalhara para a rádio em meu país e agora é jornalista nos Estados Unidos; ele conhece perfeitamente a realidade colombiana, e seu gesto encheu de alegria meu coração.

Ainda em meio ao caos, e permanecendo naquela fria cela na qual havia estado por longos anos, fiz importantes reflexões. Muitas lembranças chegaram à minha mente. Eu já tinha pagado vinte e três anos e três meses de cárcere pelos crimes de todo um cartel, sendo apenas um dos lugares-tenentes de Pablo Escobar. Tinha me tornado o único sobrevivente do cartel de Medellín que cumprira com tantos anos de cárcere, nas prisões mais duras do país, por toda a guerra vivida naqueles anos; o único que teve a coragem de revelar tantas verdades à Justiça e à sociedade e, dessa forma, compensara a todos aqueles que tinham sido feridos de morte pelo cartel. Sem-

pre pensei ter sido responsável por meus atos, tendo-os assumido com a valentia de um guerreiro que jamais corre diante de algum enfrentamento, por mais doloroso que seja, mas essa sinceridade transformou-me em dedo-duro diante da máfia. O doutor Arellano arrematou com a seguinte pérola: "Popeye é o homem mais perigoso do mundo". Dentro de mim, senti muita tristeza por esse homem, com seu coração cheio de vingança e ódio; além disso, ele estava longe da verdade quanto ao meu processo e às leis colombianas, como também em relação ao meu crescimento pessoal e espiritual na luta que, com a ajuda de Deus, travei sozinho.

Lá em minha cela e refúgio durante tantos anos, estava eu, sozinho com a minha solidão. Logo apareceu a minha psicóloga, a pessoa que me acompanhou em meu processo de construção de um novo projeto de vida durante os últimos sete anos de presídio.

– Doutora, por que chorei quando me notificaram da minha liberdade? – perguntei.

– Você já tem uma personalidade forjada pela dor e pelo sofrimento. Se lhe tivessem negado a liberdade, você não teria chorado. É raro para você que as coisas lhe saiam bem, e por isso chorou – respondeu-me com doçura.

Concordei com ela e fiquei pensando em suas palavras. À espera do dia em que chegasse meu documento de liberdade, pouco a pouco, e pelo período de um ano, fui trazendo roupa nova e confortável. Já tinha meus tênis, jeans, moletom, meias e até cuecas novas. Aquele seria o grande dia da minha vida, e eu devia fazer honra a ele. Essas roupas permaneceram guardadas durante um ano, e agora tudo indicava que tinha chegado o dia de usá-las com total e absoluta felicidade. Entendi, em tantos anos de presídio, que as coisas pequenas e a luta do dia a dia eram a verdadeira e duradoura felicidade.

O jornal *El Tiempo* publicou em seu editorial: "A dívida não paga de Popeye". A lei é a lei e está escrita; nenhuma parte do editorial dizia que as leis não eram aplicáveis a Popeye e que eu não poderia sair. O ministro da Justiça foi entrevistado e fizeram-lhe a pergunta obrigatória sobre a minha liberdade, e ele respondeu: "A lei é a lei, e Popeye deve sair". Tal declaração foi muito reconfortante para mim. A notícia da minha saída percorria quase todo o mundo com uma atitude de total descrédito e desconhecimento da minha mudança. Cheguei a pensar que me equivocara enormemente ao acreditar que, se dissesse toda a verdade e aceitasse a minha culpa, apesar de ter me submetido à Justiça de forma voluntária, isso causaria um impacto positivo sobre a Justiça e a sociedade. Eu revelara não apenas atos, mas também as estratégias, a fim de que ambas, tanto a Justiça como a sociedade, lhes dessem um uso positivo. Procurava, como em toda lição bem aprendida, deixar um ensinamento que servisse para o meu país não voltar a cair em guerras tão desastrosas como as que tive de viver. Mas, ao que parece, muitos corações só estavam inundados de ódio e vingança; só imperava neles o desejo de continuar nos matando de uma ou de outra maneira.

A ANTESSALA DO MOMENTO DEFINITIVO: OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E SUAS MANIPULAÇÕES

Os meios de comunicação se compraziam, fazendo uso de seus arquivos contra mim. Usavam tudo, inclusive as entrevistas que eu, amável, respeitosa e gratuitamente, lhes concedi, certo de que, ao aceitar a culpa pelos meus crimes e assumir minha responsabilidade perante a sociedade e a Justiça colombianas, eu estaria contribuindo para que, em algum momento da nossa história, aqueles fatos não se repetissem. Sempre pensei que, com minhas confissões

e com a revelação da verdade, conseguiria compensar os afetados e reparar moralmente uma sociedade e suas vítimas pelos rios de sangue causados pelo cartel de Medellín, do qual eu era apenas um membro sujeito ao capricho e à maneira de agir do meu *Patrón*, Pablo Escobar Gaviria, e que meu grande erro fora escolher aquele caminho negro.

Para o meu pesar, a sociedade e a Justiça mostravam-me como se eu fosse o único causador ou o líder marcial e ideológico de todo aquele massacre. Esqueciam-se de que eu, em meu afã de compensar as vítimas e a sociedade, também tinha colaborado com a Justiça no esclarecimento de muitos magnicídios, homicídios e atos criminosos cometidos pelo cartel de Medellín e por mim mesmo. Esqueciam-se de que eu, em meu afã de reparar o que tinha acontecido, também havia me incriminado em todos aqueles atos delitivos que cometera, e que os assumi cumprindo vinte e três anos e três meses de prisão. Esqueciam-se de contar que eu me submetera à Justiça voluntariamente e que, apesar de todo aquele inferno ao qual fui submetido nas prisões mais brutais da Colômbia, sobrevivera. Esqueciam-se de dizer que eu tinha direito à liberdade.

Em minhas reflexões, e já despojado da ira e do rancor, doía-me o fato de ver que meu país não tinha mudado e que essa atitude revanchista e cheia de ódio continuava presente, mas consolava-me o fato de saber que já tinha vencido a guerra mais forte de todas as vividas em meio a balas e sangue: tinha vencido minha luta pessoal. Agora, sentia que era um homem novo, e que, com a mesma frieza própria da minha personalidade, seria capaz de observar de trás das barreiras, mas sem nenhuma complacência, como a mídia era capaz de mover e reviver uma das mais trágicas épocas na história da Colômbia. Uma história que, lamentavelmente, transcenderá por muito tempo, enquanto não nos informarmos melhor e mudarmos nossa forma de pensar e de agir.

Mas como nada é eterno, tampouco fácil para mim, e com o pleno conhecimento de saber viver sob alta pressão e ataque, só esperei tranquilamente na solidão da minha cela o que acontecesse. Em pouco tempo, meu defensor assegurou-me que não havia mais processos contra mim e que, apesar da pressão exercida pela mídia e por alguns políticos, minha liberdade seria concedida, de acordo com as leis colombianas.

Com a lição bem aprendida, eu sabia que nunca, jamais, no curto ou no longo tempo de vida que me restasse, eu recorreria novamente a nada ilegal. Então, organizei a logística da minha saída da prisão. Fazendo uso das leis colombianas, elaborei uma petição à Defensoria do Povo e à Procuradoria Geral da Nação, requisitando proteção para a minha vida. Como era bem sabido pelas estruturas jurídicas e sociais, minha vida estava em perigo naquele momento crucial.

Essa carta tornou-se um comunicado público, com o objetivo de mostrar minha ressocialização e pôr à prova aqueles estatutos públicos aos quais todo cidadão colombiano tem direito. Eu não era a exceção a esses direitos. Lamentavelmente, o ódio e o rancor puderam mais que a própria Constituição política da Colômbia, na qual é dito claramente que o Estado deve proteger a vida, a honra e os bens de seus cidadãos, e aquela solicitação me foi negada. Mas o destino da minha liberdade era um fato, e essa atitude por parte do Estado não mudaria minha mentalidade de filho de Deus. Entendi que devia assumir minha própria proteção e que, dessa vez, o faria com o que já aprendera sob a custódia do novo Inpec e de seus psicólogos, que foram a minha base e o bastão da construção da minha nova vida e, o mais importante, com a bênção de Deus. Não foi tarefa fácil enfrentar essa realidade. Depois de ter passado vinte e três anos e três meses atrás das grades, tinha perdido todos

os meus círculos sociais e familiares. Tive de estruturar uma saída que não causasse nenhum trauma à sociedade, à qual, uma vez, eu já tinha ferido de morte.

Aquele era o grande dia para mim, mas também o mais longo da minha vida. As horas, os minutos, os segundos se estancavam, e eu pensava se realmente seria capaz de cruzar aquela porta que me daria uma nova vida, uma nova oportunidade. Recordava-me de como muitos de meus companheiros, inclusive a poucos passos de pisar na calçada, eram devolvidos por uma ou outra razão. A rua já estava cheia de jornalistas à espera da minha saída. Minha defesa mantinha-se absolutamente convicta de que nada poderia deter a minha liberdade.

Mas, no último momento, apareceu um novo personagem para complicar ainda mais as coisas. O general da Polícia de Antioquia foi aos microfones e, em um ato de agitação, pediu a todos que se considerassem vítimas de Popeye que fossem à Promotoria para denunciar; e acrescentou que era melhor que Popeye não saísse em liberdade, argumentando que o dizia pela minha segurança. Aquele general estava totalmente equivocado, tanto na forma como na índole. Todo delito que, depois de vinte anos, não tenha sido denunciado, fica fora de qualquer ação penal se não tiver sido investigado e julgado, exceto os crimes de lesa-humanidade. Além disso, de uma forma irresponsável, esse general lançou aqueles comunicados ignorando meu processo judicial. Estava cego. Eu me perguntava: "Então, para que passei vinte e três anos e três meses da minha vida atrás das grades?". Era claro que, a todo custo, e com a ajuda dos meios de comunicação, queria-se manipular a opinião pública para evitar minha saída à liberdade.

Em minha mente girava toda minha trajetória carcerária. Comecei no presídio de La Catedral, em Envigado, ao lado de Pablo Escobar Gaviria; depois, passei para o presídio de Itagüí; em segui-

da, fui para o presídio Modelo, em Bogotá, e dali fui para La Picota, na mesma cidade; depois, para Valledupar, de onde voltei para La Picota, para terminar minha pena no presídio de Cómbita, em Boyacá. Também lembrava-me de que nunca pedi nem sequer um dia de redução de pena; que os descontos obtidos foram consequência das minhas confissões, do meu trabalho e dos cursos que fiz no presídio; tampouco busquei prisão domiciliar ou detenção hospitalar, inclusive renunciei ao benefício de setenta e duas horas que podem solicitar os prisioneiros que estão próximos de recuperar sua liberdade, como mecanismo de adaptação, para que a ressocialização não seja tão traumática.

O PAPEL MAIS LINDO DA MINHA VIDA: MEU DOCUMENTO DE LIBERDADE

Chegou a noite, e eu estava imerso em minhas lembranças. Deixava o tempo passar na minha pequena cela, aquele lugar do qual não queria me despedir até ter a certeza de que realmente seria libertado. Sentado ali em minha humilde cama, pensava em Pablo Escobar e em toda a luta para derrubar a extradição de compatriotas aos Estados Unidos. Pensava em todos os meus amigos e inimigos já mortos e que, naquele momento, me tornava o único sobrevivente capaz de travar todas essas guerras. Estava ali, naquele momento, prisioneiro de meus pensamentos, quando, de repente, a porta do meu pavilhão se abriu para dar entrada ao capitão do turno, que, com a mesma energia de sempre, disse para mim: "Pronto, Popeye!". Deixei minha cama arrumada e minha cela em perfeita ordem, caso tivesse de voltar. O presídio estava fora de sua rotina com o assédio da imprensa, que se postara diante de suas portas durante os últimos três dias e três noites, à espera da minha saída,

enquanto inundavam a televisão, o rádio e a imprensa com seus arquivos e maus comentários sobre mim.

Levantei da cama como uma mola e iniciei meu caminho para a liberdade, acompanhado do capitão do turno e de seus homens. Pela primeira vez em minha vida, e já sem as algemas características de prisioneiro, percorria os corredores até o setor de Registros. Lá, eu tive de ver tantos colombianos enviados em extradição para os Estados Unidos, de transferência para outros presídios, e alguns tantos mais prontos para sair em liberdade. Agora, sentia que aqueles homens me tratavam com respeito e amabilidade. Por fim, sopravam ventos de liberdade para mim naquele lugar. Finalmente, depois de vinte e três anos e três meses de prisão, eu me tornava um homem livre e ressocializado. O setor de Registros do presídio de Cómbita (que é o primeiro lugar em que um preso pisa para ser fichado, onde tomam suas impressões digitais e sua foto para registrar a entrada em sua nova condição de prisioneiro), onde eu só tinha visto dor e desolação, agora me recebia para cumprir o mesmo trâmite, mas encaminhando-me para a liberdade. O guarda do turno tomou seu tempo para entregar-me o mais lindo dos papéis que jamais tive em minhas mãos: meu documento de liberdade.

Já estava tudo arranjado. Eu solicitara acompanhamento policial até Bogotá, mas preocupava-me que, em razão dos acontecimentos do passado, na guerra do cartel de Medellín contra o Estado, na qual muitos policiais foram mortos, e com tamanha recordação disso pela mídia, o sentimento de vingança da Polícia pudesse ser despertado. As consequências disso poderiam ser fatais para mim, mas sabia que Deus estava me levando pela mão, e com Ele iam minhas esperanças de uma nova vida. Continuei meu caminho para o portal número 2, onde o defensor do povo e seus assessores estavam me esperando. Naquele lugar já não havia

grilhões nem armas, tampouco ameaças, gritos ou humilhações, como também não havia nenhuma atitude de submissão. Meus olhos só viam rostos amáveis e tratamento respeitoso. Era como ter diante de mim a grande diferença entre o bem e o mal. Eram as duas faces de uma sociedade que castiga quando se faz o mal e premia quando se faz o bem.

O impacto emocional foi demasiado forte, mas, como era característico da minha personalidade, controlei-o com absoluta frieza. Do Estado, tinha conhecido o lado forte e subjugador quando o enfrentei com violência, agora o tinha diante de mim com sua face amável, depois de ter cumprido minha tarefa judiciosamente durante vinte e três anos e três meses de prisão. Entrei no gabinete do diretor, dessa vez em minha condição de homem livre. Aquele era um belo gabinete, com móveis finos, paredes bem pintadas e cadeiras confortáveis; um lugar caloroso e agradável, diferente da minha pequena cela. Aquele gabinete tinha telefones por todos os lados, a luz iluminava cada canto, eu estava maravilhado.

O diretor do presídio, sentado em sua confortável cadeira e herdeiro do meu problema jurídico da negação da minha liberdade em 2013, saudou-me cordial e respeitosamente. Correspondi da mesma forma, porque, em meu processo de ressocialização, também já tinha aprendido a respeitar e obedecer à autoridade. Em seguida, entrou o subdiretor do presídio, homem amável e sincero. Pouco a pouco, o gabinete foi se enchendo de grandes personalidades, como o defensor do povo com seus assessores e o pessoal, entre outros. Eram pessoas demais para mim depois de um isolamento de nove anos. Muita informação ao mesmo tempo. Todos os funcionários do presídio mostravam-se contentes e satisfeitos depois de um trabalho grandioso comigo. Depois do meu bem-sucedido processo de ressocialização, agora eles podiam entregar satisfatoriamente resultados

apropriados a uma sociedade na qual eu devia me comportar como uma pessoa coerente e respeitosa.

Juntou-se aos demais, no gabinete, o representante do Escritório Regional de Tunja, que acompanhou o meu caso desde que cheguei em Cómbita e protegeu os meus direitos, como correspondia. Agora, todas aquelas personalidades esforçavam-se para proteger a minha segurança e, por consequência, a minha vida. Quando aquela reunião já estava terminando, entraram um capitão e um sargento da Polícia Nacional; saudei-os respeitosamente e eles corresponderam com uma saudação enérgica e cordial. Justo naquele momento, depois de tantos anos de prisão, afastado do mundo exterior, compreendi quanto a Polícia tinha mudado e, também, quanto eu tinha mudado. Logo vieram as palavras mais belas que já escutei na minha vida. Foram palavras de todas aquelas pessoas, de todos aqueles que me davam as boas-vindas à liberdade. De minha parte, não pude mais que agradecer, comprometendo-me a jamais na vida voltar a delinquir. Aquele momento foi meu primeiro contato com a face amável da sociedade, que, agora, me acolhia com respeito e amabilidade.

DE VOLTA ÀS MINHAS MONTANHAS

Depois de uma despedida sincera e cheia de esperança, e de acordo com a minha estratégia de saída, pedi respeitosamente à Polícia que procurasse a melhor maneira de esquivar-se da imprensa, que estava faminta para dar a grande notícia. Como um primeiro ato de responsabilidade e respeito para a sociedade, eu devia sair em silêncio e sem ser detectado. A Polícia, muito respeitosamente, apoiou a minha decisão, e então teve início o meu primeiro contato com a liberdade.

Começamos a percorrer as belas estradas para Bogotá. Eu observava atentamente a imensidão daquelas lindas terras boyacenses, a multidão de carros com modelos que não tinha visto nunca antes e o belo panorama que, agora, a vida e o bom Deus me ofereciam. Ficava para trás o frio presídio que, apesar da sua dureza, eu levava no coração. Abrigava o maior agradecimento, porque lá aprendi a forjar minha personalidade e a ser uma pessoa de bem. Só levava como bagagem a minha esperança e o meu novo projeto de vida dentro de uma sociedade menos hostil. Minha memória estava ocupada pelas infinitas lembranças de todas e de cada uma das pessoas que, no presídio, tinham contribuído para o meu crescimento espiritual e pessoal.

O deslocamento foi normal e tranquilo. Íamos acompanhados por um motorista e o capitão, na parte da frente, e eu estava atrás, no meio de dois policiais. A presença do coronel, comandante da Policía de Boyacá, não se via, mas se sentia. Algumas vezes, senti que o coronel estava em um carro próximo ao nosso, como se estivesse supervisionando para que a operação saísse satisfatoriamente, mas logo soube que ele estava sentado em seu escritório, assistindo a minha transferência.

As estradas eram completamente novas, muito diferentes das que eu tinha visto anos atrás. Notava-se o progresso do meu amado país. Muito trânsito, muita luz. Como preparação para o deslocamento em carro, e após tantos anos de quietude, eu tinha tomado o café da manhã e um comprimido para evitar o enjoo. Quando chegamos a Bogotá, paramos em um posto policial, e lá me despedi dos oficiais da Polícia, cheio de respeito e gratidão. Seria entregue ao meu advogado, que, em um ato muito humano, recebeu-me com um belo, delicioso e apetitoso salpicão, acompanhado de seis maçãs verdes, aquelas mesmas que sonhei comer durante tantos anos de

presídio. Esse bonito ato foi meu segundo contato com a liberdade. Agora era livre até para comer o que quisesse. Como terceira etapa da minha estratégia de saída, devia sair imediatamente de Bogotá. Para isso aluguei um carro, no qual me desloquei acompanhado do meu advogado. Depois, fui para a cabine de um caminhão, que me levaria de volta à minha terra. Desse modo, comecei a rodar pelas estradas do meu país, da Colômbia, em meio a uma noite quente e bela, disposta a me acompanhar em meu novo caminhar.

Depois de viajar a noite toda, consegui chegar à minha linda Antioquia. Passei pela frente da imperiosa Fazenda Nápoles, onde ainda senti a presença de Pablo Escobar Gaviria, meu *Patrón*; respirava-se o ar de aventura e poder, ar puro tropical. Por um momento, paramos em um restaurante e, pela segunda vez, experimentei essa linda sensação que dá a liberdade: de novo, tinha direito a comer o que eu escolhesse, e não o que me dessem para poder sobreviver. Muitos pensamentos invadiam a minha mente. O clima era quente; ficavam para trás aquelas geladas madrugadas em Cómbita.

A ansiedade invadia-me, e só pensava que já estava próximo de realizar o meu maior sonho: voltar a minha amada Medellín da alma. Chegou o dia, e com ele a minha despedida e gratidão ao motorista do caminhão que teve a coragem de me transportar. Eu já estava no oriente antioqueno. Lá, alojei-me em uma casinha rural muito humilde, mas suficientemente confortável, de onde se podia ver a imensidão de minhas montanhas antioquenas. Ainda não podia enxergar a imensidão daquelas cordilheiras em toda a sua extensão, pois, depois de tantos anos de reclusão, meus olhos tinham se acostumado a olhar a curta distância. Tinha, agora, de aprender a olhar a longa distância, para poder desfrutar daquele encanto.

Depois do imenso gozo que senti, entrei no quarto, que tinha sido arrumado para mim. Entrava em um palácio. Aquele quarto

pintado tinha uma cama confortável, uma televisão via satélite e um banheiro espetacular, com interruptor próprio, ao qual eu tinha acesso, assim como tinha a liberdade de poder acender e apagar a luz quando quisesse. Era simplesmente incrível. Agora já estava em minha terra e a apenas uma hora de minha amada Medellín. Saí para ver minhas montanhas e comecei a exercitar meus olhos, para que pudessem ver longe, muito longe, para começar a aproveitar o que era a verdadeira felicidade. O ar puro, a água, o clima primaveril e toda aquela frescura que a natureza nos dá… isso era a verdadeira felicidade. Pensava que, muitas vezes, os seres humanos passam a vida pensando e desejando o que outros possuem e não aproveitam o que têm; a felicidade está nessas pequenas coisas que a natureza nos dá. Pensei que a liberdade era um divino tesouro que muitas pessoas não cuidam, e que, tendo-o a mancheias, decidimos tomar o caminho errado e acabamos atrás das grades. O simples ato de poder caminhar sem nenhuma restrição, isso é felicidade.

A liberdade, naquele momento, me fazia sentir que a minha vida fora da prisão não ia ser nada fácil. Pensava no presídio, onde tinha tudo. Lá, contava com três refeições ao dia, serviço médico, dentista, psicólogo, esporte, estudo, e, o mais importante: contava com o sonho da liberdade. Então, pensava que a prisão não era tão ruim como se acreditava. Afinal de contas, em Cómbita havia aprendido a valorizar tudo, a valorizar as pessoas e a respeitar a vida. Olhando para as minhas montanhas, pensava que muitas pessoas dizem não ter nada porque pensam que lhes faltam coisas materiais, mas estão equivocadas: têm o tesouro da vida, têm a liberdade.

Encontrava-me a poucos quilômetros de minha linda Medellín, e cada instante era mais angustiante. A única coisa que eu queria era voltar à minha terra. Depois de dois dias de descanso, consegui pisar em solo antioqueno; estava de volta à terra do meu encantamento. Lá, enfim, voltei a respirar seu ar tropical, senti seu sol de

primavera constante, vi suas flores de exposição e desfrutei de seus vales de esperança. Voltei a ver a minha bandeira que içamos com orgulho, como bons *paisas*. Nessa bandeira, o verde da montanha significa o sofrimento de nossos mártires das guerras civis e a nossa esperança, abundância e fé, enquanto o branco representa a pureza, a integridade, a obediência, a eloquência e o triunfo de nossa gente. Chegava de volta ao lugar onde a *arepa* montanhesa nunca falta, onde as ladeiras eram adornadas por flores do campo, onde voltei a saber que o céu existe. Não foi fácil, estando acostumado a viver em um constante inferno, contemplar um céu que estava lá para que eu o visse com meus próprios olhos outra vez.

Agora, em minha semiclandestinidade, tenho a felicidade de uma geladeira cheia de alimentos, o controle da luz, que me faz sentir o homem mais feliz da terra, e o melhor: sou um homem livre, vivendo em minha amada Medellín, o lugar perfeito para se viver ou morrer. Medellín, minha amada Medellín, aqui permanecerei em cima ou embaixo dela, porque, de minhas montanhas, não sairei jamais, nem vivo nem morto.

Minha redenção

Caminho sozinho pelas ruas da minha amada Medellín. Agora vou armado com a arma mais poderosa que jamais teria imaginado poder empunhar: avançava com a minha fé e com a mão do meu bom Deus me sustentando. Piso a terra que me deu a vida com os dulcíssimos aromas e fragrâncias que se desprendem de suas flores. Uma terra que, tempos atrás, em minha cegueira, banhei de sangue e desolação. A cada passo, deixo para trás os episódios mais trágicos, não só de meu país, mas também desse ingênuo sonhador que buscava aventuras. Meu passado só me conduziu a pensamentos e ações injustificáveis, que provocaram a minha condenação, da qual, creio, não poderia me livrar se não imperassem o amor, a fé, a esperança e o perdão em nossos corações. Um profundo pesar apoderou-se de mim quando senti que o cheiro de sangue e de violência continuavam presentes em meu país.

Tomando um delicioso café e olhando através da janela de uma moderna cafeteria, observei quanto de meus compatriotas ainda não descobriram o divino mistério da fé e da esperança e continuam carregando o absurdo sofrimento humano, com o qual nos

acostumaram bandidos e juízes, políticos e pessoas comuns, que, no final, seguem acompanhados apenas de seu desespero. Muitos me olhavam com indiferença, outros, com curiosidade. Mas eu desejava intensamente encontrar um mundo novo, repleto de pessoas cheias de amor e desejosas de viver uma nova vida.

O tempo passou, e segui absorto em meus pensamentos, e consciente daquele homem que vivera na escuridão e havia voltado completamente ferido. Eu causara aquelas feridas com minha má decisão de entrar para o cartel de Medellín, organização na qual lutei as mais atrozes guerras, que me seguiram inclusive até um lugar tão inconcebível quanto a prisão, onde minha única meta era sobreviver como um bom guerreiro e onde, diariamente, tinha de travar a melhor batalha, até o dia em que a mais linda noite caiu sobre a cidade de Valledupar, com seu firmamento estrelado, algo em que nunca antes tinha me fixado. Não me importavam o tempo nem a distância nem aquelas malhas metálicas que não me permitiam ver o céu com clareza. A luz entrou em minha humilde cela e iluminou minha alma, conectando-me com Deus e com o Universo. Justo aí, descobri que meu pecado fundamental não havia sido tanto o da guerra ou a maldade, e sim ter estado em total desconexão com Deus. Aquela noite, obtive minha verdadeira vitória. Por fim, dei-me conta de que o que tinha perdido era a graça de Deus.

Em minha arrogância, ira e tribulações, e ainda estando em meio a tão más companhias, nas quais prevalecia a lei do mais forte, nunca reneguei a Deus. Voltando às minhas lembranças, enquanto ando por minhas ruas, vem-me à mente como, em meus dias de escuridão, não fui capaz nem de respeitar uma luz vermelha na estrada, por causa de semelhante cegueira. Senti vergonha por mim mesmo e pela sociedade, à qual estive causando dano durante os tempos de guerra, e só queria, do mais profundo do meu coração, pedir

perdão. Sentia-me feliz porque, agora, minha alma tinha aprendido a ver a luz e sabia que eu estava alcançando o equilíbrio social e espiritual que me permitia viver em paz comigo mesmo e com a humanidade.

Aquele homem desenfreado já não existia. Usar cinto de segurança, respeitar sinais de trânsito e outras normas de convivência faziam-me sentir-me o homem mais feliz da terra. Vi que, em minha louca juventude, me equivoquei ao pensar que dinheiro era poder.

De volta à minha cidade, cansado das grades e do concreto, doente pelo alvoroço da prisão e seu odor nauseabundo, só Deus, com sua infinita misericórdia, pôde me sustentar. E depois dessa dura lição, trouxe-me de volta às montanhas da minha terra para desfrutar da imensidão da criação.

Em meu novo caminho, acabo de começar a aproveitar os presentes que a vida nos dá, dia após dia. Recebo com alegria o calor do sol, a umidade da chuva, o aroma da vegetação e o canto das aves ao despertar. Também aprecio intensamente a infinita ternura da minha querida arara, que me beija com seu doce bico e, com suas coloridas asas abertas, me convida a caminhar passo a passo em comunhão com Deus, o Espírito Santo, a Virgem Maria e o meu Anjo da Guarda.

Desfazer-se de um espírito violento não é tarefa fácil. Isso só é possível com a fé e a esperança. Se um homem conquista o mundo com suas coisas vãs, sua condenação será a morte por toda a eternidade, e não haverá fada madrinha que lhe possa proporcionar uma conversão.